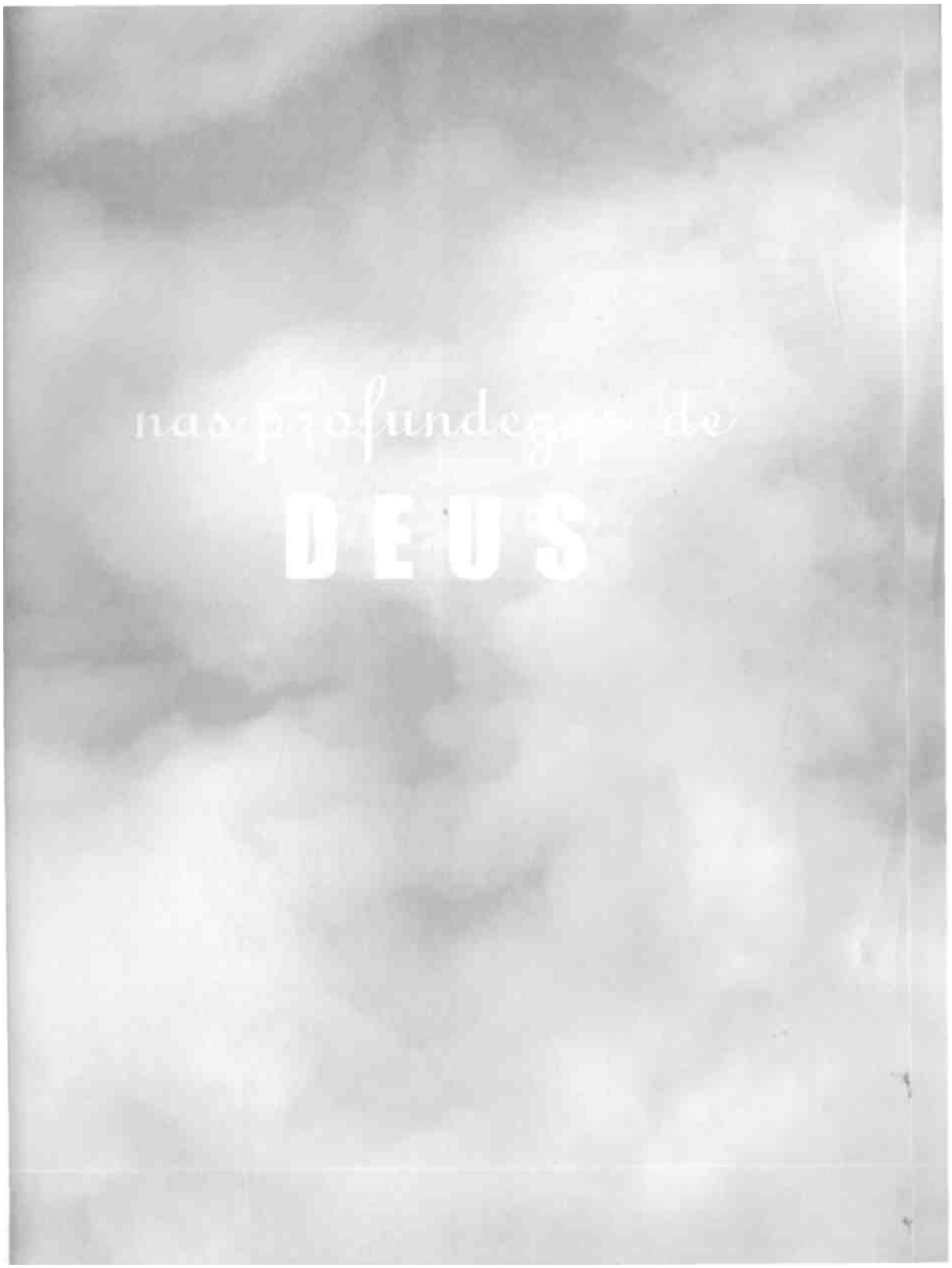
CALVIN MILLER

nas profundezas de DEUS

QUANDO VEMOS O INVISÍVEL,
OUVIMOS O INAUDÍVEL
E REALIZAMOS O IMPOSSÍVEL

Vida


nas profundezas de
DEUS

Editora Vida

Editora do grupo

Zondervan
HarperCollins

Editora filiada a

Câmara Brasileira do Livro

Associação Brasileira de Editores Cristãos

Associação Nacional de Livrarias

Associação Nacional de Livrarias Evangélicas

Direção executiva
Eude Martins

Gerência financeira
Sérgio Lima

Supervisão de produção
Sandra Leite

Gerência de comunicação e marketing
Sérgio Pavarini

Gerência editorial
Fabiani Medeiros

Coordenação editorial
Obras de interesse geral • Vera Villar
Obras para a igreja e a família • Aldo Menezes
Obras teológicas e de referência • Aldo Menezes
Obras em língua portuguesa • Silvia Justino
Obras infantis e juvenis • Rosana Brandão
Bíblias • Rosa Ferreira

CALVIN MILLER

nas profundezas de DEUS

QUANDO VEMOS O INVISÍVEL,
OUVIMOS O INAUDÍVEL
E REALIZAMOS O IMPOSSÍVEL

TRADUÇÃO: GORDON CHOWN

Vida

©2000, de Calvin Miller
Título do original • *Into the depths of God,*
edição publicada pela
BETHANY HOUSE PUBLISHERS
(Minneapolis, Minnesota, EUA)

■

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

EDITORA VIDA
Rua Júlio de Castilho, 280 • Belenzinho
CEP 03059-000 • São Paulo, SP
Telefax 0 xx 11 6618-7000
www.editoravida.com.br

■

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Nova Versão Internacional* (NVI), ©2001, publicada por Editora Vida, salvo indicação em contrário.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Miller, Calvin -
Nas profundezas de Deus : quando vemos o invisível, ouvimos o inaudível e realizamos o impossível / Calvin Miller; tradução Gordon Chown. — São Paulo : Editora Vida, 2004.

Título original: *Into the depths of God:* where eyes see the invisible, ears hear the inaudible, and minds conceive the inconceivable.
Bibliografia
ISBN 85-7367-708-2

1. Deus - Amor 2. Espiritualidade 3. Vida espiritual - Cristianismo I. Título.

03-2306 CDD-248.4

Índice para catálogo sistemático

1. Poder de Deus : Vida cristã : Cristianismo 248.4

***A** Barbara, companheira amorosa e amiga, que há mais de quarenta anos tem-se dedicado a meu bem-estar e me inspirado a ser o melhor cristão possível.*

AGRADECIMENTOS

Acredito que sei muito pouco a respeito de buscar as riquezas que se encontram na profundidade da devoção! Entretanto, muitos têm-me orientado nessa busca. Alguns são
escritores e pensadores, outros, mestres leigos que estavam na mesma busca. Muitos foram alunos meus. Vieram para o seminário a fim de preparar-se para o ministério e ser ensinados por professores como eu e, de repente, transformaram-se em mestres que me orientavam nos momentos silenciosos de oração e no ardor da vida de adoração. Vários colegas — professores, pastores e ministros leigos — uniram-se a mim no anseio de servir à vontade de Deus e viajaram pelas mesmas disciplinas espirituais em busca do Senhor.

O principal entre aqueles a quem tanto devo é Deron Spoo. Muitas vezes, me perguntei por que Deus dá um anseio especial por sua presença a alguns, enquanto parece que outros não têm esse sentimento. Deron é um amigo muito alegre e sedento das profundezas de Deus. Contagia, com essa alegria, a todos que conhece. Aguardo com ansiedade o dia em que ele escreverá sobre seu relacionamento com Cristo. Enquanto isso, seu amor inabalável por Jesus nos serve de inspiração.

Seria falta minha deixar de homenagear a Steve Laube, meu redator e amigo, que tem um profundo e bem embasado amor pelo Senhor. Confio em Laube para esclarecimentos sobre esse assunto e dependo completamente dele para capacitar-me a saber quando o que escrevo é inteligível ou não. Tenho o mau hábito de achar que outras pessoas devem entender conceitos com os quais não estão familiarizadas. Ele sempre me orienta a voltar para uma base firme e explicar melhor o que quero dizer.

Meu agente, Greg Johnson, me telefona pelo menos uma vez por semana para ter certeza de que estou trabalhando e, quando lhe garanto que sim, ele promete que não vai me perturbar mais, até
a semana seguinte. Greg tem sido um amigo genuíno, que deseja muito que as pessoas — por motivos que ele entende mais do que eu — entrem em contato com meu pensamento. Sem ele, eu nunca conseguiria a motivação necessária para dar importância às minhas ideias.

David Shepherd também me mantém pensando e trabalhando. A mente dele pára raras vezes e sempre desperta a minha para perceber as maravilhas das Escrituras.

Finalmente, tenho um círculo de amigos e colegas professores — Bill Tolar, Wallace Williams, Fisher Humphries, Bob Smith, Jerry Batson, Denise George — que me incentivam constantemente. As realizações de um indivíduo são diretamente proporcionais à qualidade de seus amigos. Somos todos produto daqueles cuja vida nos instrui de modo formal ou informal. Todos somos devedores àqueles cuja amizade nos proporciona segurança e apreço.

SUMÁRIO

Prefácio à edição brasileira 11
Introdução: Sede de espiritualidade 13

A VIDA DISCIPLINADA

1. Rompendo a escravidão dos desejos 21
2. Rompendo a escravidão do materialismo 30
3. Rompendo a tirania da urgência 37

A VIDA ATENTA

4. Estética: desfrutar a beleza de Deus 45
5. Cristo: o desejo do coração 57
6. Expressão: o lugar do louvor 65
7. Centralização: evitar o fascínio estéril por Deus 72
8. Misticismo: manter contato com o Espírito Santo 83

A VIDA SABIA

9. Chegar às profundezas descobrindo nosso chamado 93
10. A disciplina que produz o caráter piedoso 103
11. Chegar à autocompreensão 113

A VIDA DE CONFISSÃO

12. A confissão e a glória de nossa necessidade 122
13. A confissão e o discipulado livre de culpa 130
14. Princípios de confissão para o crescimento pessoal 140
15. Habitando na eternidade 147

Epílogo: Nas profundezas 154

Sobre o Autor 156

**O olho não consegue ver, nem a língua dizer,
nem o coração imaginar quantos caminhos
e métodos eu tenho para os levar só por amor
de volta à graça, para que a minha verdade se realize neles.**[1]
— Catarina de Siena

**A alma do homem não é de forma alguma
limitada pelo espaço nem pela matéria.
Também consegue enxergar os fatos através
da escuridão e a grandes distâncias, como se
ocorressem bem perto. Nós é que não damos
poder e impulso a essa capacidade de nossa
alma e a esmagamos debaixo dos grilhões e da
carnalidade de nosso corpo e de nossos
pensamentos confusos e idéias dispersas.
Quando, porém, focalizamos a atenção em
nosso íntimo, desviamos nossa concentração de
todas as coisas externas e refinamos a mente.
Desse modo, a alma encontra sua realização
mais genuína e exerce seus poderes mais
sublimes, o que é muito natural.**[2]
— The way of a pilgrim

**Quem dera nossa conversa fosse mais
celestial. Quem dera nos ocupássemos mais
com a pessoa, a obra e a beleza do nosso
Senhor encarnado. Na meditação,
a beleza do Rei rebrilha sobre
nós com resplendor.**[3]
— Charles Haddon Spurgeon

[1]Cit. Anne B. JOHNSON, *Catherine of Siena,* Huntingdon: Our Sunday Visitor Publishing House, 1987, p. 167.
[2]Autor desconhecido, *The way of a pilgrim,* trad. Olga Savin, Boston: Shambhala, 1991, p. 141.
[3]Charles Haddon SPURGEON, em *Morning and evening,* Nashville: Thomas Nelson, 1994, da leitura do dia 16 de novembro.

Profundeza" não é um local que
Visitamos em nossa busca de Deus;
é o que nos acontece quando o encontramos.

Que diferenças surpreendentes há entre os homens! Às vezes, somos tentados a atribuir seus poderes e sucessos especiais a suas circunstâncias, seu tempo, seus pais e mestres. Mas existe uma explicação mais profunda e satisfatória. Adotando as palavras dos precursores, os homens nada têm que não receberam do céu, mediante determinação e decreto diretos de Deus.

Eis uma frase de ouro: "Ninguém pode receber nada a não ser que lhe seja dado do céu"! Você tem muito sucesso no trabalho? As multidões se aglomeram e lotam auditórios por onde você passa? Não atribua isso a você mesmo. São dádivas da graça de Deus. Você não possui nada que Deus não lhe tenha dado. Seja grato, mas nunca vaidoso, porque aquele que deu pode tomar de volta. Grandes talentos outorgados implicam grande responsabilidade no dia da prestação de contas.[4]

— F. B. MEYER

[4]Cit. em *Changed by the Master's touch,* Springdale: Whitaker House, 1985, p. 54-5.

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Prepare-se para encontrar-se com Deus e desfrutar os tesouros de suas profundezas! Só o fato de você se interessar por um livro como este nos dias de hoje diz muito a seu respeito, seus desejos, valores e prioridades. Fico feliz por seu interesse e tenho certeza de que não vai ficar decepcionado com o investimento nesta obra. Sei que não será em vão. Você vai sentir-se recompensado, frase por frase, durante a leitura, pois creio que vai ouvir o chamado de Deus para um diálogo exclusivo entre você e ele. Este não é apenas mais um livro sobre espiritualidade; é algo especial de Deus para nós.

Em fevereiro de 2001, eu estava no Canadá. Num culto de domingo de manhã, na Igreja Batista Central em Oackville, nos arredores de Toronto, Deus me surpreendeu com o impacto de uma mensagem poderosa. Nessa manhã, o Senhor falou comigo por intermédio do pastor, exortando-me a um relacionamento profundo com ele. Durante a mensagem, o pastor foi relatando um pouco de sua experiência com Deus na leitura deste livro e como também lhe causou impacto. Por isso, Deus lhe tocou o coração para desenvolver uma série de mensagens baseadas neste livro para sua igreja. Imediatamente comprei meu exemplar e o trouxe para o Brasil. Na primeira oportunidade, indiquei-o aos editores da Vida, que pela graça do Senhor acreditaram no projeto e nos brindam com este magnífico lançamento em português de uma obra que vai abençoar milhares de falantes da língua portuguesa.

Nas profundezas de Deus é um livro abençoado. Miller foi muito feliz na analogia das profundezas do oceano com a nossa vida espiritual. Com isso, visa a tirar-nos da superficialidade da cultura pós-moderna e guiar-nos diretamente para o âmago das profundezas de Deus. Esta obra instiga a nos rendermos à necessidade de um encontro com Deus, resgatando o que muitos de nós não tivemos na formação cristã devido à falta de discipulado verdadeiro. *Nas profundezas de Deus* é um chamado divino para nossa vida neste tempo tão corrido da pós-modernidade. Numa época em que as linhas do *estar, ser e jazer* podem-se distanciar de nossa vida e de nosso

ministério, este livro é um refrigério do céu para sua vida. É um alento para que, conectado a Deus, você continue uma pessoa muito usada por ele para ampliar seu Reino aqui na terra. Como disse o autor: "Precisamos abandonar o hábito de guardar nossos tesouros e criar o hábito de entesourar a riqueza da graça de Deus".

Calvin Miller não nos convida simplesmente a mergulhar na presença de Deus para assim descobrir suas profundezas, porque Deus está muito mais interessado em nós do que em nossa programação ou nossos cronogramas. Ninguém que deseja ter comunhão com Deus chegará a vê-lo enquanto insistir que ele diga exatamente o que vai acontecer na sua vida. Através do livro, Miller nos chama a uma vida disciplinada que rompa a escravidão dos sentidos, do materialismo e da tão emergente tirania da urgência, levando-nos a uma séria e profunda reflexão para desfrutarmos a beleza de Deus com equilíbrio, evitando o fascínio inútil por Deus e também mantendo-nos em con-tato com o Espírito Santo, louvando a Cristo com profundidade, dando o lugar certo ao louvor.

Segundo Calvin Miller, precisamos desenvolver uma vida inconformada, chegar às profundezas e descobrir nosso chamado e a disciplina que produz o caráter piedoso. Chegando desse modo a nos entender a nós mesmos, com uma vida livre de culpa, esvaziada do ego e cheia da glória de Deus, no crescente desejo de maturidade e santidade.

Estou totalmente convencido por Deus de que este livro será uma chamada a um encontro sério com Deus, como foi para mim e minha esposa. Acredite: você vai precisar rever algumas coisas em sua vida depois da leitura desta obra, para desfrutar essa vida transformada e plena nas profundezas de Deus, certamente uma vida melhor para você e todos os seus.

Termino esta apresentação com um texto de Paulo, citado por Miller no livro: "Olho nenhum viu, ouvido nenhum ouviu, mente nenhuma imaginou o que Deus preparou para aqueles que o amam" (CO 2.9B)!

Vamos lá!

Carlito M. Paes,
pastor-titular da Primeira Igreja
Batista em São José dos Campos, SP, autor de
Igrejas que prevalecem e co-autor de *Ministério
de adoração na igreja contemporânea,*
ambos publicados pela Editora Vida.

INTRODUÇÃO

SEDE DE ESPIRITUALIDADE

Conheci uma das minhas melhores amigas no dia em que ela descobriu que lhe restavam menos de seis meses de vida. Só quando os limites da vida são demarcados claramente é que a amizade comemora com entendimento todas as suas dádivas. Nossa amizade não conheceu um só dia de folga nem de frivolidade. Não houve espaço para nenhum jogo de baralho à meia-noite, nenhuma excursão de esqui ou passeio marítimo. Ninguém deveria viver sem uma amizade como essa.

Seu nome era Anne e, embora — como ela confessou — seus últimos meses estivessem longe de ser sombrios, passava os dias "se-lecionando". Tendo em vista a curta duração de vida que sobrara para Anne; tivemos tempo somente para contemplar e desfrutar os aspectos absolutamente essenciais do nosso relacionamento. Os ponteiros implacáveis do relógio avançavam com tanta velocidade que as coisas insignificantes e passageiras não nos fascinavam.

Anne era bonita. Passara boa parte da vida realçando sua beleza com cosméticos. Sua pele era branca e fresca, mas os cuidados com a pele perdem a importância quando os aspectos internos e viscerais do ser humano vão mal. No fundo, onde os cremes e óleos não conseguem penetrar, o corpo às vezes precisa lidar com juízos severos. Então, as questões profundas da vida exercem o domínio final sobre todas as coisas superficiais.

Quase todos nós vestimos a fé cristã com um discipulado que não nos assenta bem no corpo, como um terno barato, que nos deixa desconfortáveis durante a maior parte da vida. Entre os amigos da igreja, fazemos grande esforço para manter a fama de piedosos. Gostaríamos de parecer semelhantes a Cristo, mas sem a disciplina necessária para ser realmente como ele. Lendo dezenas de manuais de auto-ajuda do tipo "preencha as lacunas", conseguimos uma distinção espiritual da boca para fora, sem tê-la merecido de fato. Continuamos vivendo na superfície, e a vida mais profunda é só discurso.

Preguei no funeral de Anne e senti-me completamente dominado pela necessidade de contar mais do que era possível a respeito de seu caminhar com Cristo. No âmago de tudo em que se transformara, sua vida de amor a Cristo desafiava toda e qualquer forma de comunicação. Como ocorre com tudo que é profundo.

Na primeira carta de Paulo aos coríntios, no entanto, nossa falsa espiritualidade fica desmascarada para todos observarem. "Olho nenhum viu, ouvido nenhum ouviu, mente nenhuma imaginou o que Deus preparou para aqueles que o amam" (ICo *2.9b),* diz o apóstolo.

Paulo está falando da eternidade e de tudo que se relaciona com o futuro. Nesse trecho, ele dá uma visão rápida daquilo que possuiremos quando abrirmos os olhos para nossa primeira visão do céu. Também há um aspecto imediatista nesse versículo. Não é nenhuma violação do texto interpretá-lo assim: "Olho nenhum *pode* ver, ouvido nenhum *pode* ouvir, mente nenhuma *pode* imaginar o que Deus preparou para aqueles que o amam". A espiritualidade é um meio de ter o céu — pelo menos parte dele — agora[1]. O caminho a trilhar para a espiritualidade é por demais real para ser medido somente pelos sentidos. Os olhos, os ouvidos e os dedos têm suas limitações. São instrumentos frágeis e limitados demais para medir a imensidão da existência que Deus pretende para nós. É inútil procurar aproximar-se de Deus apenas com os sentidos, pois isso inevitavelmente entra em colisão com a plenitude divina. É como tentar medir o volume das águas do Oceano Pacífico com um dedal ou uma xícara.

Que sensatez gloriosa a da descrição que Paulo faz de nossa espiritualidade] Aqueles que a desfrutam vêem o invisível, ouvem o inaudível e imaginam o inimaginável. A verdadeira espiritualidade não é extra-sensorial; é *ultra-sensorial.* Quando o espaço do nosso coração finalmente se esvazia do próprio eu, nasce um novo tipo de ser, um ser que se emociona diante da presença de Deus. Ali, no mais íntimo do nosso ser, descobrimos que nosso coração não é uma câmara, mas a porta de entrada. Basta subir ao portal do coração, pôr a mão no trinco e entrar para o nosso encontro secreto com Deus. Depois de fechar a porta do lado da realidade, podemos abri-la do lado divino.

Andar de braços dados com a profundeza de Deus é ficar constantemente atônito com sua vastidão. Lembro-me de certa ocasião em que sobrevoei o estado de Montana com um negociante japonês de Tóquio.

— Mora alguém em todo esse espaço vazio? — perguntou.

— Não muita gente — respondi. E o vôo continuou.

— Ninguém? — perguntou.

Acenei com a cabeça. E voamos mais algum tempo.
— Tão enorme, tão belo, tão vasto! — ele exclamou.
Eu sabia o que ele estava querendo dizer. Essas palavras eram-me bem conhecidas: tão enorme, tão belo, tão vasto. É o que sinto cada vez que me encontro com Deus. Deito-me para dormir, mas não oro: "Senhor, guarda a minha alma". Em vez disso, busco uma dimensão maior num ritual de adoração quase todas as noites. Suas bênçãos aglomeram-se em torno de mim numa leveza maravilhosa da existência. É uma insónia estranha, patrocinada pela mais pura alegria. Minha mente começa, primeiro, a chapinhar num riacho minúsculo da graça de Deus. Pouco a pouco, o riacho vai crescendo e ... *Glórias ao Altíssimo!* Estou num oceano amplo demais para medir, profundo demais para sondar. Fico delirante e à deriva no mar da existência eterna de Deus. Porém, é sempre da frágil fortaleza da praia do meu coração que dou o passo decisivo para dentro desse oceano. Fico perplexo com o fato de, do centro da minha alma de águas rasas, ter esse acesso imediato ao vasto oceano da presença de Deus.
O coração é uma porta simples; porém, sua estrutura etérea se abre para o majestoso panorama da realidade. Aparentemente seria o contrário. As nuvens abobadadas acima das escarpadas montanhas não seriam lugar melhor para procurar a Deus do que os portais terrenos de nossa alma? Não. A vastidão natural inspira, mas raramente resulta em comunhão íntima com Deus. O arrebatamento que sentimos ao deparar com as cataratas do Iguaçu tem maior probabilidade de provocar um brado que uma conversa. As galáxias que pairam nas alturas tendem mais a desviar nossos olhos do céu e perguntar: "Pai, estás aí?". As melhores respostas não vêm de lugar algum além de nós. Por quê? Porque Deus se revela melhor de nosso íntimo.
Deus se faz visível aos que o procuram no lugar certo. Portanto, nenhum olho — literalmente nenhum olho — pode vê-lo! Nenhum ouvido pode ouvi-lo! Mente nenhuma pode imaginá-lo! É somente nas dimensões mais profundas do nosso íntimo que ele oculta sua vastidão.
O mundo ao nosso redor é o mundo dos relacionamentos "externos". Nele, cultivamos amizades, conquistamos sucesso — progredimos. Nesse mundo de sobrecargas e preocupações temos compromissos, sofremos decepções e obrigamos nossa alma, impulsionada pelo ego, a tentar conquistar o poder. Na superfície de nossa vida, somos dominados pelas coisas frenéticas e indigestas. Mas em nosso coração a questão é bem diferente. Em 1 Coríntios 2.10, há uma palavrinha que nos propõe um desafio: "Mas Deus o revelou a nós por meio do Espírito. O Espírito sonda todas as coisas, até mesmo as coisas mais *profundas* de Deus" (grifo do autor).
O apóstolo emprega aqui a palavra *bathos* no sentido de "profundo". Esse é o conceito que desejo manter em posição central neste livro.
Profundeza é a habitação de Deus. *Profunda* é a natureza do oceano. Pense nessa metáfora um momento e saboreie sua lição adiante.
A profundeza, pois, é onde a supérflua e barulhenta superfície do oceano torna-se quieta e serena. Nenhum som rompe o silêncio inspirador de temor reverente que existe no coração do oceano. A maioria dos cristãos, no entanto, passa a vida sendo açoitada com violência pelas circunstâncias da superfície de sua existência. O estilo de vida vazio marca a natureza superficial de sua vida. Entretanto, os que sondam as profundezas de Deus descobrem a paz verdadeira.
A profundeza é a dádiva da disciplina.
Bathos é uma palavra que entendi realmente quando estive no recife da Grande Barreira. Da mesma forma que todos os outros visitantes do lugar, fiquei de início assombrado pela sensação estranha de ficar em pé — com a

água chegando apenas aos tornozelos — no meio do oceano, entre 110 e 140 quilômetros da praia. Era uma sensação muito estranha, talvez como a que Pedro deve ter tido quando andou sobre o mar da Galiléia.
Entretanto, passada minha admiração de ficar com a água pelos tornozelos, lembrei-me do motivo por que fizera a viagem. Estava com minha mulher e meu filho. Ele viera para fazer mergulho com garrafa de oxigênio enquanto eu e minha mulher íamos mergulhar com esnórquel. O esnórquel é mais passatempo do que esporte. Isso porque, enquanto meu filho mergulhava nas profundas águas cristalinas, afundando-se nas maravilhas das profundezas misteriosas do oceano, minha mulher e eu, com as máscaras, apenas flutuávamos na superfície, com o rosto dentro da água.
De certo modo, o que nós e ele víamos tinha a mesma aparência. Mas minha mulher e eu ficamos com queimaduras nas costas durante nosso estudo superficial do recife, enquanto nosso filho sondava suas maravilhas. Houve outras diferenças naquele dia. Nosso filho passara muitos anos aprendendo a mergulhar nas profundezas, pois descer a lugares profundos requer muitos anos de prática. Não se pode atingir as profundezas instantaneamente no primeiro mergulho. A pressão nos sínus cranianos e faciais precisa ser igualada aos poucos, pois chegar a grandes profundidades é perigoso, pode até ser fatal.
O que me deixa mais atônito é como relatamos essa experiência depois que voltamos do recife da Grande Barreira. Se me perguntarem se fui até lá, responderei rapidamente que sim. Meu filho também. No entanto, a verdade é que o conteúdo da nossa experiência foi completamente diferente. Nós três vamos passar o resto da vida falando com muito entusiasmo daquela experiência. Mas somente nosso filho conheceu o recife de fato, só ele compreendeu a questão da profundeza.
Abraham Maslow criou o conceito da pirâmide das prioridades. Segundo ele, apenas poucas pessoas conseguem realmente se realizar. Poucas se conhecem e vivem a vida de modo pleno. Poucas vivem uma vida ajustada no pico da pirâmide que ele desenvolveu. Na verdade, segundo Maslow, o mundo inteiro se compõe de pessoas que não estão no vértice falando a outras que também não estão sobre experiências do vértice da pirâmide.
De alguma maneira, pa-rece-me que boa parte do cristianismo é uma conversa entre praticantes do esnórquel que falam sobre experiências de mergulho profundo. Se meras conversas ou grupos de estudo fossem o caminho para a experiência em profundidade, a igreja mergulharia realmente fundo. Mas são aqueles que lêem e oram, não os que filosofam e tagarelam, que alcançam vida de poder verdadeiro.
A questão é ir ao fundo. A profundeza revela a realidade de Deus. Mesmo assim, os praticantes do esnórquel podem empregar a linguagem dos mergulhadores, pois existe certa proximidade entre as metáforas. Mas elas não são idênticas. É estranho saber que esse estado de realidade fica tão próximo de nós. É totalmente acessível, porém, bem poucos chegam a conhecê-lo ou a atravessar seus portões com alguma regularidade. A oração é a entrada que permite vislumbrar as profundezas.
Por que evitamos os portais de acesso a Deus? O excesso de tarefas é a melhor resposta. Mas às vezes duvidamos que a oração realmente surte efeito. Às vezes, nosso coração está zangado com Deus, e nossa resistência a orar é nosso modo de dizer: "Ele vai-se ver comigo. Vou deixar de orar". Seríamos muito mais sábios se deixássemos de lado nossas crises de mau humor e nos dirigíssemos diretamen-te às profundezas. [5]
O tesouro reside nas profundezas da verdadeira espiritualidade. Não há proveito em nos gabar da posição que julgamos ocupar em Cristo. A riqueza está em sentirmos sede de ser semelhantes a ele.

O paradoxo mais estranho talvez seja que as conferências "práticas" sobre espiritualidade correm o risco de falar mais que a experiência.

Os verdadeiros mergulhadores espirituais são tão apaixonados pelas profundezas que não perdem muito tempo procurando transformar a

oceanografia em realidade num mundo em que as banheiras de passarinho definem paixões menores.
A palavra *bathos* (do grego) entra na composição do vocábulo "batisfera". Batisfera é uma

---

[5]Emilie GRIFFIN, *Clinging,* New York: McCracken Press, 1984, p. 7.

esfera metálica revestida de paredes de aço dentro da qual os oceanógrafos ficam protegidos contra a pressão esmagadora do mar e podem descer com segurança para estudar suas profundezas. As profundezas não são apenas silenciosas e tranquilas, mas também escondem um mistério maravilhoso. Pense nos pesquisadores que descem ao coração do oceano na Batisfera. Essas almas têm uma curiosidade apaixonada. Precisam desvendar mistérios! Ou, se não conseguem desvendá-los, precisam expor-se a sua luz até que a total transcendência as banhe com a única realidade que pode satisfazê-las. Silenciadas pela vastidão aquática, descobrem um esplendor que nunca poderão comunicar à turma do esnórquel. As glórias inescrutáveis das profundezas não podem ser descritas àqueles que estão presos à segurança da superficialidade.
Mas esses mergulhadores entram no mundo profundo e silencioso para esclarecer ou para experimentar o mistério? Em 1 Coríntios 2.7 e mais outras vinte ocorrências no Novo Testamento, Paulo fala do mistério de Deus. Não vamos às profundezas a fim de estudar Deus, mas para experimentar a sua realidade. Não podemos definir Deus numa experiência como essa, pois ele não pode ser definido. Mas podemos, em última análise, definir a nós mesmos. Nas profundezas, reconhecemos nossa pequenez, nossa incapacidade e nossa necessidade. Pelo lado positivo, descobrimos a tolice de buscar satisfação nos relacionamentos superficiais. Aprendemos para nosso bem que Deus não revela sua grandeza nem a compreensão de nós mesmos em três minutos apressados de leitura bíblica diária. De repente, ficamos conscientes de que a grandiosidade de Deus jamais se manifesta empacotada em conhecidas orações cuidadosamente escritas, pelas quais muitos — consciente ou inconscientemente — procuram obter aprovação de seus ouvintes meramente humanos. A nobreza de muita intercessão superficial encalha nesse ponto. Grande parte de nossa intercessão, bem como de nossa vida espiritual, não passa de evidência de quanto estamos viciados na paixão por nós mesmos. Nossa sede profunda de conhecer a Deus é frustrada pelo contentamento de brincar nas águas rasas de nossos "pedidos" insignificantes. Diferentemente dos mestres de mergulho submarino, temos medo das profundezas. Ou pior: somos apáticos a elas. Percebemos que as lagoinhas formadas pela maré alta não têm nenhuma aventura profunda. Até podemos ser seduzidos pelo azul-escuro do oceano. Mesmo assim, recuamos diante de uma aventura íntima verdadeira. Nossa espiritualidade não tem nada de profundo, mas nos sentimos seguros.
Pois, quem conhece os pensamentos do homem, a não ser o espírito do homem que nele está? Da mesma forma, ninguém conhece os pensamentos de Deus, a não ser o Espírito de Deus. Nós, porém, não recebemos o

espírito do mundo, mas o Espírito procedente de Deus, para que entendamos as coisas que Deus nos tem dado gratuitamente (ICo 2.11,12). Deixemos que nossos sentidos nos levem a descobertas. Deixemos que confessem suas limitações. Que os ouvidos fiquem envergonhados pelo rico silêncio. Que os olhos descubram o que não se pode ver. Que a mente seja desafiada pelo muro impenetrável do mistério da piedade. Enxerguemos a importância de Deus virando as costas para nossa insignificância. Desse modo, nossa pequenez passa a ser nossa glória! Melhor, a glória de Deus! Sentimos o gosto das profundezas, e o nosso interesse pelas águas rasas desapareceu para sempre. Agora estamos em busca do Deus vivo.

É uma busca maravilhosa e urgente! A espiritualidade não é uma coisa distante pela qual temos de lutar durante toda nossa vida. Na realidade, a situação é bem diferente. Considera-se que a vida mais profunda é possível porque Deus está perto. Não somente está perto, mas também anseia por revestir-nos de poder mais profundo e atrair-nos, de maneira cada vez mais irresistível, para o esplendor de uma vida de amor a ele.

Entretanto, para receber a plenitude de Cristo, é preciso esvaziar-nos daquilo que nos enche a vida. É como o caso do professor que estava servindo uma xícara de chá ao aluno. Encheu a xícara e ainda continuou despejando chá até transbordar. Finalmente, o aluno exclamou:

— O Senhor está enchendo muito a minha xícara! O professor respondeu:

— Ora, é só você esvaziá-la que eu encho de coisa melhor que essa.

Nós apenas continuamos enchendo nossa vida com o mesmo velho apetite de expressão espiritual e raramente estendemos nosso interesse ou ampliamos nossos horizontes.

Mas o caminho das profundezas é melhor. Quando estendemos os braços a Deus com amor, e Deus nos estende os seus, ele se encontra conosco nas profundezas do centro da nossa existência, onde "olho nenhum viu, ouvido nenhum ouviu, mente nenhuma imaginou o que Deus preparou para aqueles que o amam".

Venha, então; vamos entrar nas profundezas.

A VIDA DISCIPLINADA

Digitalizado por: **Luis Carlos Lançamento**

http://semeador.forumeiros.com/portal.htm

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

Semeadores da Palavra

Ó Senhor Deus, como nos sentimos bem!
Tão perfeitamente complacentes!
Maravilhosamente confortados!
Nós, a tua igreja, nos reclinamos
sonolentos em nossos privilégios.
Tratamos nossos tesouros espirituais
como coisa de pouco valor, como
se os possuir em abundância
fosse uma condição natural,
sempre esperada.[1]
— RAYMOND C. ORTLUND JR.

Certa noite escura, inspirado por ansioso amor
— Ó ventura feliz! — saí sem ser observado,
estando minha casa em repouso.
(Resumindo, pois, a alma quer dizer nessa
estrofe que foi saindo — dirigida por Deus —
por amor a ele somente, incendiada de amor
por ele, numa noite escura, que é a privação e
a purificação de todos os seus desejos
sensuais, no que diz respeito a todas
as coisas exteriores do mundo e
às que eram deleitáveis à carne
e aos desejos da sua vontade).

— JOÃO DA CRUZ

Renunciar ao que temos é de somenos; renunciar ao que somos, isso é pedir muito.[2]
— GREGÓRIO MAGNO

[1]*A passion for God,* Wheaton: Crossway Books, 1994, p. 148.
[2]Cit. Woodene Koenig-Bricker, *365 Saints,* San Francisco: Harper San Francisco, 1995, da leitura do dia 3 de setembro.

Não devemos todos ser flexíveis antes de conhecer a vontade de Deus? Não devemos todos permanecer imóveis depois de compreender o que Deus quer que seja feito?

Ele nos colocou como uma estátua no devido lugar. Quando se acrescenta a essa permanência simples algum sentimento de que pertencemos totalmente a Deus e de que ele é o nosso tudo, devemos com efeito dar graças por sua bondade. Se alguém perguntasse a uma estátua colocada em algum lugar numa sala:
— Por que você está aí? Ela responderia:
— Porque meu senhor me colocou aqui.
— Por que você não sai daí?
— Porque ele quer que eu permaneça imóvel.

— Qual é sua utilidade aí? O que você ganha por ficar aí?
— Não é para meu benefício que estou aqui; é para servir e obedecer à vontade do meu senhor.
— Mas você nem o vê.
— Não, mas ele me vê e tem prazer em me observar onde me colocou.
— Você não gostaria de ter movimentos para poder chegar mais perto dele?
— Certamente que não, a não ser que ele ordenasse isso.
— Você não quer mais nada, então?
— Não, porque estou onde meu senhor me colocou, e sua satisfação é o único contentamento da minha existência.[3]
— FRANCISCO DE SALES

[3] *Thy will be done,* trad. Henry Benedict Mackey, Manchester: Sophia Institute Press, 1955, p. 34-5. (Publicado pela primeira vez em 1894.)

CAPÍTULO 1

ROMPENDO A ESCRAVIDÃO DOS DESEJOS

O apetite é um sinal de vida. As pessoas saudáveis sentem fome. Em última análise, nosso apetite pode nos definir. Os cristãos devem ser pessoas que têm fome e sede de justiça (v. Mt 5.6). Em outras palavras, os cristãos devem ser definidos como pessoas que têm sede de Deus. Sede de agradar a Cristo. Os mártires não são aqueles que têm sede de morrer. São os que vivem com imenso anseio de agradar a Cristo. Preferem agradá-lo entregando-lhe a vida a decepcioná-lo com traição nas questões fundamentais da obediência.
A maioria de nós não sente esse tipo de sede. Talvez tenhamos um pouco de sede de Cristo, porém perseguimos com mais frequência valores triviais: abrigo, comida, segurança, poder e realização sexual.[4] Todos esses são apetites humanos perfeitamente normais, mas podem se tornar muito perigosos se perdermos o domínio sobre eles e permitirmos que nos governem a vida.
Há um único meio de equilibrar todos os nossos apetites. Trata-se daquela palavra que preferimos não aceitar ou, pelo menos, afastar para o mais

longe possível: "abnegação". Sem abnegação, todo aquele que come é glutão, todo assalariado é ladrão e todo apaixonado é estuprador. Por isso, quando Jesus nos chama para segui-lo, faz o apelo — severo, porém gracioso: "Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me" (Lc 9.23).

Como num piscar de olhos, acabou a brincadeira, e com ela também se foi qualquer direito à segunda porção de sobremesa. Todo desejo egoísta foi suplantado pela caridade. Toda fantasia sexual foi golpeada pela integridade moral. Quando as pessoas se negam a si mesmas, o casamento é duradouro, pois nenhum cônjuge será capaz de trair. Banqueiro nenhum jamais usurpará nem desviará dinheiro. Ninguém ficará viciado em nada.

Por que, então, não pomos a abnegação em prática? Por que não negamos a nós mesmos? Não conseguimos o desprendimento, a renúncia de nós mesmos, por três razões: primeiro, nosso enfoque normalmente recai mais nos freios que na direção; segundo, vivemos muito distanciados do grande Capacitador e, finalmente, não conseguimos ter a perspectiva celestial dos valores reais.

Ouço algumas pessoas levantarem objeções a um caminho tão bem delineado para a abnegação. E a objeção é justa. A abnegação seria assim tão simplista? Será que se pode dizer "um, dois, três" e encontrar o caminho para a moderação e o bem-estar espiritual? Vamos andar um pouco juntos e avaliar a vitória.

A vitória sempre é alcançada quando temos sede de intimidade em nossa união com Cristo. Em certo sentido, é mais do que sede; é ficar à espreita — seguir Deus como num safari se seguem os rastros da caça. Contudo, é mais do que seguir os rastros de Deus. Deus também está nos cercando na sua realidade intangível. Assim como as crianças tremem numa casa velha, vazia e escura, os amantes de Deus estremecem diante da realidade do silêncio na sua presença. Por que as crianças tremem numa casa grande e vazia? Porque têm medo de que ela não esteja vazia, mas cheia de algum presságio de terror. Assim também estremecemos, por saber que há uma realidade ao nosso redor tão presente que sentimos aquilo que não conseguimos ver — a atemorizante realidade de Deus. Não é medo de que ele nos destrua. É medo do que pode exigir de nós.

Estamos tão sedentos de conhecê-lo na sua plenitude que exclamamos, como Catarina de Siena: "O profundeza de amor! Que coração pode deixar de partir-se diante da visão da tua grandeza descendo à inferioridade de nossa condição humana! Somos a tua imagem, e agora, ao te fazeres um conosco, tu te tornaste a nossa imagem [...] Tu, ó Deus, te fizeste humano, e nós nos

---

[4]Abraham Maslow, destacado psicólogo, foi o primeiro a identificar essas cinco necessidades básicas.

tornamos divinos!".[5] Essa é a glória da imagem espiritual: a fusão de duas semelhanças.

Melhor de tudo, nosso foco passou a ser os novos apetites. Esse anseio incessante pede mais de Cristo — e mais além, a imitação de Cristo. Teresa de Lisieux escreveu sobre a união com Cristo como um apetite todo-consumidor a que chamava de obra de amor. Que expressão estranha e ao mesmo tempo espiritual! Ela escreveu: "Ora, desejo apenas uma coisa — amar Jesus até ficar boba! Somente o amor me atrai [...] minha única diretriz é a abnegação, não tenho outra bússola".[6] Teresa de Lisieux reconhecia que sua obra de amor era idêntica à de João da Cruz, que escreveu: "Bebi profundamente na adega do meu amado [...] Minha alma

contenta-se em servi-lo com todas as forças. Terminei todas as outras obras, menos a obra do amor".[7]

FOCALIZAR O FREIO ANTES DA DIREÇÃO

Considere a metáfora do freio e da direção. Pareceria estranho ao examinador do Departamento de Trânsito se, no momento do nosso exame de direção, chegássemos ao local com um pedal de freio de 45 centímetros e um volante de 15 centímetros. Mas com frequência esse é o nosso perfil espiritual. Muitas pessoas relutam em se tornar cristãs porque acham que "seus freios não são suficientemente grandes". Ficam pensando: "Será que vou conseguir abrandar meus apetites para ser um cristão de boa moral?". Para a maioria dos não-crentes, o cristianismo é um calhambeque velho, não um carro esportivo. É em geral considerado sem atrativos e não muito bom para a imagem pública do indivíduo. Para os de fora da igreja, parece que o freio é tudo que importa para os cristãos. Mas esse freio não se aplica apenas no aspecto moral. Também se aplica culturalmente. Em todo período de progresso, parece que são sempre os cristãos que voltam aos tempos passados e põem freios no futuro de todos os avanços culturais. Além disso, os evangelistas sempre estão procurando arregimentar para a fé os pecadores orgulhosos com perguntas intimidadoras, como: "Se você morresse agora, saberia com certeza se iria para o céu?", ou: "Você consegue parar de pecar? Como vai seu sistema de freagem?". Essa mística do tipo "nada de alegria" leva os possíveis convertidos a duvidar que têm freios suficientes para ser cristãos. Não se deve perguntar a esses convertidos relutantes: "Você consegue frear sua vida de pecado?", mas: "Para onde você quer ir na vida?". Deve-se dizer a eles que Cristo está presente para conduzi-los ao futuro que Deus tem para eles.

Os evangélicos, na maior parte de sua história, têm enfatizado curiosamente mais o freio que a direção. Estão sempre *abandonando* isso ou aquilo. É com certa vergonha que devo confessar que, durante a maior parte da minha vida cristã, tenho tentado abandonar o que considerava barreira na minha devoção a Cristo. Na verdade, passaram-se décadas da minha vida em Cristo até que me ocorresse a séria consciência de que não nos tornamos crentes vibrantes por causa do que abandonamos. Os cristãos não têm tanto que *abandonar,* mas, sim, têm muito que *começar.* Não se fazem agradáveis a Deus por tudo que deixaram de lado na conversão. Pelo contrário, são as novas atividades em que se engajam que cativam a estima do céu. É a novidade de vida que os leva a bendizer cada novo amanhecer e o possível início de um andar renovado mais perto de Deus. O crescimento espiritual ocorre no constante começar e começar, começando cada dia com algo novo e criativo que produza um caminhar criativo, nunca enfadonho, com Cristo.

De onde, então, tiramos essa doutrina estranha do *deixar de fazer?* Essa opinião equivocada surgiu cedo em minha vida, devido a reavivamentos contínuos que chegavam em nossa igreja e comunidade. O irmão "Labareda" (e tinha muitos outros nomes) nos visitava até duas vezes por ano, com duas semanas de reavivamentos. Exortava os perdidos a buscar a salvação e, claro, eles buscavam. Isso por si só trazia alegria à igreja. A motivação

---

[5] Mary Ann FATULA, *Catherine of Siena's way,* Collegeville: The Liturgical Press, 1987, p. 186.

[6] *The story of a soul,* trad. John Beevers, New York: Doubleday, 1957, p. 109. Tbid.

com que desafiava o povo era, porém, uma bomba neurotizante. Em todo sermão, o fogo caía (e com uma boa quantidade de enxofre), e pelo menos um dos piores vilões da cidade chorava e abandonava seu pecado. Com o tempo, acabava sendo o principal dos diáconos severos. Apesar de todo o melodrama deles, às vezes sinto saudades desses incendiados arautos interioranos.

Todavia, o foco da mensagem deles era sempre a conclamação à desistência. "Pare de beber — desista do seu ímpio uísque e venha à frente entregar-se", era a exortação típica. "Se Deus quisesse que você fumasse, teria colocado uma chaminé na sua cabeça", exclamava um desses evangelistas. Alguns iam à frente e deixavam o cigarro no altar. Todos viam que essas ex-chaminés ambulantes estavam limpando os pulmões e se aperfeiçoando na fé. Aleluia pelos freios! Alguns prometeram que nunca mais seriam culpados de "ter na mesma perna um pé dançarino e um joelho de oração". Alguns abandonaram o baralho e para a glória de Deus deixaram a canastra para sempre. Outros, no entanto, voltaram a jogar baralho para deleite dos demônios.

Eu era jovem e amava a Jesus mais do que se imaginava. Queria "abandonar coisas" como os outros faziam. Mas sempre me sentia culpado por ter tão pouca para abandonar. Queria conhecer aquela espiritualidade devota e neurótica gerada pela desistência de beber, dançar e fumar. Para minha tristeza, fui impedido desse conhecimento, pois era grande a ausência de pecado grave em minha vida. Para um menino de nove anos de idade, eu vivia uma vida razoavelmente limpa.

Foi quando meu pastor, notando que eu estava sem grandes pecados e muito satisfeito por isso, começou a condenar o cinema. Graças a Deus! Finalmente havia algo de que eu podia desistir. Eu adorava os filmes de faroeste: Hopalong Cassidy, Lash LaRue e Gene Autry estavam entre meus personagens prediletos. Infelizmente, não eram os prediletos de Deus, pois eram astros do cinema. Deus gostava dos cristãos, mas não dos astros do cinema. O pastor me explicou que Deus desprezava esses vis sedutores de corações. Além disso, se eu quisesse ter comunhão com Deus, teria de confessar minha afeição mundana por eles. A praga de Hoppy, Lash e Gene! Eu ia me livrar dessa trindade infernal de heróis condenáveis. Foi o que fiz — desisti do cinema.

Agora enfim eu era cristão de primeira categoria. Foi difícil esperar a chegada do domingo para anunciar diante da igreja meu recém-adquirido ascetismo. O domingo foi chegando lentamente. Quando finalmente chegou, meu delírio espiritual estava no auge. No momento do apelo, enquanto a congregação cantava "Tal qual estou", fui para a frente da igreja. Visualizava-me oferecendo Hoppy, Lash e Gene no altar, por amor a Jesus. Os céus ficaram atentos à minha nova ação gloriosa de abnegação. Os anjos choraram. Os demônios malignos de Hollywood fugiram, totalmente excluídos da minha vida. Fiquei livre. Agora, quando meu pastor dissesse:

— Você vai querer estar num cinema ímpio quando Jesus voltar? — eu podia gritar:

— Não, pois separei-me do mundo e abandonei a impureza.

De vez em quando, eu ficava intrigado com o alegado grau de degradação dos faroestes da década de 1940. Mas eu aceitava o juízo daqueles evangelistas, pois sabia que eu não era tão adulto nem tão sábio quanto eles. Achava que eles andavam tão perto de Jesus que eram capazes de avaliar a corrupção sutil que eu não enxergava de imediato. Quando, portanto, chegou ao fim a quinzena de reavivamento, fiquei destituído dos *cowboys* ímpios de Hollywood e passei a viver uma vida mais profunda,

conforme entendia. Meus amigos não-santificados procuravam seduzir-me de volta ao pecado, dizendo:
—Você quer assistir aos *Cavaleiros da Sálvia Roxa?*
De início eu respondia: — Não, obrigado, desisti de tudo isso!
Mesmo assim, o cinema era um atrativo forte. Eu não conseguia resistir! Costumava voltar a frequentar as sessões de faroeste assim que o reavivamento terminava. Caía das minhas grandes declarações de fé com a mesma frequência que me apegava a elas. Mas persistia, até sofrer uma recaída e voltar aos meus velhos hábitos. Minhas intenções firmes eram tão secas quanto aquelas velhas massas endurecidas de chiclete de hortelã grudadas embaixo das poltronas daquela sala pagã. Eu nem conseguia curtir os filmes de verdade, pois, afinal, Jesus poderia voltar, e ali estaria eu, "cavalgando pela salvia roxa" para dentro do abismo — onde todos os infiéis desviados pereciam por não terem mantido os compromissos assumidos no reavivamento. Ai de mim! Caíra de novo, e nada mais podia ser feito até o próximo reavivamento — então quem sabe poderia purificar minha alma e desistir do cinema novamente, antes de me desviar outra vez e voltar a desistir em seguida.
Passaram-se muitos anos até que me desse conta de que raras vezes me centrava em Jesus, mas, sim, em todas as coisas que precisava largar. Senti-me culpado do complexo de "quem dera que o pecado não fosse tão divertido". Muitos cristãos, talvez a maioria, passam a vida pensando: "Queria mesmo seguir a Jesus, mas também queria me divertir". Não é possível, diziam. Assim fui levado a acreditar que Jesus e a diversão eram antíteses entre si. As atuais pulseirinhas e os adesivos de carro "O Que Jesus Faria?"[8] podem alimentar essa mesma neurose. Jesus iria ver Hoppy, Lash e Gene? No final do século XX, quem sabe, mas não em 1948. A estranheza desse novo OQJF quase sempre me levava a dizer "não". Mas, na realidade, era sempre difícil para mim — principalmente como jovem — enxergar Jesus no meu mundo. Para mim, era difícil imaginar, mesmo com todo o esforço mental, Jesus em Enid, Oklahoma, andando pelo fórum vestido com a longa túnica branca. Como ele poderia evitar os carrapichos nas sandálias? E eu jamais conseguia imaginar sua auréola luminosa no escuro do cinema local, vendo filmes de Hoppy, Lash e Gene.
Fiquei preso nessas imagens. No final da adolescência, aprendi a praticar esqui aquático. Foi dos esquiadores que finalmente obtive uma resposta à pergunta: "Eu gostaria de estar num cinema em Oklahoma quando Jesus voltasse?". Eu gostava muito de esquiar — era divertido. Jesus faria esqui aquático? Claro que não. Jesus nunca se divertiu. Gostava muito de reuniões de oração. Então, o velho reavivamento avultava-se além da corda que me puxava. Jesus estava dirigindo o barquinho a motor e fazendo sinal de advertência com o dedo para mim, acima das águas espumantes. "Você quer estar montado nesses esquis quando eu voltar?", dizia.
Eu desconfiava que esquiar devia ser pecado, pois era tão divertido! O que Jesus faria? Oraria e distribuiria folhetos de reavivamento, não é verdade? Ainda que não achasse ruim divertir-se, sua auréola e suas sandálias o obrigariam a se comportar, a permanecer firme e controlado e, claro, profundamente batista. Jesus? Fazer esqui aquático? Claro que não — sua longa túnica branca seria um empecilho na água.
Então, pela primeira vez concentrei-me não no que Cristo poderia fazer (na verdade, pelo texto bíblico, parece que se divertia, visto que sempre ia a festas) mas no que ele santificava. Em outras palavras, pode haver de fato diferença entre o que Jesus realmente faria e aquilo que ele santificou. Ele era o carpinteiro que abençoava os pescadores, embora ele próprio talvez não tivesse nenhuma preferência pela pesca. Quem pode saber se

ele teria praticado esqui ou não — ou mesmo ido ao cinema? Se o conteúdo moral de algo que fazemos não menospreza a santidade, a presença de Cristo em nossa vida pode realmente santificar essa atividade.
Entretanto, a principal lição que aprendi nessa área é que eu precisava largar mão de *largar.* Largar, ou abandonar, implica concen-trar-se num único objetivo: o que deve ou não ser abandonado. Os que focalizam a atenção em Cristo raramente são obrigados a largar alguma coisa, pois o desejo de união com Cristo os proíbe de começar algo que depois precisem abandonar.

O PECADO DE VIVER LONGE DO GRANDE CAPACITADOR

As tolerâncias que nos acabam prendendo em suas malhas de vício são de início bem fracas no encantamento sobre nós. As pessoas nem sempre começam a beber por desejar ficar bêbadas. Muitas vezes elas se embriagam por hábito de uma vida vazia. Isso não se aplica somente à embriaguez, mas também a todos os nossos vícios.
A glutonaria destrói da mesma forma que a inveja irrefreada ou a concupiscência descontrolada. Mas os sete pecados capitais raramente criam raízes numa vida ocupada e com propósitos. Todos eles vicejam melhor no solo do vazio humano.
O vazio é a neurose principal que gera muitos vícios menores. Conheci vários pastores que comprometeram a vida e o ministério com casos ilícitos. Sem exceção, todos confessaram que

---

[5]OQFJ (O Que Jesus Faria?) Adaptação em português de WWJD, What Would Jesus Do?, campanha que começou nos Estados Unidos, cujo tema foi inspirado no livro *Em seus passos, que faria Jesus?* de Charles M. Sheldon, publicado originalmente em 1896.

não foi o apetite pelo ato ilícito que primeiro os atraiu para o testemunho decaído. Achavam que a igreja os abandonara e deixara sozinhos, com o espírito vazio e sem ninguém com quem pudessem falar. O adultério brotou da fraqueza da comunhão deles com Cristo. A infidelidade crescia à medida que a necessidade deles guerreava com o vazio que tinham por dentro.
O vazio pode nos deixar levianos, a ponto de o preenchermos com a satisfação de qualquer apetite secundário que aparentemente sacie a fome da nossa alma. Um dos cristãos mais solitários que já conheci era executivo de uma grande empresa. Ele comandava uma grande rede de empresas, mas confessava que se sentia sozinho, sentado numa poltrona de couro atrás de uma grande mesa de vidro. Em casa, a mulher vivia ocupada cuidando dos quatro filhos. Desse modo, paulatinamente os horários noturnos dele e a fadiga dela fizeram o relacionamento entre eles fenecer. Ele começou a beber para conseguir dormir e acabou dependente do álcool. Quando levantei a hipótese de que talvez ele fosse alcoólatra, protestou. Devagar, no entanto, foi convencido a entrar num programa de desintoxicação que, ao lado dos Alcoólatras Anónimos, livrou-o para sempre do vício — um dia por vez.
Eu não teria levantado esse caso aqui se não fosse um exemplo claro de alguém que era cristão e se tornou alcoólatra. O vazio desse homem antecedeu seus vícios. Revi nele a verdade do provérbio de Jung: "A ausência de espiritualidade é a neurose central dos nossos tempos". A ausência de espiritualidade é a liberdade perdida que trocamos por nossos vícios. Pascal tinha razão. Existe em nós um espaço vazio na forma de Deus que somente Deus pode preencher. Nessa altura, devo perguntar: Você é um cristão em cuja vida ainda existe um vazio não preenchido? Até os

cristãos podem ter vazio existencial. Como chegaram a criar esse vazio? Pela simples negligência de seu relacionamento com Deus.
Quando Deus preenche nosso vazio interior com o Espírito Santo, a vida funciona. Quando Deus não o preenche, uma multidão de apetites devoradores destrói nossas melhores intenções. Pessoas brilhantes que deveriam dominar seus apetites acabam dominadas por algum demónio pavoroso que a princípio não era bem-vindo na vida delas. Em seguida, o demónio passou a ser bem-vindo. Depois a presença dele tornou-se habitual. Finalmente era o vício, e não o cristão, que dominava.
Pense em quantas neuroses inundam a vida de vários viciados.
A mãe de Gilbert Grape (personagem de *Aprendiz de sonhador,* filme adaptado do romance de Peter Hedges) permitiu que a glutonaria a destruísse dentro de uma casa cujas vigas mal podiam sus-tentar-lhe o peso. O livro de Upton Sinclair intitulado *Cup of jury [Cálice de fúria]* trata do alcoolismo, bem como *The lost weekend* [O *fim de semana perdido]* (de Billy Wilder e outros) ou *Ironweed* (filme de Hector Babenco, baseado no livro homónimo) e muitos outros títulos. Os livros e filmes, assim como a política nacional, contêm histórias que abordam vícios sexuais. A cobiça irrefreada do poder é o tema de *Segredos do poder, Mera coincidência,* da série de filmes O *poderoso chefão* e de praticamente metade dos filmes e novelas produzidos.
O sexo é um habitante frequente de nossa vida interior. Pode entrar com tanta regularidade em nossa mente que é capaz de usurpar o lugar dos pensamentos e do tempo que deveríamos dedicar a Deus. Frederick Buechner referiu-se ao sexo como "o macaco que fica chiando em nossas costas". Chama-o de "o grande segredo" que mantemos dentro de nós a ponto de produzir uma patologia espiritual destrutiva. "Suponho que o sexo é o segredo que, em menor ou maior grau, cada um de nós esconde dos demais [...] o grande segredo aberto que, não importa o que mais possamos ser, somos corpos, e, como tais, precisamos tocar e ser tocados [...] Quando pecaram, Adão e Eva procuraram esconder a nudez um do outro e de Deus. Em maior ou menor grau, nós a escondemos desde então porque, suponho, sabemos que nossa sexualidade é uma boa dádiva de Deus, e nós, pecadores, podemos usá-la para desumanizar tanto o próximo quanto a nós mesmos".[9]
Os filmes e as novelas mais populares são histórias de perdas diante dos apetites. Porém, o comentário mais triste referente ao cristianismo contemporâneo é que também estamos envolvidos nesses relatos. Muitos cristãos, seja em editoras ou em igrejas, estão dominados por um espírito de concorrência ímpia. As megaigrejas apresentam um aspecto altruísta (e até
evangelístico) enquanto o tempo todo guerreiam com as táticas de relações públicas e
publicidade. Embora muitos teólogos e pensadores tenham procurado chamá-las de volta dessa

---

[9]*Telling secrets,* San Francisco: Harper San Francisco, 1991, p. 74-5.

posição, a corrida para ver quem é maior, melhor e mais famosa continua. Usando outros nomes para santidade fingida, esses cristãos rivais raras vezes deixam de lado a política de intimidação santa.
Isso tudo se soma a um tipo de impotência, que sempre resulta de se afastar do Grande Capacitador. Quando não queremos dar lugar à orientação vinda do Cristo que habita em nós, tudo o que resta é a atribulada e neurotizante programação do nosso difícil discipulado. O triste de tudo isso é que o verdadeiro discipulado nunca pode ser neurotizante,

pois deve seguir o exemplo do Mestre e desviar-se da turbulência para abraçar a devoção convicta e a adoração silenciosa.

DEIXAR DE PROCURAR A PERSPECTIVA CELESTIAL DOS VALORES REAIS

Para o crente, só existe uma pergunta digna de atenção: Como Deus vê o meu discipulado?

Na época do escândalo que envolvia o presidente Clinton, fiquei apático e entediado com a opinião pública. Os noticiários e os programas de entrevistas da TV apresentavam pontos de vista que nada contribuíam para a resolução do problema; eram ura amontoado de fofocas. Os líderes eclesiásticos e os teólogos também manifestavam suas opiniões e teorias. Raras vezes, alguém expunha sua opinião do ponto de vista divino. Creio que as pessoas que se mantiveram mais caladas agiram assim porque viram o problema com os olhos de Deus e avaliaram o pecado nacional de acordo com o padrão das expectativas divinas.

Não há cultura mais cega que aquela que não quer ver. Não há cristão mais morto que aquele cuja vitalidade se esgotou por falta de contato com Deus. As instituições (e a maioria delas foi estabelecida a fim de prestar serviços nobres e sacrificiais a Deus, conforme o entendiam) acabam degenerando em pouco mais que escadas para a autopromoção egoísta. Denominações que se formaram para o altruísmo das missões acabam transformando-se em pouco mais que clubes religiosos empenhados na proteção dos interesses dos membros. Catarina de Siena escreveu que os líderes eclesiásticos de seus dias viviam presos ao luxo. Não sabiam latim, de modo que não conseguiam celebrar uma missa sensata. Eram barões do poder sem nada, além de espiritualidade vazia e pregação débil, que lhes definisse a vida competitiva e sem compaixão. Seu serviço a Deus era apressado e fingido.[10]

Talvez a mais relevante de todas as visões pessoais seja a que enxerga com os olhos de Deus. Saber o que Deus deseja de uma nação, mas não ter capacidade alguma para fazer isso acontecer, inevitavelmente causa destruição.

O primeiro passo em direção à cura sempre é reconhecer a enfermidade. Israel, nos momentos de declínio, não considerava ímpios seus próprios caminhos, de modo que a cura não era possível. Oswald Chambers dizia que devemos sentir a dor dos nossos pecados se realmente quisermos levá-los a sério. "O indivíduo entra no Reino quando as dores atrozes do arrependimento colidem com sua dignidade.

Em seguida, o Espírito Santo, que gera essa agonia, começa a formação do Filho de Deus na vida desse indivíduo".[11]

As enxurradas de opiniões durante a época do escândalo do presidente Clinton levaram poucos a perguntar: "Deus tem algo a dizer sobre isso?". Caso tenha, talvez devamos alterar nossa opinião para concordar com a dele. Talvez seja a maior das hipocrisias empossar presidentes que prestam juramento com a mão sobre a Bíblia, visto que eles nunca mais a abrem para promover os objetivos morais de Deus.

Entre os cristãos, não há muita vida nobre, mas às vezes surge um homem ou uma mulher cuja disciplina inicia o dia perguntando: "Senhor, o que queres que eu faça?". Essa pergunta preceitua um modo de viver para esse dia, e esse modo de viver define um estilo de vida. Dietrich Bonhoeffer, perto de morrer, tomou consciência de que sua vida não tinha nenhuma definição firme, a não ser a que Deus lhe dava. Escreveu primorosamente:

Suportei os dias do infortúnio de modo equânime, sorridente e orgulhoso, como quem está

---

[11]*Tudo para ele,* Venda Nova: Betânia, 1988, da leitura do dia 7 de dezembro.
[12]*The cost of díscipleship,* trad, para o inglês R. H. Fuller, New York: Touchstone Books, 1959, p. 20.

acostumado a vencer. Sou eu mesmo, então, aquele a respeito de quem falam outros homens? Ou sou apenas o que sei a respeito de mim? Inquieto, ansioso e doente. Quem quer que sejamos, somos de Deus.[12]
Como dar o devido valor ao fato de que, em última análise, Deus domina nossa vida? Devo confessar que minha vida está dividida entre meu desejo de ser um escritor importante e meu anseio de ser apenas uma alma que deseja descobrir o plano de Deus para si — um átimo na eternidade. A ambição brota em quase todos os corações. Naturalmente, pode servir de combustível para nossa carreira, mas é por demais intrinsecamente egoísta para ser um guia de confiança. Somente o ponto de vista do céu nos guiará à obediência jubilosa e livre de erros. Só uma vida piedosa nos capacitará a enxergar como temos de viver, desejando que tudo seja como deve ser.
Na densamente povoada Tóquio, existe um acordo geral (na realidade uma lei municipal) para que ninguém levante arranha-céu nem prédio algum que obstrua a vista do sol de outra pessoa. Os japoneses acreditam que em algum período do dia todos têm o direito de ver o sol. Há muito tempo, Deus me deu a convicção de que preciso tentar ajudar as pessoas a preencher o vazio delas. Acredito que todos têm o direito de "ver o Filho". Desse modo, todos os apetites puramente humanos perderiam seu poder. Vamos então avançar para o apetite *majestoso.* Teremos Jesus no íntimo do nosso coração e não precisaremos usar nenhuma jóia cristã para contar ao mundo os nossos anseios. As pessoas enxergarão além das nossas jóias, dentro da nossa vida.

CONCLUSÃO

A diferença entre o que Deus quer para nós e aquilo em que acabamos nos transformando depende de derrotarmos o domínio dos apetites que nos acorrentam ao modo de vida egoísta e aos alvos egoístas da vida. Os passos para a liberdade são simples, mas sempre exigentes. Em primeiro lugar, nosso foco precisa ser a sede do que Deus deseja para nós, em vez de meramente tentar desistir daquilo que ele não quer. Segundo, devemos concordar em viver mais próximos do grande Capacitador. Finalmente, devemos viver em espiritualidade abundante para enxergar o tipo de mundo que Deus quer que exista e nos esforçar para ser o tipo de cristão que Deus quer que sejamos.
Oswald Chambers achava que quase todos nós não renunciamos deliberadamente a visão de Deus para nossa vida. Perdemos essa visão por negligência. Quando nascemos de novo, parece que captamos um vislumbre do nosso valor, tanto para Deus quanto para nós mesmos. Tornamo-nos desobedientes a essa visão quando começamos a viver como se ela não pudesse ser alcançada.[13] É raro negarmos a visão ou discutirmos o sonho de Deus para nós. "Perdemos
a visão por meio do vazamento espiritual", diz Chambers.[14] Isso é lastimável, visto que nunca conheceremos a felicidade espiritual sem ter aceitado a visão de Deus para nossa vida.
Quando aceitamos essa visão de Deus, oramos. Mas talvez esperemos revelações instantâneas demais quando oramos. Queremos orar de manhã por um carro de fogo e já ao entardecer ir à igreja montados nele. É raro

orarmos pedindo fogo e ao abrir os olhos ver uma caixa de fósforos em nossa mão.
Raios e trovões são muito improváveis. É melhor começar de forma modesta e discreta. Não há necessidade de contar aos nossos amigos e conhecidos. Não há necessidade de planejar jejuns heróicos nem vigílias que duram a noite inteira [...] a oração não é nem para impressionar os outros, nem para impressionar Deus. Não deve ser empreendida com mentalidade de sucesso. O alvo, na oração, é doar-se a si mesmo.[15]
A questão pode ser resolvida de modo tão simples assim? Sim. Viver a vida segundo Deus é a única atitude que nos pode satisfazer. Naturalmente, aqueles que enxergam e sabem o que Deus deseja devem chorar de tempos em tempos. Chorar por causa da inconstância daqueles que criou é a natureza do nosso Deus vivo e amoroso. Foi por amor que ele enviou seu Filho. O Calvário não é uma solução muito complexa para o pecado humano, mas custou a Deus tudo quanto tinha. E o Calvário foi o lugar de Deus chorar. Mudar o mundo é gastar tudo e depois esperar e chorar.

---

[13]CHAMBERS, da leitura do dia 24 de janeiro.
[14]Ibid., 11 de março. [15]Emilie GRIFFIN, *Clinging,* p. 15.

Venha, em minha labuta encontrar
lugar de repouso
E nas minhas dores recostar a cabeça,
Ou então tome minha vida e meu sangue
E compre uma cama melhor —
Ou tome meu fôlego e minha morte
E compre um descanso melhor. [1]
— THOMAS MERTON

Empregue o que tem.
Os cinco pães de cevada e os dois peixinhos
vão aumentar quando forem distribuídos.
Mão inveje quem tem mais sucesso
que você, senão será condenado
por murmurar contra a determinação
de nosso Senhor.[2]
— F. B. MEYER

Estou porventura permitindo que minha
vida natural seja pouco a pouco transfigurada
pela vida do Filho de Deus que habita em mim?
O objetivo supremo de Deus é que seu Filho
seja manifestado em nosso corpo mortal.[3]
— OSWALD CHAMBERS

[1]*The seven-story mountain,* New York: Harcourt, Brace e Jovanovich, 1948, p. 404.
[2]Cit. *Changed by the Master's touch,* p. 55.
[3]*Tudo para ele,* da leitura do dia 31 de maio.

Como nos libertaremos do mundo presente se não pensarmos no mundo futuro?

Não foi mediante a oração que Paulo, Agostinho, Tomás de Aquino, João da Cruz, Teresa e tantos outros amigos de Deus encontraram o conhecimento maravilhoso que deixou extasiados os maiores intelectos? Arquimedes disse: "Dêem-me um ponto de apoio e com uma alavanca moverei o mundo". O que ele não conseguiu obter, os santos receberam. O Onipotente deu-lhes um ponto de apoio: ele mesmo, somente ele. Como alavanca, eles tinham a oração ardente do amor. Assim moveram o mundo, e é com essa alavanca que aqueles que continuam batalhando no mundo o moverão e continuarão movendo até o fim dos tempos.[4]

Teresa de Lisieux

[4] *The story of a soul,* p. 148.

CAPÍTULO 2

ROMPENDO A ESCRAVIDÃO DO MATERIALISMO

Os Pais do Deserto foram para lá a fim de ser "libertos da fartura". Ter fartura não é condição abominável, mas ser controlado por ela, sim. Deus quer que seu povo viva livre do apego ao dinheiro. Não deseja que as pessoas fiquem miseráveis por causa da avareza. Muito pelo contrário. As pessoas mais miseráveis são aquelas possuídas pelo materialismo. Na língua corrente, "miserável" também é sinónimo de "sovina", "avarento". Logo, "miséria" significa também "avareza".

Catarina de Siena estava convicta de que a privação é melhor amiga do materialismo do que as riquezas. Os ricos em geral não têm tanto ardor por seus bens nem pela conservação deles quanto os necessitados. Estes (talvez porque precisem fazer mais sacrifícios para conseguir alguma coisa) quase sempre ficam mais apegados a seus pequenos tesouros do que os ricos.

Catarina aconselhava seus amigos prósperos a viver unidos com a vontade de Deus. Ressaltava também que existe virtude nas posses materiais, pois Deus quer que desfrutemos as suas dádivas. Mas Catarina também nos recomendou que não amássemos tanto essas dádivas de modo que, em vez de as possuirmos, passem a nos possuir.

Em Lucas 18, Jesus encontra-se com um jovem rico e importante. O fato de o jovem possuir muitos bens materiais não era pecado, mas, sim, seu apego a eles.

Barnabé também tinha riquezas, mas "vendeu um campo que possuía, trouxe o dinheiro e o colocou aos pés dos apóstolos" (At 4.36,37). O que Barnabé fez que o jovem rico e importante não conseguia fazer? Livrou-se de um grande apego. O jovem importante era escravo da paixão chamada *ter.* Além disso, não se exercitara na arte do desprendimento. Os monges antigos interpretavam o desprendimento como "não permissão aos valores terrenos nem ao egocentrismo de nos distrair do essencial no nosso relacionamento com Deus e com o próximo".[5]

AS POSSES E O PECADO DO MATERIALISMO

Annie Dillard escreveu um poema breve que exemplifica a insensatez de tentar conservar Jesus e o dinheiro na mesma caixa:

> Conservamos nosso papel-moeda trancado
> numa caixa por medo do fogo.
> Certa vez, abrimos a caixa
> e saiu Jesus, o cordeiro,
> deixando seu rastro de chamas
> por todo o assoalho.[6]

"Ter" não é o primeiro pecado dos materialistas. O pecado que o antecede é *considerar nosso o que temos.* A maioria dos crentes re-cém-convertidos começa a acumular posses numa atitude de quem não enxerga os bens como de importância máxima, de modo que estão dispostos a dar a Deus a glória por lhes ter dado o que possuem. Porém, mais cedo ou mais tarde, alguns esquecem a origem de suas bênçãos materiais. Para os que esquecem, "ter" não é o que Deus lhes faz possível adquirir, mas o que eles mesmos acham que conseguiram e, portanto, têm direito de usufruir.

Em duas viagens missionárias recentes por vários países, tive a oportunidade de pôr à prova uma frase materialista muito comum nos adesivos de carro nos Estados Unidos: "Quem tiver mais brinquedos, ganha". Ganha o quê? Pontos na bolsa de valores? Talvez não mais do que

---

[5]Kathleen NORRIS, *Amazing grace,* New York: Riverhead Books, 1998, p. 32.

[6]*Tickets for a prayer wheel,* New York: Harper & Row, 1974, p. 125.

isso. As pessoas mais felizes que conheci em geral moravam em lugares como Calcutá, onde não havia possibilidade de riquezas. Existem poucos jovens ricos e importantes em Calcutá. O único objetivo razoável de alguém naquele enxame humano é acordar vivo no dia seguinte.

Viajei por aldeias e cidades onde os habitantes nem imaginam o que é um cartão de crédito. Qualquer proposta de sair para fazer compras é impossível. "Comprar até não aguentar mais" é um lema condenável criado por quem já tem as despensas abarrotadas e cujas garagens imensas são redutos evidentes de veículos desnecessários.

Em Calcutá, muitas outras frases de pára-choques perderam o sentido, como, por exemplo, "Tenho dívida na praça — logo, tenho de trabalhar muito" ou "Meu filho e meus cheques estão na universidade". Estranhamente ausentes eram perguntas como "Quantos metros quadrados...?" ou "Qual é seu segundo carro?". Fomos avisados muitas e muitas vezes para não elogiar nenhum objeto nos lares que visitávamos, porque os cristãos de lá seriam capazes de nos dar de presente.

Os editores da revista *Leadership [Liderança]* propuseram nove medidas drásticas que os norte-americanos ricos teriam de adotar para se identificar de fato com o mundo em desenvolvimento:

Primeira, remova os móveis: deixe apenas alguns cobertores velhos, uma mesa de cozinha e talvez uma cadeira de madeira. Você nunca teve cama, lembra?

Segunda, jogue fora as roupas. Cada pessoa da família pode ficar com seu terno ou vestido mais velho e uma camiseta ou blusa. O único par de sapatos é o do chefe da família.
Terceira, os eletrodomésticos sumiram da cozinha. Você tem direito a uma caixa de fósforos, um saco de farinha, um pouco de açúcar e de sal, algumas cebolas e uma tigela de feijão seco. Recupere as batatas emboloradas da lata de lixo: são a refeição de hoje à noite.
Quarta, desmonte o banheiro, corte a água corrente, remova os fios e as lâmpadas e tudo que funciona com eletricidade.
Quinta, desmanche a casa e mude-se com a família para o galpão das ferramentas.
Sexta, nada de carteiro, bombeiro ou serviços públicos. A escola, com duas salas de aula, fica a seis quilómetros. Apenas dois dos seus sete filhos a frequentam de verdade, e vão a pé.
Sétima, jogue fora os talões de cheques, as ações da bolsa, os planos de aposentadoria. Seu dinheiro acumulado e guardado agora não passa de alguns trocados.
Oitava, saia e comece a cultivar seus três acres. Esforce-se para levantar alguma quantia com a venda da colheita, pois o proprietário vai querer um terço desse dinheiro, e o agiota, dez por cento.
Nona, descubra alguma maneira de seus filhos conseguirem um dinheirinho para vocês terem o que comer na maior parte dos dias. Mas isso não basta para manter o organismo saudável — por isso, reduza de 25% a 30% da expectativa de vida.[7]
O materialismo é a cosmovisão dos que têm os olhos focalizados no "progresso" no mundo presente. Cristo defendeu um alvo mais sublime. Jesus nos incentiva em Mateus 6.33 a valorizar o reino de Deus e a sua justiça, e os valores deste mundo serão desmascarados por si mesmos. O materialismo patrocina muitos valores falsos. O tesouro que Deus deseja que consideremos é interior e espiritual. Somente quando compreendemos o ponto de vista de Deus a respeito das coisas é que conseguimos escapar de ficar perpetuamente presos às necessidades materiais secundárias e aos valores superficiais.
A graça é o antídoto do materialismo, não um chamariz que atrai a atenção para si mesmo. A maravilha impressionante de tudo que Deus nos dá e faz por nós inunda-nos de gratidão silenciosa. Então suas visitações de fartura espiritual adquirem ritmo, regularidade. Sua graça vem e vai, abastecendo-nos de tudo que é belo na vida. De repente, acordamos diante da maravilha e nos sentimos envergonhados por ter vivido tanto tempo sem nunca lhe agradecer pela fartura.
O materialismo em geral assume o controle na mesma velocidade com que nossa espiritualidade entra em decadência. Percebi que, à medida que as pessoas envelhecem, o brilho que antes tinham nos olhos começa a morrer. As vezes, o zelo delas também vai morrendo, e elas começam a economizar dinheiro para os "anos dourados" — a terceira idade. Deixam de confiar

---

[7] *leadership,* verão 1988, p. 81.

em Deus e começam a acumular bens. Já se foram os dias do primeiro amor, quando lhes era fácil dar e contribuir.
Você se lembra dos tempos de seu primeiro amor? Francisco de Sales provou do elixir do primeiro amor e recusou-se a deixar que ele passasse a ser secundário: "Ai de nós! Todos os dias pedimos a Deus que sua vontade seja feita, mas, quando se trata de praticá-la, temos muita dificuldade. Oferecemo-nos a Deus tantas e tantas vezes, dizendo-lhe a cada passo:

'Senhor, sou teu. Toma meu coração!'".[8] Foi isso que dissemos quando nos tornamos cristãos. E o que ainda devemos dizer para demonstrar nossa fé. Quando Jesus Cristo entra em nossa vida com poder, nasce algo em nós que diz: "Posso fazer diferença. Posso alcançar o meu mundo. Posso viver para Cristo sacrificando-me por ele". Mas a velha ambição desmedida permanece conosco e nunca estamos livres de perigo. A qualquer momento, podemos voltar aos nossos valores antigos e nos tornar compradores compulsivos, encostados em nosso automóvel predileto. Quando trocamos nossos tesouros espirituais por bagatelas, o grande sonho que tínhamos de servir a Deus escoa-se pelos poros cintilantes da nossa cobiça.

A SUBSTÂNCIA DA ESPIRITUALIDADE

Precisamos abandonar o hábito de acumular tesouros e criar o hábito de acumular a copiosidade da graça de Deus. Precisamos acalentar o que Francois Fénelon chamava de "estado de fé exposta". A fé exposta tem Deus na mais alta estima, pois todos os demais valores não passam de nudez e pobreza.

Quando se sentir na sequidão, na obscuridade, na pobreza e quase sem forças na alma, permaneça humilde debaixo da mão de Deus, em estado de fé exposta, reconheça sua própria indigência, volte-se para o Deus todo-poderoso e nunca duvide da sua assistência [...] Toda a sofreguidão desaparece diante da perseverança.[9]

Paulo diz que nossa vida interior é uma busca muito perseverante — a busca de Cristo.

Em 1 Coríntios *6.12, o* apóstolo nos lembra de que, embora tudo nos seja permitido, nem tudo é bom para nós. Tudo que furta minha visão de Deus não é bom para mim. Não me submeterei ao poder de nenhum desses obstáculos. Considere o materialismo o principal desses poderes viciantes. Submeter-se ao poder do quê? Lembre-se desta lista: "Não se deixem enganar: nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, nem homossexuais passivos ou ativos, nem ladrões, nem avarentos, nem alcoólatras, nem caluniadores, nem trapaceiros herdarão o Reino de Deus" (ICo 6.9*b*,10). Qual seria a origem desses vários estados? Como o adúltero torna-se adúltero? Como o alcoólatra torna-se alcoólatra? Como o imoral torna-se imoral? É possível transformar-se nesses tipos de pecadores quando se perde o domínio sobre os próprios apetites.

Se todos tivéssemos a maturidade espiritual necessária, conseguiríamos enxergar isso. Quando Deus nos nega algo, jamais faz isso por sovinice. Ele retém tudo quanto não necessitamos a fim de que aquilo que deseja para nós fique a nosso alcance. E o que ele quer? Nossa conformidade com a imagem de seu Filho. Portanto, jamais sejamos culpados de pensar que nossa sede de coisas materiais chegará a produzir alguma semelhança com Cristo em nossa vida. Não pode ser assim, pois o próprio Cristo repudiou o vazio do mundo material. Quando morreu na cruz, completamente destituído de todos os bens, mostrou-nos exatamente até onde temos de ir para ser tão altruístas quanto ele. O melhor momento para lidar com qualquer tipo de tentação — apesar do materialismo — é resistir à sedução logo no início. Guardar no coração qualquer desejo contrário à vocação sincera é dividir nossa atenção entre Jesus e qualquer outro que exija o primeiro lugar da nossa lealdade.

Um dos companheiros íntimos do materialismo é o *ativismo.* É um tipo de corre-corre santificado em que os cristãos concorrem entre si para ser os mais importantes, mediante a comparação entre suas atividades e a velocidade com que atendem aos vários programas da comunidade

religiosa. A idéia é que *quanto mais fizermos por Jesus,* mais os anjos ficarão
impressionados. Desse modo, orgu-lhamo-nos de estar em certo lugar na terça-feira e em outro,

---

[8] *Thy will be done,* p. 8.
[9] *Talking with God,* p. 86.

na quarta. Fazemos parte de meia-dúzia de departamentos ou vamos à igreja dia e noite, como se houvesse algum tipo de vida inerente na velocidade santificada. A vida agitada e o consumo desenfreado caminham juntos. A agenda cheia de compromissos e o total egoísmo que provém da gastança desmedida são companheiros íntimos.

O materialismo e o excesso de atividades podem nos fazer alegar que estamos vivendo a "vida plena". Paulo, depois de nos lembrar de que somos o templo de Deus, diz: "Acaso não sabem [...] que vocês não são de si mesmos? Vocês foram comprados por alto preço. Portanto, glorifiquem a Deus com o seu próprio corpo" (ICo 6.19,20). Ora, quando Deus nos resgatou, tirou-nos desse tipo de vida. Transformou nossas preferências morais e o modo que consideramos o ter e o apressar-se para conseguir a falsa reputação de uma vida sincera.

Teresa de Lisieux disse que a chave para lidar com todos os nossos apetites, quer materiais, quer não, é imitar a Cristo. Ela criava numa gaiola um pintarroxo desde filhote. Tinha também um canário que cantava constantemente. O pintarroxo, mais quieto, começou com o passar do tempo a tentar imitar o canário. Não era fácil, mas ele persistia. "Era encantador observar o empenho da criaturinha", escreveu. "Obviamente, achava difícil harmonizar seu canto com as notas vibrantes do seu mestre, mas, para surpresa minha, o canto do pintarroxo acabou ficando exatamente igual ao do canário".[10]

Deixar de imitar a Cristo é entristecer o Espírito Santo (v. Ef 4.30). Como fazemos isso? O segredo para entender isso é lembrar que "entristecer" é uma palavra afetiva. Quando não vivemos à altura do propósito para o qual Deus nos salvou, o Senhor não fica furioso conosco, nem procura meios de se vingar de nós. Ao contrário, Deus se aflige por nossa causa.

Não me lembro de termos recebido muitos móveis novos em nossa casa em Oklahoma quando éramos crianças, mas certamente me lembro de quando adquirimos duas cadeiras novinhas em folha. Minha mãe deve ter empregado suas últimas economias para comprá-las. Não que não precisássemos das cadeiras, mas raramente tínhamos dinheiro para móveis. A maior parte de nossos gastos domésticos era para coisas mais fundamentais. Lembro-me de ter pensado, de início, como aquelas cadeiras novas pareciam indecentes. Eram lustrosas e belas, reinando como tronos sobre o restante da nossa mobília. Algum tempo depois, acabaram ficando na varanda da frente da casa (quando se tem três quartos para nove filhos, passa-se muito tempo na varanda da frente).

Um amiguinho meu veio do outro lado da rua. Ele também tinha uma coisa novinha em folha — um canivete! Ainda me lembro de vê-lo pegando o canivete novinho em folha e entalhando aquelas cadeiras novinhas enquanto conversávamos. Nem por um momento sequer, pensei em fazê-lo parar. Para mim, parecia mais criativo do que maligno. Mas certamente me lembro de ter visto a faísca acusatória no rosto de minha mãe quando ela saiu na varanda. Sua expressão era de cólera e hostilidade francas. Mas os filhos que conhecem bem seus pais também conseguem olhar além da

hostilidade e ver que por trás dela existe uma mágoa profunda. Algo precioso se estragara. Tive vontade de chorar.
Quando Paulo diz: "Não entristeçam o Espírito Santo de Deus", está dizendo em outras palavras: "Você, como cristão, não consegue deixar Deus ficar com raiva de você, mas consegue magoar o coração dele". Para evitar que isso aconteça, Cristo habita em nós. Fomos comprados. Fomos resgatados no dia que Jesus ficou pendurado na cruz. Foi uma experiência dolorosa e angustiante. Custou espinhos! Custou sangue! Custou a crucificação total de Jesus Cristo! Mas ele foi pendurado no madeiro para adquirir, comprar, pagar e escrever "totalmente pago" para todas as nossas necessidades!
Acho que sei a dor que Jesus deve ter sentido quando levantou os olhos, não tendo cometido nenhum mal, e exclamou: "Pai, per-doa-os!". Depois, exclamou: "Está acabado!". Não "*Eu* estou acabado", mas "A *obra* está acabada! Paguei o preço do resgate", Cristo clamou à nossa alma. "Vocês foram comprados por alto preço. Portanto, glorifiquem a Deus com o corpo de vocês".
Visto que fomos comprados por alto preço, seria muito bom deixar de lado a busca infrutífera do nosso superficial ganhar e gastar. Quem sabe o domínio de Cristo sobre nós seja muito mais importante do que nossa posse de qualquer bem material.

---

[10] Teresa de LlSIEUX, p. 72.

O melhor de tudo é que o domínio de Cristo estabelece o rico senso de espiritualidade — integridade de vida e de atitude que torna nosso acesso a Deus imediato. Aceitar o senhorio de Cristo é um passo gigantesco na nossa tentativa de parar de amar os bens materiais e valorizar nosso amor a Deus.
Em certo sentido, também é um passo na direção de abolir a escravidão do materialismo. Isso se faz escondendo os tesouros do céu — não os nossos próprios — em nossa vida interior. Com esse ato tão singelo, ocorre um deslocamento maciço. O *apetite de ter* substituído pelo *apetite de ser.* O coração entregue a Cristo não vai às lojas procurar brinquedos. Ele nos deixa livres para amá-lo, e o amor ao Senhor desvia a adoração de meros bens materiais. Fomos comprados pelo seu precioso sangue. As bugigangas que nosso miserável dinheiro consegue comprar devem ser consideradas insignificantes. Para nós, jamais pode ser "quem tem mais brinquedos vence", mas "quem foi comprado pelo sangue de Cristo vence" e continuará vencendo para todo o sempre.

Os tempos mudam, e, para nos manter em dia, devemos modificar nossos métodos.'
— Madeleine Sophie Barat

Bem-aventurados aqueles que se entregam a Deus! São libertos de suas próprias paixões, do julgamento dos outros, da perfídia deles e da tirania do que dizem, da sua zombaria fria e miserável, dos infortúnios que o mundo atribui às riquezas, da infidelidade e inconstância dos amigos, das artimanhas e dos laços do inimigo, da fraqueza, das desventuras e da brevidade da vida, dos horrores de uma morte profana, do remorso vinculado aos prazeres ímpios e, no fim, da condenação eterna de Deus.[2]
— François Fénelon

Senhor, sou teu. Rendo-me inteiramente a ti e creio que tu me recebes.

**Entrego-me nas tuas mãos.
Opera em mim todo o prazer da tua
vontade, e descansarei tranquilo nas
tuas mãos confiando em ti.[3]**
— HANNAH WHITALL SMITH

'Cit. Woodene KOENIG-BRICKER, *365 Saints,* da leitura para 5 de agosto.
[2]Cit. Richard FOSTER, org., *Devotional classics,* San Francisco: Harper SanFrancisco, 1989, p. 46.
[3]Cit. Richard FOSTER, *A Spiritual Formation Journal,* San Francisco: Harper SanFrancisco, 1989, página sem numeração.

**É estarrecedor constatar que levamos nossos
pianos individuais tão a sério que
nunca desejamos saber se Deus tem
outra coisa para fazermos.**

Já se observou, por exemplo, que se os últimos 50 mil anos de existência do homem fossem divididos em gerações de aproximadamente 62 anos cada, terá havido cerca de 800 gerações. Dessas 800, 650 foram passadas nas cavernas.
Somente durante as últimas 70 gerações foi possível haver uma comunicação efetiva de uma geração para outra — porque a escrita a tornou possível. Somente durante as últimas seis gerações é que as massas de indivíduos chegaram a ver uma palavra

impressa. Somente durante as últimas quatro foi possível medir o tempo com alguma precisão. Somente nas duas últimas é que alguém, em algum lugar, fez uso de um motor elétrico. E a esmagadora maioria de todos os bens materiais que usamos na vida diária de hoje foram desenvolvidos dentro da atual, a 800ª geração.[4]

— ALVIN TOFFLER

---

[4]0 *choque do futuro,* trad. Eduardo Francisco Alves, Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2001, p. 25.



ROMPENDO A TIRANIA DA URGÊNCIA

Uma das primeiras máquinas foi o relógio. Primeiro, movido a água, depois por molas e pêndulos e finalmente a quartzo, continua sendo uma máquina controladora, cujo tíque-taque às vezes nos deixa neuróticos. O relógio foi inventado para nos permitir administrar o tempo, mas às vezes acaba nos deixando nervosos.

De todas as dádivas que Deus nos dá, certamente a mais preciosa é o tempo.

Os segundos, os minutos e os anos são todos peças da vida, montadas e prontas para nosso uso no serviço de Deus. A areia de nossa vida escorre pela nossa ampulheta — rápida, firme, preciosa. É tão preciosa que, quando a devolvemos a Deus, os anjos se põem a exultar "aleluia!" Mesmo assim, não podemos dedicar nossa vida inteira a Deus num só momento e

ter o assunto resolvido de uma vez para sempre. Precisamos entregar-lhe nossa vida segundo após segundo.

SANTIFICANDO OS DIAS DA NOSSA VIDA

Portanto, a principal pergunta inicial a fazer ao Cristo que vive em nós não é "Que queres que eu faça na vida?", mas "Que queres que eu faça
— Qual é a sua profissão, meu amigo?
— Sou sapateiro — veio a resposta entusiasmada. — Todos os dias, pego minha caixa de ferramentas e circulo pela cidade, consertando os sapatos das pessoas. Elas me dão algumas moedas, que guardo no bolso. Findo o dia, gasto tudo para comprar minha refeição da noite.
— Você gasta todo o seu dinheiro, todos os dias? — perguntou incrédulo o rei. — Não faz poupança para o futuro? Como será seu amanhã?
— O amanhã, meu amigo, está nas mãos de Deus — disse o sapateiro, rindo feliz. — Ele proverá, e eu o louvarei dia após dia.
Antes de partir naquela mesma noite, o rei pediu licença para voltar na noite seguinte.
— Você sempre será bem-vindo, meu amigo — respondeu o sapateiro amigavelmente.
No caminho para casa, o rei elaborou um plano para pôr à prova o humilde sapateiro. Na manhã seguinte, fez uma proclamação e proibiu o conserto de sapatos sem autorização oficial. Quando voltou na noite seguinte, viu que o sapateiro estava alegre comendo e bebendo.
— O que você fez hoje, caro amigo? — perguntou o rei, fingindo não estar surpreendido.
— Quando fiquei sabendo que nosso rei gracioso emitiu uma proclamação que proíbe o conserto de sapatos sem autorização oficial, fui ao poço, tirei água e a levei à casa das pessoas. Elas me deram algumas moedas, que coloquei no bolso, e saí para gastar com esses alimentos — contou o sapateiro. — Venha, coma, há bastante para todos.
— Você gastou tudo? — perguntou o rei. — O que acontecerá se não conseguir tirar água amanhã? O que fará então?
— O amanhã está nas mãos de Deus! — exclamou o sapateiro. — Ele proverá, e eu, seu humilde servo, o louvarei todos os dias.
Na manhã seguinte, o rei resolveu pôr seu novo amigo à prova outra vez. Enviou seus arautos pelo país inteiro para anunciar que era ilegal uma pessoa tirar água para outra. Naquela noite, voltou para visitar o sapateiro e viu que estava comendo e bebendo e desfrutando a vida, como antes.
— Fiquei preocupado com você esta manhã quando ouvi a proclamação do rei. O que você fez?
— Quando ouvi o novo edito do nosso bom rei, saí para cortar lenha. Depois de ajuntar um fardo, levei-o à cidade e vendi. As pessoas me deram algumas moedas, coloquei-as no bolso e, depois do fim do serviço, gastei tudo em comida. Comamos.
— Você me deixa preocupado — disse o rei. — O que acontecerá se não conseguir cortar lenha amanhã?
— O amanhã, meu bom amigo, está nas mãos de Deus. Ele proverá.
Cedo na manhã seguinte, os arautos do rei proclamaram que todos os lenhadores deviam apresentar-se imediatamente ao palácio para servir no exército do rei. O sapateiro que virara lenhador apresentou-se obedientemente e recebeu treinamento durante o dia todo. Findo o dia, não recebeu pagamento, mas teve licença para levar sua espada para casa. A caminho do lar, entrou numa casa de penhores, onde penhorou a lâmina.

Em seguida, comprou o alimento, como de costume. Chegando a casa, pegou um pedaço de madeira e fez dele uma lâmina, recolocando a nova "espada" na bainha.
Quando o rei chegou naquela noite, o sapateiro lhe contou a história inteira.
— O que acontecerá amanhã se houver uma inspeção de espadas? — perguntou, o rei.
— O amanhã está nas mãos de Deus — respondeu o sapateiro com calma. — Ele proverá.
Na manhã seguinte, o oficial encarregado tomou o sapateiro pelo braço.
— Hoje você vai servir de algoz. Esse homem foi condenado à morte. Decapite-o.
— Sou homem brando — protestou o sapateiro. — Nunca machuquei ninguém em toda a minha vida.
— Você cumprirá as nossas ordens! — gritou o oficial. Enquanto caminhavam até o local da execução, a mente do sapateiro fervilhava. Com o prisioneiro ajoelhado a sua frente, o sapateiro segurou o punho da espada numa das mãos, estendeu a outra aos céus e orou em voz bem audível:
— Deus todo-poderoso, somente tu podes julgar os inocentes e os culpados. Se esse prisioneiro for culpado, que minha espada seja bem afiada, e fortes os meus braços. Se, porém, ele for inocente, que essa espada seja feita de madeira.
Comovido, o sapateiro desembainhou a espada. Os espectadores ficaram atónitos ao ver que a espada era de madeira.
O rei, que observava os acontecimentos à distância, correu até seu amigo e revelou-lhe sua verdadeira identidade.
— A partir de hoje, você virá morar comigo. Você comerá da minha mesa. Eu serei o hospedeiro, e você será meu convidado. O que você diz disso?
O sapateiro deu um sorriso largo.
— O que digo é que o Senhor proveu, e você e eu juntos o louvaremos dia após dia.[6]

MUDANDO OS FUSOS HORÁRIOS

Mudar de *chronos* para *kairos* é descobrir que a oração não é um pé-de-cabra que usamos para abrir as portas do futuro. Todos os relógios devem ser sincronizados diante da entrada da sala do trono. Ninguém que deseja ter comunhão com Deus chegará a vê-lo enquanto insistir que ele diga exatamente o que vai acontecer na sua vida. Podemos nos encontrar com Deus e escutá-lo, mas não podemos fazê-lo sentar para nos escutar. Só Deus determina quando ele já acabou de falar, quando nosso período de encontro com ele encerrou.
Entrar na presença da realeza e sair correndo dela ou tentar fixar limites para nossa conversa é esquecer-nos de quem somos e com quem estamos falando. Somos afortunados por ter um encontro marcado com Deus. Devemos deixar de lado todos os horários marcados; eles não são relevantes na presença do Rei.
No decurso da História, a maior parte dos que escreveram sobre oração não eram pessoas de intercessão. Raramente, recorriam a Deus para pedir que realizasse algo em favor deles. Pelo contrário, eram dominados pela sede de relacionamento. Parece que compreendiam que a intercessão pede uma lista de "tarefas a ser cumpridas". Os que apresentam essas listas chegam mesmo a anotar a ocasião em que pediram algo a Deus e depois deixam uma coluna nos seus "livros contábeis" de oração para registrar a data em que Deus lhes deu a resposta. É um modo estranho de contabilizar

a fidelidade de Deus. Isso pode fomentar a idéia de que, quando a lista de encomendas acabar, terminará nossa responsabilidade de oração. Ou que, para orarmos mais, nossas listas têm de ser maiores.

O propósito dos métodos de oração, como o rosário, por exemplo, é provavelmente estender o período das orações. A maioria dos novos convertidos, na tentativa zelosa de dedicar mais tempo à oração, levanta-se de manhã cedo a fim de orar, mas descobre que a mente sem foco fica vagando para dentro e para fora da sala do trono. Os que têm listas de oração intercessória talvez se dêem melhor nessa luta. No entanto, essas listas podem tornar-se um tipo de rosário com o enfoque "Dá-me, ó Deus", que também serve para impedir que a mente devaneie.

Satanás não tem desejo algum de ver nenhum indivíduo desenvolver uma vida permanente de oração, de modo que sempre está presente, como no sono no Getsêmani, para garantir que nenhum de nós permaneça acordado para vigiar com Cristo durante uma hora (v. Mt 26.40). Lembro-me das minhas tentativas iniciais.

Levantava-me muito cedo, pois é consenso que nenhum guerreiro de oração verdadeiro ora às 2 horas da tarde. Queria tanto ser fiel em minha oração que coloquei o despertador num horário tão cedo que até Francisco de Assis ficaria impressionado. Levantava e fazia uma longa lista de intercessão — páginas e mais páginas. Mas, mesmo depois de fazer uma tonelada de pedidos a Deus, bem pouco tempo se passara. Em seguida, comecei a orar por todos aqueles que conhecia pelo nome de um jeito que parecia uma recitação piedosa da lista telefônica da cidade. Mesmo assim, tinha orado uns poucos minutos apenas. Depois, procurando repetir o mesmo processo, descobri que adormecia.

A sonolência destruidora de minhas intenções para com a oração vencia-me, pois eu concebia a oração como apenas eu falando. Achava que, se não estivesse falando, não estava orando. Fénelon instruiu-me: "Nossa conversa com Deus assemelha-se a conversar com um amigo. No início, há mil coisas para contar e outras tantas para perguntar. Depois de algum tempo, porém, elas diminuem, ao passo que o prazer de estar juntos, não".[7] Depois de ter descoberto o prazer da presença de Deus, fiquei sabendo que a oração não é um monólogo humano proferido em tons solenes e com os olhos levantados para os céus. A oração é estar com Deus.

A base da oração verdadeira é a ânsia por um relacionamento. Os relacionamentos genuínos nunca ficam com os olhos presos no relógio. John Wesley sempre atribuía seu poder na pregação à oração em que se perdia em adoração tão profunda que não olhava para o relógio. Em Fetter Lane, no dia 31 de dezembro de 1738, John e Charles Wesley, ao lado de George Whitefield, ficaram em vigília durante a maior parte da noite, orando. Wesley escreveu sobre isso no seu diário:

> Por volta das 3 horas da madrugada, enquanto continuávamos em oração, o poder de Deus veio sobre nós com grande força, de modo que muitos clamaram exultantes de alegria e caíram pelo chão. Logo que recuperamos um pouco do temor reverente e do espanto diante da presença de sua majestade, irrompemos a uma só voz: "Louvamos-te, ó Deus! Confessamos que tu és o Senhor!"[8]

Wesley sabia que louvor desse tipo era êxtase incontido. O tipo de êxtase que nos impede de manter os olhares no relógio porque estamos envoltos na maravilha da adoração que a tudo supera.

Como, então, mudar de *chronos* para *kairos?* Como mudar o fuso horário? Obviamente, a resposta não se encontra na firmeza de nossa intenção. Não se pode cerrar os dentes para demonstrar seriedade. Seria o mesmo que um jovem desempregado pretendente de uma moça rangesse os dentes até

conseguir marcar um encontro. Em seguida, depois de ter marcado o encontro, ranger os dentes para garantir que dure das 7 às 10 horas da noite. Não se pode esticar o *chronos* para chegar à felicidade imensurável e eterna do *kairos.*

Na mudança dos fusos horários, apaixonamo-nos por Deus. Depois nos apaixonamos pela maravilha de estar com ele. Podemos forçar para que isso ocorra? Não! Acontece por si só de acordo com a gentil insistência de necessidade de Deus. Essa paixão tem linguagem própria — a linguagem do louvor. Não estou falando aqui de nenhuma linguagem especial de oração nem do

---

[6]*Stories for telling:* a treasury for Christian story-tellers, Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1986, p. 83-6.

[7]*Talkíng with God,* p. 10.

[8]E. M. BOUNDS, *The possibilities of prayer,* Grand Rapids: Baker Books, 1994, p. 102.

dom de língua desconhecida. Estou falando de adoração boa e inteligível. O louvor é a

linguagem dos que se amam espiritualmente. Na alegria de tamanha comunhão, o relógio desaparece e nosso relacionamento transcende os relógios. Logo, o tempo não importa. Somente Deus.

É difícil para os ocidentais de classe média, tão presos a horários, imaginar longos cultos de adoração em outras partes do mundo. Não é raro esses cultos se prolongarem por horas a fio. As pessoas que chegam a Cristo para conhecê-lo aprofundam-se cada vez mais. Ninguém se queixa de que os horários de oração e de apelo são prolongados demais. Deus está na terra! A igreja está viva na presença dele! Ninguém quer que a glória da presença do Senhor termine.

A ADMINISTRAÇÃO DOS NOSSOS DIAS

Todos os dias somos contemplados com 86400 segundos. São 8 760 horas por ano. Já que nos foi confiado esse bem tão precioso chamado tempo, devemos ter consciência de que esse tesouro, uma vez gasto, não pode ser reposto. Desse modo, nossa administração das horas precisa ser definida por quatro verdades.

1. ***Obviamente não somos donos dos nossos dias.*** Tiago nos faz lembrar que nossa vida é fugaz. "Que é a sua vida? Vocês são como a neblina que aparece por um pouco de tempo e depois se dissipa" (Tg 4.14). Há um hino evangélico que lembra constantemente à igreja que a sucessão dos anos é objeto de administração: "Quando lá do céu descendo/ para os seus Jesus voltar/ e o clarim de Deus/ a todos proclamar...". Em outras palavras, seja qual for a obra que Deus nos tenha dado para fazer, sempre estamos trabalhando dentro de um prazo determinado. Reconhecemos que Jesus está para voltar e, no momento da chegada, todo pêndulo cessará e todos os dispositivos de contagem do tempo serão inutilizados. Todos os relógios terão os ponteiros amputados. Os mostradores derreterão e escorrerão como na "Paisagem de Relógios", de Salvador Dali. Então, o tempo, esse tirano que nos apressa a vida inteira, já não será o nosso dono. Vamos nos encontrar com Jesus, cuja própria vida nos ensinou que meros prazos são motivo bem insignificante por que viver.
2. ***Temos de ser fiéis na administração de todos os bens e dádivas que Deus nos dá*** (v. ICo 4.2). Quanto aos talentos

naturais, como a oratória ou a música, ou a administração, essas dádivas naturais e espirituais devem ser usadas na igreja (v. Ef 4.8-12). As dádivas materiais, como o salário, as rendas e as heranças, devem ser gastas de maneira tal que indique que compreendemos que nossos bens materiais nunca foram verdadeiramente nossos. Assim como também não foram de fato nossos os nossos dias. Deus no-los dá para gastar como cédulas que tiramos da carteira de nossa vida.

Jamais conheci alguém que quisesse desperdiçar a vida. Mas conheci bem poucas pessoas que conseguiram tomar decisões e manter-se firmes nessas decisões até compreenderem e se apossarem do sonho e do destino de Deus para elas.

3. O *supremo propósito do cristão é glorificar a Deus* (v. ICo 6.19,20). No espelho dos egoístas, encontra-se o mais diminuto dos deuses. Entretanto, esse pequenino "espelho do eu" é o local de adoração da maioria das pessoas. É possível que, de vez em quando, dêem uma olhadela para além da margem do espelho e vejam que existe uma vastidão mais digna. A maioria, porém, prefere adorar a minúscula auto-imagem e sempre perguntar a cada passo: "Qual proveito há nisso para mim?". Mas o louvor — a adoração autêntica — esmaga esses altarezinhos e obriga esses microidólatras a voltarem à realidade. Louvar a Cristo exige: "Pare de olhar para você mesmo e veja os céus abertos e ouça os serafins clamando: 'Santo, Santo, Santo'. Quebre seu espelhinho, pois para além da sua escravidão ao relógio encontra-se a vastidão da glória de Deus. Nela, você verá o Senhor, alto e sublime, e o louvará. A glória do Senhor o livrará para sempre de seu ego".

Agostinho de Hipona disse que glorificar a Deus é a verdadeira razão de nos terem sido dadas a vida e a existência. Nosso modo de administrar o tempo tende a inclinar-se numa dessas direções: ou empregamos o nosso tempo para engrandecer a Deus, ou para exaltar a nós mesmos. Visto que Deus é o dono dos nossos dias, nossa administração do tempo deve considerar precioso cada segundo.

Usar o tempo sem levar Deus em conta é na verdade perdê-lo. Quer corramos para agradar ao relógio, quer vivamos meramente como escravos de suas exigências, deixamos de compreender que a pressa não substitui a a utilidade projetada.

4. *Somos os mordomos da nossa individualidade gloriosa* (v. lTm 6.20). Não. existem duas pessoas iguais neste universo, e cada um de nós recebeu tipos de dons singulares. Foi atribuída a cada um de nós uma tarefa que ninguém mais consegue fazer exatamente como fazemos. O DNA é a marca cromossômica que Deus imprimiu em cada um de nós para determinar a individualidade única. Essa qualidade incomparável e gloriosa concedida pelo próprio Deus deve incentivar-nos a ser zelosos na administração de nossa vida. Nossa auto-estima nunca deve ser trampolim para a arrogância. Por outro lado, devemos empregar nossos dias de tal maneira que nosso controle do tempo nos permita entrar na eternidade com o elogio de Cristo: "Muito bem, servo bom e fiel]" (Mt 25.21).

Uma palavra final a respeito da tirania da urgência: quase todos nós vivemos a vida servindo a algum tipo de instituição cristã, que pode ser uma igreja, uma faculdade, um hospital ou uma escola. Nesses locais,

nossa vida será dirigida por cronogramas, prazos, fórmulas, programas de grupo — resumindo: restrições impostas pelo relógio. Todavia, o crente que quer uma vida profunda no amor de Cristo não deve permitir que o relógio de ponto e a folha de contabilidade destruam o santo lazer maravilhoso mediante o qual fazemos amizade com Deus. Ser discípulo piedoso significa transcender o relógio, pois estar com Deus exige que entreguemos a vida para ser alguém que espera em Deus pelo alegre prazer de sua companhia.

A VIDA ATENTA

Do lado de fora da janela aberta,
o ar da manhã está impregnado de anjos. [1]
— RICHARD WILBUR

Estamos mais perto do coração
de Deus num jardim do que em
qualquer outro lugar da terra.[2]
— DOROTHY GURNEY

A teologia ocidental, principalmente
depois da Reforma, tem enfatizado
proposições, um modo particular
de conhecer a verdade,
modo este que desvaloriza
a imaginação em favor da razão.[3]
— CHERYL FORBES

---

[1]Cit. Richard FOSTER, *A spiritual Formation Journal,* página sem numeração.
[2]Cit. Woodene KOENIG-BRICKER, *365 Saints,* da leitura de 28 de dezembro.
[3] *Imagination,* Sisters: Multnomah Press, 1986, p. 151.



Quando o pássaro engaiolado canta,
ele está mesmo engaiolado?
Quando a arte viceja na prisão,
será que o artista esteve alguma vez aí encarcerado?

Quem sou eu? Este ou o outro?
Sou uma pessoa hoje e outra amanhã?
Sou as duas ao mesmo tempo, hipócrita diante dos demais
E, diante de mim mesmo, um fracote desprezível e miserável?
Ou existe ainda algo dentro de mim, como um exército derrotado
Fugindo desordenado da vitória já alcançada?
Quem sou eu? Minhas perguntas solitárias zombam de mim. Seja quem eu for, tu sabes, ó Deus, que sou teu![4]

DIETRICH BONHOEFFER

[4]*The cost of discipleship,* p. 20. [Publicado em português com o título *Discipulado* (São Leopoldo: Sinodal, 2002).]

CAPÍTULO 4

ESTÉTICA: DESFRUTAR A BELEZA DE DEUS

Poucos têm a capacidade de desfrutar a beleza de Deus. Nem sempre se encontra essa capacidade na vida dos artistas. O mais provável é que ela resida nos crentes humildes, cuja alma é atraída pela irresistível admiração diante do nascer do sol. Uma pobre mulher metodista escreveu no século XVIII:

Não sei se tive momentos mais felizes na minha alma que quando me sentava no trabalho sem nada diante de mim a não ser uma vela e um pano branco, sem escutar nenhum som senão o da minha própria respiração, com Deus na alma e o céu nos olhos. Alegro-me por ser exatamente como sou — uma criatura capaz de amar a Deus e que precisa ser feliz. Levanto-me e olho pela janela alguns instantes. Contemplo a lua e as estrelas, obra da mão toda-poderosa. Penso na grandeza do universo e depois me sento de novo, considerando-me uma das criaturas mais felizes dessa imensidão.[5]

Deus vive mais livre nos indivíduos cujos olhos se atraem por sua arte. Cristo está no centro das artes e da devoção. A criatividade é um meio de correspondermos a esse centro, onde as artes se transformam em louvor. As catedrais são o trono perfeito desse
louvor. Cada vitral é a adoração reluzente de um artista a Deus. Todo hino é testemunha de que um poeta amou tanto a Cristo que não quis falar dele apenas em prosa.

Os artistas dedicam sua arte a comemorar tudo quanto é essencial em sua alma. Os artistas cristãos também devem existir para glorificar o foco de sua adoração. Portanto, enquanto todos os artistas louvam a maravilha da existência, os artistas cristãos também enaltecem a glória de Cristo. O óleo flui nas telas; o mármore cortado revela a alma; a tinta se derrama nas estrofes; e Cristo é exaltado. É uma pena que os evangélicos não tenham dedicado tanta atenção às artes, uma vez que elas sempre foram a alma da igreja. Ainda pior que desconsiderar as artes, alguns evangélicos se transformaram em mercadores de lixo e trocaram a arte pelas bugigangas dos "*slogans* de fé fabricados". Kathleen Norris lamenta:

> Vemos, em lojas cristãs de presentes, camisetas que retratam Jesus como um carinha da turma: em um uniforme de beisebol, sob a frase "Jesus é meu rebatedor preferido", ou segurando uma guitarra, acompanhado dos dizeres: "*Jesus is my 'Rock' and I'm on a 'Roll".**

" Um pastor que conheço desafiou sua congregação a "ser propagandista do Pai celestial!". Nunca o ouvi citar outra coisa que se aproximasse de poesia.[6]

A Confissão de fé de Westminster declara: "O dever principal do homem é glorificar a Deus e desfrutá-lo para sempre". Existem muitas maneiras de glorificar a Deus, porém, o lixo que leva o nome de Jesus não contém glória e não passa de tolice sem graça de evangélicos que nunca viram ó Senhor glorioso e exaltado. A arte é um meio importante de glorificar a Deus. Contudo, a igreja — principalmente a igreja evangélica — tradicionalmente tem-se comportado de maneira um tanto esquizofrênica quanto a considerar se as artes são ou não um modo santificado de prestar louvor a Deus. Em 1.° de janeiro de 1519, na véspera da Reforma suíça,

---

[5]De Mary Tileston, org., *Daily strength for daily needs,* Springdale: Whitaker House, 1997, p. 21.

*Trocadilho com *rock'n'roll*. A tradução aproximada seria: "Jesus é minha Rocha *[rock)* e minha vida é um sucesso *{I'm on a roll).*

[6] *Amazing grace,* p. 199.

Zuínglio tornou-se o "sacerdote do povo" na igreja Grossmúnster, em Zurique. Enfurecido contra o que considerava "ícones pagãos" da igreja, passou como tempestade pelo templo, rasgando as pinturas, jogando ao chão e esmigalhando as estátuas religiosas. Purificou a igreja de "imagens, órgãos, vestimentas sacerdotais adornadas e toda a miscelânea de costumes humanos".[7] Doze anos depois, em 1531, Zuínglio foi morto numa guerra por liberdade religiosa. Entretanto, nessa época ele já havia estabelecido amplamente os sentimentos reformistas contra as artes religiosas — ou pelo menos contra a idolatria artística. Mas uma grande necessidade no centro da alma humana invalida seu argumento. Oculto no mais profundo do ser humano, existe o desejo de desenhar, pintar e esculpir tudo o que melhor representa nossos valores, o que nos é mais precioso. A passagem impetuosa de Zuínglio pela catedral teve uma conclusão estranha. Em Zurique, existe uma estátua bem esculpida do velho demolidor de imagens, segurando a Bíblia numa mão e uma espada na outra. Se Zuínglio estivesse vivo hoje, essa estátua seria grande demais para ele derrubar. Tudo isso introduz o problema que tem incomodado a igreja há séculos; primeiro com os reformadores, depois com os evangélicos.

Os sermões e os santuários evangélicos foram destituídos tanto de artes quanto de interesse. As conversas religiosas que nos escorrem dos lábios transformaram-se em idolatria da frivolidade. Nossas muitas palavras produzem embotamento da alma, não passam de ladainha morta de tédio. Os artistas entram no debate e estranham que nunca nos cansemos de conversar a respeito de Deus. Thomas Merton declarou que dizer que Deus é amor é semelhante a dizer "coma Kellogg's" — não tem muito interesse.[8] A arte solucionaria parte do problema, mas ela parece irrelevante para os evangélicos. Os evangélicos lêem a Bíblia de acordo com Zuínglio. "Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa" (Ex 20.4). Arão não fez o bezerro de ouro e dessa forma levou Israel ao pecado? Até a serpente de bronze de Números 21 se transformou em "Neustã", objeto de adoração, no tempo de 2Reis 18.4. Josué conclamou Israel a pôr fora os ídolos da Mesopotâmia e do Egito. Habacuque ressaltou que os ídolos eram mudos diante de quem os fizera (v. 2.19). Qual exatamente é a questão central? O ídolos são mudos e impotentes como deuses. Entretanto, nem toda estátua é um ídolo; os

ídolos não são arte. A arte é a *expressão* do nosso louvor — o ídolo é *objeto, alvo,* desse louvor.
Gosto de pintar. Também amo a Cristo. Quando vi pela primeira vez uma reprodução do quadro *Cristo de João da Cruz,* de Salvador Dali, fiquei completamente dominado por sua mensagem majestosa. Quando mais tarde fiquei sabendo que Dali era ateu (fato que a maioria dos evangélicos talvez não reconheça), fiquei mal-humorado. Ele pintara a tela para negar a divindade de Cristo, e eu comprara a reprodução para celebrá-la. O que Dali celebrou? Nada mais que sua própria filosofia. Mas eu não adorava o quadro. Simplesmente permiti que a excelência da tela representasse a minha definição de tudo quanto Cristo fez na cruz.
A arte é louvor — louvor supremo — e se manifesta em vários graus de excelência. Quando Handel foi tocado por Jesus, escreveu "O Messias". Quando o Senhor tocou Fanny Crosby, ela escreveu "Que segurança!". Quando uma cantora *country* foi tocada pelo mesmo Senhor, escreveu: "Sou uma simples vaqueira de Jesus no curral do Espírito Santo". Qual dessas peças é mais valiosa? Deixemos de lado todos os institutos de pesquisa de opinião. Em cada um desses casos, Jesus foi louvado por um artista específico de uma maneira que, para esse indivíduo, era adoração. Jesus salva. Proclamamos sua glória. Nasce a arte. Ela só se transforma em idolatria quando nosso louvor a Deus morre e tudo que resta é a adoração da arte pela arte. Os ídolos nascem quando os artistas cessam de adorar a Deus e começam a cantar o *Te Deum* em louvor de seu próprio gênio. Os ídolos sempre são deuses do ego. Os artistas que não querem oferecer a Deus a negação de si mesmos começam a adorar seu próprio gênio criativo. Os ídolos são retratos pessoais do interesse próprio. Existem para assegurar aos adoradores que estes podem fazer o que querem.
Mas pode o artista realmente viver uma vida de abnegação e pintar, escrever ou esculpir? Essas
atividades não existem para gratificar o pintor, o escritor e o escultor? Algum poeta escreveria

---

[7] *Holman Bible dictionary,* Nashville: Holman Bible Publishers, 1991, p. 870.
[8] *The spring of contemplation,* p. 6.

uma poesia para Deus somente, sem jamais se dispor a deixar outra pessoa lê-la? É claro que não!
As artes surgem do ego e não se contentam em criar obras que ninguém jamais veja. Todo artista quer que sua arte seja a celebração pública do seu caso de amor com a vida. O artista cristão, no entanto, quer mais — quer que Jesus seja honrado pelo que pintou, escreveu ou esculpiu. O artista cristão vive segundo um foco estético cujos valores são transcendentes e perpétuos. Quando as pessoas exaltam juntas essa arte, nasce a comunhão. De fato, quando exaltam juntas as artes cristãs, a própria igreja está adorando, e aí está o reino de Deus.
Por que, então, a maioria dos evangélicos e protestantes tem essa antipatia pelas artes? Porque para eles as artes parecem atividades triviais diante de todas as coisas onipotentes que Deus comissionou a igreja para realizar. A igreja, afinal, existe para conclamar o mundo à salvação. Por que deveríamos dedicar tempo a pintar, esculpir, escrever, cantar, tocar ou fazer representações dramáticas, enquanto o mundo corre o perigo do fogo do inferno? Certa vez, dei uma pintura de flores a um amigo, que me disse: "Você sabia que, enquanto se dedicava a essa obra, muitas pessoas morreram e foram para o inferno?". Lamentei não ter dado a tela para outra pessoa.

Pode-se esculpir uma estátua de Cristo que nunca se transforme em ídolo. O indivíduo que se detém para contemplar a escultura faz dela uma obra de arte ou um ídolo. Se a obra leva o adorador para além de si mesmo, trata-se de arte. Se faz o adorador parar e exige todo o foco da atenção, trata-se de um ídolo.

A diferença pode achar-se no modo que o adorador enxerga Deus. Os ídolos podem nos intrigar e até tornar-se objetos de idolatria, mas não causam a idolatria, não transformam o adorador. Tenho um neto que veio morar conosco aos dez anos de idade. Ele é da Tailândia, onde foi criado de acordo com os preceitos budistas. Temos procurado, com brandura, levá-lo a Cristo. Certo dia, depois de uma aula da Escola Bíblica Dominical, ele disse à mãe:

— Mamãe, você sabe por que gosto mais de Jesus do que de Buda? A mãe (minha filha), confusa com a pergunta, respondeu:

— Não, por quê?

— Porque — continuou —Jesus disse ao mar: "Aquiete-se! Acalme-se!", e o mar lhe obedeceu. Mas Buda... ora, ele não faz nada além de ficar sentado.

A seu modo, o menino parafraseara Habacuque 2.19, dizendo que os ídolos são realmente mudos diante dos que os fazem.

Não concordo com o que Doré disse a um de seus alunos (que estava pintando um quadro de Cristo): "Você não o ama, senão o teria pintado melhor".

Nós que o amamos o pintamos tão bem quanto nossos talentos limitados permitem. Gostaríamos de poder pintá-lo melhor, mas precisamos pintá-lo, precisamos louvá-lo. Amamos o Senhor demais para deixar de ser criativos. Por isso, criamos. Se não temos a excelência para pintar uma obra-prima, ele compreenderá. Fizemos o melhor que podíamos e, se pudéssemos fazer ainda melhor, faríamos logo, pois nosso amor por ele exige os melhores esforços.

As crianças sempre desenhavam durante meus sermões. Antes, isso me deixava preocupado, porque achava que desenhavam por tédio. Achava que, se eu conseguisse pregar melhor, elas desenhariam menos: Entretanto, frequentemente me davam seus desenhos na porta dos fundos, depois dos cultos. Uma das crianças me desenhou no púlpito e Jesus pairando sobre mim. O desenho serviria para o Louvre? Não é essa a questão! A menina registrara uma visão de como queria que Cristo fosse, e conforme eu precisava que fosse.

Quase nunca começo a pregar sem visualizar mentalmente o desenho dela, definindo minha vida conforme eu gostaria que fosse. A menina teria pintado Jesus melhor se o amasse mais? Acho que ela o amava de verdade, mas não tinha condições de pintá-lo melhor que aquilo. E, assim, os anjos cantaram e Cristo foi louvado. A arte falou com glória!

A arte é como fazemos Deus belo, e sua beleza é uma das razões por que o adoramos. O evangelho sempre tende a lidar com o desespero do pecado da raça humana. Nunca, porém, devemos permitir que o desespero destrua nossa adoração ao Deus da beleza.

Andando pelo Rijksmuseum, em Amsterdã, senti-me um anão diante das grandes telas de Rembrandt. Fiquei ainda mais impressionado com a história que o curador do museu contou a respeito dessas telas enormes na Segunda Guerra Mundial. Quando os holandeses perceberam que estavam prestes a ser conquistados pelo Terceiro Reich, tiraram as telas pesadas das barras imensas que as esticavam e as enrolaram como tapetes. Lacraram-nas com cera e começaram a enviar pinturas esplêndidas como *A vigília noturna* e *Mestres holandeses* para todas as partes da Holanda, numa operação vasta e sigilosa. As telas foram passadas de galerias para

celeiros, silos, moinhos, armazéns, tudo na tentativa de manter a alta cultura holandesa longe das mãos dos nazistas.
Quando o guia do museu me contou essa história, comecei a perceber quanto as crises políticas são inimigas da arte. As pinturas e as esculturas raramente vicejam em tempos de guerra. Podemos pintar posteriormente nossos heróis de guerra, mas as batalhas propriamente ditas excluem as artes.
O desespero ameaça deixar a cultura destituída das artes.
Se isso, porém, ocorre no âmbito político, é ainda mais comum no sentido espiritual. O desespero no centro do cristianismo às vezes impede que nos deleitemos em Deus. A teologia existe para lidar com o desespero. A própria palavra "salvador" significa "libertador" — e nossa pregação é tão séria quanto as últimas palavras do nosso Salvador: "Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas" (Mc 16.15). O desespero raras vezes é amigo das artes.
No entanto, nossa condição desoladora, depois que somos redimidos, transforma-se rapidamente em exultação apaixonada e jubilosa. Nosso descontentamento é envolto numa bem-aventurança tão arrebatadora que precisamos convocar os poetas e pintores para nos ajudar a louvar a Deus. Ele agiu em nosso favor para nos salvar. Por isso Miriã, chegando ao outro lado do mar Vermelho, precisou cantar e tocar tamborim, e Paulo, no meio de suas instruções aos coríntios boêmios, precisou parar e cantar 1 Coríntios 13.
Somente mediante a influência do Espírito Santo, Paulo seria capaz de cantar um hino tão belo — resultado de uma adoração tão fabulosa. Como Maria de Nazaré cantou o *Magnificat?*
Na minha opinião, ficou espantada com as imensas exigências de Deus. Então, o Espírito operou. E a força transbordante da adoração dela derramou-se. A poesia muito além da capacidade de sua juventude foi brotando do seu íntimo. O mesmo ocorreu com o apóstolo João, quando escreveu e registrou as doxologias do Apocalipse. O céu inteiro estava ao seu redor. O êxtase deslumbrante assumiu o controle, e o Espírito cantou sobre a nobreza da vinda de Cristo: "Digno é o Cordeiro de receber glória!". Poesia excelentíssima! Arte transcendente!
A arte pressupõe o louvor e a exaltação da beleza como a obra da imaginação humana. Mas nem todos os evangélicos concordam que a imaginação seja algo bom. Alguns a consideram pecado. Apesar disso, as palavras "imagem" e "imaginação" provêm da mesma raiz, e Gênesis insiste que somos feitos à imagem de Deus, a *imago Dei,* a humanidade tal como Deus imaginou que fôssemos. Por certo, a imaginação é uma das evidências de que somos feitos à imagem de Deus. Somos, na verdade, a sua arte.
Cheryl Forbes diz:

> Não importa qual seja o relacionamento, a imaginação é o ingrediente essencial para o sucesso ou para o fracasso. Os relacionamentos conjugais ou vicejam, ou morrem por causa da imaginação, assim como os relacionamentos entre pais e filhos, entre colegas de trabalho, entre patrões e empregados.[9]

Pergunta-se por que a imaginação é tão pouco estimada entre os evangélicos. Nosso senso de urgência impede que parte do mundo vá para o inferno, mas nossa falta de interesse pelas artes certamente tornou menos interessante nossa ida para o céu. Parece que a arte passa por nós e não a notamos. Exceto uma explosão de romances acerca do juízo final, os principais génios das artes são quase todos seculares.

Por quê? Não que aos cristãos falte o génio necessário. É porque não conseguimos enxergar a arte como o canal sublime de louvor que realmente é.
O conde Leon Tolstoy converteu-se depois de escrever suas melhores obras de ficção. Sua mulher, Sônia, lastimou-se do fato de ele ter levado tão a sério a conversão. Tolstoy dedicou-se a publicar folhetos religiosos e peças com fundo político (no interesse de ver os pobres da Rússia tratados com justiça). Com fervor, libertou seus servos. Doou suas riquezas por causa do amor a Cristo que acabara de descobrir. Tornou-se sapateiro, fazia suas próprias botas e viveu

---

[9]FORBES, p. 151.

entre os pobres como pobre. Quando morreu, em 1910, alguns diziam que a Rússia tinha dois czares. Um deles elevou-se às alturas da estima nacional por ter vivido uma vida sacrificial.
Seria uma bela história. Mas seus bons anos de romancista foram todos vividos antes da conversão. A partir de então, produziu pouca coisa digna da arte. Mesmo assim, quando nos lembramos dele, não são seus anos religiosos, mas seus anos artísticos que permanecem em nossa memória. É triste precisar separar os anos de artista dos de vida cristã. Mas, afinal, os cristãos quase sempre consideram a escrita de um folheto, mesmo sem muita qualidade, melhor emprego do tempo do que a dedicação à escrita de um grande romance.
O cristianismo poucas vezes viveu em paz com as artes. O sentimento entre os cristãos é de que as coisas bonitas perdem lugar diante do desafio das coisas urgentes. É hora de enfrentar os fatos. Tanto a arte quanto a fé têm um foco comum: a vida. Tanto artistas quanto pregadores procuram examinar a fundo qual a natureza da vida e como deve ser vivida.
Bem-vindo à arte! A graça é agora! Deus é agora! O louvor é agora! A arte é agora!
Pois bem, não podemos justificar a escrita de romances cristãos muito ruins como evidência de que até os maus artistas estão dando o melhor de si? É claro que sim. O erro de elogiar a arte inferior encontra-se no fato de impedir o interesse do espectador de penetrar além dos níveis iniciais da excelência. O mesmo ocorre quando um cantor *country* escreve: "Jesus, dá-me um chute de primeira, para dentro das traves do gol da vida". Essa canção talvez seja a melhor que o artista consiga produzir, mas pode impedir para sempre que o ouvinte chegue até Handel. O ideal é que a arte nos ajude a crescer na sede de excelência, e não estacionar em níveis ingénuos de apreciação. Jesus deve ser louvado com as poesias mais delicadas, com as antífonas mais exaltadas, com as formas mais grandiosas no mármore. Handel ansiava não somente por louvar a Cristo, mas por fazer isso do auge do gênio humano.
Não foi no domingo na igreja, mas no sábado, no cinema Mecca, que fiquei me perguntando por que os cristãos criticavam *Branca de Neve* e O *mágico de Oz.* Por que, pensava comigo mesmo,
os cristãos não podiam sentir prazer em assistir a *Branca de Neve?* Conforme já mencionei, também condenava meus sentimentos em relação a Hopalong Cassidy, Lash LaRue e Gene Autry. Entretanto, esses filmes desempenhavam na minha vida o que a arte devia desempenhar: sair por um pouco da vida em Enid, Oklahoma, e do município de Garfield, que, segundo dizia nosso pastor, estava prestes a "sentir a vara de Deus". Ele dizia também que as pessoas precisavam desistir do fumo e do rapé, senão o Apocalipse chegaria e Jesus pisaria as uvas da ira nas campinas planas e límpidas ao redor da igreja. A vaidade seria julgada primeiro. Portanto,

nada de artes! Nada de jóias! Nada de cosméticos! Nenhuma cruz dourada em nossas construções eclesiásticas austeras, *do* tipo quacre.
O pior pecado era não haver grandeza de idéias em nossa igreja. Nossa igreja era pequena, muito pequena, mas do tamanho certo para nossa visão de mundo. Nunca naquela igreja fui levado a tomar consciência do tamanho do mundo em 1946. Nunca falávamos muito ali na nossa igrejinha a respeito dos horrores de Auschwitz, na Polônia, mas apenas a respeito dos abomináveis "pecados de Garfield de aspirar rapé". Acho que na década de 1940 Garfield estava quase isenta de pecado comparada a Berlim, onde o império maligno, na sua cobiça do poder, assassinava milhões de pessoas.
Nossa igreja estava presa em tamanha ingenuidade espiritual que nunca falávamos do Holocausto. Confesso, para vergonha nossa, que isso não era considerado importante num mundo em que um número muito grande de pessoas continuava fumando e indo ao cinema. Por que tantas pessoas morriam na Alemanha e na Polônia distantes? Quem poderia dizer? Mas acreditávamos secretamente que alguns nazistas deviam ter cheirado um pouco de rapé para deixar Deus tão irado.
Em nossa igreja, tínhamos uma pequena gravura de Jesus. Ele era muito bonito, vestido de púrpura, orando numa rocha no Getsêmani. Eu não sabia exatamente por que ele orava. Parecia-me que estava orando pelas almas perdidas de Garfield. Havia muito pecado em nosso município — muitas pessoas fumavam e jogavam baralho.
Aquele quadrinho não era arte perigosa. Jesus não estava conclamando uma reforma mundial ou algo assim. Estava simplesmente orando, como nós devíamos estar, para que o reavivamento chegasse a Garfield. Assim, as pessoas queimariam os baralhos e deixariam de comprar cerveja.A arte entre os evangélicos ainda parece muito imatura. De alguma forma, falta-lhe grandeza. Em meio à felicidade que centraliza nossa atenção, parece que a arte é irrelevante. Somos um grupo feliz. Estonteados pelas guitarras, cantamos e balançamos com os corinhos eletrônicos (antes, acústicos). Às vezes, falamos do céu, mas nunca do inferno. Sem o desespero da eternidade, estamos ligados demais àquilo que Jesus pode fazer por nós aqui e agora.
No Museu do Prado, o reverente temor de *Trindade,* quadro de El Greco, me fez parar. Essa pintura retrata Deus-Pai recebendo Deus-Filho de volta ao céu depois da crucificação, enquanto Deus-Espírito Santo paira acima como um pombo. O cenário da pintura é o céu, pois a maioria dos artistas dessa época acreditava no céu e o celebrava. Hoje, brilham poucas imagens de Deus como essa. Estamos envolvidos demais no cristianismo do tipo "como fazer". Vegetais falantes contam a nossos filhos histórias bíblicas sobre bom comportamento. Séries de vídeo instruem nossos adultos a construir relacionamentos. O céu e o inferno nem são retratados, nem recebem muita atenção; foram forçados pelas coisas do aqui-e-agora a ficar sentados no cantinho, esperando até ser chamados.
A arte grandiosa que nos pode libertar está em falta, por algum motivo. A maioria dos evangélicos se vê obrigada a reconhecer que, se alguém quiser mesmo ver arte e arquitetura cristãs de fato grandiosas, terá de visitar as catedrais, pois a arte grandiosa não tem atenção nem importância em nossas igrejas. É menos importante do que esportes e festas. As pessoas com sensibilidade estética reduzida não conseguem inspirar a adoração mais transcendente. Às vezes, é difícil dizer se na igreja temos a alegria genuína ou um simples caso de risos altos e gratuitos. Ao nosso cristianismo falta uma beleza madura. Ele não tem arte que se harmonize

com nosso furacão de louvor rico em calorias. Estamos tontos com a cintilância, famintos de grandeza.
Mas por que pararíamos para considerar as artes?
Por dois motivos: primeiro, a arte nos situa na condição humana; segundo, é o meio de os artistas — cristãos — se caracterizarem.

A ARTE NOS SITUA NA CONDIÇÃO HUMANA

A forma mais popular de arte entre os evangélicos talvez seja a narrativa. Quando eu era criança, gostava das histórias da minha avó Kent, cujo primeiro nome era Sadie e o segundo, Nebraska.
— Por que Nebraska? — perguntei-lhe certa vez.
— Porque nasci numa carruagem coberta no Nebraska em 1882 — respondeu. — Estávamos a caminho para nos estabelecer em algum lugar no Oeste quando meu pai mudou o rumo para o sul, para Oklahoma.
A história singela me agradava. O ano 1882 parecia muito distante quando ela me contou essa história em 1940.
Sempre que minha avó vinha a Oklahoma do norte, eu queria escutar aquela história de novo. E mais uma vez me contava como veio a se chamar Sadie *Nebraska* Kent. Ela morreu em 1951, e minha mãe e eu frequentemente falávamos de nossos ancestrais das pradarias. Mamãe, que nascera no território dos índios, nunca se cansava de nos contar nossa história. Com o tempo, cresci e voltei para Nebraska como pastor. Meus filhos nasceram no estado que fazia parte do nome de minha avó. Eles também quiseram ouvir as histórias do nosso clã, os Millers.
Eugene Peterson diz que contamos histórias "a fim de nos situar na condição humana".[10] Concordo! As histórias realmente nos localizam na condição humana e vinculam nossas famílias entre si e à terra. Sadie Nebraska Kent ajudou-me na minha infância a encontrar meu espaço no tempo.
A primeira forma artística das nações primitivas é em geral as sagas dos clãs. A maioria das nações antigas era formada de famílias que se expandiram. No começo da história de Roma, surge a lenda dos gémeos, Rómulo e Remo, que brigaram entre si. No início da história da cultura dos índios Anasazi, no sudoeste da América do Norte, conta-se que a vida surgiu do ventre espiritual de Sipapu. No início da nação hebraica, há o clamor de quem pode ter sido um adorador da lua — Abrão de Ur e Sarai, sua mulher. Em alguns casos, essas histórias, pelas quais um povo se lembra das suas origens, são míticas e, às vezes, arquetípicas. Mas sejam

---

[10] *Working the angles,* Grand Rapids: Eerdmans, 1987, p. 19.

verídicas, sejam fictícias, essas narrativas passam a ser uma espécie de cimento que agrega a cultura.
As histórias, assim como as bolas de neve que rolam, crescem à medida que são contadas.
São os acréscimos que achamos fascinantes. Os acréscimos entrelaçam as lendas e as histórias de tal maneira que é difícil separá-las. E verdade que Davy Crockett matou mesmo um urso quando tinha apenas três anos de idade? Embora eu tenha visto crianças violentas e incontroláveis nos jardins de infância das igrejas batistas, duvido disso.
Todas as comunidades gostam de histórias que sejam contadas para a sua própria comunidade e para a qual os vários elementos das histórias se encaixam. Portanto, embora pareça que o hino fundamental da igreja seja "Conta-me a velha história", os habitantes da classe média estão na verdade cantando: "Conta-me a velha história da classe média!".

Precisamos deixar que o poder de nossas histórias amplie, e não estreite nossa província. As histórias universais podem acabar com as províncias. Por que escolhemos um Cristo de classe média alta para os moradores dos bairros de classe média alta? Ou um Cristo lançador de granadas para os teólogos da libertação? Desse modo, temos apenas um tipo específico de enfoque limitador. Estamos reduzindo a grandiosa história do evangelho para caber num gueto. Por que fazemos isso? Porque os guetos são cómodos, de fácil manejo. Podemos viver em segurança quando mantemos em nível provinciano nossas histórias de Cristo. Fazer Cristo à nossa imagem evita o esforço doloroso de nos conformar à imagem dele. Nada é tão maravilhoso quanto a ingenuidade, mas é difícil ser tão ingénuos quanto gostaríamos de ser. Na realidade, somos desonestos ao proteger nosso entendimento do mundo usando o artifício de nos esconder atrás da nossa ingenuidade.

A história de Cristo e nossa proclamação dela constituem a arte central do cristianismo. É arte universal. É a arte que impulsiona todo o empreendimento missionário. Em última análise, Cristo foi pendurado numa cruz porque suas histórias eram universais numa província. Cristo deve ser louvado porque lançou mão dos discípulos, nada cosmopolitas, e disse: "Sua Galileia confortável já se foi
todos vocês são administradores do mundo. Portanto, vão! Com todas as suas limitações, falando num aramaico desinteressante nos guetos vivazes de *Roma,* contem as verdades universais — as únicas que importam". Gosto mesmo de pensar em Pedro, o pescador da Galileia que se viu tão cativado por essa história que morreu a mais de três mil quilómetros do lago onde um carpinteiro comum ensi-nou-lhe que ele era responsável pelo mundo.

A história de Jesus interage com a nossa e, num átimo, nasce o testemunho pessoal. Mas, no cruzamento dessas histórias, nossa pequenez deve ser deixada de lado. A própria expressão artística nos torna maiores.

O problema é que Deus quase sempre pede que realizemos tarefas que nos amedrontam mortalmente. Queremos permanecer em nosso bairro, mas Jesus nos ordenou que fôssemos por todo o mundo. Assim como aqueles primeiros discípulos da Palestina, somos obrigados a entrar na imensa pluralidade de culturas.

Quando nos achamos jogados no meio de um quebra-cabeça tão grande, como continuar pregando a verdade salvífica singela neste mundo tão complexo? Nosso mundo parece grande demais para nosso minúsculo Cristo transformar. Então, Jesus começa a preencher nosso vazio cósmico e, de repente, ele se torna maior, e nós também nos tornamos maiores, e Deus revela-se totalmente capaz. Depois disso, nós o pintaremos com pinceladas grandes em telas enormes e ouviremos a sua glória cantada no Lincoln Center. Mesmo assim, o famoso salão de concertos, tão grande, fica pequeno demais para conter a vastidão do nosso louvor. Cristo também cresce, fica cada vez maior. Finalmente, ele nos enche de tamanho temor que o melhor dos poetas tem medo de pegar a caneta e escrever com tinta comum acerca da grandeza de Deus.

Deus, vasto e indescritível, é alimento para a imaginação do artista. O Louvre e o Prado estão repletos de arte bíblica que nos roga que vejamos esse Deus grande e milagroso. Mas Paulo (v. Rm 1.20-23) afirma que os artistas que rejeitam a Deus começam a criar ídolos a sua própria imagem. Animais quadrúpedes, criaturas rastejantes e Principalmente seus próprios corpos, lamenta o apóstolo. Os ídolos não provêm de corações amplos e de imaginações grandiosas. Os ídolos são obra de imaginação mesquinha, que exalta os mais vis apetites, por nunca ter conhecido o atrativo do que é grandioso e santo. Os bezerros são a obra de cintilância falsa daqueles que,

como Arão, nunca atravessaram as encostas superiores do Sinai. Mas os que passaram por essas encostas encontram-se com Deus, o único alimento que lhes pode saciar a fome.
A tragédia das artes cristãs na era do bezerro de ouro da igreja é que perdemos o "sentido universal" de demonstrar quanto Deus é belo. Entretanto, existe ao mesmo tempo o florescimento de uma arte específica nessa cultura narcisista. Essa arte é por demais imatura para desafiar quem a contempla a fazer uma bela proclamação.
E a igreja? Não pode pintar nem compor uma antífona sublime à glória de Deus? Talvez, mas ela é muito mais um centro comunitário do que um conservatório. Nossa cultura atual de unificação indutiva em geral glorifica nada mais que o futebol suburbano e os jantares de confraternização. A aldeia global não serve apenas para a curtição das três guitarras brancas, de classe média alta e de fácil manuseio. Além disso, nossa arte tem perdido boa parte do senso de transcendência gloriosa. Na realidade, tudo gira em torno do aqui e agora, já que o lá e o eterno são considerados irrelevantes.
William Carey certa vez tirou o mapa do mundo de sua oficina de sapateiro. Depois, parou de fazer sapatos e viveu a vida de modo mais global. Carey conhecia a verdade — os contos em geral não passam de um neoprovincianismo que empregamos para nos proteger. A idéia de que somos sal e luz foi trocada em nossa insípida criatividade artística por uma cómoda inércia. Precisamos orar: "Jesus, varre para longe a mediocridade do nosso louvor. Que te louvemos com arte mais sublime, universal".

A ARTE É O MEIO DE TODO CRISTÃO SE DEFINIR

Ayn Rand disse certa vez que a arte é o homem definindo a si mesmo. Uma vez, no Novo México, levei na mochila uma tela enorme até uma cachoeira numa montanha que sempre considerei belíssima.
Minha intenção era retratá-la. Minha mulher estava me acompanhando, e na mochila dela havia alguns romances para ela ler enquanto eu pintava. Comecei a fazer um estudo monocromático azul e resolvi chamá-lo de "cachoeira azul". Imaginava que o resultado seria belíssimo. Quanto mais pintava, no entanto, mais desprezava o meu trabalho. Finalmente, resolvi que não queria ter aquele quadro horrível na minha casa, muito menos em nenhuma exposição. Assinei como Kris Kringle e deixei-o encostado numa árvore, esperando que o Papai Noel não sentisse vergonha de um presente assim. Sei que era uma maneira de entulhar o meio ambiente de lixo. Talvez ainda esteja lá ou alguém que não entenda de arte o tenha levado na mochila de volta à civilização, onde talvez fique em alguma parede de um desconhecido americano, deixando as visitas constrangidas. Apenas sei que eu não queria de modo algum que o quadro representasse uma definição de mim mesmo.
Os cristãos estão dispostos a retratar a beleza de Deus e deixar que seus impulsos criativos sejam a arte que os defina? Talvez a expressão artística de que devamos nos tornar adeptos seja o modo de contar a história do evangelho. Nossa história é mais significativa quando toca os céus no desejo de definir a Deus. Billy Budd retrata Herman Melville. O rei Artur define a Inglaterra antiga. Miles Standish ou Paul Revere é a história dos Estados Unidos. Jubilation T. Cornpone é a saga para conclamar a luta o patriotismo. Não tenho certeza se Evita Perón é a história que define a Argentina para os argentinos, mas, cada vez que ouço *Não chores por mim, Argentina,* tenho vontade de chorar pela Argentina e, uma vez que quase nunca sinto vontade de chorar pela Bolívia nem pelo Paraguai, suponho que a arte da história contada por Andrew Lloyd Webber defina a nação

argentina para mim. As histórias e os contadores de histórias definem áreas inteiras de nossa vida.

Devo confessar que sinto falta daqueles evangelistas dramáticos do fogo e do enxofre que conheci na minha infância. Os sermões me aterrorizavam, mas pelo menos me interessava por eles. E difícilmente podiam ser rotulados de inócuos ou de agradáveis para o ouvinte. Hoje, o máximo de adrenalina que vejo no culto tem a ver com o anúncio da data de um novo megaencontro. Depois disso, o sermão não-transcendente e tedioso começa seu zunido de baixa qualidade exegética sobre como fazer isso ou aquilo. Já estou cansado dos pregadores que me dizem com hálito perfumado como devo ser bonzinho! O Senhor! Usa-nos para criar um evangelho com valores artísticos.

Somos tão inócuos que já não clamamos para descrever a beleza de Deus. A sensação do Apocalipse desapareceu de nossos sermões fáceis de consumir. Isak Dinesen confessou que gostava de ser acordada com notícias realmente importantes. Certa manhã, Kamante, seu ajudante, acordou-a com a ameaça: "Msabu, acho melhor a senhora se levantar — acho que Deus está chegando". A sra. Dinesen escreveu:

Vi através da janela um fenômeno estranho. Havia um grande incêndio de capim nas colinas distantes, e o mato se queimava do topo das colinas até a planície [...] Fiquei observando durante algum tempo, com Kamante ao meu lado, também olhando, e depois comecei a lhe explicar o fenômeno [...] pois achei que ele estivesse amedrontadíssimo. Mas a explicação não lhe parecia impressionar muito [...] Respondeu: "Tudo bem, pode ser. Mas eu pensei que seria melhor a senhora se levantar, caso fosse a vinda de Deus.[11]

O Apocalipse focaliza a grande arte — Deus de fato está voltando.

CONCLUSÃO

Costumo dar uma palestra intitulada "Cristo e Prometeu". Na lenda grega, Prometeu é o titã que furtou o fogo dos deuses do Olimpo e o deu à humanidade. O fogo é o próprio símbolo das artes. E Prometeu, o do artista. Como castigo, Zeus acorrentou Prometeu a uma rocha onde um abutre enorme vinha todas as manhãs e lhe arrancava o fígado. O fígado voltava a crescer durante o dia, e era arrancado novamente na manhã seguinte.

Que artista não conhece a amputação visceral que a arte exige? Tanto a arte quanto a fé conhecem essa agonia. Que servo de Cristo não anseia por entregar ao Senhor cada vez mais sua vontade interior? Que poeta não se sente como se suas vísceras estivessem sendo arrancadas pela necessidade de honrar a Jesus com arte maior do que o artista pode produzir? Desejamos louvá-lo melhor do que louvamos — com arte muito melhor. Queremos tornar todas as coisas pertencentes a Deus mais belas do que podemos.

O verdadeiro louvor, de qualquer tipo, é tão apaixonado que nos deixa fracos no final.

Nós amamos muito a Deus para cessar de retratá-lo, mas, nos abominamos porque nosso pouco talento não consegue torná-lo suficientemente real. Continuamos, porém, nos esforçando! Precisamos fazer o que conseguimos — tudo quanto for possível; qualquer coisa menos que isso seria blasfémia.

John Donne, depois de não ter conseguido com várias tentativas obter nenhum emprego importante na Inglaterra, decidiu que a homilética era melhor que o desemprego e aceitou um trabalho de pregador. Entretanto, ele se saiu tão bem no ofício que se tornou deão da Catedral de St. Paul em 1621. Durante os oito anos de seu ministério, três ondas violentas de peste

bubônica varreram a cidade de Londres, sendo que a última matou mais de quarenta mil pessoas. Em 1623, John Donne achou que contraíra a peste. Na verdade, seus médicos tinham total certeza disso. Enfrentou com coragem a quarentena, mas, visto que rejeitava a justiça de Deus, achou que ele o isolara com a enfermidade e o deixaria morrer.
Acamado e doente, ficava imaginando se os sinos que escutava estariam anunciando sua morte iminente, que todos os seus amigos davam como certa. Confessou ter passado uma noite de inquietude em que escutava amigos e médicos sussurrando no aposento ao lado e entendia que se tratava de uma confirmação a mais de que estava morrendo. Os sinos de novo... estava morrendo? Os sinos anunciavam sua morte? Ou tocavam por outra pessoa? Foi assim que
escreveu as linhas, agora famosas:

> Nenhum homem é uma ilha: cada um faz parte do continente, parte da terra firme [...] A morte de todo e qualquer homem me diminui, pois estou envolvido na humanidade. Por isso, nunca mande saber por quem os sinos dobram; eles dobram por você.[12]

O soneto de John Donne na verdade não é tão importante quanto a história do próprio Donne. Não havia contraído a peste e voltou à pregação (que alguns davam a entender que era quase tão ruim quanto a peste). Mas é a arte que de fato importa; ela é a alma do louvor. Certa vez, escrevi estas palavras no meu diário:

---

[11]*Out of Africa,* New York: Vintage Books, divisão da Random House, 1985, p. 42-3.

Venhamos exaltar a Cristo
com esculturas e estrofes,
caligrafia e bronze,
com óleo ou litografia,
vidro ou mármore,
com ouro derretido ou gelo,
bandeiras e brasões,
ele é Deus!
Digamos assim: Que as obras de nossas mãos
exaltem a Cristo em toda igreja.

Que nossa arte diga: "Prestem atenção em nosso Deus. Ele nunca pode ser enfadonho. Ele redime e dá vida. Ele é eternamente belo".

---

[12]Devotion upon emergent occasions, *The world treasury of religious quotations,* p. 92.

Os que seguem a Deus com reverência fiel e ardem no seu amor com devoção digna não se distraem temerosamente da glória da bem-aventurança sobrenatural por nenhum impulso de injustiça.[1]
— HlLDEQARD DE BlMGEN

Porque Francisco e seus companheiros foram chamados por Deus e escolhidos para testemunhar no coração e nas obras, e pregar com a língua a cruz de Cristo, pareciam — e eram mesmo — homens crucificados [...] Porque preferiam suportar a vergonha e as ofensas por amor a Cristo a receber o respeito e o louvor dos homens [...] e assim passaram pelo mundo como peregrinos e estrangeiros, levando consigo nada senão o Cristo crucificado.[2]
— UGOLINO

Certo irmão perguntou aos anciãos: — São dois irmãos, um deles permanece orando em sua cela, jejuando seis dias seguidos e fazendo

grandes penitências. O outro cuida dos doentes. De que obra Deus mais se agrada? O ancião respondeu: — Se o irmão que jejua seis dias seguidos se pendurasse pelo nariz, não poderia igualar-se ao que cuida dos enfermos.[3]
— Os PAIS DO DESERTO

---

[1]De *Secrets of God,* sei. e trad. Sabina Flanagan, Boston: Shambhala, 1996, P. 12.
[2]De W. HEYWOOD, org., *The little flowers of st. Francis of Assisi,* New York: Vintage Books, 1998, p. 14.
[3]Ditos dos Pais do Deserto, Take care of the sick, in: Andrew HARVEY, Org, *Teachings of the Christian mystics,* Boston: Shambhala, 1998, p. 42.

Exercite o amor por coisas dignas todos os dias, até que tudo que você ama seja digno de sua prática.

Não pergunte se algo é prazeroso. Pergunte se é digno do amor. Pergunte se deve depender disso.
Como encontrar a resposta? Existe um argumento infalível ou um versículo das Escrituras que o ilumine? Você pode pensar em algum exemplo, princípio ou sacramento que o prepare para descobrir isso?

É possível discernir se um objeto é feito de ouro. Mas como poderá saber se é digno do seu amor ou se você pode depender dele? Ser feito de ouro é uma coisa, mas ser digno de amor é coisa bem diferente.
Desejar roupas e bens refinados é como pintar lenha. São coisas consumíveis. As roupas nos protegem seja qual for a cor delas. O alimento comum satisfaz sua fome. Deseje aquilo que é certo para você.[4]

— GUIGO I

[4]Meditations, *Near to the heart of God,* comp. Bernard Bangley, Wheaton: Harold Shaw Publishers, 1998, da leitura do dia 8 de julho.



CRISTO: O DESEJO DO CORAÇÃO

Cristo é nosso tudo em tudo. A oração celta, chamada "Peitoral de São Patrício", convida a importar-nos com Jesus. Devemos ficar tão absorvidos em Jesus que a consciência de sua proteção e sua presença nos cerque.

Seja Cristo hoje meu forte protetor:

contra o veneno e as queimaduras,
contra o afogamento e as feridas,
com recompensas amplas e sobejantes [...]
Cristo a meu lado, Cristo adiante de mim;
Cristo em minha retaguarda, Cristo dentro de mim;
Cristo embaixo, Cristo em cima;
Cristo à minha direita, Cristo à minha esquerda;
Cristo quando me deito, me sento, me levanto;
Cristo de todos os que me conhecem,
Cristo na língua de todos os que se encontram comigo,
Cristo no olhar de todos os que me vêem,
Cristo nos ouvidos de todos os que me ouvem.[5]

Essa oração celebra nossa segurança, mas nosso ego está sempre no corre-corre atrás de saúde e de bens.

"Creiam e sejam abençoados com riquezas!" Essa é a conversa e a sedução dos camelos religiosos. Prometem: "Orem e fiquem ricos". Onde esses propagandistas conseguiram atrativos tão irresistíveis para a fé? Parece que tanto o salmo 37 quanto o 23 *dizem* que crer é o anel encantado no carrossel da vida. É só crer e estender o pano para coletarmos as moedinhas que caem do céu. "Você ama a Jesus? Se o ama, as coisas boas da vida lhe são garantidas!", dizem eles. Se o Senhor for seu pastor, não lhe faltará nada, nunca. Não haverá tempestade nos mares da sua confiança, pois ele sempre o conduz a águas tranquilas! Você nunca mais terá fome, porque ele o alimentará em pastagens verdejantes — você pode até cometer glutonaria! Ele lhe dará todas aquelas coisas materiais que servem de abrigo e segurança na vida.

O DRAGÃO DO "E SE...?"

As frases a seguir referem-se a nossa insegurança. Há um grande verme com garras que fica à espreita de cada um de nós e nos faz sentir covardes diante do futuro. É o dragão do "E se...?".

E se eu perder o emprego?
E se meu pagamento não sair em tempo?
E se reduzirem o meu salário?
E se o banco em que aplico em poupança for à falência?

Entretanto, quando as garantias materiais da vida começam a faltar, parece que todos esses "E se...?" na verdade dizem: "Eu avisei!". Conheci pessoas mais velhas que enfrentaram no passado o dragão da Grande Depressão. Ainda hoje esse dragão continua aterrorizando aquelas pessoas que vivem com medo mortal de que ele volte. Lembro-me de que, durante toda a vida, minha

---

[5]St. PATRICK, cit. Esther DE WAAL, *The Celtic way of prayer,* New York: Bantam Doubleday Dell, 1997, p. 21.

mãe deixava empilhados na despensa mais alimentos do que conseguíamos comer em um mês. Encaixava conservas alimentícias nos vários nichos e espacinhos da nossa pequena casa. No passado, minha mãe tinha lutado pela sobrevivência e, desde então, ficou alerta contra o dragão do "e se...?". "E se...?", é uma boa pergunta! Mas, por melhor que seja nossa condição socioeconômica, não existe segurança total. Nenhum marido pode oferecê-la à mulher. Este mundo não tem segurança total para oferecer. A vida é frágil. Antes do anoitecer, pode eclodir uma guerra nuclear. Antes do amanhecer, nossos bens e nossa vida podem desaparecer.

A finalidade desses salmos nunca foi garantir nossa segurança. Pelo contrário, foram escritos para dizer: "Confie no SENHOR e faça o bem [...]

e ele atenderá aos desejos do seu coração" (SI 37.3,4), desde que seu coração deseje coisas certas. Mas o que é que o nosso coração deve desejar? O próprio Jesus Cristo. Quando desejamos ardentemente a posse de bens materiais, nosso coração não está certo. O crente deve ter grande amor pelo Senhor e procurá-lo como o grande desejo da vida.

Os mártires morreram por causa da fé? Não, poucos morreram por causa da fé; eles morreram por Cristo. Não concebiam a morte horrível como algum negócio grandioso em troca do qual ganhariam uma imagem num nicho de alguma catedral. Tratava-se de dar testemunho daquilo em que acreditavam. O significado da palavra "mártir" é "testemunha". O martírio, para aqueles que o enfrentavam, era um meio de contar ao mundo o que pensavam de Jesus. Teriam preferido fazer isso com palavras, mas, quando as palavras não bastaram, falaram com o sangue. Era o último passo da abnegação, o derradeiro passo da exaltação de Cristo. Era uma maneira de proclamar a verdade, e nada mais se exigia além da entrega da pobre vida física e temporal.

Inácio de Antioquia ficou sabendo que os cristãos de Esmirna estavam orando para que o governo o perdoasse e ele não precisasse ser morto por causa da fé em Jesus. Por isso, ele escreveu aos romanos:

> Devo implorar-lhes que não me façam uma gentileza tão inoportuna. Por favor, deixem-me ser uma refeição para as feras, pois elas poderão oferecer-me o caminho para Deus. Eu sou o trigo dele, moído finamente pelos dentes do leão, para vir a ser pão puríssimo para Cristo. Melhor ainda: incitem as feras a se tornarem sepulcro para mim [...] Quando não sobrar nenhum sinal do meu corpo para o mundo ver, então serei verdadeiramente discípulo de Cristo.[6]

Desejar somente o que Cristo oferece e não desejar o próprio Cristo é deixar-se comprar por bugigangas e jamais possuir o tesouro maior da presença do Senhor que em nós habita. O que diremos, portanto, a respeito da intercessão? É sempre errada? Pelo contrário, pedir é sempre certo. Mas sempre devemos pedir sem nos esquecer de que o nosso Pai celestial sabe do que precisamos, mesmo antes de lhe pedirmos.

Existem seis versículos no evangelho de João que dizem que o que pedirmos em oração, crendo, receberemos:

> E eu farei o que vocês pedirem em meu nome (14.13).
> O que vocês pedirem em meu nome, eu farei (14.14).
> Eu os escolhi [...] a fim de que o Pai lhes conceda o que pedirem em meu nome (15.16).
> Eu lhes asseguro que meu Pai lhes dará tudo o que pedirem em meu nome. Até agora vocês não pediram nada em meu nome. Peçam e receberão, para que a alegria de vocês seja completa (16.23,24).
> Nesse dia, vocês pedirão em meu nome (16.26).[7]

Entretanto, usar esses seis versículos como meio de obter as coisas materiais que desejamos é ignorar a pergunta: "Por que não desejamos a Jesus em vez dos meros objetos?". De novo, foi o mártir Inácio que falou da verdadeira natureza do tesouro: "Além de Jesus, não se deve considerar nada de valor".[8]

---

[6]Ignatius of Antioch to the Romans, cap. 4, *Early Christian writings,* trad. Maxwell Standforth, New York: Penguin Books, 1968, p. 87.

[7]Andrew MURRAY, *The ministry of intercession,* Springdale: Whitaker House, 1982, p. 106.

[8]Ignatius to the Ephesians, cap. 4, *Early Christian writings,* p. 64.
Cristo deve nos causar tamanho impacto na vida que todos os nossos "desejos" sejam mudados de bens materiais para bens eternos. Justino Mártir escreveu acerca dessa mudança na sua primeira apologia:
Nós, que antes sentíamos prazer nas coisas impuras, agora nos apegamos à simplicidade somente. Nós, que antes nos dedicávamos às artes mágicas, agora nos consagramos ao Deus bom e eterno. Nós, que antes guardávamos dinheiro e posses mais do que qualquer outra coisa, agora entregamos tudo quanto possuímos a uma tesouraria comum e compartilhamos com todos quantos têm necessidade".[9]
Vários evangelistas eletrônicos nos dizem que, se tão-somente tivéssemos fé e lhes enviássemos algum dinheiro, Deus devolveria à nossa vida sua generosidade multiplicada. Deus passa a ser uma máquina recompensadora automática: coloque uma oração, e sairá dinheiro; coloque dinheiro, e sairão bênçãos.
A Bíblia diz que devemos confiar no Senhor não a fim de obter as vantagens desta vida, mas para sermos enriquecidos pelo próprio Senhor. Somente ele é nosso tesouro permanente. Lottie Moon, uma das maiores missionárias batistas na China, morreu de fome. Ela confiava no Senhor e praticava o bem? Sim. O Senhor concedeu-lhe os desejos do coração? Sim! Mas como podemos dizer que Deus lhe concedeu os desejos do coração se sabemos que ela morreu de fome? Porque o desejo de seu coração era ter mais e mais de Cristo. O desejo por Cristo é a marca do crente verdadeiro. Esse desejo sempre se realiza, exatamente como a promessa do salmo 37.

O MITO DO DINHEIRO
Frequentemente encontro pessoas que tentam intimidar-me com algum falso materialismo. Certo dia, eu estava dirigindo para o centro da cidade com um amigo, e estávamos muito atrasados para um compromisso. Em determinado momento, ele disse:
— Você fica no volante, e eu oro para Deus nos dar ura espaço no estacionamento, bem na frente de onde vamos.
E assim fui dirigindo, e ele orando. Quando chegamos ao local, viramos à direita, e havia uma vaga em frente à entrada. Quando entramos, perguntei:
— Como você fez isso?
— Meu Pai me ama muito — disse ele.
No ano seguinte, esse meu amigo comprou uma casa boa e espaçosa. Eu ainda estava morando no "bairro barato", procurando amar mais ao Senhor que aos objetos. É claro que quando lhe perguntei como conseguiu colocar aquela casa no orçamento, ele disse: "Meu Pai me ama". Em seguida, comprou um carro novo! Você já adivinhou! Era porque seu Pai o amava! Cada vez que seu Pai o amava com outra quantia de dinheiro jogada em cima dele, eu ficava cada vez mais desanimado. Finalmente, percebi que estava indo para a cama no fim do dia, dizendo: "Deus, o que tu tens contra mim?".
Foi durante esses dias que comecei a perceber que, se olhasse ao redor procurando evidências materiais neste mundo de que Deus me amava, ficaria quase sempre decepcionado. O amor de Deus é demonstrado pelo que ele fez por nós eternamente, não pelo que faz em nosso favor no momento!
O amor e sua irmã, a graça, são os maiores de todos os atributos de Deus. Ele está sempre nos oferecendo o seu amor em incontáveis formas. Por que chegaríamos a duvidar de que somos amados? "Quando estiver triste", disse Bonaventure, "olhe para a cruz e veja quanto você é amado".[10] Ele

prosseguiu comemorando o fato de que o Calvário é demonstração do amor de Deus:

O bom Jesus, ó tão doce Jesus, tudo foi somente para nos demonstrar quanto nos amaste. Tu te entregaste em nosso favor. A mágoa, as lágrimas, as cusparadas, a zombaria, a crueldade e as ofensas, os chicotes, os pregos, o sangue, sofreste tudo isso por nós. E eu choro. [11]

---

[9]First apology 15, Eberhard ARNOLD, org., *The early Christians,* Farmington: Plough Publishing House, 1997, p. 106.

[10]Cit. Rawley MYERS, *The saints show us Christ,* San Francisco: Ignatius Press, 1996, p. 127.

[11]Ibid., p. 126.

Francisco de Sales chamava o Calvário de "a colina do amor".[12] No entanto, o amor que apenas existe e se acomoda, a ponto de nada aprender, acaba sendo mero sentimento pegajoso. Somos conclamados a amar, mas também somos conclamados a estudar e a ler, para que nossa adoração seja bem informada. Nisso também Bonaventure nos aconselha:

Para crescermos nas coisas do Espírito, o amor deve andar de mãos dadas com a aprendizagem. Em certa altura, devemos deixar o estudo para trás, enquanto o coração jubiloso corre adiante para a dádiva que é o próprio Deus. No que se refere à devoção, especular não é suficiente.[13]

Por outro lado, a devoção nunca poderá ser bem-informada sem a disciplina do estudo.

Certa ocasião, a igreja que eu pastoreava foi arrombada. Que avaliação eu deveria fazer desse fato? O templo metodista não foi arrombado. Deus amava mais os metodistas? Que justificativa razoável vou arrumar para isso? Se eu argumentar usando a lógica material, avaliarei erroneamente o amor de Deus? A verdadeira lição de Salmos 37.4 é que devemos confiar no Senhor e nos deleitar no Doador, não nas suas dádivas. Se você receber algo de Deus e pensar somente nisso que ele lhe deu, não vai perceber o propósito da generosidade dele. Se pequenas coisas, como o oxigénio e os flocos de aveia, fazem-no lembrar da bondade de Deus e entoar louvores a ele, as bênçãos materiais do Senhor terão um propósito nobre.

Um jovem procurou-me, não faz muito tempo, e disse:

— Dei à minha noiva uma aliança. Ela aceitou o anel e depois rompeu o noivado. Agora não quer devolver!

— Dê graças a Deus por isso! — respondi.

— Como posso dar graças a Deus? Gastei todo o dinheiro que eu tinha para comprar aquela aliança! — reagiu.

— Mas considere o caso assim: dê graças a Deus que a moça foi embora. Você não tem mais nada com que se preocupar. Ela dava mais valor à dádiva que ao doador. Quem gostaria de se casar com alguém cujo amor é tão indigno?

Mesmo assim, foi-lhe difícil agradecer a Deus. Quando recebemos presentes materiais de Deus, devemos lutar contra nossa cobiça de querer cada vez mais. Os presentes materiais vistos como dádivas de Deus são atrativos lamentáveis que nos mantêm servin-do-o apenas para ganhar mais bens materiais. O salmista estava certo. É importante deleitar-nos no Senhor. Os bens materiais não são deleites duráveis. Quando Deus não nos dá o que queremos quando desejamos, precisamos lembrar que Jó definiu um princípio inviolável: "Embora ele me mate, ainda assim esperarei nele" (13.15). É a palavra de um homem que perdera tudo, que já não tinha famí-lia, nem dinheiro, nem casa, nem nada! Jó tivera um encontro com o dragão do "e se...?" e perdera. "Continue confiando no Senhor", diz Habacuque, "mesmo quando os bens materiais faltarem".

Mesmo não florescendo a figueira,
e não havendo uvas nas videiras,
mesmo falhando a safra de azeitonas,
não havendo produção de alimento nas lavouras,
nem ovelhas no curral
nem bois nos estábulos,
ainda assim eu exultarei no SENHOR
e me alegrarei
no Deus da minha salvação (He 3.17,18).

Os maiores amantes de Deus são aqueles que amam a Jesus não pelo que lhes têm dado, mas porque morreu por eles. Esse é o sinal mais valioso da bondade de Deus.

A espiritualidade torna-se mais madura quando chegamos a um conceito de prosperidade que não se relaciona com o aspecto material. O grande pecado contra Deus é vivermos de maneira que os outros não nos considerem ricos no sentido espiritual. Viver uma vida espiritual esfarrapada leva os outros a pensarem que nosso Deus é um pai pobre. Não é preciso possuir bens materiais para ter contentamento. Paulo escreveu de uma cela de prisão: "Aprendi o segredo de viver contente em toda e qualquer situação". Paulo estava feliz? Como poderia não estar? Estava cheio de amor pelo Doador.

É pecado transmitir má impressão de Deus] Quando não refleti-mos nossa vida rica de

---

[12]Ibid., p. 319.

[13]Ibid., p. 104.

discípulos de Cristo, reduzimos Deus à pobreza] Lembro-me de que havia uma mulher em nossa primeira igreja que andava maltrapilha pelas ruas. Todos na cidade sabiam que ela frequentava nossa igreja. Também sabiam que era muito rica. Além disso, era incrivelmente sovina. Quando ia à mercearia, que era a loja principal da cidade, pedia que o vendedor quebrasse para ela um talo pequeno de salsão, para não precisar comprar o maço inteiro. Com má vontade, ele atendia] Todos da cidade sabiam que ela era uma batista aproveitadora. Fazia que os outros ba-tistas invejassem os metodistas pela auto-estima que estes tinham. O testemunho daquela mulher ao comprar um único talo de salsão deixava os anjos envergonhados e causava certa indignação no Oni-potente.

O pecado do filho pródigo foi dar má impressão do pai. Quem visse esse moço no chiqueiro comendo sabugos junto com os porcos acreditaria certamente que o pai não se importava com ele. Nunca imaginaria que, em determinada casa, numa parede bem rebocada, havia um retrato caro do jovem porqueiro sujo. Entretanto, o pródigo era amado por um pai que dia e noite sentia forte compaixão pelo filho perdido. As Escrituras dizem: "Caiu em si". Levantou-se e foi para o seu pai, que ficou muito alegre em recebê-lo de volta.

Aprenda a lição de Salmos 37.4: "Deleite-se no SENHOR". Demonstre que é um grande prazer conhecer a Deus! Demonstre que o Pai é rico! Deleite-se em sua plenitude. Salmos 37.11 diz: "Mas os humildes receberão a terra por herança e desfrutarão pleno bem-estar". A abundância jamais se mede pelo que alegamos possuir.

Já pensei muito nos ladrões que roubaram nossa igreja. Você sabe o que um ladrão diz com a vida dele? Uma confissão de pobreza: "Não estou completo. Se tão-somente conseguir furtar isto, ficarei completo]". O contentamento não provém do que retemos, mas do que nos retém. Taciano escreveu que nunca conheceremos a paz verdadeira se não renunciarmos

nossos bens mundanos e o corre-corre. "Morra para o mundo renunciando sua agitação e corre-corre. Viva para Deus lançando fora o velho homem dentro de você, reconhecendo a natureza dele".[14] Quem dera reconhecêssemos que nossa perfeição é medida pela palavra grega *teleiosl* Em geral, no Novo Testamento, *teleios* significa que Deus está operando nosso "acabamento". Quando comparecerem à presença dele, os mansos não somente herdarão a terra, como também serão revestidos da sua plenitude.

A RIQUEZA QUE PATROCINA A ALEGRIA

Sabendo qual é a nossa herança, devemos, enquanto nosso aperfeiçoamento se processa, decidir que vamos refletir a riqueza de nosso Pai. Certa vez, quando eu era mais jovem, levei meus filhos para Las Vegas, e ficamos hospedados num hotelzinho. O gerente do hotel tinha deixado um pacote de moedas de cinco centavos na minha bandeja do café da manhã para eu utilizar nas suas máquinas de jogo. Resolvi experimentar uma daquelas máquinas. (Lastimo ter jogado. Nunca antes, nunca depois, nunca mais. Só aquela vez!) Acompanhado de meus filhos, fui até um "bandido de um braço só" e coloquei uma moeda! Puxei a alavanca duas ou três vezes, e nada. Mas, quando estava chegando ao fim do meu pacote de moedas, as luzes se apagaram! Os sinos tocaram! As campainhas tocaram! Em meio a toda essa fantasia e êxtase, as moedas foram jorrando da máquina em profusão! Uau!

Mas o mais interessante daquele dia foi ver o rosto dos meus filhos. Em meio a todas as luzes, ruídos e agitação, o rosto deles se iluminou. Havia mais dinheiro do que podiam imaginar. Certamente nunca tinham visto tanto.

Vendo a alegria deles, apanhei um montinho de moedas e dei a Timothy. Depois peguei mais um pouco e dei a Melanie.

Saímos de Las Vegas e seguimos viagem para Glorieta. Quando chegamos, a fartura da minha recente experiência deixou-me repentinamente nervoso. Sentamo-nos à mesa com um grupo de pregadores e, por acaso, um deles perguntou:

— Onde vocês foram passar as férias?

.— Em Las Vegas — respondi, com um tom de indiferença. -— Espero que não tenha jogado naquelas máquinas! — disse um deles.

Timothy, meu filho de quatro anos, foi logo dizendo:

---

[14]Address to the Greeks, *The early Christians,* p. 296.

— Jogou, sim! Papai joga muito bem. Ganhou um monte de dinheiro e deu a mim e a Melanie.

Saiba que seus pecados o denunciam. Mas havia algo na confissão de meu filho que ainda marca com júbilo minha única aventura nas máquinas caça-níqueis. Vi no rostinho dele o olhar de quem acabara de ter "a grande compensação". Em sua mente infantil, tinha sido premiado com alguma dádiva gloriosamente providencial.

Ainda fico maravilhado, às vezes como uma criança, quando vejo Cristo transformar a desgraça das pessoas em júbilo! Todas as coisas parecem gloriosas, e Deus parece bom e grandioso. Diante de tal júbilo, o mundo deve sentir reverente temor da maravilha de Deus. Devemos "deleitar-nos no Senhor"! Que chamado maravilhoso!

Inácio de Antioquia nos desvendou a glória de sermos cheios de amor por Jesus. Na realidade, temos uma só vocação: amar a Jesus. Se formos leais a essa vocação, nós o elevaremos ao lugar mais sublime de nossa adoração.

"Existe um só médico", exclamou Inácio. "Seu nome é Jesus. E quem é ele?".

Carne verdadeira, mas Espírito também:
Incriado, mas nascido;
Deus e homem em um só,
Verdadeira vida-na-morte.
Filho de Deus e filho de Maria;
Impassível e dilacerado
Pela dor e o sofrimento aqui na terra;
Jesus Cristo, que conhecemos como nosso Senhor.[15]

Jesus é nosso chamado, nossa vida, tudo em tudo. Adorá-lo é a única paixão que vale na vida.

Minha mãe me ensinou muitas coisas. Lembro-me de que minha formatura no ensino médio foi uma ocasião grandiosa na vida dela. Ela resolveu comprar-me um terno para a oportunidade festiva. Eu estava com dezessete anos! Não tínhamos muito dinheiro, mas fomos para a loja de roupas S & Q, conhecida como a loja de roupas masculinas mais chique e mais cara do município de Garfield. Quando entramos, mamãe me disse:

— Filho, escolha um terno.

— Mamãe, é caro demais.

— Não — ela disse. —Você está-se formando no colegial! Escolha um terno!

Escolhi um de que gostei. Custava caro! Protestei de novo:

— Mamãe, é caro demais!

— Não — ela disse.'— É sua formatura.

Escolhi uma camisa de abotoaduras e, depois de termos passado pelo caixa, descobri que minha mãe gastara muito.

— Isso é demais!

— Não, está tudo bem! — ela disse. — Você está-se formando no colegial.

Quando atravessei o palco naquele dia glorioso, dois corações batiam em uníssono.

Uma pequena mulher, que limpava assoalhos para ver os filhos condecorados com o melhor, comemorou da melhor maneira que podia no momento.

Ao atravessar o palco, fiquei grato a minha mãe, não porque me dera um presente, mas porque eu era amado por uma mulher cujo traço de caráter era ser doadora. Ela também orgulhava-se de mim. Porque eu estava usando um terno pago por ela? Não. Porque nosso coração batia jubiloso na riqueza que havíamos encontrado em nosso amor mútuo.

"Confie no SENHOR e faça o bem; [...] Deleite-se no SENHOR, [...] e ele agirá" (SI 37.3-5). Demonstre que seu Pai celestial é bom. Viva em prosperidade espiritual e anseie pela paz] Diga a todos aqueles que consideram evidência do amor de Deus os carrões de luxo que possuem que existem carros de fogo. Cristo é um tesouro tão grande que os bilionários são dignos de dó diante dele. Confie no Senhor, faça dele o desejo do seu coração, e tudo quanto você desejar estará a sua disposição.

---

[15] Ignatius to the Ephesians, cap. 7, *Early Christian writings,* p. 63.

A alma do homem no nível natural é um cristal potencialmente resplandecente deixado na escuridão. É perfeita em sua natureza,

mas falta-lhe algo que apenas pode
receber de fora e acima de si mesma.
Mas, quando nela brilha a luz, transforma-se,
de algum modo, em luz e é como se perdesse
sua natureza no esplendor de uma natureza
superior, a natureza da luz que nela está.[1]
— THOMAS MERTON

Sê louvado, Espírito de Fogo!
A ti, que tocas o tamborim e a lira,
Tua música nos inflama a mente!
A força de nossa alma aguarda tua
vinda na Tenda do Encontro.[2]
— HlLDEGARD DE BlNGEN

Louvamos-te, ó Deus, pelo dom de Jesus,
Que por nós, pecadores, foi morto na cruz.[3]
— WILLIAM P. MACKAY

---

[1]*The spring of contemplation,* p. 170.
[2]Cit. Richard FOSTER, *A spiritual formation journal,* página sem numeração.
[3]Reaviva-nos de Novo, *The Baptist hymnal,* Nashville: Convention Press, 1975, p. 263.

Permaneça diante da magestade deDeus.
Deixe que o Seu explendor o silencie
Mas, depois de passado o silencio, você não
Não pode calar-se. Pois é tempo para
Antífonas e aleluias jubilosas

Estou-me ajoelhando
Diante do Pai, que me criou,
Diante do Filho, que me resgatou,
Diante do Espírito, que me purificou,
Com amizade e afeição.[4]

MELODIA CELTA ANTES DA ORAÇÃO E HINO CANTADO AO RAIAR DO SOL

[4]Carmina GADELICA I, cit. Esther DE WAAL, *The Celtic way of prayer,* p. 75.

CAPÍTULO 6

EXPRESSÃO: O LUGAR DO LOUVOR

A presença de Deus: ele me levantou e me balançou como a um sino. Vi as árvores em chama, retini uma centena de orações de louvor.[5]

Madeleine L'Engle disse certa vez que o louvor é semelhante aos sinos dobrando. Quando os sinos retinem, o som metálico acorda todos em sua volta para a maravilha de Deus. Mas os sinos produzem uma única tonalidade, e o volume de sua concentração não tem lugar para nenhuma variação nem hipocrisia. O louvor a Cristo só é válido quando a mente não está distraída. "Não tenham Jesus nos lábios e o mundo no coração", disse Inácio de Antioquia.[6]

Há leveza existencial em nossa celebração de todas as coisas eternas. O louvor é o maravilhoso patrocinador desse estado elevado do coração. Não é alimento que fornecemos a Deus; é o pão de Deus que nos alimenta — é a libertação da nossa alma. Quantas vezes fomos à igreja cansados e esgotados? Talvez até tivemos de nos persuadir a ir à casa do Senhor. Mas, uma vez ali, começamos a louvar a Deus. Não sentimos a menor disposição de louvar. Dificilmente se diria que nossa adoração é espontânea. No entanto participamos e aos poucos nossa exaltação começa a nos inundar com uma vibração calorosa — a vontade renovada de viver.

Apesar de tudo que já dissemos sobre as artes, é nesses momentos que o Cristo das belas artes é deixado de lado em favor do Cristo da intimidade. Quando estou necessitado, não me mostrem nenhuma obra de Ruben ou de Rembrandt — nenhum Cristo com vestes douradas, que habita os salões do Louvre. Prefiro um carpinteiro vestido de pano de saco, que ficará comigo até que meu silêncio seja preenchido com seu poder todo-suficiente. É quando passo a ter oportunidade de viver minha vida com propósito. Quando sinto prazer em estar neste mundo, pois adquiro novo ânimo para a vida.

E por que a vontade renovada de viver? Porque poucos de nós conseguem essa leveza existencial enquanto estamos aos cuidados deste mundo. Temos a oportunidade de conhecer Cristo de modo mais eficaz quando estamos sofrendo pressões. Nossas fraquezas sempre são a porta melhor para Cristo entrar em nossa vida do que nosso autocontrole confiante. No decurso dos tempos, os cristãos alcançaram melhor esse estado existencial quando eles estavam sofrendo e havia outra pessoa no comando. Cantavam nas estacas em chamas que os martirizavam. Paulo e Silas, surrados pelas autoridades dos tribunais locais até ficarem semi-inconscientes, louvaram a Deus dentro do cárcere em Filipos. Quando, estando sob pressão, os cristãos cantam, seu cântico alivia o sofrimento.

Dietrich Bonhoeffer escreveu: "Quanto mais velho o mundo se torna, mais ferrenho se torna o conflito entre Cristo e o anticristo e mais eficientes os esforços do mundo para se ver livre dos cristãos".[7]
Jesus é o epicentro da única realidade que importa. Na sensação de ter tocado o Filho de Deus,
grandioso e vivo, é que somos impulsionados a comemorar sua importante realidade. Isso porque, antes de conhecer a Cristo, não tínhamos nem realidade, nem significado. Quando

---

[5]Annie DlLLARD, *Tickets for a prayer wheel,* p. 123.
[6]Cit. Rawley MYERS, *The saints show us Christ,* p. 88.
[7]*The cost of discipleship,* p. 266.

Malcolm Muggeridge "redescobriu a Cristo", também se achou incapaz de libertar-se da alegria do louvor compulsivo.
Muggeridge descobriu que o período que Jesus passou no deserto teve como apogeu a *bath qol* ou a "voz alta", exclamando: "Esse é meu Filho amado!". As palavras emocionaram muito a Jesus. Eram a afirmação de Deus *em alta voz* — a resposta nítida a Jesus — quanto a sua natureza e ao motivo de sua vinda à terra. Falando de Jesus, Muggeridge disse:
Ele chegou a Cafarnaum pelo mar da Galiléia. Vejo-o como uma figura solitária, avançando penosamente até a vista do lago descor-tinar-se diante dele. Sem bagagem, sem dinheiro, sem perspectivas, sem planos, só aquelas palavras magníficas ainda ecoando-lhe nos ouvidos, e o senso de exaltação diante do conhecimento de que de fato optara por dar a essas palavras uma nova e tremenda realidade.[8]
Não há a menor dúvida da grandeza de Jesus. Mas nosso melhor louvor brota de algo mais. A ação de graças é o magnífico motivo subjacente. A vitalidade do viver provém de uma fé dinâmica, e essa fé resulta em celebração. O louvor brota da gratidão.
Gratos por tudo que Deus fez em nosso favor, sentimos uma sutil comoção no centro do coração. Nossas ações de graças brotam dos sentimentos interiores de gratidão a Deus e a seu Filho. Jesus é o centro de tudo isso. Ele veio como Deus Emanuel para viver em forma humana, para experimentar nossa condição. Veio como o Cordeiro morto antes da fundação do mundo a fim de sofrer a morte em nosso favor. Veio como o que vive eternamente, para triunfar sobre a morte, a fim de que nós também nos tornemos vencedores na vida.
Não há dúvida de que a reação de todos os que o amam deve ser *Aleluia!* Esse louvor é a
própria definição de nossa necessidade de render-lhe ações de graças. Os que não querem louvá-lo podem desviar-se do Cristo do altar interior e conhecer somente o Cristo dos teólogos. Os teólogos nos prestam o enorme serviço da doutrina e da definição, mas nunca poderão gerar nossa adoração. A adoração nasce quando as pessoas têm contato direto com Cristo e se sentem levadas a expressar sua gratidão em profunda ação de graças.
Exaltando seu chamado como ministro, Francisco de Sales escreveu: "Vivo jubiloso e corajoso [...] Pois se verdadeiramente ele estiver comigo, não me importo para onde vou [...] Ah! Meu Deus! Como sou grato a esse Salvador, que nos ama, e como eu gostaria, de uma vez por todas, de apertá-lo e atá-lo no meu peito".[9]
Oswald Chambers lembra que o louvor não é o único propósito de Deus. De outra forma, Jesus teria passado ao céu diretamente do monte da Transfiguração.[10] Deus tem um propósito para a nossa vida, e nossa

primeira obrigação é obedecer à vontade dele. Quando tivermos honrado a Deus com nossa obediência, nossa íntima comunhão com o Pai nos inspirará o louvor cuja glória desfará todas as nossas regras práticas de decoro.

Os galeses têm a palavra *gorfoleddu* para dizer "regozijo extático". Ela refere-se à exuberância, ao louvor a Deus por toda a sua obra criadora.

> Senhor, seja teu
> meu louvor destemido!
> O príncipe imaculado! Prepara o meu caminho
> para servir e orar no teu santuário somente!
> Senhor, seja teu
> meu louvor corajoso!
> O Pai das almas que anseiam,
> Aceita este meu cântico e faze-o teu!"

Dar racionalidade a nossos cânticos contrabalança nosso êxtase com a reflexão. O êxtase racional é sempre a melhor maneira de louvar a Deus. Contudo, a agonia e o êxtase de nossa fé encontram-se entre nossa busca de Cristo e o encontro dele. A busca do Senhor é a agonia da peregrinação cristã, e o encontro é a voz do nosso louvor espontâneo.

---

[8] *Jesus rediscovered,* New York: Doubleday, 1969, p. 10.
[9] *Thy will be dene,* p. 227-8.
[10] Oswald CHAMBERS, *My utmost for his Highest,* da leitura do dia 17 de maio.
[11] O'LAOGHAIRE, The Celtic monk at prayer, cit. DE WAAL, p. 88

PERDA DA TRANSCENDÊNCIA, PERDA DO LOUVOR

Há uma relação maravilhosa entre o êxtase e a transcendência. Já notei que, quando os adoradores ficam extáticos, olham para cima e para fora, além do teto da igreja. Não admira que Catarina de Siena tenha escrito: "O êxtase tem o propósito de aumentar nosso anseio pelo céu: o poder do amor em êxtase faz o corpo clamar com todas as forças pela união perfeita com o céu.[12]

A obra-prima de Agostinho, *A cidade de Deus,* compara Jerusalém e Babilônia. Entre a cidade dos homens e a "cidade de Deus" havia muitas diferenças. Babilónia, a cidade secular, era temporal e estava satisfeita nessa condição. Jerusalém, no entanto, era a cidade transcendente, e os anseios mais profundos da alma por essa cidade eram transcendentes.

No fim da era industrial, a idéia de transcendência espiritual ficou desgastada. Muitos teólogos acreditam que a doutrina do inferno começou a desaparecer no fim do século XIX. Mas não pode haver a mínima dúvida de que estava ausente nos sermões — mesmo nos sermões evangélicos — no fim do século XX. Os testemunhos secularizados dominavam a teologia popular. A verdade que transmitiam foi sendo enfraquecida, da transcendência robusta para a importância do pragmatismo. Infelizmente, o sermão do tipo "prático" criou um cristianismo "prático" que é o derradeiro e melancólico passo de uma igreja que perdeu sua expressão de louvor.

A cultura secular está despojando a igreja dos últimos remanescentes celestiais de uma transcendência em vias de desaparecimento. Em tempos passados, o cristianismo defendia a realidade verdadeira. Essa realidade nos levava a irromper num louvor além da vivência física e, portanto, adornado com um rico propósito. Tudo terminava num só tempo no céu ou no inferno. Mas parece que o mero viver aqui-e-agora passou a ser o alvo inútil da igreja. Eric Hoffer disse certa vez que a tecnologia é a humanidade martelando nos portões do Éden. É uma tecnologia ufana que

sempre quis recriar o paraíso do qual a raça humana foi banida. Quando a porção do aqui-e-agora nos satisfaz, a porção celestial perde a razão de ser. O êxtase precisa retomar seu lugar na vida monótona dos procedimentos da igreja. Precisamos despertar de novo nossa alma. Estou cansado dos corinhos repetitivos, ou mantras cristãos, dos nossos cultos; são cânticos que servem para nos entorpecer a mente em vez de engajá-la. São cansativos também os sermões que celebram nossos bons aspectos espirituais em vez de nos fazer ver novos panoramas de pensamento e de utilidade.

Queremos mesmo ser espontâneos quando às vezes somos incitados a bater palmas num corinho de louvor?

Precisamos realmente de cifras e de símbolos para nos avisar quanto tempo devemos nos demorar no mesmo grupo de palavras da nossa adoração perdida? Já é hora de deixarmos de dar a impressão de que Deus é tão enfadonho quanto nossas ações de graças insípidas. Donald McCullough escreve que nossa adoração "foi substituída pelo bocejo da familiaridade. O fogo consumidor foi domesticado até se transformar numa chama de vela, talvez acompanhada de um pouco de atmosfera religiosa, mas sem calor, nem luz ofuscante, nem poder de purificação".[13]

_ Lastimavelmente, chegamos a um louvor tão decadente que Deus parece um velho chato e tedioso. Prometeu, de Goethe, era alguém que, tendo descoberto sua própria natureza criativa, não se impressionava mais com Deus. "Fico aqui sentado", disse Prometeu a Deus, "formando o homem segundo minha imagem, uma raça semelhante a mim, para sofrer, chorar, regozijar-se e ficar alegre e, assim como eu mesmo, para não ter nenhuma consideração por ti".

Parece que a humanidade pós-moderna está tristemente livre de toda e qualquer necessidade do Cristo crucificado. A raça humana já se salvou quando comprou sua redenção em Auschwitz, em Mai Lai, nos Campos de Extermínio da Bósnia, na antiga Estalingrado. O horror de toda essa cultura desumana propiciou uma teologia humanista em que o homem se tornou seu próprio salvador. Existem muitos heróis culturais e seculares que morrem como mártires ou cultuam sua própria glória, mas nunca reconhecem sua necessidade de Cristo e da transcendência dele. A fraqueza resultante é o humanismo antropocêntrico que fala da boa vontade humana, da fraternidade e do modo certo de pensar. Essas histórias são nobres, mas não

---

[12]Mary Ann FATULA, *Catherine of Siena's way,* p. 113.
[13]*The trivialization of God,* Colorado Springs: NavPress, 1995, p. 13.

são impulsionadas pelos mistérios eternos. Não podem, portanto, inspirar nenhum louvor real.

O século XX foi chamado de "o Século Americano". Geralmente é mencionado como o "triunfo ianque" daqueles nobres homens e mulheres que procuraram realizar o sonho de um mundo novo. Repetidas vezes, dedicam-se aplausos humanistas àqueles que edificaram os Estados Unidos. Essa nação foi levantada em grande parte por pessoas de fé, mas os louvores vão para os seres humanos. Deus é mencionado raramente.

De certa maneira, as formas de culto evangélico contemporâneas são narrativas desajeitadas escritas num mundo pré-moderno. Mas depois da marcha vitoriosa da tecnologia, a cultura ocidental tor-nou-se menos dependente dos livros para fornecer distração, entretenimento e informação. A televisão está aí! A forma de obtermos informações se transformou. Nunca mais nos satisfaremos apenas em descobrir algo.

Agora, tudo que descobrimos deve vir até nós coberto pelo brilho do interesse. Depois de 1950, a síntese desse interesse — quer pela aprendizagem, quer pelo lazer — tinha de se expressar pela palavra "entretenimento".

Neil Postman, em seu criterioso livro, *Amusing ourselves to death [Morrendo de tanto divertir-se]*, assinala que a era da informática pode ser definida como a era do entretenimento. Essa geração, mais do que todas as antecedentes, exige que as informações que consome lhe cheguem de forma divertida. Ainda que as informações sejam substantivas ou extremamente importantes, não são aceitas se não divertirem aqueles a que instrui. Dificilmente existirá um grupo de louvor ou grupo teatral que não sinta agora essa exigência imposta na igreja pela indústria do entretenimento.

Uma vez que a era da informática é também a era do entretenimento, a igreja tem muitas vezes abandonado sua vocação de serva e acolhido novas companhias de atores do presbitério. O objetivo principal da igreja no passado talvez tenha sido louvar, mas recentemente parece que ela tem sido convocada principalmente para prender a atenção. A igreja entra na fila com os demais mascates, tendo trocado suas doxologias gloriosas por "não há negócio como o negócio do entretenimento

Parece que acreditamos que somos obrigados a fazer isso. É fundamental para a nossa metodologia fácil. Todos sabem que é com novidades que se atraem novos membros. Sorrisos e partidas de futebol são os principais agentes recrutadores da igreja local.

Mas existe um método melhor. Em vez de tentar programar nosso caminho para o sucesso, por que não deixar que os interessados nos flagrem procurando substância interior? Em vez de tentarmos fazê-los entrar no Reino mediante sorrisos ou risadas, por que não deixar esses buscadores seculares entrarem na igreja e nos flagrar no ato de adoração genuína? Deixemos que vejam esse fenômeno raro, e difícil de esquecer, de crentes que louvam a Deus com júbilo e sinceridade. Ao experimentar esse mistério maravilhoso, é possível que queiram voltar para a glória pura de vê-lo novamente.

O louvor é uma razão pequena demais para termos nascido? Lem-bro-me de certo convertido que me perguntou o que os cristãos fariam durante a vida eterna, que lhe parecia ser algo tedioso. Quando lhe respondi que vamos passar a eternidade glorificando a Deus, percebi que ele ficou decepcionado com o "negócio do céu". Mas eu sabia, no íntimo do meu coração, que para ele o louvor eterno parecia enfadonho porque nunca aprendera a louvar realmente.

No êxtase, existe substância, e é maravilhoso encontrá-la. Habitar na proximidade da luz de Deus é alegria inefável e gloriosa. O louvor é nossa oferta ao Todo-poderoso. Por tudo que ele nos tem dado, a gratidão é o único presente que podemos oferecer. O sacrifício dele foi a cruz, o nosso sacrifício é o sacrifício de louvor.

Nosso louvor deve iniciar e encerrar cada dia. Devemos adormecer à noite na calorosa euforia de saber que Deus é grande e deve ser louvado grandemente. Os celtas antigos tinham um hino de louvor para o adormecer e um cântico de louvor para o amanhecer. Quando se deitavam para a noite de sono, dirigiam-se à grande Trindade, a quem chamavam os *Três do meu amor.* Em seguida, eles o louvavam no colchão pela noite que entrava.

Nesta noite me deito conforme convém
na comunhão de Cristo, Filho da virgem dourada,
na comunhão do gracioso Pai da glória,

na comunhão do Espírito de poderosa ajuda.
Nesta noite me deito ao lado de Deus, e nesta noite Deus se deitará ao meu lado, não me deitarei nesta noite com o pecado, nem o pecado nem sua sombra se deitarão comigo.
Nesta noite me deito ao lado do Espírito Santo, e o Espírito Santo nesta noite se deitará ao meu lado, nesta noite me deitarei ao lado dos Três do meu amor, e os Três do meu amor se deitarão ao meu lado.[14]

CONCLUSÃO

Talvez seja necessário dizer mais uma palavra para finalizar. O louvor dos fiéis não somente celebra a Jesus, como também celebra seu programa para o mundo. Não somente estamos louvando a Jesus, mas também ao ideal que ele almeja para qualquer um que o chame de Senhor. Teresa de Lisieux escreveu:
Eu gostaria de iluminar almas. Gostaria de peregrinar por este mundo e levantar a tua cruz gloriosa nas terras pagãs. Mas não bastaria ter só um campo de obra missionária. Eu não ficaria satisfeita enquanto não tivesse pregado o evangelho em todos os cantos do globo terrestre, até nas ilhas mais remotas.[15]
O louvor sempre será a evidência animadora de que a igreja está contando a verdade — a verdade arrebatadora e da qual ninguém pode se furtar. Nosso louvor diz: "Vi meu Senhor crucificado. O íntimo do meu ser encontrou-se com o triunfo da Páscoa". Quem poderia manter silêncio depois de ter entrado no túmulo e conhecido seu vazio glorioso? Quem não testificaria com alegria: "Perdoem-mel Preciso exaltar e louvar com cânticos antes que as rochas criem língua".

[14]Carmina GADELICA I, cit. DE WAAL, p. 93.
[15]*The story of a soul,* p. 153.

Fazer petições é declarar o que o coração deseja, dando nome ao desejo que expressamos na oração e na súplica. na Oração do Senhor há sete petições além da própria oração. [1]
— MARTINHO LUTERO

Irmãos amados, vocês nunca devem duvidar da sua oração, imaginando que pode ter sido em vão, pois lhes digo sinceramente que, antes de vocês terem pronunciado as palavras, essa oração já estava registrada no céu.[2]
— BERNARDO DE CLARAVAL

O Mestre do Abrigo, numa de suas conferências, contou-nos a longa história de um homem que chegara certa vez ao Getsêmani e não conseguira tomar uma decisão firme de se tornar monge, e se debatera e orara sobre isso durante dias. Finalmente, diz a história, ele fez as Estações da Cruz e, na estação final, orou com fervor para que lhe fosse concedida a graça de morrer na ordem. "Vocês sabem", disse o Mestre do Abrigo, "que nenhuma petição feita na décima quarta estação é recusada." Seja como for, o homem terminou a oração, voltou a sua cela e em pouco mais de uma hora teve um colapso. Só houve tempo de receberem seu pedido de admissão na ordem antes de ele morrer. Ele jaz sepultado no cemitério dos monges vestido com o hábito do oblato.[3]
— THOMAS MERTON

[1]Cit. Richard FOSTER, org., *Devotional classics,* p. 132.
[2]Ibid.
[3]*The spring of contemplation,* p. 332.



Crie um círculo de oração.
Não, seja um círculo de oração.
Feche a circunferência de sua comunhão com Deus em torno do seu testemunho permanente.

Imagine um círculo traçado no chão. No centro, uma árvore com um broto enxertado ao lado. A árvore é nutrida pelo solo dentro da extensão do círculo, mas desarraigada do solo, morreria sem frutos. Pense, portanto, na alma como uma árvore feita para o amor e que vive somente pelo amor. Na verdade, sem esse amor divino, que é a caridade verdadeira e perfeita, a morte, em vez da vida, seria o seu fruto. O círculo dentro do qual a raiz dessa árvore, o amor da alma, deve crescer é o conhecimento verdadeiro dela mesma, conhecimento esse ligado a Deus, que, assim como o círculo, não tem começo nem fim. Pode caminhar em volta do círculo e não achar nem fim, nem início, sem nunca sair do círculo. Esse conhecimento de você mesmo e de Deus dentro de você está plantado no solo da humildade verdadeira, que é tão grande quanto a expansão do círculo [...] Mas, se o seu conhecimento de você mesmo estivesse separado de Deus, não haveria nenhum círculo completo. Em vez disso, haveria um início no conhecimento de você mesmo, mas fora de Deus terminaria em confusão.[4]
— CATARINA DE SIENA

[4]Suzanne NOFFKE, *Catherine of Siena,* Collegeville: The Liturgical Press, 1996, p. 18.



CENTRALIZAÇÃO: EVITAR O FASCÍNIO ESTÉRIL POR DEUS

Centralizar é o ato de focalizar nosso relacionamento com Deus. É extremamente importante. Richard Lovelace escreveu: "Muitas pessoas têm uma compreensão tão leviana da santidade de Deus, bem como da extensão e da culpa do próprio pecado, que não sentem na consciência quase nenhuma necessidade de justificação".[3]

Creio que esse estado deplorável só pode ser revertido quando os cristãos começarem a perceber que essa é a obra principal da igreja. É a partir desse contato com Deus que a igreja obtém tanto o conhecimento de sua tarefa quanto o poder para realizá-la. Porém, mais do que isso, esse contato é a única evidência de que a igreja não foi abrir um negócio por conta própria e seguir uma programação separada da vontade de Deus.

A oração é uma disciplina que começa com o ato deliberado da centralização. Centralizar é a arte absorvente de aproximar-se de Deus onde ele pode ser achado — no âmago da nossa alma. Quando a igreja enxerga a glória de seu chamado, o Pentecostes está presente todos os dias. Em cada momento, nascerá uma trombeta em nosso ermo moral. O hino antigo cederá lugar ao novo: "Jesus reinará por onde o sol percorre sua sucessiva jornada. Seu reino se espalhará de Norte a Sul, até a lua cessar de crescer e minguar".[6]

"Centralizar" é uma palavra que põe de lado os lugares-comuns da moda quando se fala da vida mais profunda. Mesmo assim, a procura da vida mais profunda com todos os lugares-comuns que a acompanham é às vezes um meio de nos deixar bem ocupados a ponto de impedir nossa

necessidade de ministrar. Há pouca utilidade em aprender o emprego de "palavras-chave" do movimento da vida interior enquanto deixamos de tomar conhecimento das dores e das mágoas do "mundo exterior" ao nosso redor. Por outro lado, só ministrar sem nunca ansiar pela presença de Deus é fazer "o melhor que podemos" com nossa vida completamente destituída de poder.

Emilie Griffin diz que, quando oramos realmente, aproximamo-nos da linha divisória entre os mundos:

Existe um momento entre pretender orar e realmente orar que é um dos momentos mais sombrios e silenciosos da nossa vida. E a fração de segundo entre pensar na oração e orar. Para alguns de nós, essa fração de segundo pode durar décadas. Parece, portanto, que o maior obstáculo à oração é a simples questão de começar, o simples ato de vontade, o iniciar, o praticar, o fazer.[7]

Quando começamos a orar, confessamos, sem dúvida alguma, o barulho e a pressa que impedem a oração. Quando nos oferecemos para ficar em silêncio e deixamos de lado nossa programação pessoal, Deus vem até nós, e sua vinda orienta a nossa vida. A vinda do Senhor passa na verdade a ser a nossa vida.

Para muitos evangélicos, o movimento pela vida mais profunda começou na década de 1970. Esses cristãos ficaram tão fascinados por Deus que não lhes sobrava tempo para servi-lo. Não existe mérito humano na adoração, por mais ardente que seja. Os adoradores têm de deixar de lado seus aleluias e vestir o avental de serviço. Sempre é uma tentação desejar ver Jesus

---

[3]*Dynamics of spiritual living,* Downers Grove: Inter Varsity Press, 1970, p. 101.
[6]Isaac WATTS, Jesus shall reign, *The Baptist hymnal,* p. 587.
[7]*Clinging,* p. 3.

transfigurado pela mera alegria de levantar tabernáculos, estabelecer-se no monte e tornar-se beatos inúteis.

Shakespeare foi muito honesto na peça *Os dois cavalheiros de Verona:* "Aquele que não demonstra seu amor, não ama". Que marido seria digno dessa condição, se não fizesse mais que comprar cartões no Dia dos Namorados? O amor verdadeiro precisa declarar-se. Deve deixar suas fantasias românticas e viver na prática suas declarações de amor.

Quando meu filho era criança, eu lhe dizia: "Filho, ponha o lixo para fora]". E ele obedecia! É assim que demonstramos nosso amor e respeito — sendo obedientes. Mas imaginemos que, ao receber a minha ordem, ele respondesse:

— Ah, papai, você é tão bonito; só quero ficar sentado aqui contemplando sua sabedoria e seu poder.

— Mas, filho — posso insistir —, reconhecer meus atributos tem pouca utilidade real se você não quiser me obedecer. Ponha o lixo para fora!

— Mas, pai, o lixo? Não, prefiro considerar sua nobreza. Você é o solo de onde brotei. Quando penso em você como aquele que me gerou, considero minha imaturidade e desejo
louvá-lo cada vez mais.

— Filho, ponha o lixo para fora.

Essa ilustração foi longe suficiente para falar do perigo de levantar as mãos em adoração quando devemos usá-las para ministrar. Devemos primeiro obedecer e depois louvar. Deus nunca é honrado por nosso fascínio inútil por ele. A idéia perfeita de "centralizar" não é falar a respeito da vida interior, mas vivê-la de fato. Centralizar é mais do que o alimento do diálogo para nosso próximo estudo bíblico. É um chamado sério — uma

metodologia ardente — para entrar num relacionamento profundo. É a busca séria de Deus.
Vejo três perigos distintos na busca a Deus. O primeiro é que a busca da santidade gera seu próprio vício interior. Visto que já examinamos esse perigo oculto, só nos falta dizer o seguinte: sempre procure evidências de que está amando as coisas erradas. Se você ama o lugar solitário e quieto que você cria, a fim de encontrar-se com Deus, talvez não esteja buscando a Deus de modo algum, mas apenas a disciplina sem sentido da quietude. Se ama a literatura dos santos mais do que deseja imitar a santidade deles, você é muito cativo de sua leitura e não servo do seu Senhor. Se fala muito a respeito da oração, mas ora bem pouco, você está procurando apenas uma mística piedosa, não o próprio Deus.
O pior de tudo isso é que dará a você mesmo a impressão de que está buscando a Deus quando na realidade o terá abandonado. A lição de Mateus 25 é que é possível chamar Jesus de "Senhor" e nunca ajudar nenhum de seus "menores irmãos". Lembre-se da condenação final do Juiz dos que foram colocados a sua esquerda:
Malditos, apartem-se de mim para o fogo eterno, preparado para o Diabo e os seus anjos. Pois eu tive fome, e vocês não me deram de comer; tive sede, e nada me deram para beber; fui estrangeiro, e vocês não me acolheram; necessitei de roupas, e vocês não me vestiram; estive enfermo e preso, e vocês não me visitaram (v. 41-43).
Sempre me pergunto se alguns dos que estão partindo para o fogo eterno não faziam parte dos grupos de vida mais profunda que se ocupavam totalmente com a retórica vazia da santidade, fascinados com Deus, enquanto permaneciam sentados sobre as próprias mãos.
O segundo perigo é que a busca da santidade pode produzir um mundo místico distante. A falha principal dessa mística é que pessoas comuns, do aqui-e-agora, vão-se considerar a elite espiritual. Os "hiperpiedosos" deixam os pecadores comuns hipernervosos. Ler sobre os santos é bem seguro, mas conviver com eles às vezes é uma prática enervante. Os espiritualmente necessitados prefeririam morrer necessitados a arriscar ficar perto desses altivos, cujo estilo de vida "santa" parece condenar todos os demais. O terceiro perigo é que a busca da santidade pode nos induzir à Síndrome do Jesusinho Adocicado. Nunca dei muito valor àquelas pinturas de Jesus cuja auréola é exageradamente grande e o coração sangrento e coroado de espinhos é pintado do lado de fora da túnica. Esse Cristo do pietismo meloso às vezes é um beco sem saída do momento da vida mais profunda. É aí que muitas pessoas que amam a Deus têm encalhado. Existe no evangelho um aspecto romântico legítimo, mas devemos ter certeza de que nossa disciplina centrali-zante não nos ponha numa redoma de doçura religiosa.
Jesus é o Filho de Deus sem pecado, mas não veio para ser o bebezinho de nossa piedade pessoal. Ele veio cumprir uma programação de luta renhida para salvar a humanidade. Sempre deve ser adorado dentro do contexto de sua missão salvífica. Se começarmos a adorá-lo de modo romântico e sem nenhum conteúdo de ministério, sua obra redentora perderá o valor, e ele se tornará ídolo para os brandos, superficiais e supersticiosos.

ORAÇÃO: O CAMINHO PARA O CENTRO

A oração é a arte de focalizar nossa vida em Deus e deixar que nosso foco nos conduza à presença dele. Nossas orações particulares não precisam ser inteligíveis. Na realidade, quando estivermos totalmente envoltos na oração é que perceberemos a espantosa falta de palavras. O Espírito "nos ajuda em nossa fraqueza, pois não sabemos como orar, mas o próprio

Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis" (Rm 8.26). Quanto maior nossa seriedade na oração, mais nossas orações transcendem as meras palavras. Com efeito, António do Deserto escreveu: "Não é perfeita a oração se temos consciência de nós mesmos ou compreendemos nossa oração".[8]

Como, então, começar essa agonia de relacionamento que chamamos de oração? Centralizando! Mas o que é centralizar? Centralização é uma função do nosso desejo de entrar em contato com Deus, e a oração é o método dessa arte. Em primeiro lugar, a oração descobre o eu.

"Eu" é uma palavra que quando pronunciada na presença de outros cristãos soa como falta de modéstia. Por quê? Porque "eu" é aquela palavra original indecente que fez Adão cobiçar o fruto proibido. Mesmo antes de Adão cair diante do "próprio eu" do mal que se avultava diante dele, Satanás era um arcanjo que dizia: "Exaltarei o meu trono acima das estrelas".

No princípio, entretanto, o eu era a alma — *nephesh.* A individualidade genética antes de seu tempo. Deus criou Adão e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida, e Adão tornou-se um ser vivente. Ali, na origem da feitura do homem, ele era único, irreproduzível. No Éden, o "eu" era uma expressão nobre. Era a declaração de que Deus criara de modo perfeito e individual. Adão e Eva eram diferentes entre si, mas ambos tinham forte semelhança com seu Criador. Cada qual era algo que "nunca existiu" e que "nunca existirá de novo". Eram eus, almas, *nepheshim* — poderosamente livres e jamais deviam ser manipuláveis — pertencendo sempre a si mesmos.

Então, comeram e apodreceram, como acontece com uma fruta meio mordida. Ao comer, o "eu" proibido permaneceu único, mas passou a ser cobiçoso, cultuando o próprio apetite e comendo o que quer. Nesse único ato, a temperança transformou-se em glutonaria. O amor morreu. O abarcar desprezou a insuficiência de meramente possuir e tornou-se materialista ávido.

A humildade é o caminho mais rápido para o centro do eu. Sobre isso, Clemente de Roma escreveu aos coríntios no século I:

Meus irmãos, tenhamos um pouco de humildade. Esqueçamo-nos da defesa dos nossos próprios direitos, da nossa fanfarronice e das nossas brigas tolas e pratiquemos o que a Bíblia nos manda.[9]

A Bíblia é a carta magna da nossa abnegação.

Mas nosso auto-abandono é mais fácil de ser praticado quando vemos como Jesus pôs em prática o seu. Bernardo de Claraval confessou: "Meu Jesus, quando te vejo tão humilhado diante de mim, como posso querer ser estimado e honrado em tudo?".[10] Alfonso Liguori escreveu: "Meu amado Jesus, beijo as cordas que te amarram, porque me livraram das correntes eternas que eu merecia".[11] A humildade pode ser um gesto tão singelo quanto beijar as cordas de Cristo. Isso porque elas continham tanta glória que devem ter sacudido os céus quando os açoites caíram sobre a carne de Cristo. Não admira que Alfonso tenha chorado: "Deus, preso e acorrentado! O que os anjos teriam dito ao ver seu Rei com as mãos amarradas?".[12]

Certamente podemos encontrar na humildade de Cristo o caminho para o centro da nossa alma e prostrar-nos diante do Salvador humilde e chorar até nos humilhar.

No tempo em que Jesus veio ao mundo, a palavra "eu" tinha de ser levada em conta. O eu tinha

---

[8]St. Anthony, cit. Kathleen Norris, *Amazing grace,* p. 58.

[9]I Clement 13a, *Early Christian writings,* p. 28.

[10]Cit. *The saints show us Christ,* p. 287.
[11]Ibid., p. 293.
[12]Ibid., p. 292.

de ser negado, conforme disse Jesus. "Crucificado", disse Paulo. Por quê? Porque o eu serve somente a ele mesmo. O ego viceja em solo tão raso que não consegue oferecer condições para
os propósitos de Deus criarem raízes.
Centralização é a fusão de dois "eus" — o nosso e o dele. Centralização é a união com Cristo. Não é uma união que anula um ou outro "eu", mas que enaltece ambos. A individualidade sagrada de cada um fica maior nessa união. Nunca somos mais nós mesmos, e Deus nunca é mais Deus que quando entramos em união com Cristo.
As Escrituras nunca nos incentivam a *anular* a nós mesmos (ser inexistentes). Elas nos mandam *negar* a nós mesmos, abdicar nossas paixões e nos livrar daquilo que quer ocupar nossa vida com interesse mesquinho. A oração é uma conversa de amantes. Mas, se nos anulamos a ponto de nem existirmos, Deus não poderá falar conosco. Centralização é o abandono dos aspectos cobiçosos do eu. Catarina de Siena ouviu Deus lhe dizer: "Você é aquela que não é, e eu sou aquele que é!".[13] Mas Catarina sabia que era somente a sua individualidade que lhe possibilitava qualquer conversação com Deus.
A vida toda clamamos por estar em comunhão constante com Deus. Mas é possível orar sem cessar conforme propõe o apóstolo (v. 1Ts 5.17)? Sim, é. O jeito certo é penetrar na cela do eu interior e contentar-se em viver ali.[14] Talvez seja essa uma das grandes marcas distintivas entre a meditação cristã e os sistemas orientais. Nos métodos de ioga, o indivíduo sempre tenta anular o eu. Na meditação cristã, todavia, reconhecemos o eu como a base de nossa existência em Deus. Não devemos engrandecer demais o eu, mas devemos nos emocionar porque, por sermos humanos, nos é permitida essa definição maravilhosa de nossa importância. Existimos. Não podemos deixar de existir. Afinal, Deus tem coisas maravilhosas para nos dizer.
A abnegação, portanto, e não a negação da própria existência, é o caminho para a obediência. Vale a pena escutar o que Gregório Magno diz: "Renunciar ao que possuímos é secundário; renunciar ao que somos, é exigir muito".[15] Até que ponto Deus pediria que não fôssemos o que somos? Ele nunca pediria que cessássemos de existir. Pede, sim, que paremos de ser egoístas, que cessemos de ser viciados em nossas paixões, que deixemos de ser superficiais na adoração, mas nunca que cessemos de existir.
Deus não deseja que nenhum "eu" seja anulado; apenas que pare de ser egoísta. Ele pode nos comunicar melhor isso quando estamos em silêncio e "no centro" do nosso relacionamento com ele. Não somos o ponto essencial da nossa centralização, mas Deus é. Não convidamos o Deus santo para vir ao nosso pequeno centro de existência. Nós nos transferimos para dentro dele. Sentados no meio da presença de Deus, somos mais do que seríamos em qualquer lugar na periferia de nossa espiritualidade.
É no centro que sabemos quem somos e quem é a fonte do nosso valor. A espiritualidade interior é a fonte do nosso relacionamento com Cristo. A qualidade interior de nossa espiritualidade significa que tudo que nos é precioso levamos dentro de nós. William Law escreveu acerca desse tesouro:
A pérola da eternidade é a igreja ou o templo de Deus dentro de você, o lugar consagrado da adoração divina, o único lugar onde você pode adorar a Deus em espírito e em verdade. Quando você estiver bem fundamentado

nessa adoração interior, terá aprendido a viver para Deus, acima do tempo e do espaço. Isso porque todos os dias serão domingo para você, e, aonde for, terá com você um sacerdote, uma igreja e um altar.[16]
O Deus que está dentro de nós continua dependendo do Deus que está além de nós.
É necessário deixar claro mais um fato: Deus é onipresente em todo o universo. É cósmico e vasto. Nunca poderíamos chegar a seu centro no sentido geográfico. Aquele que não tem limites não tem centro possível. Eu nunca desejaria ser culpado de incentivar algum outro método de meditação (usado pelas seitas). Tampouco desejo a culpa de propor qualquer ladainha cristã que

---

[16]De Mary TlLESTON, org., *Daily strength for daily needs,* p. 312.
[17]Thomas MORE, *Meditations,* New York: HarperCollins, 1940, p. 17.
[13]Mary An'n FATULA, *Catherine of Siena's way,* p. 79.
[14]Ibid.
[15]Cit. Woodene KOENIG-BRICKER, *365 saints,* da leitura do dia 3 de setembro.
[16]De Mary TILESTON, org., Daily stregth for daily needs, p.312.

pudesse ser usada para a centralização. Não quero oferecer mais um sistema de liga-desliga que faz o indivíduo piedoso instantaneamente.
O que estou de fato sugerindo é a adoção de um princípio que eleve nosso caminhar com Cristo a um nível superior. A maioria das pessoas passa tão pouco tempo em oração que delas nunca
deriva crescimento espiritual algum. Elas têm vivido e sempre viverão na periferia do poder de
ação de Deus. Precisam avançar para aquele tipo de vida de oração que realmente lhes forneça
um ponto de vista dinâmico da parte de Deus. A liberdade do empreendimento jamais pode apagar a disciplina implicada nele.
Thomas More diz que existem três paixões: o amor, o ódio e a oração.[17] O eu é até certo ponto resultado das nossas paixões, e qualquer uma dessas três criará o eu. Todos nós já conhecemos pessoas que amaram tanto a ponto de se transformar em protótipo do amor. O mesmo se pode dizer a respeito do ódio. Pode-se dizer também que, de vez em quando, surge alguém que ora tanto que sua vida fica sendo uma oração. As orações centralizantes superam nossas súplicas intermitentes. As orações centralizantes nunca são como aquelas jogadas apressadas para o alto, feitas nos esportes, que sobem da nossa parte em meio a nossas idas e vindas atropeladas. Essa intercessão ingênua toma por certo que Deus atende aos nossos pedidos medíocres nos atirando de volta respostas de alto nível. As orações centralizantes interessam-se pelo relacionamento, não pelas respostas. A oração centralizante deseja a Deus somente — tudo de Deus — mais de Deus — somente a Deus.
Nossa salvação está calcada no processo de nascer de novo, mas nosso senso de descoberta apenas começou quando nos convertemos. Desse momento em diante, o eu desperta todas as manhãs para uma nova maravilha. Ou o eu está sempre sendo criado, ou está morrendo. A criação do eu ocorre gradativamente no decorrer da vida. Não tenho muita paciência com as pessoas que acreditam que Deus é tão trivial que tudo quanto ele é se encontre num único momento da salvação. Pelo contrário, a sua glória precisa entrar pouco a pouco em nossa vida frágil e finita. De outra forma, morreríamos esmagados por sua imensidão.
Ouvi falar de um preletor motivacional que diz que inventamos a nós mesmos. Isso não está longe de ser verdade, mas não é a melhor verdade. Podemos até certo ponto inventar a nós mesmos com a leitura de bons

livros e o contato com idéias grandiosas. Mas essa invenção de nós mesmos não tem tanto valor para nós quanto ir para as profundezas de Deus. Quando nos concentrarmos em Deus, descobriremos dentro de nós o conhecimento cada vez mais amplo de que a revelação de Deus está nascendo dentro de nós.

ESCUTAR NOSSA CONVERSA COM DEUS

Suspeito que a diferença entre uma pessoa experiente na oração e outra com menos experiência é a quantidade de tempo que passam falando em vez de escutando. No passado, eu ficava preocupado com a admoestação de Paulo: "Orem sem cessar". Hoje acho que isso é possível somente para aqueles que tiveram experiência significativa na oração de maneira que transformaram a oração de escuta na parte maior de sua oração. Aqueles cujas orações são monólogos intermináveis fazem de si mesmos uma boca gigante e de Deus, um ouvido pequeno. As melhores orações são diálogos de íntima comunhão. Presença é estar "com Deus". Não é falar, nem escutar. É permanecer na presença de Deus. A comunhão íntima considera tão preciosa a união que não quer fazer da oração dois módulos — um de falar e outro de escutar.

Os casais de namorados podem ficar sentados num amplo trecho da praia e ficar tão hipnotizados pelas ondas e pelo céu que qualquer conversa banalizaria sua união, em vez de aumentá-la. A comunhão íntima também implica diálogo. Permanecer juntos em silêncio é mais diálogo que um bate-papo.

A centralização é o ponto da comunhão mais íntima entre Deus e seus filhos necessitados. Esse diálogo continua sempre e, quando nenhuma das duas partes fala, ambas se fundem num módulo poderoso de escuta. É quando nosso diálogo sem palavras atinge o ápice. Nessa condição, passamos por todas as tarefas e pelo lazer do nosso dia com a sensação de tudo em ordem. É então que nossa vida firme de oração santifica o mundo em que somos peregrinos. Quando os amantes se demoram no centro de seu relacionamento com Deus, sua vida de união

---

[17] *Meditations,* New York: HarperCollins, 1940, p. 17.

com Cristo entre seus períodos de centralização é automática. Santo Antônio disse que a melhor oração surge quando já não nos lembramos que estamos orando.[18]

Existem muitas abordagens litúrgicas que procuram manter essa conversação constante. Em geral, não me impressiono com ladainhas. Por que os rosários ou outros planos para a oração contínua não são mais atraentes? Porque as repetições memorizadas acabam sendo um lugar enfadonho para viver. As repetições podem impedir que a mente se feche completamente, e esse é seu propósito. Mas também podem deixar a mente insensível, em vez de provocar fertilidade de imaginação. As ladainhas de dedos gastos não são o modo mais direto de avançar para o centro vital. Esses dispositivos memorizados de oração produzem "silêncio formal", mas em última análise não ajudam muito. Thomas Merton nos faz lembrar que esses silêncios pré-fabricados podem deixar de "ser uma forma de graça e transformar-se em parte do problema" que bloqueia o silêncio. [19]

O AVANÇO DO MISTÉRIO

Nas profundezas da oração centralizada, encontra-se a quietude. A piedade da boca para fora é esmagada pela majestade e silencia. Na majestade das últimas coisas, houve silêncio no céu durante meia hora (v. Ap 8.1). Um teólogo empregou o termo *mysterium tre-mendum* (mistério arrasador). No

Santo dos Santos é proibido conversa trivial porque o ar fica por demais pesado com a glória insondável.
Você se lembra de que Pedro pecou por puxar muita conversa na transfiguração? O silêncio das coisas exaltadas geralmente leva os ingênuos a querer preenchê-lo com palavras. Isso porque levam uma vida tão superficial que coisas mais profundas os deixam inquietos e faladores. Devemos ser semelhantes a João naquela primeira Páscoa. Vendo o túmulo vazio, o reverente temor da majestade não o deixava falar. Esse encontro quieto é o caminho direto para o centro.
Qual é o poder desse mistério? A proximidade de Deus. Qual é o último passo da proximidade? O centro. Aproximar-se do epicentro do poder faz os prudentes se calarem. Somente os tolos e os superficiais falam nesse caso. Isso é bom. Por quê? Porque a escuta faz parte da centralização. A onisciência de Deus nos informa que não sabemos o suficiente e falamos demais. Como é sábio o antigo provérbio que diz que Deus nos deu dois ouvidos e uma só boca para escutarmos duas vezes mais do que falamos.
A oração, em seu aspecto mais elevado, é o encontro entre um Deus santo com um filho seu que tem fome de santidade. Um filho purificado que anseia por valores puros diante do Deus que satisfaz em primeiro lugar o discípulo faminto. A oração consiste em almas boas pedindo coisas boas — e o melhor de tudo que é bom é o próprio Jesus.
Já dissemos que a oração pode ser a comunhão do acordo silencioso. Nenhuma palavra é necessária para expressar a comunhão íntima entre Deus e cada um de nós. Mas a oração é um diálogo, e Deus prefere que sejamos tagarelas na sua presença a jamais comparecermos diante dele. Que pai ia querer excluir um filho só porque fala muito? Afinal, a maturidade acabará ensinando ao filho prudente que o Pai é onisciente. Mesmo assim, embora o filho nunca deva silenciar o fluxo avassalador de sua conversação imatura, é bom fazer um esforço para diminuir-lhe a velocidade.
Isso é sempre uma fraqueza em nossa intercessão. Ela entra na sala do trono tão resoluta em cumprir sua programação que prefere recitar seus pedidos a escutar para saber se Deus realmente está querendo dizer alguma coisa. Por outro lado, quando vejo na televisão os praticantes do evangelismo emocional, fica claro que estão arrebatados num inegável êxtase. Mas, a maior parte é esbanjamento de emoções e um pouco de atletismo.
Nisso se encontra o grande paradoxo da vida centralizada. Escutar com calma é o meio de entrar, mas às vezes a vida no centro fica esmagadora com a pressão do louvor. O *mysterium tremendum* começa a inchar até se romper. Sua vastidão fica grande demais para o recipiente humano. Então o crente é proibido de ficar sentado quieto, e o silêncio que inicialmente introduziu o cristão para o centro de Deus cede lugar ao louvor que explode na glorificação dele.

---

[18] *The spring of contemplation,* p. 46.
[19]Ibid., p. 18.
É importante, porém, que não glorifiquemos o meio de nossa centralização. É fácil orgulhar-se
para chegar ao centro de Deus não demoram para se esforçar mais em produzir um belo "jornal"
mais da técnica do que da união que queremos que ela realize. Alguns dos que fazem a jornada

(diário, reportagem) do que em se concentrar em Deus. Alguns dos que empregam cadernos de anotações orgulham-se mais de sua obra escrita do que do tempo que passam com Deus.
Em nossa vida religiosa oficial, existem estruturas que bloqueiam nossa percepção e põem gestos que servem de substitutos, como um tipo de imagem ou fachada simbólica. São como uma prescrição ou receita em que se escreve: levante-se às 2 horas da madrugada, nunca escreva para casa, nunca coma carne, nunca falte no coro [...] Antes de ser proféticos, precisamos ser seres humanos autênticos que conseguem existir fora de uma estrutura, conseguem criar sua própria existência...[20]
Não se deve conceber a centralização como êxtase petrificado. No centro, seremos provavelmente tocados pela quase insuportável voltagem da presença de Deus. Ela é tão explosiva que às vezes pode fazer irromper o louvor irrefreável. Sempre existe algo potencialmente dinâmico em nosso caminhar com Deus. Assim como os discípulos de Atos 2, não temos a mínima possibilidade de ficar sentados em silêncio contemplando nosso próprio umbigo. Nossa interioridade fica pequena demais para conter a imensidão de Deus. Assim como nossos antepassados do Pentecostes à espera da visitação da glória de Deus, devemos dar espaço para o vento e o fogo. E quando aparecerem as línguas de fogo, nossa urbanidade quieta pode ser espatifada por nosso louvor espontâneo, do tipo "preciso expor tudo abertamente". Somos muito semelhantes àquele cântico espiritual antigo que diz:

> — Sente-se, irmão!
> — Não posso me sentar!
> — Sente-se, irmão!
> — Não posso me sentar!
> — Sente-se, irmão!
> — Não posso me sentar! Acabo cie alcançar o céu e não posso me sentar!

Thomas More disse que sabemos que estamos nas profundezas da presença de Deus quando notamos em nós mesmos uma santa tolice.[21] Se a televisão religiosa a cabo nos parece uma tolice santa, talvez devamos nos perguntar o que a santidade fria e intimidativa já fez em favor deste mundo? Eu prefiro a santa tolice. A igreja faria melhor se riscasse um pouco de rastilho de pólvora em vez de continuar para sempre festejando as suas teologias geladas.

A COMPREENSÃO DA BELEZA

O mínimo que Deus pode ser é belo! Considere o esplendor desse adjetivo que é onipresente em nossos hinos: "Tão belo, tão bom"; "Jesus tão belo, Rei das nações"; "Ele torna todas as coisas belas no seu tempo"; "Na beleza dos lírios, Cristo nasceu no além-mar".
Deus deve vestir-se com o adjetivo "belo".
Lindo pode ser, mas *belo* é lindo acrescentado de disciplina.
Não nascemos belos: adquirimos essas características como dádiva de nossa disciplina. Nem todos podem ser bonitos (a mais automática e inútil das virtudes), mas a disciplina da oração torna verdadeiramente belos todos os que se disciplinam. A beleza é em geral o canal da nossa centralização.
Conheço um missionário com paralisia cerebral. "Bonito" é um adjetivo que nunca lhe coube, mas "belo" é a palavra que o define. Sem dúvida, ele mesmo repudiaria essa noção. Ficou estranhamente contorcido e aleijado durante toda a vida, mas seu andar com Deus é de passos largos e planos como o vidro.

Uma das minhas peças prediletas de Tolstói é *Memórias de um lunático.* Nesse testemunho, o conde Tolstói começa a história de sua peregrinação para a fé, a partir de sua infância. Sua babá lhe contava na hora de dormir histórias do Salvador e sempre terminava com a crucificação, para em seguida apagar a vela bruscamente e mandá-lo adormecer. Mas o jovem Tolstói não conseguia conciliar o sono depois dessa leitura. Rogava que ela ficasse, acendesse de novo a

---

[20]Ibid., p. 109.
[21]MORE, p. 11.

vela e lhe contasse por que as pessoas más crucificaram a Jesus, já que ele nada fizera de errado. Insensível, Mitinka proibia-o de fazer perguntas e fechava a porta abruptamente deixando-o no escuro. Trevas mais densas, porém, povoavam-lhe a mente. Tolstói confessou que quando era criança chorava e batia a cabeça contra a parede, frustrado, pois queria saber tudo que fosse possível a respeito do sacrifício de Jesus. Essa sua loucura continuou durante muitos anos. Vivia com a necessidade insaciável de conhecer o Cristo crucificado no esplendor de sua redenção. Mas tudo lhe ficava oculto, e somente anos mais tarde é que houve um instante de entendimento centralizador. Depois, homem feito, recebeu a comunhão e imediatamente encontrou o Senhor vivo da igreja. Suas perguntas melancólicas, destituídas de respostas, foram atendidas com fé jubilosa. Num só momento, sua vida foi transformada em beleza.

Thomas More escreveu em *Utopia* que devemos tornar o menos ruim possível aquilo que não conseguimos transformar em bem.[22] Eu gostaria de acrescentar que devemos tornar belo na presença de Deus aquilo que não conseguimos evitar que seja feio. Francisco de Sales dizia que, dentro do possível, devemos tornar atraente nossa devoção a Deus.[23] Talvez seja por esse motivo que não devemos levar nossa santa tolice longe demais. Pular em cima dos bancos da igreja talvez demonstre sua vitalidade em Cristo, mas não necessariamente sua saúde mental. E Paulo, falando sobre o uso de línguas em público, disse: "Assim, se toda a igreja se reunir e todos falarem em línguas, e entrarem alguns não instruídos ou descrentes, não dirão que vocês estão loucos?" (ICo 14.23).

Catarina de Siena declara melhor o que penso a respeito: "Devo eu sempre, por causa da minha infidelidade, fechar as portas à Providência Divina [...] Senhor, desfaze-me e quebranta minha dureza de coração para eu não ser uma ferramenta que estrague a tua obra".[24] Quero ter a liberdade em Cristo de sentir a presença de Deus, mas o exibicionismo religioso, assim como qualquer outro, macula a face de Deus para os que não crêem. Temos a obrigação de tornar a nossa devoção a Deus tão atraente que todos aqueles que nos virem imersos na maravilha do nosso louvor desejarão conhecer o objeto do nosso louvor.

DEIXAR QUE AS ARTES NOS DEFINAM

Retorno às artes e ao papel que desempenham na centralização. As artes, como a oração, me levaram muitas vezes ao ponto de autode-finição. Mas, por enquanto, deixe-me dizer que raras vezes encontro arte religiosa grandiosa sem sentir uma força estranha agir sobre mim. Senti essa força incomparável da oração quando vi pela primeira vez a *Crucificação,* de Grúnwald. A imensidão de *Mestres holandeses* de Rembrandt também me afetou. A cena da crucificação do filme *Ben Hur* e o auto-sacrifício de Spock em *Jornada nas estrelas II:* a ira de Khan foram igualmente comoventes.

Resumindo: quando as artes me fazem ver Jesus, sinto a força da verdade. E assim centralizo-me na união com Cristo.
Não nos esqueçamos, porém, que esse *mysterium tremendum* também existe nas Escrituras. Quando ouvi pela primeira vez a leitura de Hebreus 12, minha alma despertou e me fez curvar a cabeça e exclamar: "Jesus é o Senhor". Tive a mesma sensação lendo Jó, Salmos 19 e Isaías 6. Essas leituras bíblicas contêm um tipo de vitalidade que nos canaliza para o centro.
O mistério provavelmente se encontre num nível de oração inacessível àqueles cujo amor às brincadeiras na igreja afeta sua definição de oração. É lastimável que a política eclesiástica moderna esteja levantando tanto o Baal dos empresários religiosos que o deus menor tenha eclipsado o Deus maior. Se a igreja moderna tem uma falha, talvez seja o fato de ter substituído o amor sublime a todas as coisas santas pelo mero afeto pelo sucesso mundano. A religião corriqueira é sempre um hábito tão enfadonho que leva seus partidários a se curvarem diante de altares baixos com um silêncio que tremeria diante da majestade.
Arte é algo — qualquer coisa — feito artesanalmente ou criado. O que fazemos diz o que somos. *Romeu e Julieta* define Shakespeare. *Carmen* define Bizet. 1 Coríntios 13 define o apóstolo Paulo.
Tiago diz que toda boa dádiva e todo dom perfeito provém do Pai das luzes. A arte não é

---

[22]New York: The Penguin Group, 1976, p. 33.
[23]*Thy will be done,* p. 46.
[24]FATULA, p. 37.

evidência de um Deus tão fiel e dadivoso? Quando esses dons artísticos alcançam seu apogeu, Deus é glorificado pela pura excelência dos dons que definem a individualidade e a grandeza do eu humano. Mas aquilo que nos define também nos ajuda a centralizar nossa união com Cristo.
Deixe-me ilustrar.
Os três tenores (Carreras, Domingo e Pavarotti) emocionaram o público pelo mundo inteiro na década de 1990. A primeira ocasião que os ouvi cantar foi numa fita cassete no carro. Fiquei tão impressionado com o poder do talento deles que estacionei o carro no acostamento, ouvi, glorifiquei a Deus e acabei chorando. Por quê? Estavam cantando meu hino antigo predileto? Não! Na verdade, nem sequer estavam cantando uma música religiosa. Mas o dom incomparável dos três provinha de Deus, falava de Deus e fizera-me glorificar a Deus. Tive de glorificar a Deus, porque nenhum dos três é autor do próprio talento. Deus deu a cada um o talento característico que veio a definir diante do mundo o que ele é. Nesse caso, a arte me introduzira nas regiões celestiais, e minha reação foi louvar. Do louvor, fui impulsionado até o centro. No centro, permaneci na glória da escuta enquanto Deus era engrandecido na minha vida. As artes são quase sempre a porta por onde passam nossos melhores *magnificats.*
Creio que é impossível atingir as profundezas de Deus sem se esforçar por conhecer as artes e os artistas que definem seu poder. É muito frequente as pessoas me perguntarem o que faço quando a arte desce a temas e expressões que, na melhor das hipóteses, são *antipiedosos* (profanos, obscenos) e, na pior das hipóteses, *antiDeus* (blasfemos ou idólatras). É o diálogo que domina a situação. Ninguém de moral ilibada pode permanecer sentado vendo um filme indecente sem se sentir envergonhado ou humilhado. Podemos impedir nossos filhos de assistir a esses filmes por

acharmos que os valores do filme não condizem com a moral superior da Bíblia.
Se, portanto, levamos nossa harmonia íntima a uma expressão artística ímpia, não temos outra escolha senão sair de lá. Caso contrário, essa harmonia se romperia, até porque Deus iria embora. Qualquer envolvimento consciente de nossa vida numa forma artística ímpia rompe a comunhão, e a oração constante é interrompida por causa de nossa infidelidade espiritual.
Além disso, a centralização torna-se impossível para aqueles que se permitem a prática de coisas ilícitas. O impulso sexual, uma vez despertado em situação ilícita, serve somente ao próprio eu. Existe um tipo de mística no sexo que de muitas maneiras tem-se destacado em toda a história da raça humana. Mas, quando é ilícito, não passa de um mistério que serve ao apetite primordial. Sua mística passa a ser totalmente egoísta porque segue seu impulso até o fim. Não nasce nenhuma nobreza dele. O sexo ilícito não só impede o serviço ao próximo, como também está tão ocupado consigo mesmo que nem sequer consegue parar e pensar no próximo.
O conselho de Jesus quanto a estar no mundo deve significar que andamos por uma cultura pecaminosa e caída e que oferecemos a essa cultura esperança porque permanecemos em comunhão com Deus enquanto estamos no mundo. Estamos escrevendo a melhor definição de nós mesmos, uma oração centralizada de cada vez. Nossa sede pelo íntimo de Deus nos emociona e nos define. Essas orações acabam tornando difícil nos distinguir do próprio Cristo.

É uma simples questão de observação que,
pelo que podemos julgar aqui embaixo,
quanto mais virtuosa a vida do pregador,
maior o fruto que produz,
por menos destacada que sua vida seja,
por mínima que seja sua retórica e
por mais corriqueira que seja sua instrução.

Pois o que se apega nas pessoas provém do espírito vivo; ao passo que o outro tipo de pregador produzirá bem pouco, por mais sublime que seja seu estilo e sua instrução.[1]
— JOÃO DA CRUZ

Ó Amigo, você não tem consciência do caminho para o Pai? Você deve, então, curvar seu espírito diariamente diante de Deus e esperar o espírito dele soprar sobre você.[2]
— ISAAC PENINGTON

A terra detém um poder estranho
que nos amarra ao pó,
e deixa almas pesarosas
amarradas na sua crosta.
Mas o vento sussurra contos
de uma força no céu,
e os que ousam desprezar o pó
conseguem voar.[3]
— CALVIN MILLER

---

[1]*Ascent of mt. Carmel,* p. 313.
[2]Cit. Richard FOSTER, org., *Devotional classics,* p. 236.
[3]*Guardians of the singreale,* epigrama de abertura, San Francisco: Harper SanFrancisco, 1988, p. 10.



O Salvador eleva-se do monte das Oliveiras,
dissipa-se no céu e desaparece.
O Espírito vern, mas como?
Ouça o que o vento fala
à chama.

O amor rugiu.
E então o tríplice mistério do Espírito Era um só.

Mas o amor, iniciado no espaço aberto
Se incharia com o júbilo até um ser três
— Seu fator de infinidade na graça.
Nunca a sua Terra entenderá
Esse enigma cósmico que nasceu antes dos homens;
Como o Espírito pode se transformar em mão
com tendões
E passar a ser, de novo, o Espírito cósmico.
Nunca foi um, mas sempre três.
Nunca foi três, mas sempre um.
Declarando com ousadia que sempre existira —
Mas clamando que nunca tivera início.
Que os homens abracem a chuva.
Venha, Vento, sopre livre
E desperte a brisa doce e cálida!
Sonhem, homens sem sonhos!
Nossos jovens vazios, venham cheios de profecia.
Nossos grunhidos, agora lavados pelo Espírito, voltam
a ser palavras.[4]
— CALVIN MILLER

[4]*The song,* Downer's Grove: InterVarsity Press, 1978, p. 192.

CAPÍTULO 8

MISTICISMO: MANTER CONTATO COM O ESPÍRITO SANTO

Místico" é um adjetivo maravilhoso que aplicamos a tudo que tem significado definitivo e essencial, mas foge ao nosso entendimento. No tocante à vida espiritual, a realidade mística é um lugar de convergência de duas estradas: a do *mistério* e a da *paixão.* Quando o mistério e a paixão se encontram, ficamos quase sempre desnorteados, mas nunca entediados. Nessa união, às vezes ansiamos mais por Deus e o compreendemos menos. Experimentamos a maravilha acolhedora e exótica que nos avisa que estamos nos aproximando de Deus. Ele não se declara a nós — isto é, ele não pode se declarar. Ele é imenso demais, e nós, finitos demais. Nosso cérebro pesa apenas cerca de 1 500 gramas. Como esses órgãos humanos tão leves e pequenos poderiam acolher a plena descrição do Deus grandioso? A mais poderosa de todas as paixões concentra-se em coisas por demais maravilhosas para ser compreendidas. Verdades tão grandes assim afetam profundamente nossa vida, e sentimos o peso da glória.

Onde está o centro dessa paixão — dessa exultação que dá ao mistério o seu poder? O Espírito de Deus fornece toda vitalidade autêntica. Concede a vida e cria o propósito. Seus símbolos são a chama e o vento. Não existe nada que nos inflame a vida como o bendito Espírito de Atos 2. O fogo e o vento impetuoso são suas águias gêmeas. O Espírito penetra nossa filosofia obtusa, rasa e materialista como um fogo impulsionado pelo vento que impede que nossa fé seja morta e nossas confissões destituídas de vida.

Quando Isabel da Hungria foi canonizada no século XIII, ganhou seu próprio dia — 17 de novembro — no calendário dos santos da Igreja Católica. Não me importo muito com os dias dos santos, mas há muito tempo Isabel me intriga. Ela nasceu em 1207 e, quando alcançou idade para casar-se, ficou "loucamente apaixonada" por Luís IV, nobre da Turíngia. Existem muitas histórias apócrifas da vida dela, mas todas convergem para seu caso de amor com Luís IV. Estava tão apaixonada que se deixava tomar por um desejo ardente sempre que o via. O casamento com Luís IV só serviu para aumentar o ardor. Ela segurava a mão dele e chorava pela deliciosa alegria de ser sua mulher e amante. Quando Luís resolveu sair numa cruzada, ela ficou arrasada. Implorou-lhe que não fosse, mas ele foi. E, para sua maior tristeza, seu amado morreu na cruzada.

Após a morte de Luís IV, Isabel ficou vagando triste e enlutada pelos corredores do castelo. Aos poucos, a amarga solidão começou a ser preenchida com a substância do Salvador. Gradualmente, sua paixão humana transferiu-se para Jesus. O romantismo que conhecera com Luís tomou direção espiritual. Isabel se entregou a Cristo. A glória de Deus estabeleceu-se em sua vida. Agora ela pertencia a Jesus. Deu o que tinha aos pobres e esvaziou a tesouraria do marido com sua caridade para com os necessitados da Hungria.

A paixão de Isabel por Cristo e sua dedicação total à glória de Deus suscitaram nela o mistério da piedade e o amor incontido. Sempre que essas qualidades se reúnem, Jesus volta a andar pela terra. O Pentecostes renasce. "Obediência" é a senha. A adoração é a mística. Deus espera aqueles que hão de amá-lo e têm sede da excelência infinita, que não se pode compreender. Quando anelo por Cristo, sempre vou ao encontro dessa excelência. É *terra cognita,* território conhecido, cujo acesso passa pela ponte do anseio. Mas o caminho desse anseio pode levar a becos sem saída, à decepção. Às vezes, mesmo quando sentimos sede de Deus, nosso anseio é tragado por nossa necessidade.

A derradeira sede remidora ainda será transformada na glória da sua imagem — para sermos conforme à imagem de Cristo. Paulo expressou de muitas maneiras esse desejo de conformar-se à imagem do Senhor, mas minha forma predileta aparece em 2Coríntios 3.18: "E todos nós, que com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor, segundo a sua imagem estamos sendo transformados...". Aqui temos o oposto de Narciso. Moço grego infeliz! Apai-xonou-se por sua imagem refletida na água de uma fonte e morreu procurando inutilmente apoderar-se dela. Nós, por outro lado, olhamos num espelho, vemos a Jesus e recebemos vida no desejo de ser iguais ao Cristo de nosso espelho.

"Em outras palavras", diria o apóstolo, "pendure um quadro de Cristo na galeria do seu coração. Resolva com determinação que você será uma reprodução viva desse quadro, e seu desejo fará isso acontecer no decurso do tempo".

Não preciso compreender os mistérios que estão além de qualquer compreensão. Preciso apenas ter alguma experiência deles. Mas estou ávido para encontrar o lugar em que Cristo se apresenta. Não consigo, pelo poder espiritual de minha sede fraca, atrair sua presença. Mas, se eu escutar e examinar a paisagem do meu tédio espiritual, ainda consigo ouvir o rugir do vento e ver as chamas dançando. Então, precipito-me para entrar em sua realidade afável e saber que tudo quanto procurei — a realidade do céu, o trono elevado de Deus — é realidade mesmo.

O que se acha por trás desse impulso? O próprio Espírito! Fico absorvido em minha necessidade de encontrá-lo. Já sorvi desse fogo, mas nunca foi suficiente. Eu imaginava que era suficiente quando senti os ventos fortes e vi as chamas. Mas sempre que o céu toca a terra, brota uma estranha sensação inebriante. O desejo de tornar-se semelhante a Cristo é compulsivo. Ao provar de Cristo, sentimos necessidade de experimentá-lo sempre mais. Depois de ouvir a Cristo, não conseguimos descanso enquanto não o ouvimos de novo. Não tenho plena certeza se foi sobre ele que T. S. Eliot escreveu em *The four quartets [Os quatro quartetos],* mas ouça o clamor do poeta a Deus e pergunte-se quanto tempo passou desde a última vez que você entrou em contato com esse mistério.

> O pombo quando desce rompe os ares
> Com chama de terror incandescente
> Da qual as línguas declaram
> Aquele que é inocente de pecado e erro.
> A única esperança, senão o desespero,
> Encontra-se na escolha entre uma pira e outra —
> Ser redimido do fogo pelo fogo.
> Quem, pois, concebeu o tormento? O amor.
> O amor é o Nome desconhecido
> Por detrás das mãos que teceram
> A intolerável camisa de chamas,
> Que o poder humano não pode remover.
> Vivemos apenas, tão-somente respiramos
> Consumidos pelo fogo, ou pelo fogo.[3]

Eliot era místico demais? De modo algum. Na mística, está a realidade da vida. Desaparecendo o mistério, também desaparece a igreja — pelo menos, a vitalidade dela. Creio que estamos neste momento numa etapa avançada de declínio espiritual. A não ser que descubramos como conseguir trazer o mistério de volta à igreja, sua vitalidade continuará diminuindo. Já levamos longe demais o sistema "prático". Precisamos recuperar o vento e o fogo inescrutáveis de nossa comunhão.

RECUPERAR O FOGO

É lastimável que os evangélicos tenham deixado de edificar santuários e começado a construir auditórios. Parece que isso declara que trocamos o mistério pelas conferências. Nunca fomos bons no mistério, na fumaça do incenso, em rituais nem em súplicas veladas. Não temos incenso. Não temos templos. Só temos auditórios em forma de caixas, com teto baixo e luzes de teatro. Nós nos transformamos em pessoas simples e pragmáticas. Não tenha dúvida disso:

---

[5]San Diego: Harvest Books, 1968, p. 143-4.

depois que o pragmatismo tiver completado seu curso, só restará a morte. Precisamos desistir de
fazer de Deus uma divindade prática que só existe para nos levar ao sucesso.

Um pastor que conheço planejou um reavivamento. Para conseguir o forte efeito que achava necessário, convidou um evangelista "inflamado" para estimular vivacidade nos membros e um pouco de emoção na sua velha igreja sem vida. Numa das noites de reavivamento, a congregação sóbria sentiu as chamas da confissão e da necessidade espiritual. A antiga mesa de comunhão, inativa durante tanto tempo, ficou cercada de arrependidos que choravam. A alegria foi contagiante. Na noite seguinte, porém, o pastor pediu desculpas por ter deixado que a igreja ultrapassasse os limites da emoção. O fogo, ainda uma ténue chama que rogava uma oportunidade de se transformar em verdadeiro fogo avassalador, foi totalmente apagado pelo extintor da prática religiosa sóbria. O Espírito Santo não os visitou de novo.

Que pena! Não existe vida no pragmatismo, nenhuma vitalidade nos trabalhos habituais, rotineiros. Precisamos ter o Espírito, ou seremos apenas pessoas superficiais, pequenas e explicáveis. Não admira que Karl Rahner tenha dito que o cristão do futuro ou será místico, ou terá desaparecido completamente.[6]

Há muito tempo, existia um grupo de pessoas em Efeso que se consideravam cristãos verdadeiros. Com a diferença de terem vivido mais de dois mil anos antes de nós, sem o império de publicações e mídia cristãos, essas pessoas tinham a aparência e muitos costumes típicos da classe média alta. Imaginando-os em nossos dias, usariam uma fotocopiadora de última geração para reproduzir o boletim da Escola Bíblica Dominical, usariam um moderno projetor multi-mídia para projetar a letra de seus cânticos de louvor e jogariam muito futebol em nome de Jesus.

Atos 19.1,2 não diz exatamente como Paulo conheceu esses crentes, mas, quando isso aconteceu, sentiu-se compelido a perguntar:
"Vocês receberam o Espírito Santo quando creram?". Resumindo, a resposta foi: "Não recebemos. Na realidade, nem sabemos o que é 'Espírito Santo'", confessaram os confusos efésios.

Não devemos culpar os efésios por essa confusão. Infelizmente, tenho quase certeza de que a culpa toda era de Apolo. Ele era o pregador popular daqueles dias e "lotava os bancos da igreja" — mil anos antes de existirem bancos — de pessoas que queriam ouvir seus sermões. Dominava a técnica homilética do "quebra-gelo" e era difícil escutar seus sermões, pois os aplausos eram frequentes. Os gritos e vivas interrompiam o fluxo de seus discursos, feitos em ambientes onde costumava não restar lugar para sentar.

Apesar disso, não era fácil achar boa teologia em seus sermões. Era impossível encontrar neles o Espírito Santo. Nos melhores momentos da história eclesiástica, o Espírito Santo dominou e revestiu de poder o

sermão cristão. Mas nunca foi fácil encontrá-lo no culto. Apolo não era uma anomalia — alguém que apareceu uma única vez e morreu. Apolo sobreviveu ao tempo, em todas as gerações que procuraram e procuram substituir o fogo pela agitação. Jesus é a única alternativa autêntica a essa "agitação". Quando sentirmos sede de Jesus, veremos o Pentecostes — não um pentecostes criado por campanhas publicitárias e aeróbica cristã. Encontraremos a igreja transbordando de discípulos que anseiam pelo Senhor — cada um deles como uma página em branco entregue a Deus pedindo sua orientação.

Uma igreja de joelhos não ganha campeonatos esportivos. Na realidade, nem sequer se importa com eles. Annie Dillard escreveu:

> De modo geral, não acho que os cristãos, fora das catacumbas, estejam suficientemente inteirados das condições. Alguém tem a mínima idéia de que tipo de poder estamos invocando tão levianamente? Ou, conforme estou suspeitando, ninguém crê em nada disso? As igrejas são como crianças brincando no chão com seus conjuntos de química, misturando um lote de TNT para fazer hora num domingo de manhã. É loucura as damas usarem chapéu de palha na igreja. Deveríamos todas usar capacete. Os introdutores deveriam distribuir salva-vidas e sinais luminosos, deveriam prender-nos com cinto de segurança nos assentos. Isso porque Deus, que parece estar dormindo, pode acordar um dia e ficar ofendido, ou o Deus acordado pode nos levar a um ponto de onde jamais conseguiremos voltar.[7]

---

[6]Mary Ann FATULA, *Catherine of Siena's way,* p. 13.
[7]*Teaching a stone to talk,* New York: HarperCollins, 1988, p. 40-1.

Como brincamos levianamente com o fogo! Como o desprezamos! Corremos entre os púlpitos populares e os salões de concertos religiosos, exclamando: "Procurem! Procurem! Cristo está aqui? Está ali?". Ficamos semelhantes a Diógenes. Lançamos a luz da nossa lanterna nas fissuras homiléticas do pós-modernismo, exclamando: "Procuramos o Espírito que reveste de poder, mas dê-nos o Espírito de Atos 2, se não se importa. Gostamos do jeito que ele sempre fazia coisas inexplicáveis".

Sem dúvida, existem outros espíritos falsificados. Existe o *espirito de artista de concerto,* que sabe quando deve estalar os dedos. Existe o *espirito politicamente correio,* que pode ficar falando o culto inteiro sem ofender nenhum grupo minoritário ou de preferência sexual. Existe o *espírito institucional,* que expressa sorridente suas preferências sobre cada programa específico. Existe o *espírito ecuménico,* que é tão tolerante que joga copas com os fariseus e bridge com os herodianos. Esse espírito é tão tolerante que convenceu muita gente de que crer menos é melhor do que crer mais, que a aceitação mútua é melhor quando se baseia em ideias pequenas.

Desse modo, vivemos numa geração que acredita que a tibieza é boa. Encaixa doutrinas espinhosas nos mesmos bancos almofadados das igrejas sem deixar que nossas bordas cortantes incomodem uns aos outros. A fraqueza isola a paixão fria, cercando-lhe, até que esta se sinta mais à vontade. A pusilanimidade é um pára-choque doutrinário. Quando as várias cristologias se encontram, a debilidade é melhor que os plásticos de bolhas de ar para proteger as arestas sensíveis das nossas tradições religiosas que antes eram importantes e individualizadas.

Essa flacidez espiritual é fabricada em vários lugares em todas as partes do reino. Existe a tendência sempre presente de pensar que, se fôssemos mais

inteligentes no conhecimento da Bíblia e se consultássemos os doutores no templo, ficaríamos mais próximos do vento e do fogo. Infelizmente, porém, não podemos alcançar a vitalidade espiritual por meio dos estudos. Catarina de Siena disse que era muito melhor andar segundo o conselho de uma pessoa sem cultura, mas que conhecesse a Deus, do que confiar na erudição de um intelectual orgulhoso.[8] Não podemos acabar com nossa apatia espiritual usando a educação.

ENFRAQUECER A VITALIDADE DO ESPÍRITO

Outro centro de fabricação de debilidade espiritual talvez seja o mundo de facilidades para o crescimento das igrejas. Marva Dawn tem-nos conclamado a "alcançar as pessoas sem as reduzir à idiotice", mas parece que podemos ir mais longe e mais rápido, quando reduzimos ao mínimo as definições doutrinárias. As pessoas brincam melhor de ir à igreja se lhes damos definições nebulosas de Cristo. Não confiamos no Espírito para preservar e promover a igreja. Na realidade, acredito que a maioria das igrejas já não esteja livre para dar as rédeas ao Espírito. Tememos que, se de fato confiarmos no Espírito, ele nos leve a ter comportamento semelhante ao de alguns evangelistas da mídia. E a ideia do fogo-fátuo é-nos tão repugnante que evitamos totalmente o fogo.

Ir além dos limites do que é tradicionalmente correto no culto pode fazer pessoas com gostos diferentes de culto desentenderem-se por causa da extensão de "liberdade" permitida. Os mais adaptados acham que talvez haja alegria demais. Um culto assim tira a *coin* (moeda em inglês) da nossa *koinonia.* É melhor manter as regras com flacidez do que arriscar mexer com a alta voltagem dos circuitos pentecostais. Por outro lado, pode-se também perder membros caso se fale mais abertamente sobre uma mudança para a vida mais profunda. Num mundo com Mercedes-Benz, não se pode falar demais em abnegação. A melhor maneira de manter pentecostais e tradicionais na mesma igreja é ter um culto com muitos cânticos e sermões breves e alegres. Em alguns casos, a tibieza é o vínculo que junta pessoas com doutrinas amplamente diferentes.

Sempre relutamos em abraçar o mistério da piedade. Já há muito tempo enfatizamos a pregação da verdade e em geral definimos a verdade como fatos bíblicos que podem ser ingeridos e defendidos. Esquecemo-nos de que os fatos não produzem vida; só o mistério da piedade consegue fazer isso. A pergunta fundamental para a vitalidade não é: "Você tem os fatos da fé?", mas: "Você está em contato com o mistério que reveste de poder?".

---

[8]FATULA, p. 69.

UM CRISTO FALSIFICADO?

As pessoas espiritualmente sedentas que não têm Cristo não vêm à igreja para se instruírem. Vêm procurando o propósito que brota do mistério que redime e revigora. Se não quisermos absorver com alegria a proclamação desse mistério, será o mesmo que acolher Apolo, em nossa reunião de café da manhã, com um pãozinho com geléia e mandá-lo para um estudo bíblico "divertidinho" com uma bênção à maneira de Hollywood. Pregar apenas os "fatos", ou apenas a "paixão", ou só a "diversão" é pregar o evangelho pela metade. A outra metade do evangelho não entra nas pessoas pela pregação: é introduzida mediante o vento e o fogo.

Passei a juventude ouvindo frequentemente os sermões de evangelistas do Texas. Eram sempre repletos de paixão, mas eu sentia muita dificuldade para relacionar as paixões com a boa doutrina. As ofertas de amor dos evangelistas dependiam da paixão. Chorávamos quando nos dirigiam ao

choro e ríamos quando nos dirigiam ao riso. Eram senhores do sistema nervoso humano. Os sentimentos não são todos maus. Preciso confessar que atualmente muitas vezes vou à igreja sem sentir coisa alguma. Sou cativo da analgesia em massa, da anestesia e da amnésia coletiva. A analgesia coletiva me faz lembrar que muitos sermões são quase dolorosos. A anestesia fala da capacidade desses discursos de entorpecer a vitalidade da fé. A amnésia em massa me faz lembrar que são completamente esquecíveis.

Estou convencido de que a maioria das pessoas não sabe expressar o que deseja da igreja. Em resumo, desejam Jesus, mas a história de Apolo em Atos comprova o perigo de um Cristo incompleto. Querem que o Espírito de Cristo lhes permeie a vida, mas não o conhecem como o vento e o fogo. O valor de cada reunião religiosa deve ser estimado pela pergunta de Paulo: "Vocês receberam o Espírito Santo quando creram?" (At 19.2).

Os efésios tinham sido invadidos pelo resplendor, mas infelizmente confessaram: "Não, nem sequer ouvimos que existe o Espírito Santo". Assim começa o trabalho do apóstolo, de fazer consertos doutrinários. Devidamente anunciados, o vento e o fogo seriam a metodologia do reino. É estranho que os efésios tivessem ouvido falar de Jesus, mas não do Espírito Santo. Mas, visto que o Espírito Santo é um só com Jesus, parece que eles não tinham de Jesus tudo que era possível obter. Na verdade, parece que sobreviviam com um Jesus pela metade.

Esse salvador docético sempre parece Jesus. Mas se esconde nas sombras de meias-verdades e na mente espiritualmente ingénua dos cristãos imaturos. Ele ensina com bons esboços informativos, mas precisamos de mais que isso. Precisamos abraçar o mistério do Espírito. É estranho que Apolo nunca tenha notado que estava pregando um evangelho pela metade. O Pentecostes chegara e se fora. Houve chamas de fogo e vento impetuoso. Três mil pessoas tinham-se convertido. O Espírito Santo estava atuando como névoa poderosa de graça sobre a terra seca. Jesus estava no planeta, e o mistério era o seu método. Só que Apolo não sabia. Afinal, ele gozava de popularidade, tinha seus programas e agenda bem cheia. Assim como hoje, se você for bem ágil e tiver notoriedade, poderá ir longe com a doutrina superficial, impulsionado apenas pela agitação. Entretanto, mais cedo ou mais tarde, forçosamente surge o mistério da excelência infinita, que não se pode compreender. Nesse dia, rejeitaremos o vazio dos cultos da igreja em que não há adoração pura.

O que fazemos para ser penetrados pelo Espírito quando estamos muito endurecidos espiritualmente? Começamos a substituir o Espírito por algum tipo de maquinaria institucional para darmos a aparência de ter o mistério. Esses substitutos são um verniz espiritual nos altares decadentes. Que substitutos estamos usando para criar a atmosfera da vida no Espírito? Às vezes, estabelecemos alvos financeiros ou numéricos. Isso satisfaz os administradores eclesiásticos do tipo dos da Bolsa de Valores, que querem quantificar a espiritualidade. Dessa forma, todos se mantêm bem ocupados e não surge nenhuma expectativa de batis-mo no mistério. Em breve, desenvolvem tamanha mentalidade numérica que ficam parecidos com aqueles dois astronautas batistas do Sul que pisaram na lua e imediatamente estabeleceram uma meta de três pontos para a Escola Bíblica Dominical.

Talvez formemos comissões de planejamento a longo prazo. É um desvio excelente da atenção! Leve as pessoas a fixar o pensamento dez anos à frente. Se conseguir levar os membros da igreja para um futuro tão distante, muitos ficarão quase inúteis no presente.

Quem sabe peçamos uma revisão dos estatutos da igreja. Isso sempre distrai a atenção e acaba fazendo os membros ficar tão inquietos que nem sequer sentirão falta de Jesus no culto.
Uma técnica para viver sem o mistério é, acima de tudo, aquilo a que C. S. Lewis se referiu como um monte de cristianismo hifenado. Existe o grupo de Cristo-e-os-mergulhos-de-avião, Cristo-e-o-vegetarianismo, Cristo-e-o-acampamento, Cristo-e-o-grupo-da-vida-um-pouco-mais-profunda, Cristo-e-o-grupo-da-vida-muitíssimo-mais-profunda.
Todos os que servem a Cristo e a algo mais descobrem que servir a Cristo é um pouco mais fácil do que amar a Cristo. Assim como fazer é mais fácil do que ser, servir também é mais fácil do que amar. Na realidade, para muitos crentes, servir torna-se um substituto de amar. Em meus muitos anos de pastorado, vi crentes que começaram com devoção a caminhada da fé e a prosseguiram com serviços prestados com má vontade. Servir não produz cristãos felizes; somente o amor surtirá esse efeito. Servir sem amor acaba sendo um hábito tedioso que nos oferece posição na comunidade ao mesmo tempo que nos furta o relacionamento com Cristo.
A pergunta talvez seja: Como escapar de servir aos hábitos religiosos inexpressivos para começar a amar a Deus de fato e desfrutar o mistério da piedade? Precisamos encontrar um meio natural e vibrante de estabelecer harmonia ininterrupta com Cristo. A resposta encontra-se no mistério do Espírito Santo. Quando aprendemos a "ser" em vez de "fazer", o Espírito pode iniciar sua obra.
Esse bendito Espírito é o nosso intercessor. Romanos 8.26 diz que o Espírito nos ajuda em nossa fraqueza: "Não sabemos como orar, mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis". Ele é a força onipotente no centro de nós. Imagine-o gemendo e chorando em grave agonia para que nossos desejos nunca passem despercebidos pelo céu. Hebreus 7.25 diz que Jesus vive sempre para interceder por nós. Qual é o estado dessa agonia de intercessão espiritual? O Cristo que ora por nós de dentro da cela do nosso coração? Catarina de Siena diz: "Eles recebem a vida eterna com o fruto de suas lágrimas e de sua caridade ardente: clamam e oferecem lágrimas de fogo em seu favor na minha presença".[9] Esses são os gemidos inexprimíveis do Espírito. São lágrimas de fogo que marcam por nós o rosto invisível de Deus. Não somos redimidos da angústia diária de nosso coração por esse bendito Espírito que chora? É claro que sim.

CONCLUSÃO

A única pergunta válida para qualquer pessoa da igreja é: "Você recebeu o Espírito Santo quando creu?". Como conseguimos perceber que o Espírito Santo está presente? Quem pode descrever todos os aspectos do seu modo de operar? Quando ele chegou pela primeira vez em Atos, sua vinda parecia marcada por uma espécie de delírio, todos balbuciavam em línguas que nunca tinham aprendido e agiam, de certo modo, como se estivessem embriagados. Talvez estivessem: inebriados pelo Espírito. "Não se embriaguem com vinho, que leva à libertinagem, mas deixem-se encher pelo Espírito", disse o apóstolo. Embriagar-se do Espírito. É um vício glorioso. Se tomarmos um só gole, nós, os pneumatólatras, precisaremos de mais do Pneuma! Talvez não sejamos de todo doutrinários nem nitidamente teológicos, mas estaremos com vida, e a vida encontra-se no vento e no fogo. O vento que sopra para desorientar nossas convenções sociais. O fogo que reduz a cinzas nossa necessidade de programas impressos e estatutos sociais rígidos. Essa vitalidade na adoração quase sempre surge no meio daquilo que podemos chamar de caos glorioso!

Quando cheguei pela primeira vez às Filipinas, ao Seminário Ba-guio, estava atravessando o *campus* quando um cidadão filipino apro-ximou-se de mim. Ele estava levando um saco plástico transparente, dentro do qual havia um exemplar do meu livro, *The empowered leader [O líder capacitado].*

— Comprei esse livro no ano passado — disse ele — sem a mínima ideia de que teria a oportunidade de conhecer o senhor.

— Por que você o guarda num saco? — perguntei.

— Ora — respondeu —, custa um pouco caro. Gosto muito desse livro e não quero que fique sujo. Quero mantê-lo limpo.

Ele via meu livro como se fosse o *Codex Sinaiticus.* È difícil não gostar de alguém que carrega o livro da gente num saco de plástico por medo de que fique sujo.

---

[9]Ibid., p. 103.

— Gostaria de saber — disse ele — se o senhor estaria disposto a vir pregar para o meu povo? Sei que gostariam de ouvi-lo pregar.

— Claro — respondi. Eu não sabia realmente se isso era da vontade de Deus, mas parecia, já que meu novo amigo estava levando meu livro para cima e para baixo num saco de plástico.

— Agradeço muito — disse. — Meu nome é Ifagao — continuou — e preciso viajar oito horas de ônibus para chegar ao seminário.

Marcamos uma data. A irmã dele também era pastora pentecostal, de modo que persuadi o presidente do Seminário Baguio a também pregar na igreja dela, e começamos nossa longa viagem de carro pelas montanhas de Benaue. Sempre imaginei que os estudantes fossem o melhor exemplo da palavra "pobre". Mas ali descobri uma definição nova de pobreza. No entanto, em meio aos pobres vi as riquezas gloriosas do evangelho para todos aqueles que vivem essa situação. Jesus é um grande tesouro para todos. E eles são enriquecidos pelo amor de Jesus — e como o amam! Nem o pastor, nem nenhum membro da igreja tinha carro. Cantamos corinhos escritos em folhas enormes de papel-jornal com marcadores feitos de caixo-tes. Preguei sobre a importância de ter paixão por Cristo, mas o sermão era totalmente desnecessário. A paixão por Cristo era a maior virtude daquela igreja.

O pastor me pedira para convidá-los a participar, embora não parecesse necessário: mal tínhamos começado a cantar, pareciam vir para a frente em massa. Há muito tempo, sou batista. Estava acostumado a não ver ninguém indo à frente, mesmo depois de repetir os versos do cântico "Tal qual estou". Por isso fiquei assustado ao ver tantos vindo para a frente. Foi como se estivessem precipitan-do-se sobre mim como os filisteus no quarto de Dalila.

O que me deixou mais atónito foi o senso de confusão e de desordem. Caos! Bendito caos! Todos ao mesmo tempo sentindo sede de Deus. Todos desejando, estendendo a mão, chorando pela intimidade com o Senhor. Rindo com o prazer da sua visitação. Não conseguia lembrar a última vez que fiz um apelo, e havia tantas pessoas no altar que fiquei confuso ao perguntar-lhes por que todos tinham vindo à frente.

O pastor Dumia estava à disposição para ajudar-me a tentar levar alguns a Cristo e outros à reconsagração. Era uma desordem. Todos estavam só tentando nos fazer orar, e finalmente não tive a mínima ideia do que estava acontecendo. Para complicar as coisas, havia muita gente enferma pedindo oração. Então o pastor Dumia disse:

— Vou aconselhar os perdidos; você pode cuidar das curas?

— Por favor, pastor — implorei —, sou batista. Não oro por curas. Quando nós, batistas, ficamos doentes, tomamos remédios. Não sou bom nessas coisas.
— É só orar pelos enfermos — é só isso que você precisa fazer, é só orar.
E orei mesmo. Dentro de trinta ou quarenta minutos, o caos acabou, mas nunca me esquecerei da sensação espantosa de que havia pessoas enchendo o salão todo e de que Deus estava realizando coisas na vida delas. Muitas vezes, tenho dado graças a Deus por esse caos glorioso. Agora sei o que faltava em Éfeso. Sei onde Apolo havia falhado. Conheço a glória do alvoroço divino que surge na visitação de Deus, que nem sempre é ordeira.
Amor non tenet ordinam — "O amor não se preocupa com a ordem", disse Columbano.[10] Na realidade, se é para confiarmos em Atos 2, o caos é uma maneira melhor de medir a visitação de Deus do que uma ordem de culto impressa num boletim. O fogo caótico de Atos 2 é o único fogo que tem importância. Por isso anseio pela chama santa.
Jesus é a única refeição para os que têm fome espiritual. Procuro-o nos caminhos comuns e também nos mais excelentes. Quando vier o fogo, e eu sentir o seu calor, conhecerei o mistério que redime. Não se trata de conhecer melhor os dogmas da fé. Continuo compreendendo bem pouco, mas não somos chamados para entender tudo sobre Deus, apenas para ficar atentos a ele. Sei que, quando me aproximo de Deus, sou prisioneiro da única realidade que existe. A realidade do Mistério Divino.

---

[10]Cit. Esther DE WAAL, *The celtic way of prayer,* p. 8.

A VIDA SÁBIA

Em meio à alegria da vida,
a traição de outros e a nossa própria
infidelidade às vezes nos forçam,
pela dor, a questionar se existe no mundo
alguma coisa ou pessoa digna
de confiança ou leal até o fim.[1]
— CATARINA DE SIEMA

A *Ecclesia Chrísti,*
a comunidade dos discípulos,
foi arrancada das garras do mundo.[2]
— DIETRICH BONHOEFEER

Pois se ele estiver comigo,
não me importo para onde eu vá.[3]
— FRANCISCO DE SALES

---

[1] Mary Ann FATULA, *Catherine of Siena's way,* p. 61.
[2] *The cost of discipleship,* p. 272. [Publicado em português com o título *Discipulado* (São Leopoldo: Sinodal, 2002).]
[3] *Thy will be done,* p. 228.



Quando a luz brilha nas trevas,
as trevas simplesmente vão embora
ou se transformam em luz?

O Deus! Não sabemos quem tu és! "A luz brilha nas trevas" (Jo 1.5], mas nós não a vemos. Luz universal! Somente por ti conseguimos enxergar alguma coisa. Sol da alma! Tu brilhas mais forte do que o sol no céu. Dominas sobre tudo. És tudo quanto vejo. Tudo mais desaparece como uma sombra. Quem nunca te viu, nunca viu nada. Vive uma vida de faz-de-conta, um sonho.
Eu, porém, sempre te encontro dentro de mim. Trabalhas por meu intermédio em todo o bem que levo a efeito. Quantas vezes fui incapaz de refrear as minhas emoções, resistir a meus hábitos, subjugar meu orgulho, seguir minha razão ou manter-me firme no meu plano! Sem ti, sou um "caniço agitado pelo vento" (Mt 11.7). Tu me deste coragem e tudo que experimento de decente. Tu me deste um novo coração que nada deseja senão o que tu desejas. Estou nas tuas mãos. Para mim, é suficiente fazer o que tu queres que eu faça. Para isso fui criado.[4]

— FRANCOIS FÉNELON

[4]*Meditations and devotions,* cit. Bernard BANGLEY: *Near to the heart of God,* Wheaton: Harold Shaw Publishers, 1998, da leitura do dia 10 de novembro.

CAPÍTULO 9

CHEGAR ÀS PROFUNDEZAS DESCOBRINDO NOSSO CHAMADO

Booker T. Washington, em *Up from slavery,* disse que, quando era jovem, todas as manhãs, os escravos eram despertados pelo canto do galo muito antes do amanhecer. Quer o novo dia estivesse escuro como breu, quer não, aquele galo era o chamado para os escravos se porem em pé na choupana e partir para o trabalho no campo. Então, foi proclamada a Emancipação. Lincoln decretara! Os escravos estão livres! Na manhã seguinte, o jovem Booker foi despertado pelo som de sua mãe correndo com um machado na mão atrás daquele galo no quintal. A Emancipação foi pesada para os galos de toda a região sulina. Naquele mesmo dia, os Washington fritaram seu despertador e o comeram no almoço. Antes da Emancipação, a falsa vocação deles era ditada pelo canto ritual interminável do galo. Mas agora, sua verdadeira vocação era um grito maravilhoso de liberdade.

Tenho a impressão, mas são sei como provar, de que as pessoas que têm vida mais longa são as que sabem por que vivem. Quando entramos nas profundezas, não somente descobrimos quem somos, mas também o que Deus tem para fazermos. Então é a glória das glórias: descobrimos que são a mesmíssima coisa. O que Deus tem para nós fazermos é aquilo que somos. É melhor viver uma década e saber por que se vive do que viver um século sem a mínima idéia.

Talvez a melhor coisa que aconteceu a Booker foi que, pela primeira vez na vida, tinha motivo para viver. Mesmo ainda criança, tinha uma vaga ideia de por que estava no mundo. Todo pai deve ajudar o filho a identificar o que Deus significa para ele e o que ele significa para Deus. Quando uma criança chega a compreender o que Deus tem para ela fazer na vida, também compreenderá o seu significado para Deus. E o primeiro dia que o jovem Booker não *precisou* levantar-se foi também o primeiro dia em que realmente quis se levantar por seus próprios motivos. A paixão de uma vocação o deixara em chamas.

O chamado de Deus é uma peregrinação marcada para sempre pelo fato de comermos nosso despertador. Recebi meu chamado para o serviço cristão no fim da adolescência. Por algum tempo depois disso, continuei trabalhando para meu cunhado todo verão. Dirigia um caminhão de trigo entre Pond Creek, em Oklahoma, e Presho, em Dakota do Sul. Todo o verão, levantava-me antes do raiar do dia para aplicar graxa nas nossas ceifadeiras combinadas de propulsão independente Massey-Harris. Passei a odiar o despertador por me acordar para esse suplício.

Foi então que, no verão de 1956, uma igreja batista pequena no norte de Oklahoma chamou-me para ser seu pastor. Eu sabia que nunca mais teria de me levantar cedo para engraxar as ceifadeiras combinadas. Tinha certeza da minha vocação para pregar. Com efeito, comi meu despertador. Durante os quarenta anos seguintes, tive de me levantar cedo para pregar, mas da mesma forma que Booker, sabia que estava me levantando cedo porque queria, não porque era obrigado a isso.

Nossa vocação coloca uma santa centralidade em nosso viver. Repetidas vezes, tenho visto cristãos — alguns na igreja há longo tempo — passarem de repente a ter vivacidade. Finalmente descobriram o que Deus quer para a vida deles. Caiu sobre eles uma nova paixão por estarem vivos. Suas ocupações não passam por nenhuma mudança visível na maioria dos casos, mas nem por isso deixam de ser novas. Eles são chamados. Finalmente, o despertador os acorda para a alegria e o propósito todas as manhãs.

O chamado pode, em diferentes períodos da nossa vida, levar-nos a alguma nova direção. Por exemplo, aos 55 anos de idade, comecei a notar novamente um santo descontentamento quando meu despertador soava. A alegria dos meus anos de pastorado me escapava. Já não achava prazer no que fazia. Parecia que as manhãs de domingo, que antes foram meu período predileto da semana, começavam cedo demais e exigiam a máxima capacidade de resistência. Frequentemente me sentia surrado e morto — por dentro e por fora — no fim do dia. Pedia sempre que Deus "vivificasse meu corpo mortal" nessas manhãs duras e exigentes.

Então, sem nenhum aviso prévio, Deus agiu! O presidente de um grande seminário convidou-me para fazer parte do corpo docente. No dia 2 de novembro de 1991, acordei às 6 horas da manhã e fui pregar meu último sermão como pastor da igreja. Sentia-me como quem tivesse comido um velho despertador angustiante e entrado numa nova senda emocionante do ministério cristão. Tornei-me professor! Podia conviver com alunos! Passei a ter novo zelo, uma nova paixão. E a mais gloriosa de todas as paixões é entender no íntimo que Jesus nos deu um motivo verdadeiro para estar neste mundo.

Conforme ressaltou Paulo, o amor é a maior das virtudes cristãs. O amor empresta validade a nossa vocação. O cristão que está sempre se queixando talvez esteja fora de contato com aquilo a que Deus inicialmente o chamou para fazer. Sobre isso Richard Baxter escreveu:

> Se você ama a Deus, fará tudo que for possível para servir e agradá-lo. O amor é impaciente para praticar o bem. E também pronto, ativo e observante. A fé o anima. A esperança o põe em ação como a mola a um relógio. A reverência a Deus o desperta da sonolência. O entusiasmo pelas coisas espirituais o faz arder como fogo. Quanto mais você tiver consciência de Deus, mais envolvido estará no trabalho dele.[5]

QUAL É O CHAMADO?

Jeremias disse de seu chamado que era como um fogo encerrado em seus ossos (v. cap. 20.9). Esse fogo o mantinha ativo quando tudo falhava. Mas, diante da porta Superior de Benjamim, Jeremias aprendeu outra verdade: o fogo santo do chamado pode extinguir-se facilmente. A política eclesiástica tediosa é um extintor de incêndio. As reuniões administrativas, de diáconos, do conselho de líderes e as várias críticas congregacionais de todos os tipos tendem a jogar água nas chamas, a apagar o fogo de nossos ossos.

Como são maravilhosas as igrejas em que o número de membros é idêntico ao número de pastores! Nessas igrejas, os leigos são chamados por Deus. A paixão deles arde. O fogo no seu íntimo se atiça. Esses crentes fritam seu velho despertador e mal conseguem esperar o raiar do sol. Têm um espírito indestrutível. Não murcham diante da maledicência. Duram mais do que seus inimigos. Sobrevivem a seus críticos. Acordam para louvar a Deus, mesmo nas manhãs de suas provações mais ameaçadoras.

O chamado de Deus é muito mais do que uma agência de empregos divina. Quase sempre o chamado é considerado igual à vocação, como se o chamado divino fosse válido se implicasse um emprego no ministério. O chamado é mais um relacionamento do que uma vocação. É zelo por Deus. É ardor pelas coisas dele. E o ardor leva aos aplausos de Deus. Os anjos não podem deixar de aplaudir os ajoelhados e sedentos por Deus.

Certa vez, numa partida de futebol americano, os Green Bay Packers sofreram muitas lesões e marcaram poucos pontos no fim do primeiro tempo. O treinador Vince Lombardi ouviu as queixas dos jogadores no intervalo e disse: "Homens, vocês só poderão vencer os grandes jogos quando aprenderem a jogar com as pequenas feridas da vida". Não sei o que capacita os jogadores de futebol a continuar o jogo quando estão com pequenas lesões, mas na vida cristã trata-se do chamado e somente do chamado.

Cinquenta por cento das pessoas que frequentam os cultos de adoração nos Estados Unidos entram na igreja com algum problema. Isso tem fundamento, pois também 50% das vezes os pastores estão com algum problema quando dirigem o culto de adoração. Entretanto, pregam assim mesmo, e os leigos com saúde espiritual também servem com alegria. Todo cristão foi chamado para continuar jogando apesar das contusões.

No entanto, muitos cristãos não conseguem continuar o jogo quando sentem dores. Se continuam, fazem-no sem muita alegria. Nessas temporadas, são os únicos jogadores que se queixam. São abençoados por Deus, amaldiçoados por Deus, divididos entre precisar agradar a Deus e precisar cura demais. Onde erraram? A vida em Cristo de repente passa a ser só agulhadas e hematomas. O júbilo da primeira fé jaz encalhado numa praia de azedume.

---

[5]*The saint's everlasting rest,* cit. BANGLEY, da leitura do dia 5 de fevereiro.

Em momentos como esse, pode parecer que nossa vida interior esteja morta. Derrotados por nossa situação, procuramos recolher-nos às profundezas de Deus assim como sempre fizemos. De repente, porém, mesmo as profundezas parecem alegria velha, rasa e morna. Choramos, mas Deus não presta atenção às nossas lágrimas. Debaixo do fardo da depressão espiritual, achamos difícil acreditar que Deus existe e, se existe, certamente parece que não nos está tratando muito bem.

É difícil nos lembrar de nosso chamado nesses períodos de prostração. Jeremias 20 fala do esforço cíclico que todo cristão faz para lem-brar-se de seu chamado. Na porta Superior de Benjamim, avaliou seu chamado. Você percebe a mágoa na dor de Jeremias? Ela nos atrai a mente de forma muito poderosa! Depois de muitos anos no ministério, confesso meu vício tolo de me apegar ao meu chamado enquanto vivo com dores e críticas.

No exercício de meu chamado como pregador, gastei muito tempo frequentando a porta Superior de Benjamim. Gosto da neurose do local — do ódio total, do amor fervoroso. Minhas necessidades naqueles tempos tenebrosos pareciam maiores que o suprimento divino. Meus sermões pareciam tão mortos quanto minha alegria. Queria pregar com poder, mas

o fogo me escapava. As conclusões "tal qual estou" dos meus sermões sempre deixavam os ouvintes da forma que estavam.
A porta Superior de Benjamim: que cristão não a conhece bem? É um lugar de rostos cor de cera, de marcas de altas horas das noites de sábado. Mortas em consequência das partidas de baralho, essas almas espiritualmente necessitadas vão brigando pelo caminho até à igreja. Domingo de manhã — o chamado à adoração — é a ladainha dos mortos: o pastor lê as letras claras enquanto os que ainda têm pulso lêem a resposta em letras escuras. Aí vem o sermão. "Aqui temos alguns pecados genéricos", anuncia o mensageiro desanimado, "escolham uns poucos e apliquem-nos a seus vizinhos".
Por que um cristão continuaria agarrando-se tola e desesperadamente a seu chamado? Porque os melhores crentes fazem uma aliança com o chamado. Quando vivem em aliança com o chamado, a vida flui com facilidade.
No livro apócrifo de Eclesiástico, o escritor nos manda valorizar as provações que nos ensinaram a apreciar mais o Senhor.

> Filho, se te dedicares a servir ao Senhor,
> prepara-te para a prova.
> Endireita teu coração e sê constante,
> não te apavores no tempo da adversidade.
> Une-te a ele e não te separes,
> a fim de seres exaltado no teu último dia.
> Tudo o que te acontecer, aceita-o,
> e nas vicissitudes de tua pobre condição sê paciente,
> pois o ouro se prova no fogo,
> e os eleitos, no cadinho da humilhação.
> (2.1-5;BJ).

Desconfio que somente os que conseguem bendizer a fornalha podem chegar a compreender o ouro.
Francisco de Assis aceitou seu chamado, e o mundo passou a ter sentido para ele. Ugolino disse que Francisco deixou seus companheiros e foi pelo mundo pregando a suas irmãzinhas, as aves. E aqui está o que Francisco dizia:

> Minhas irmãzinhas, lembrem-se de louvar a Deus porque lhe devem muita coisa. Vocês são livres para voar por onde quiserem. Ele lhes deu vestes bonitas. Providencia-lhes alimentos e as ensina a cantar. Salvou-as juntamente com a arca de Noé e ajudou-as a ser fecundas e se multiplicarem. Agradeçam a ele o ar em que voam. Agradeçam a água que bebem dos rios e das fontes. Agradeçam a ele os altos penhascos e as árvores onde podem construir seu ninho. Agradeçam a ele porque não são obrigadas a semear nem ceifar, a fiar nem tecer. Deus dá a vocês e a seus filhos tudo quanto necessitam. Tudo isso só pode significar que Deus ama muitíssimo vocês. Portanto, minhas irmãzinhas, lembrem-se de agradecer e louvar a Deus.[6]

Fica claro que Francisco de Assis deixou seu chamado santificar o mundo. O que você pensa de seu chamado? O que Jeremias pensava? Ele se lamentava: "Mau dia, Deus! Ora, sou eu, Jeremias. Lembra-te de como eu te amava? Agora vê como fiquei, Deus! Estou aqui na porta Superior de Benjamim, preso no tronco com migalhas de alimentos apodrecendo aos meus pés. Por favor, ajuda-me, estou morrendo, ó Deus. Prego e choro, choro e prego. Alguém se importa? Tu te importas, ó Deus?".

Assim como Jeremias, nós servimos com grande autoridade, mas choramingamos muito e nos queixamos entre nossos períodos de alegria. Vacilamos entre "Assim diz o Senhor" e "O que estou fazendo aqui embaixo se minhas notas me qualificam para ser executivo?!".

Alguns estudiosos duvidam de que Jeremias fosse capaz dessas alterações de humor que ocorrem no capítulo 20 de seu livro. Em Jeremias 20.13, por exemplo, é vitória e louvor, encaixados entre notas suicidas rabiscadas no verso do seu diploma de seminário. De fato, Jeremias parece inconstante — será que os estudiosos estão com a razão? Acho que não! A verdade é que os únicos intelectuais que duvidam dessa história são os que nunca lançaram verdadeiramente o coração no meio do jogo e seguiram um compromisso resoluto e indesviável com o seu chamado. São aqueles que não vêem nada de estranho nas mudanças de estado de ânimo de qualquer profeta. Os tempos de choro e os momentos de celebração na vida frequentemente aparecem bem próximos — tão próximos um do outro que ansiamos por uma união mais profunda com Cristo, mesmo quando duvidamos que isso seja possível.

Essa é a glória do chamado. Continuamos obedecendo ao chamado, mesmo quando ficamos imaginando se nossa parceria com Deus foi cancelada. Quando continuamos fiéis, percebemos que o chamado desperta a consciência adormecida e ela volta, mais cedo ou mais tarde, a sentir confiança sublime. Não demora para voltarmos às profundezas da nossa união com Cristo. Os tempos duros não são de duração prolongada, mas os santos resistentes perduram para sempre. O chamado nos acompanha nos tempos difíceis. Servimos porque nos sentimos chamados e continuamos servindo, mesmo quando não sentimos esse chamado. Não é que finjamos tê-lo até o conseguirmos de volta. *Prendemo-nos* a ele até o termos de volta.

Jeremias ensina que o chamado nos ajuda a nos manter firmes mesmo quando não conseguimos classificar a vida em segmentos administráveis. No caso do profeta, as engrenagens do cerco avançaram contra os muros de sua cultura imprópria. Seu chamado manti-nha-o contando a verdade. Nosso chamado mantém-nos honestos. Devemos, no entanto, tomar cuidado para não colocar as áreas pequenas de obediência no lugar das grandes. Há ocasiões em que nossa ortodoxia pode tornar-se substituta da coragem verdadeira. Os chamados são insistentes. Mantêm-nos em estado de prontidão e produzem em nós a coragem necessária para fazermos o que Deus quer que façamos.

AQUELE QUE CURA

Deus às vezes cura por meio do quebrantamento. Jeremias clama a Deus, o seu único amigo, que de repente não está à disposição. O silêncio de Deus quebranta o espírito do profeta a fim de que, por meio de suas feridas, amadureça no ministério.

"Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça" (2Tm 3.16).

Agora sei que a vida flui numa única direção. Os Sobrinhos do Capitão tinham razão. "Ficamos velhos cedo demais e sabidos tarde demais." Mas o que essas personagens dos quadrinhos não disseram é que não ficamos sabidos só por ficar velhos. Ficamos sabidos sofrendo dores, curando-nos delas e avaliando as cicatrizes.

O cristianismo é a história de uma grande verdade: Cristo morreu por nós. Agora somos redimidos por sua morte. Mas às vezes esse Deus dos milagres silencia. Isso muitas vezes

acontece quando precisamos de um grande milagre, e a agonia é que geralmente não conseguimos um verdadeiro milagre quando mais precisamos dele. Nosso serviço na igreja pode às vezes parecer tedioso até para nós mesmos. Todos teríamos a máxima alegria em cumprir a

[6]Em *The little flowers of St. Francis of Assisi,* cit. a leitura do dia 22 de outubro.

vontade de Deus se ele tão-somente nos dissesse qual é!
Por isso, clamamos num tipo de negociação desesperada: "Danos alguma coisa, ó Deus, para nos dizer que estás perto. Escreve qualquer coisa em nossa parede, mas escreve em letras de fogo, se não te incomodas. Dize-nos: 'Você está obedecendo ao chamado errado.' Ordena-nos: 'Volte ao zero e comece de novo.' Dize qualquer coisa, mas dize algo, ó Deus! Nós compreenderemos. Mas, por favor, não nos desconsideres".
Deus silencia quando mais precisamos dele para nos lembrar que fomos chamados. Onde está ele quando o fogo de nossos ossos se transformam em cinzas, e não conseguimos encontrá-lo? Onde está ele quando clamamos, com as palavras de Jó: "Se tão-somente eu soubesse onde encontrá-lo" (23.3). Queremos nos sentir positivos no que diz respeito a Deus. Queremos acreditar nos propagandistas que dizem: "Você consegue!".
Julie Andrews, em *A noviça rebelde* (1965), deu a entender que podemos passar por cima das horas duras da vida pensando nas coisas que mais nos agradam, como, por exemplo, "as gotas de chuva nas rosas e os bigodes dos gatinhos". Cantou com muita confiança, mas a filosofia da canção é superficial. Na mesma canção, somos aconselhados a: "só pensar nas nossas coisas prediletas quando o cachorro morde, quando a abelha pica...". Não muito depois que assisti a esse musical, fui atacado por um Rottweiler. Ele rasgou minha perna com os dentes, e precisei ir ao hospital para costurar os pedaços. Aquele cachorro quase me matou e nem por um momento fiquei pensando nas minhas coisas prediletas!
Walter Percy pergunta, com muita singeleza: "Onde estão os heteus?". E passa a raciocinar:

> Por que ninguém acha notável que na maioria das cidades do mundo há judeus, mas nem sequer um único hitita, embora os hititas tenham tido uma poderosa e vicejante civilização no mesmo período que os judeus, seus vizinhos próximos, eram um povo fraco e ignorado?
> Quando encontramos um judeu em Nova York, ou em São Paulo, ou em Paris, ou em Melbourne, é incrível que ninguém considere isso como um fato extraordinário. Mas [...] se existem judeus aqui, por que não há também hititas?
> Mostre-me um só hitita na cidade de Nova York.[7]

A resposta está bem clara no registro bíblico. Os heteus (ou hititas) não eram menos importantes para Deus, o Criador, mas não encontraram lugar no plano divino da Redenção para todos os tempos.
Se quisermos nos envolver com Deus, devemos continuar nossa luta, mesmo sentindo dores — suportar as pequenas dores do esporte da vida e quem sabe sobreviver aos grandes ferimentos. Continuar jogando, apesar das pequenas contusões, tem sido o lema de tantos santos de Deus. To'dos eles podem ser admirados, porque todos são semelhantes a Cristo. A propósito, Thomas Arnold escreveu a respeito de sua irmã mais amada:

> Para concluir, passo a um assunto mais prazeroso: minha mui querida e abençoada irmã. Nunca vi um exemplo mais perfeito do poder do amor e de uma mente sadia. Amava com intensidade, quase a ponto do aniquilamento do egoísmo. O martírio dela foi diário durante vinte anos, nos quais manteve firme em sua resolução, formada quando ela era bem jovem, de nunca falar a respeito de si mesma. Tratava com muita consideração os mínimos alfinetes e fitas do vestido da minha mulher ou o enfeite de um chapéu de boneca para uma criança. Mas, no que dizia respeito a si mesma, a não ser quanto a amadurecer em todas as virtudes, não dedicava a mínima consideração.[8]

Elizabeth Barrett Browning, sofrendo com a invalidez durante muitos anos, podia dizer que sua gratidão a Deus fluía de modo incessante, apesar de todas as suas dores:

> Louvo-te enquanto meus dias durarem; Amo-te enquanto meus dias durarem: Em meio às trevas e à fome, ao fogo e à geada, Com braços esvaziados e tesouros perdidos, Agradeço-te enquanto meus dias durarem.[9]

---

[7]*The message in the bottle,* New York: Farrar, Strauss & Giroux, 1984, p. 6.
[8]Cit. Mary Tileston, org., *Daily strength for daily needs,* p. 230. [9]Ibid., p. 133.

A história dos judeus é a narrativa prolongada e ininterrupta dos grandes homens e mulheres que seguiram a Deus debaixo de grandes tensões — até continuando a luta com pequenas dores e às vezes com as grandes contusões — por amor a seu chamado.

Como esses judeus lidavam com essa mistura de chamado e dor? Triunfavam! Sofriam dores, até gritavam de dor, mas no fim venciam! Os judeus ainda são perseguidos, odiados, forçados ao exílio, queimados, torturados e feridos, mas dos quatro nomes contemporâneos que mais têm influenciado a história atual, três são judeus:

Freud, Einstein e Marx (Darwin não era judeu). O judaísmo moderno — que considera que o servo sofredor de Isaías seja a nação de Israel, ferida por viver na aliança abraâmica, abençoando o mundo inteiro — é em si mesmo uma alma nacional ferida. Enriquecidos pela análise de seu passado sangrento, os judeus transformaram o mundo e continuam transformando-o.

Portanto, "onde estão os hititas?" é uma pergunta razoável. Não existe resposta clara. Talvez esse povo tenha deixado de existir porque não atendeu ao chamado divino. Temos de cuidar muito do nosso chamado, da nossa parceria com Deus. Perdê-lo ou nunca conhecê-lo é perder a nossa identidade. Implica Deus nunca mais se importar conosco. É morrermos inúteis e ir para onde os hititas foram.

Como, então, nos impedimos de ultrapassar os limites hititas da nossa própria irrelevância? Somos povo de Deus, seus servos — nascidos para sentir dor e para nos prender a nosso chamado. Entretanto, não nascemos somente para nos prender a ele, nascemos para celebrá-lo. Podemos até ir além disso. Somos os chamados por Deus, aceitamos as nossas dores e bendizemos nossa condição quebrantada. Lembro-me todos os anos do meu ministério e percebo que era um servo quebrantado vivendo no meio de servos quebrantados. Mas o quebrantamento conjunto dos que são chamados produz efeito maior. Sempre nos tornamos sábios quando

cuidamos das feridas uns dos outros. Quando clamamos para ser usados por Deus, vemos que a alegria é nosso melhor conselheiro.
A percepção retrospectiva é perfeita. E agora fica claro (depois de 63 breves anos no planeta) que Jesus e eu vencemos. E naquilo que ainda não vencemos, estamos vencendo. Quando eu estava emaranhado no conflito, nem sempre conseguia perceber que estávamos vencendo. A proximidade do campo de batalha às vezes obscurece a visão. Mas os anos que passei mantendo-me fiel ao chamado enal-teceram-me, e consegui ver enfim: tínhamos vencido!

O MÉDICO FERIDO

Deus curou o mundo de uma vez por todas no topo de uma colina, mediante seu próprio quebrantamento encarnado. Agora, o mundo que conhecemos so pode ser curado por nosso quebrantamento. Os sofrimentos de Jeremias despertam uma antiga verdade irreconciliável: quando queremos ser importantes, Deus sempre silencia. Não é a preponderância das palavras das pessoas que perturba o profeta. É a ausência das palavras de Deus. Na ausência da dor, perde-se a intensidade da nossa devoção. O escritor russo Solzhenitsyn disse: "Se não existem escritores verdadeiros no Ocidente, a razão deve ser esta: não existe dor verdadeira no Ocidente". Estamos nos afogando num mar de utopia. Poucos escritores verdadeiros? Talvez poucos cristãos verdadeiros pela mesma razão. Jeremias foi prisioneiro da crise da guerra que destruía sua amada pátria. Assim como Barth, em Safenwil; Thielicke, em Stuttgart ou Gilkey, na China, Jeremias vivia numa época que o fazia rico em feridas que só Deus podia curar.
O que fazem os servos não feridos? Tornam-se arrogantes, asso-ciam-se a clubes esportivos,
entregam-se à mediocridade da classe média ou tornam-se cristãos caçadores de raposas. Podem até incli-nar-se para o liberalismo, pois somente os protegidos têm o privilégio de transformar a teologia em discussão; os outros apegam-se à teologia e choram. O liberalismo sempre provém de gente que tem pouca necessidade de Deus.
Porém, sempre devemos fazer a seguinte pergunta: "Como manter a vitalidade da nossa fé e da nossa vocação?". Manter-se ativo com uma fé viva é questão de manter firme o foco em Cristo. Margaret Ebner, por exemplo, confessou que sua vitalidade em Cristo achava-se na meditação de meia dúzia de elementos fundamentais da fé.

> Primeiro, como Deus desceu do céu para a terra, entrou no ventre de uma mulher e habitou ali durante nove meses.
> Segundo, como Cristo nasceu de modo normal e de fato habitou entre nós durante 33 anos.
> Terceiro, como ele foi motivado pelo amor a ponto de se dispor a morrer na cruz.
> Quarto, como ele se entregou por nós...
> Quinto, como ele se oferece diariamente.
> Sexto, como seu amor não é inacessível.[10]

Jeremias estava ferido, e as feridas matam a irrelevância assim como a vida semelhante à de Cristo impõe o senso contínuo do chamado nos crentes sinceros. O provérbio antigo "paus e pedras podem quebrar-me os ossos, mas palavras jamais me ferirão" simplesmente não é verdadeiro. As palavras doem de verdade. Podem acabar nos ferindo com cicatrizes eternas. Podem arrancar o propósito divino da nossa visão e deixar-nos com pouco motivo para viver. Também provam a resistência do nosso

chamado. Os cristãos de grandeza estão casados com esse chamado. Estão totalmente ligados com aquilo que Deus deseja fazer com a vida deles.
O chamado é como um fogo encerrado em nossos ossos. É por isso que Jesus disse: "Meu fardo é leve" (Mt 11.30). Também é por essa razão que, quando os nossos fardos são destrutivos, continuamos cantando, não nossos triunfos, mas nossa necessidade. "Estou morrendo nesse conflito, ó Deus [...] Clamo; preciso de ti. Oh, preciso de ti. Todos os momentos preciso de ti."

CONCLUSÃO

As provações que nos deixam de joelhos diante de nossas tarefas ao longo da vida nunca ocorrem por acaso. Todos os nossos sofrimentos podem servir para nos levar à maturidade. Paul Billheimer, por exemplo, disse que devemos considerar riqueza a dor que nos vai esculpindo à imagem de Cristo:

> Meu filho, tenho um recado para você hoje: deixe-me sussurrá-lo no seu ouvido, para dourar com glória as nuvens de tempestade que surgirem e aplainar os lugares escabrosos em que você porventura tiver de pisar. É recado breve, cinco palavras apenas, mas deixe-as penetrar no íntimo da sua alma; use-o como travesseiro onde recosta sua cabeça cansada: "Isso provém de mim".[11]

Nesses tempos apocalípticos, o fogo da intenção de Deus desperta a alegria por termos sido escolhidos como instrumentos para os seus propósitos. Somos os cadinhos vivos que contêm o fogo de Deus.
O apóstolo Paulo jamais atingiu um ponto tão sublime quanto o que alcançou em 2Coríntios 12.7-10:

> Para impedir que eu me exaltasse por causa da grandeza dessas revelações, foi-me dado um espinho na carne, um mensageiro de Satanás, para me atormentar. Três vezes roguei ao Senhor que o tirasse de mim. Mas ele me disse: "Minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza". Portanto, eu me gloriarei ainda mais alegremente em minhas fraquezas, para que o poder de Cristo repouse em mim. Por isso, por amor de Cristo, regozijo-me nas fraquezas, nos insultos, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias. Pois quando sou fraco é que sou forte.

Logo, uma vez que nos fortalecemos nos períodos de necessidade, devemos valorizar nossas feridas e celebrar nossas dores.
William Tyndale também entendeu a relação entre a dor e a graça ao comentar este trecho da carta de Pedro:

> Amados, não se surpreendam com o fogo que surge entre vocês para os provar, como se algo estranho lhes estivesse acontecendo. Mas

---

[10] *Revelations,* cit. BANGLEY, da leitura do dia 31 de outubro.
[11] *Don't waste your sorrows,* Ft. Washington: Christian Literature Crusade, 1977, p. 65.

> alegrem-se à medida que participam dos sofrimentos de Cristo, para que também, quando a sua glória for revelada, vocês exultem com grande alegria. Se vocês são insultados por causa do nome de Cristo, felizes são

> vocês, pois o Espírito da glória, o Espírito de Deus, repousa sobre vocês (IPe 4.12-14].

Diz ele:

> Cristo nunca será forte em nós enquanto não formos fracos. A medida que nossas forças diminuem, a força de Cristo cresce em nós. Quando estivermos inteiramente esvaziados de nossas próprias forças, ficaremos repletos do poder de Cristo. O tanto que mantemos de nós é o que nos falta de Cristo.[12]

A dor é o ingrediente essencial da semelhança definitiva com Cristo. Venham, colegas de chamado, dêem as boas-vindas ao fogo dentro de vocês, valorizem o fogo da intenção de Deus que arde no centro de sua alma. Que as lições de Jeremias 20 nunca se apartem de nós. Que digam que somos cristãos sem compreensão de nós mesmos e até que não gostamos de nós mesmos, mas que em nossos ossos arde o fogo inextinguível que no fim terá consumido tanto nossas palavras quanto a nós mesmos.

Oscar Schindler sabia por que estava no mundo. Nos últimos momentos do filme *A lista de Schindler,* a guerra já terminara, e o herói lamenta ainda possuir um distintivo nazista de ouro para usar na lapela. Arranca-o do paletó e exclama, triste: "Com essa peça de ouro eu poderia ter resgatado mais duas vidas judias!". O que significava mais dois resgates quando seis milhões se perderam? Ora, para Oscar Schindler, dois eram tudo! Não... um era tudo!

Não conseguiu gastar absolutamente tudo na sua vocação! Olhou detidamente o alfinete de ouro e chorou! Itzhak Stern toca no homem que chora e lhe dá um papelzinho com um provérbio judaico: "Quem salva uma vida, acaba salvando o mundo!".

Você sabe por que está no mundo?

Já identificou o fogo nos seus ossos?

Já chorou com o profeta, sem deixar de acordar todas as manhãs sentindo a agonia e o êxtase de seu chamado?

Você já chegou ao texto de 2Coríntios 12 dando graças a Deus por seus espinhos e rogando-lhe que lhe dê um passaporte para a vida relevante? Quando chegar esse passaporte, você o abrirá e verá que sua foto aparece embaixo da foto de Cristo. Seu chamado será certeiro. Quando passar por todos os outros portais de sua vida depois disso, o oficial da imigração sorrirá e carimbará seu documento: "Embaixador de Cristo".

[12] *Preface to obedience,* cit. BANG LEY, da leitura do dia 5 de setembro.

A moralidade não começou quando um homem disse a outro: "Eu não vou agredi-lo se você não me agredir". Mão existe o menor sinal de nenhum acordo como esse. Existem, sim, indícios de ambos terem dito: "Mão devemos nos agredir um ao outro no lugar santo". Eles adquiriram a moralidade praticando a religião.[1]
— Q. K. CHESTERTON

Você sabe o que aconteceu na sua conversão? Deus entrou no seu coração e transformou-o em templo dele. Mos dias de Salomão, Deus habitava num templo feito de pedras. Hoje, ele habita num templo feito de crentes vivos. Quando realmente tivermos consciência de que Deus fez de nosso coração sua morada, que reverência profunda sobrevirá a nossa vida![2]
— WATCHMAN NEE

Jesus não olha para o que o indivíduo foi ou é, mas olha sempre para o que virá a ser. E isso é certo. O escultor não olha para o que a pedra foi ou é, mas para aquilo que vai fazer dela — uma figura viva. Um grupo radiante de cristãos tem como lema: "Minha aventura é Deus".[3]
— E. STANLEYJONES

[1]*Orthodoxy,* New York: Image Books, 1959, p. 68.
[2]*A vida cristã normal,* trad. Gordon Chown, São Paulo: Fiel, 1984, p. 143.
[3]*Abundant living,* Nashville: Abingdon Festival Books, 1978, p. 108.

Caráter: o que é isso?
O que somos por dentro?
O que nossa mãe pensa que somos?
O que somos no escuro?
Não, apenas isto: o que seremos
quando a obra perfeita de Cristo
se acrescentar ao nosso desejo inabalável
de viver para a sua boa vontade.

Foram suas mãos que notei em primeiro lugar. Punhos grandes, fortes, curtidos e suados que empunhavam o martelo.
Bem acostumados a bater pregos em madeira e bronze, Machucados onde o martelo não atingiu o alvo certo. A mão é coisa bela aos olhos Daqueles cuja visão treinada atravessa a pele Para ver o aço de ossos vigorosos sob tendões Brancos e frágeis, filamentos finos. Compreendo o enigma da mão: Como calosidades espessas, produzem pele mais resistente,
Pele que esconde por dentro minúsculas máquinas de porcelana.
Mas o amor desafia minha capacidade de entender Como as mãos que manejam o ferro forte ficam fracas, E convidam para cada palma um prego assassino.[4]
— CALVIN MILLER

[4]The form of a servant (3 de agosto de 1986).

CAPÍTULO 10

A DISCIPLINA QUE PRODUZ O CARÁTER PIEDOSO

Os amigos possuem uma nobreza de caráter que raras vezes notamos, a não ser quando as crises da vida nos ensinam por que os amamos. Tenho um grande amigo afro-americano, e raramente ocorreu a um ou a outro a ideia de que somos "ébano e marfim", como se costuma dizer nos Estados Unidos. Mas chegou o dia em que os guetos de Los Angeles de repente se inflamaram com os conflitos raciais. Parece que as diferenças de cor começaram instantaneamente a se autoproclamar. Naqueles dias incendiários, meu amigo estava praticando *jogging* em nosso bairro residencial quando passou por ele um automóvel cheio de brancos. Abaixaram a janela do carro, xingaram-no de nomes obscenos e cuspiram-lhe no rosto. Ele sentiu-se inundado por uma lava incandescente de vergonha. Ardia em ira e chorava enquanto limpava o rosto e continuava o exercício rua afora. Pensou na cruz e em Cristo. De repente, deu-se conta de que não era a primeira pessoa que já sentira a humilhação de ter o cuspe de alguém secando no rosto. Jesus foi servo; também ele conheceu o vexame. Meu amigo venceu a provação porque se lembrou do conselho do seu Salvador: "Nenhum servo é maior do que seu Senhor". O tempo seca a saliva velha e a vergonha. Em todos os tempos, os servos verdadeiros são passíveis de passar pela crucificação. Todos os que seguem a Cristo precisam mais cedo ou mais tarde aprender as duras lições de morrer para o próprio eu. Depois de aprenderem, podem sussurrar orações de perdão, pregados em sua própria cruz.

A vida em Cristo é um corpo sustentado pelo esqueleto forte do auto-sacrifício. Nunca devemos nos esquecer disso, porque o sacrifício que insiste em "tirar férias" das exigências peculiares é pouco mais do que permissividade com um ligeiro hábito religioso. A Quaresma não são quarenta dias para abrir mão de morangos. É uma vida inteira de abnegação — de abnegação que produz caráter.

A abnegação gera o caráter, e o caráter fortalece o espírito de serviço. Mas simplesmente abrir mão das coisas de que gostamos não nos levará a uma

humanidade de valor esterlino. Para isso, precisamos depender do surgimento da necessidade humana. O caráter surge aos poucos quando permitimos que Deus nos transforme em servos. Mas quanta dor jaz ao longo do caminho! A dor é a forja indesejável em que Deus forma com o malho nossa semelhança com Cristo. Porém, os golpes do ferro continuam sendo desferidos, e a bigorna se rompe. Alguns precisaram morrer literalmente para servir a Cristo. Às vezes, as mesmas pessoas chamadas para servir contêm na vida ingrata a dor que quebra o espírito e nos esmaga debaixo da alienação e da solidão.

Infelizmente, servir às pessoas é a única maneira pela qual podemos servir a Deus. E servir significa que vamos nos magoar nessa atividade. Se não tivermos cuidado, a dor envolvida em nosso trabalho pode em última análise fazer-nos desprezar aqueles aos quais antes nos sentíamos chamados a amar. Charlie Brown tem razão: "Todos nós amamos a humanidade, só que não suportamos as pessoas!". Todos queremos servir a Deus, mas pode ser terrivelmente degradante ter de servir às pessoas em primeiro lugar!

Jesus, de acordo com Filipenses 2, humilhou-se e se fez homem. Agora, nós devemos nos humilhar a fim de nos tornarmos servos e pessoas de caráter. A crucificação pode ser um pérfido fim para quem quer ser servo. Por quê? Reflita na metodologia da servidão: é preciso oferecer a outra face e andar duas milhas cada vez que alguém nos força a andar uma! Servir aos nossos inimigos e abençoar nossos perseguidores é o terrível enfado que nos molda à imagem de Cristo.

Como vir a ser uma pessoa de caráter? O caráter de um servo, conforme diz Paulo, deve ser de entrega total em quatro áreas: a cabeça, o coração, os joelhos e a língua.

A CABEÇA DO SERVO (HUMILDADE)

A cabeça do servo curva-se por humildade.

O orgulho é a adaga de aço no coração da humildade. Não admira que Richard Baxter tenha escrito:

Previna-se contra o espírito orgulhoso e altivo. Esse pecado levanta uma grande barreira entre o indivíduo e Deus. É muito difícil ter consciência de Deus enquanto se está cheio de orgulho. Uma vez que o orgulho levou anjos a serem expulsos do céu, certamente impedirá que seu coração chegue ao céu. O orgulho foi a derrocada de Adão e Eva. Ele aumenta nossa distância de Deus e nos expulsa do paraíso.[5]

O orgulho suga a vitalidade do nosso caráter. Bernardo de Claraval ensinou com muita sabedoria que há quatro virtudes cristãs. A primeira é a humildade. A segunda é a humildade. A terceira é a humildade. E a quarta é a humildade. Ensinou também que na maioria das vezes gostaríamos de conquistar a humildade sem a humilhação. Infelizmente, não é possível. Nossa arrogância é a menos atraente de nossas qualidades pessoais. O ego é a barreira que se interpõe entre Deus e os planos dele para nossa vida.

Como servos, devemos ser sacerdotes. O sacerdote é um terreno — solo intermediário — um canteiro de terra onde tanto Deus quanto os necessitados se encontram. Nossa obra é sacerdotal. Assim como Jesus, nosso Sumo Sacerdote, também usamos as vestes da mediação da graça. Possibilitamos de novo a encarnação de Jesus. Somos o "amém" voluntário de Walt Whitman. Nós também devemos exclamar ao nosso mundo necessitado: "Se vocês nos querem, olhem debaixo das solas de suas botas". Nossa humildade pode ser facilmente vista em nosso amor por ajudar o próximo. Nosso serviço é o nosso cargo. Se o Rei do Céu pode lavar pés, nosso chamado fica claro.

Como escapar da necessidade de sermos aquilo que outros queriam que fôssemos? Cristo, o servo sacerdote, curvou a cabeça e tor-nou-se nada — melhor, *fez-se* nada. Declarou-se livre. Em geral nos concentramos na palavra "nada" contida nessa verdade. Sugiro que nos concentremos na palavra "fez". Fazer-nos significa que não deixamos que os outros nos façam. Emily Dickinson clamou:

> Eu sou ninguém] Quem é você?
> Você é ninguém, também?
> Como é tedioso ser alguém!
> Tão público! Como uma rã
> Que conta seu nome
> o dia inteiro
> A um pântano admirado![6]

A cabeça precisa curvar-se, precisa tirar a coroa pesada do narcisismo exibicionista. Tem de curvar-se quando o servo pergunta: "O que posso fazer, ó Cristo... por quanto tempo... onde?".

Richard Baxter concordaria com Emily Dickinson:

> _Você fica inflado de orgulho? Acolhe o louvor dos outros? Procura as mais altas honrarias? Fica zangado quando sua palavra ou sua vontade é desrespeitada? Não consegue servir a Deus numa posição inferior como serve em posição superior? Gosta de reconhecimento e fama? Não tem consciência de que seu coração é enganoso e traiçoeiro? Está mais disposto a defender sua inocência do que a confessar suas faltas? Se isso define seu coração, você é uma pessoa orgulhosa. É provável que não tenha familiaridade com Deus. Foi muito longe ao fazer de você mesmo um deus. Você é seu próprio ídolo. Como poderia ter o coração no céu? Talvez você diga algo correto, mas seu coração não entende o que está dizendo.[7]

---

[5]*The saints' everlasting rest,* cit. BANGLEY, *Near to the heart of Cod,* da leitura do dia 16 de novembro.

[6]Mabel Loomis TODD & T. W. HlGGINSON, orgs., *Favorite poems,* New York: Avenel Books, 1978, p. 155.

[7]Cit. BANGLEY, da leitura do dia 16 de novembro.

O CORAÇÃO DO SERVO (OBEDIÊNCIA)

Assim como a cabeça se curva, o coração do servo obedece. O coração se curva interiormente e dessa forma possibilita ao corpo curvar os joelhos. O coração do servo dedica-se à integridade e à misericórdia. Na verdade, o coração do caráter é a misericórdia. William Tyndale escreveu:

> Ser misericordioso é ter compaixão, sentir a dor do próximo, sentir o pesar dos enlutados, sofrer com o aflito, ajudar de todo modo e consolar com palavras afetuosas. Ser misericordioso é perdoar com amor ao ofensor, depois de ele ter confessado o pecado e pedido misericórdia.
>
> É ser paciente com os pecadores e orar a Deus que finalmente os converta. É enxergar o melhor em tudo e olhar muita coisa através dos dedos e não fazer de qualquer ninharia um pecado grave.[8]

Jesus sabia quem era, e foi com muita integridade que se dedicou à misericórdia e à vontade do Pai. Isaías retratou-o como alguém que não podia desviar-se da vontade de seu Pai.

> Ofereci minhas costas àqueles que
> me batiam, meu rosto àqueles que
> arrancavam minha barba;
> não escondi a face da zombaria e dos cuspes.
> Porque o Senhor, o Soberano, me ajuda,
> não serei constrangido.
> Por isso eu me opus firme como uma dura rocha,
> e sei que não ficarei decepcionado
> (Is 50.6,7).

A integridade na obediência é a lição da cruz. Jesus poderia ter escapado da sentença com mentiras. Poderia ter dito: "Não, Pilatos, não sou Filho de Deus — crucifique outro". Mas apegou-se à verdade, mesmo quando aumentavam cada vez mais as pressões. Pilatos poderia ter dito: "Para que esse desperdício? Por que você simplesmente não se associa ao conselho de pastores ou faz um circuito de preleções, ou uma série de filmes, ou escreve um livro sobre ficar feliz? Ceda um pouco, Jesus! Relaxe! Abra mão da sua cruz e tire férias de tudo isso".

A obediência é curvar nossa vontade. "Mantenham o coração livre dos pensamentos malignos", escreveu o cardeal Henry Edward Manning, "pois assim como as escolhas malignas separam nossa vontade da vontade divina, os pensamentos malignos anuviam a alma e escondem Deus de nós. Tudo quanto se opõe a Deus transforma nossa vontade em intolerável tormento. Enquanto determinarmos uma coisa e Deus outra, continuaremos nos atravessando de lado a lado com uma ferida perpétua, e a vontade de Deus vai avançando, passando adiante com santidade e majestade, esmagando a nossa até o pó".[9] Devemos encher de renúncia e luz as fissuras vazias e escuras de nosso coração convoluto.

A obediência não é a obra principal do discípulo, é a única. Mas como levar a efeito essa entrega do coração orgulhoso? Fénelon falou da organização de nossa vida que antecede à condição de submissão:

> Organize seu tempo a fim de todos os dias ter um período de descanso, para a meditação e para a oração. Isso é fácil quando você realmente ama a Deus. Nunca ficamos em dúvida quanto ao assunto da nossa conversa. Ele é o nosso amigo. Nosso coração se abre para ele. Devemos ser completamente sinceros com ele e nada esconder. Mesmo não havendo nada que lhe queiramos dizer, é uma alegria simplesmente ficar na presença dele.[10]

O espírito e a carne estão intimamente casados. Vivem, sofrem e morrem juntos. É raro o indivíduo que se mantém íntegro diante de sofrimentos severos. Mas Jesus conseguiu. Ele se humilhou e se manteve obediente e morreu de modo muito sangrento. E mais ainda: sacrificou-se pelo prazer de ser servo leal. É isso que os servos conformados fazem. Obedecem! A obediência é a fonte do caráter.

---

[8]Exposition on the Sermon on the Mount, ibid., da leitura do dia 23 de novembro.
[9]Cit. Mary TlLESTON, org., Daily strength for daily needs, p. 298
[11]*Meditations and devotions,* cit. BANGLEY, da leitura do dia 30 de outubro.

OS JOELHOS DO SERVO (ENTREGA)

Os joelhos do servo se dobram (v. Fp 2.10). Quando os joelhos se dobram, nasce o caráter. Não é que a postura externa em si seja a chave para o

poder de Deus, mas é um indício de como enxergamos o Onipotente. Um antigo parceiro meu de oração começava orando de joelhos e acabava com o rosto no chão diante de Deus. Por que fazia isso? Sua adoração era um mal-estar que encontrava alívio apenas quando ele se humilhava fisicamente.

Karl Barth disse que a oração é "nosso anseio por Deus, nossa incurável ânsia por Deus".[11] É um entorpecimento, uma paixão que nunca se satisfaz apenas provando gotas de Deus quando a vida surge em tragos profundos. Os joelhos precisam dobrar-se.

Quando os joelhos se dobram, o Rei entra! Certa vez, quando estava em Ávila, entrei na cela de pedra, com teto baixo, onde Teresa e João da Cruz oravam. Os moradores de Ávila dizem que os dois se ocupavam tão profundamente da oração que flutuavam. Parece estranho? Talvez, mas quem pode saber se isso aconteceu? Quando lemos suas obras e descobrimos a prostração inerente de suas orações, só podemos imaginar as glórias que Deus derramava sobre a adoração deles. Mas estou convicto de que o segredo para chegar a Deus é uma atitude de joelhos dobrados.

Ajoelhar-se não deve ser visto apenas como símbolo de devoção. É muito mais do que isso. É a postura que recebe o revestimento de poder de nossa vida. Quando nossos joelhos se levantam de novo, sabemos que temos de voltar andando para os campos de serviço. Muita coisa precisa ser feita. John Masefield escreveu:

Fazer o mundo inteiro levantar-se da cama, lavar-se, vestir-se, alimentar-se, sair para o serviço e voltar à cama de novo, creia-me, Saulo, custa um mundo de dor.[12]

Nossa vida inteira se desfaz em ruínas quando vivemos como se não tivéssemos joelhos! Sei agora que a postura de um servo é de joelhos. Pense no que mantém eretas as pernas. Em primeiro lugar, há a auto-suficiência. Precisamos aprender a humildade de espírito. O genuflexo não é uma posição só de oração, mas também de súplica. Se você se considera pobre, chegará de joelhos a Cristo, e de joelhos o receberá. Então será considerado bem-aventurado, pois bem-aven-turados somos *nós* os humildes de espírito, pois *nosso* é o reino.

O narcisismo também nos impede de ajoelhar-nos. A maior parte do nosso narcisismo não é flagrante. Na realidade, quase todos nós fazemos muito esforço para ocultar a aparência de egocêntricos. Sabemos rebaixar a cabeça e procuramos manter cara de inocentes e submissos, mesmo que seja apenas para manter a aparência de espirituais. Mas somos um pouco falsos. Em nossa vida pública de oração, exclamamos: "Quem nos dera ser nada, nada!". Mas no íntimo
exclamamos: "Amo-me, amo-me, tomo-me nos braços e me abraço".

Lembre-se disso: Narciso era belo. Todos os deuses concordavam nisso. Mas, como se sabe, afogou-se tentando abraçar o próprio reflexo. Essa metáfora deve ser um espelho para o nosso orgulho.

Os pregadores, os concertistas, os membros dos comités de igreja, os solistas talentosos, enfim, quantas pessoas em todas essas categorias vivem a vida servindo a sua própria divindade falsificada? O remédio do apóstolo para o narcisismo era dobrar os joelhos diante de Cristo — alguém superior ao nosso ego para nossa adoração necessitada.

A LÍNGUA DO SERVO (CONFISSÃO)

No fim, todas as línguas o confessarão (v. Fp 2.11).[13] Em última análise, todas as pessoas que já viveram neste mundo confessarão que Jesus é o Senhor. É apenas uma questão de tempo.

Procure imaginar o momento em que toda língua confessará. Os ateus, os catedráticos
universitários, os gigantes literários, todos comparecendo diante do trono sublime de vidro, na

---

[11]De Evelyn UNDERBILL, *The spiritual life,* cit. Emilie GRIFFIN, *Clinging,* p. 86.
[12]*The everlasting mercy,* cit. Sherwood E. WlRT, *Jesus man of joy,* Eugene: Harvest, 1999, p. 113.
[13]A disciplina espiritual da confissão é parte tão importante da vida cristã que dediquei uma seção inteira (parte 4) a considerá-la. Aqui, quero tão-somente enfatizar que o ato de declarar Jesus como o Senhor é característica do servo. (N. do T.)

derradeira cena da História.
As vezes os imagino, de olhos esbugalhados, olhando incrédulos para o trono altíssimo de Deus. O Onipotente limpa a garganta com trovões e diz: "Ahã!".
O filósofo agnóstico cai de joelhos, chorando: "Oh, meu Deus!".
O físico sabe-tudo finalmente reconhece a Deus.
Imagine só: Karl Marx, Frederich Nietzsche, Bertrand Russell, Madeleine Murray O'Hair, todos reconhecendo o nome de Jesus nos últimos portões da eternidade. É o momento estarrecedor, em que toda língua confessará o nome de quem duvidou durante toda a vida.
O que confessamos? Confessamos o mesmo que uma senhora pobre confessou ao chegar à fé em Cristo no dia em que completou 66 anos de vida: "Deus, tenho bem pouco para te dar. Tudo quanto me sobra é o meu futuro". Mas a salvação é isso mesmo. Ser redimido é começar onde o futuro inicia e respirar o nome "Senhor". Diante dessa palavra, nasce o caráter cristão.
Certo rei amava tanto o profeta da corte que mandou pintar seu retrato. Quando o retrato ficou pronto, via-se o homem santo em todos os pormenores — menos no rosto. O rosto olhava de esguelha, cheio de ódio, contorcido de ressentimentos e rosnando de vingança.
O rei ficou tão chocado que estava prestes a mandar tirar a vida do pintor, mas o homem santo pediu a anulação da ordem de execução.
"O rei!", exclamou, "poupe esse pintor! Ele pintou um quadro do homem que durante toda minha vida procurei não ser!" Esse servo entendia a palavra "caráter".
A língua do servo sempre quer proclamar: "Jesus é o Senhor! Dono de todas as coisas". Qualquer coisa inferior seria como o som de unhas raspando um quadro negro, ou do telefone celular tocando num cinema ou o barulho de briga de gatos na calada da noite. Estridente, irritante, invasivo e inteiramente impróprio. Que nossos lábios sempre transbordem de adoração e louvor pelo nosso Salvador majestoso.

O CARÁTER: FORJADO *IN EXTREMIS*

O caráter é um produto secundário de nossa sede de um relacionamento mais profundo com Deus. Nenhum dos santos jamais se dedicou a programa algum de desenvolvimento de caráter. Nunca tiveram sede de ser santos, como se a santidade fosse uma virtude a ser procurada. Eram homens e mulheres necessitados que clamavam por harmonia com Jesus. A busca de qualquer outra virtude era desnecessária.
"Caráter" é uma palavra de dignidade; ganha existência na disciplina e no trabalho. O caráter é o "nós" escondido, o que somos no escuro. Nossa vida exterior se veste de roupas e de protocolo: a política de todas as delicadezas desagradáveis, de nossa relação entre a salada e o garfo. Mas

nossa vida interior deve ser alimentada pela fonte das águas do caráter. Pode-se comprar personalidade por um bom preço, mas caráter não se vende nem se compra.
Como obter caráter? Tanto o caráter quanto a santidade encontram-se onde é extrema a nossa necessidade de Jesus. Nossa necessidade é mais aparente quando a vida despeja provações em cima de nós! Ser submetido a provas extremas é aprender a dependência espiritual. Quando nossa alma dilacerada é colocada nas estacas de empalação, conseguimos definir nossa necessidade. Ela vem *in extremis]* Recuamos horrorizados de pensar em deixar outras pessoas obter o controle de nossa vida. Mas a ocasião em que melhor desenvolvemos nosso caráter é quando não mais mantemos o controle de nossas circunstâncias. Ficar debaixo do calcanhar da vontade de outra pessoa ou sofrer a indignidade de circunstâncias avassaladoras é o que dá asas ao espírito.
Precisamos lembrar que Jesus nunca foi mais dono do seu caráter que quando estava sendo amarrado, açoitado e crucificado. Nenhum romano que o observasse casualmente teria a impressão de que Jesus estava-se saindo vitorioso. Quando alguém é forçado a morrer desnudo na frente da própria mãe, pode parecer um derrotado, sem ninguém na terra para atestar que é um bom caráter. Jesus, no entanto, estava vencendo. E, durante a prolongada dor de ser abandonado pelos homens, manteve-se em perfeita união com seu Pai. Agora, diz Paulo, ele nos convida à crucificação de nosso ego. Por que devemos levantar voluntariamente nossa própria cruz e morrer para o eu? Porque nossa crucificação não somente é a matéria-prima do caráter, mas também é a essência da união com Cristo. Devemos, portanto, bendizer nossa adversidade e fazer dela degraus para chegar ao nosso calvário da comunhão com Deus. Devemos estar crucificados com Cristo (v. Gl 2.20). Ah, como queremos evitar os pregos! Como desejamos evitar a humilhação nua do Gólgota! Não é possível! Lembre-se: raras vezes chegamos à humildade sem a humilhação. Não podemos, portanto, simplesmente bendizer nosso estado final e completo de estar em Cristo. Temos primeiro de bendizer as cruzes que produzem nosso caráter.
Solzhenitsyn não tinha prazer na desprezível prisão soviética nem no míope sistema de justiça soviético que o colocou ali. Por que, então, acabou exclamando, onde o mundo inteiro podia escutá-lo: "Prisão, bendigo-a!"? Porque, ao perder o controle das circunstâncias, recebeu o que seus dominadores soviéticos não lhe podiam dar — caráter. Foi só quando já não podia dizer que mantinha o domínio de seu próprio mundo que o verdadeiro Soljenitsin passou a existir! Em Filipenses 2, Paulo, Timóteo e Epafrodito clamaram juntos: "Prisão, bendizemo-la!". Desolado pelos tetos baixos de pedra e pelas grades de ferro, Paulo entoa o seu cântico libertador da condição de servo. O caráter semelhante ao de Cristo não aparece sem que tenhamos perdido o controle. Enquanto estamos no controle, andamos com os passos largos da arrogância e sentimo-nos satisfeitos com nossas fraquezas, que estamos certos de serem fortalezas. Mas quando perdemos o controle, percebemos nossas fraquezas e deixamos que Deus as transforme em fortalezas. Aqueles que detêm o poder por tempo suficiente acabam empregando esse poder para crucificar os outros. Mas o lado da cruz em que os pregos estão é o lado da sabedoria na crucificação; o lado da morte, onde estão os pregos, é o lugar onde nasce o caráter!
Nasce? Não, é *forjado]*

A forja é a bigorna em que o calor e o martelo são aplicados sobre o metal recalcitrante. São os golpes ressonantes e contundentes sobre o ferro em brasa que lhe dão forma:

Nisso vocês exultam, ainda que agora, por um pouco de tempo, devam ser entristecidos por todo tipo de provação. Assim acontece para que fique comprovado que a fé que vocês têm, muito mais valiosa do que o ouro que perece, mesmo que refinado pelo fogo, é genuína e resultará em louvor, glória e honra, quando Jesus Cristo for revelado (IPe 1.6,7).

CARÁTER: VIVER ALÉM DE MÓS MESMOS

O caráter cristão pressupõe que nossa falta de anseio por Deus nos aliena do resto do mundo. Nosso desleixo de não nos aproximar de Deus mantém nosso mundo inteiro à distância. Por isso, somos tomados por uma solidão persistente, e muitas vezes ficamos tão paralisados por ela que não conseguimos nos importar com o mundo ao redor. Por estarmos tão distantes, nos sentimos mal.

A obra assistencial do caráter precisa continuar enquanto suportamos a dor interior e avançar enquanto somos curados dessa dor.

Mehmet Ali Agca era um adolescente turco desconhecido até 13 de maio de 1981, quando teve o nome estampado em manchetes imensas pelo mundo afora identificando-o como o homem que atirou no papa. Mais tarde, a vítima foi visitar o criminoso na cadeia de Rebibbia.

Caráter é isso. Pode sofrer as feridas que um assassino lhe inflige e depois se voltar para perdoar, no espírito de Cristo. O caráter é o papa visitar Ali Agca no Natal de 1983. Sabemos que a visita durou 21 minutos, e quem estava por perto disse que o papa dirigia-se a Ali Agca como "irmão". Dizem que lhe mostrou o caminho para o Pai. Quando um homem poderoso procura o seu inimigo, e os dois se sentam juntos e falam a respeito de Deus, é o caráter que está em evidência. Essa virtude não é lavrada numa atmosfera agradável de discussões amigáveis, mas no ar rarefeito de tudo quanto nos ameaça a sobrevivência.

O caráter também se manifesta quando nos dedicamos a uma causa muito maior que nós mesmos. Sempre me admirei da coragem de Mahatma Gandhi ficar só de tanga numa cerimónia do Império Britânico quando os demais usavam fraque. Hoje sei que não era uma nudez provocativa a fim de deixar constrangidos os que estavam de fraque. Pelo contrário, era um modo de identificar-se com o traje nacional de sua pátria. Certa vez, quando Gandhi entrou no Palácio de Buckingham para tomar chá com o rei, foi questionado sobre a impropriedade de suas roupas. Gandhi respondeu: "O rei está usando roupas suficientes para nós dois!". [14]

---

[14]Cit. Larry COLLINS & Dominique LAPIERRE, *Freedom at midnight,* New York: Simon & Schuster, 1975, p. 70.

Vestindo nada mais do que uma espécie de fralda, mudou o destino da índia. Gandhi estava tão completamente envolvido numa causa que, quase nu, transformaria o mundo. Cristo, crucificado nu, transformou o mundo e disse a seus seguidores:

> Por que vocês se preocupam com roupas? Vejam como crescem os lírios do campo. Eles não trabalham nem tecem. Contudo, eu lhes digo que nem Salomão, em todo o seu esplendor, vestiu-se como um deles [...] não se preocupem, dizendo: 'Que vamos comer?' [...] Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas. (Mt 6.28-33)

Nossa causa é o reino! Nosso meio de servir é a matriz do caráter. Uma das maiores necessidades no cristianismo é reconquistar o senso dessa causa ardente. Vivemos por aquilo em favor de que Paulo e outros mártires morreram.

Vamos pensar numa mulher simples — a mulher de um pastor — que eu não via fazia dez anos. Sua morte humilde foi eclipsada pelo escândalo político do caso Watergate. Essa mulher tinha um câncer debilitante, que a foi enfraquecendo até seu vigoroso ânimo mur-char-se numa quietude de olhos pálidos. Ficara tão fraca que não conseguia gemer — e finalmente morreu.

Vi-a pela última vez quinze dias antes de sua morte. Ela estava fraca, mas seu sorriso era robusto. Não tinha forças para viver muito mais e sabia que estava morrendo!

— Como você está passando, Nellie? — perguntei.

— Excelente. Ontem, ensinei na classe da Escola Bíblica Dominical para crianças de quatro anos de idade — respondeu alegre.

— Mas como? Você está tão fraca. Devia ter ficado de cama — falei.

Explicou:

— Ora, tive de lecionar! Não havia outra pessoa! A professora delas estava com resfriado. Parece que Nellie não via nenhuma ironia no que dizia. O caráter começa onde o ego morre — morre verdadeiramente — e nem sequer sente a falta dele.

Somente Jesus transmite esse caráter. Ele nos chama, molda e nos prepara.

> Morreu! A morte basta para fazer um homem
> E nos diz o que ele fez com todos os seus sonhos.
> Aquele que geme ou morre mudo é o que nos pode
> Revelar que a coragem raras vezes grita.
> Ouvi dizer que os que viram a morte desse homem
> Ouviam-no respirar a sete metros além
> Da sombra de sua cruz. Sua respiração pesada
> Não lançou nenhuma maldição sequer.
> Apenas o caráter pode dizer que ele era Deus?
> Acho que não. Outros também foram odiados.
> O desprezo dificilmente acena para o amor.
> Só nós resolvemos que verdades são de fato verdadeiras.
> Mas, quando o caráter sangra no madeiro,
> Deus distingue os nobres e honra os bons.[15]

[15]Calvin MILLER, The character of a servant (4 de agosto de 1986).

A enfermidade é uma perda de equilíbrio em parte do organismo ou nele todo. Pode começar no espírito e na

desintegração física. Pode começar com causas físicas e atuar sobre a psique. Mas sempre é uma perda de equilíbrio na essência básica do indivíduo. [1]
— DAVID SEABURY

Aqui encontramos finalmente um diagnóstico preciso de nossa doença. Resumindo, esse homem está faminto do céu — os homens nascem com sede do infinito.[2]
— E. STANLEY JONES

O maior negativo no universo é a cruz, pois com ela Deus liquidou tudo quanto não era de si próprio; o maior positivo no universo é a ressurreição, pois por ela Deus trouxe à existência tudo o que existirá na nova esfera.[3]
— WATCHMAN NEE

---

[1] Cit. E. Stanley Jones, *Abundam living,* p. 189.
[2] Ibid., p. 95.
[3] *A vida cristã normal,* p. 88.



Conhece-te a ti mesmo", disse Sócrates,
"e conhecerás o mundo".
Se Sócrates tivesse conhecido Jesus,
teria sabido que existe um passo anterior.
"Conheça a Deus", disse Jesus, "senão
jamais conhecerá a si mesmo".

Ame a você mesmo não por convencimento, mas porque Deus é o objeto do seu amor. Seu próximo não deve ficar zangado com você, se você o ama como filho de Deus.

Jesus disse: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento", o que não deixa nenhuma parte de você livre para amar outra coisa.

Se algo mais a não ser Deus lhe parece digno de amor, canalize esse amor para o rio do amor divino.

Se você amar o seu próximo sinceramente, que seu comportamento para com essa pessoa baseie-se no amor total a Deus. Então, quando ama o próximo como a você mesmo, coloca ambos os amores na correnteza do amor de Deus, da mesma forma que os ribeiros desaguam nos rios. Todos levam para a mesma extensão de água, e nenhum deles a diminui.

Ame aos outros por amor a Deus. Ame a Deus por causa dele mesmo.[4]

— AGOSTINHO

[4]Cit. BANGLEY, *Near to the heart of God,* da leitura do dia 19 de julho.

CAPÍTULO 11

CHEGAR À AUTOCOMPREENSÃO

Em quase todas as épocas, concebe-se em geral que ser rico e ser importante são a mesma coisa. Mas Jesus deixou claro que, mesmo que possuamos o mundo inteiro, se perdermos a nossa alma, não teremos nada. Certo rico pediu que, quando morresse, fosse sepultado na posição de motorista atrás do volante de seu Cadillac de ouro maciço. O enterro foi uma demonstração exterior de riqueza, mas na realidade era uma declaração de alguém que foi deserdado por Deus. Ouviu-se uma pessoa comentar, enquanto o carro e o motorista embalsamado desciam para o fundo da cova: "Ora, isso é que é viver!". É comum, nesses dias de ricos e famosos, declarar *quem somos* em termos do *que possuímos.* Para corrigir essa noção tola, Jesus morreu.

Neste mundo às avessas, há pessoas que possuem bem pouco e às vezes descobrem motivos maravilhosos para ser felizes, ao passo que outras, que possuem muito, acham-se desgraçadas. Nossa filosofia torta nos leva a lamentar com as palavras de uma canção bastante popular no passado: "Pergunte ao rico, e ele reconhecerá que o dinheiro não compra a felicidade. Pergunte ao pobre, e ele não terá dúvida de que prefere ser infeliz a ficar sem dinheiro". Assim como

Tevye, do filme O *violinista no telhado,* o pobre clama a Deus, perguntando se algum grande plano divino se estragaria se ele fosse rico. Salomão situa-se no extremo oposto de Tevye — poderia comprar o violinista no telhado. Era um homem rico que tinha de tudo em abundância. De sua fartura brotava tédio. De seu tédio brotava desânimo, e de seu desânimo brotou o livro de Eclesiastes.

O livro de Eclesiastes foi escrito por ura homem que refletiu por muito tempo, às vezes com pessimismo, acerca do significado da vida. Em tempos como os nossos, em que as diversões e as riquezas parecem sempre belas na televisão, precisamos de Eclesiastes. Esse livro é o laboratório onde os ricos podem estudar a depressão e o tédio. Nossas novelas glorificam as riquezas, o poder e a permissividade. O sexo é a obsessão daqueles que têm tudo (Salomão teve mil mulheres), e o poder, de acordo com o eufemismo de Henry Kissinger, é o afrodisíaco supremo. O poder e o abuso de poder raras vezes fizeram bem ao mundo. Mesmo assim, a maioria das pessoas prefere dirigir os próprios planos a fazer parte dos planos alheios. O Satanás da obra de Milton testificou que seria melhor governar no inferno do que servir no céu.

Ao que parece, Salomão nunca fez ideia de que a permissividade e o serviço sacrificial representam uma bifurcação na mesma estrada — um caminho leva ao poder, outro, ao sacrifício. Mas ninguém faz diretamente uma escolha entre o poder e o sacrifício. Em primeiro lugar, escolhe-se a abnegação. Ou decidimos negar a nós mesmos e viver em harmonia com Cristo, ou vamos atrás de alguma esfera de influência pessoal.
O altar dessa decisão é o maior santuário de nossa vida. Ao escolhermos que caminho vamos percorrer, também estamos escolhendo nosso companheiro de viagem. Jesus nos acena para seguirmos por um dos caminhos, e Satanás indica o outro. Jesus está vestido com roupas pobres, em pé ao lado da própria cruz, e nos aponta outra cruz, que pretende claramente que carreguemos. Satanás, no outro caminho, está vestido de plumas e paetês, segurando sacos de dinheiro e acenando: "Vem cá". Cristo deseja tornar-nos úteis, e Satanás, transformar-nos em vedetes e astros. Nós escolhemos. A maioria anda pelo caminho do tentador. Mas os que caminham com Jesus percorrem uma trilha menos usada. Cristo faz seus companheiros lembrarem-se de que os ricos e famosos da estrada mais procurada estão descendo paulatinamente para o abismo final do ego e da morte. A recompensa deles, na melhor das hipóteses, será um caixão bonito e uma lápide mais cara do que a dos mártires. Mas o caminho tão gostoso não leva a lugar algum.
Nós que escolhemos a Cristo descobrimos que o destino é somente um pouco melhor que a jornada. Andamos com ele. Falamos, e ele escuta. Sentimos dores, e ele nos cura. Ficamos perplexos com os enigmas da vida, e ele nos oferece respostas. Quando não há resposta, ele concorda em esperar conosco até que cheguemos à terra onde todos os pontos de interrogação serão banidos pela compreensão instantânea.
Quando a viagem se aproxima do fim, Jesus está em dois lugares, e passamos a ter um abençoado paradoxo. O mesmo Jesus que sempre foi nosso companheiro de viagem, passa a ser nosso hospedeiro e estende os braços para nos dar as boas-vindas em casa. Finalmente, conseguimos ver com clareza que o destino certo sempre foi melhor do que o caixão dourado.

BUSCA SEM SENTIDO

O que dizer dos viajantes do caminho largo? Nessa senda, o sexo é a mística mais santa que os ricos e famosos — e temporais — conseguem conhecer. A beleza física é o valor supremo nessa estrada. O ego é o pequeno Baal da geração superficial, que escolhe em favor de si mesma. Seus valores são todos de giz e gesso. Nessa estrada, o trânsito é controlado pelos senhores da Bolsa de Valores. Em geral se pensa que a vida existe nas esquinas onde circula muito dinheiro e as grifes causam deslumbramento.
Com que se pareceria o rei Salomão em nossos dias? Creio que teria experimentado o estilo da Wall Street, montado na alta do mercado passando pela avenida larga do sucesso financeiro. Teria experimentado a devassidão moral e o sexo pela Internet. Entraria no mundo das drogas, aquela viagem prolongada pontuada por alucinações e ressacas. Certamente teria experimentado carros esportivos, gurus, ioga, caratê, *tae-bo,* golfe, vodca etc. Teria praticado montanhismo, mergulhos com *tubo de oxigénio,* mergulhos para catar pérolas, mergulhos no ar, Las Vegas e Disneylândia. Teria assistido a filmes de arte, arrecadado fundos entre as celebridades, dirigido uma Ferrari com superequipamento, saído com atrizes de cinema suecas, apostado corrida de iate, frequentado lugares e

festas de requinte, especulado com poços submarinos de petróleo, teria feito pesca submarina, frequentado sessões de médiuns chiques e discutido Eric Fromm com seu psicanalista. Mas, infelizmente, nada disso seria diversão para ele. Os devassos nunca conseguem exclamar "uau!" com sonoridade e extensão suficientes para se convencerem de que estão mesmo se divertindo.

Embora bem poucos de nós tenham meios financeiros para viver uma vida de tamanha frivolidade, sucumbimos diante da noção de que esse estilo de vida valha a pena. A maior parte da cultura do caminho largo assume o compromisso de tornar tudo o mais belo possível. Mas a maior parte da busca do sentido das coisas acaba no vazio. A biografia de cada uma dessas pessoas consiste em dois versículos do livro de Eclesiastes: "Que fardo pesado Deus pôs sobre os homens! Tenho visto tudo o que é feito debaixo do sol; tudo é inútil, é correr atrás do vento!" (Ec 1.13,14).

Que exclamação angustiante! É verdade que todos os empreendimentos da vida estão destituídos de significado? Becket disse: "Coma e defeque, o prato e a privada, esse é o alcance máximo do homem". E Cherea diz em *Calígula:* "Vou lhe contar o que me assusta. Perder a vida não é grande coisa, e terei coragem quando for necessário. Mas ver dissipado o sentido desta vida, ver desaparecer nossa razão de existir, isso é intolerável. O homem não pode viver sem sentido".

Precisamos ficar sentados com Deus por um tempo. Se há uma resposta para a falta de significado, ela se encontra no aposento secreto do coração. Whittier entendia isso:

> E assim acho melhor vir
> A esse quarto quieto para um repouso mais profundo,
> Pois aqui o hábito da alma
> Sente menos o controle do mundo exterior...
> E do silêncio multiplicado
> Por essas formas imóveis em cada lado,
> O mundo que o tempo e os sentidos conhecem
> Caem por terra e ficamos a sós com Deus.[5]

Quanto perdemos sempre que tentamos agarrar os bens da vida e nos recusamos a abrir as mãos para receber o que Deus nos quer dar! Frederick Buechner escreveu: "Vai para onde suas melhores orações o levam, descerre os punhos do espírito e relaxe. Respire profundamente ar alegre e viva um dia de cada vez. Saiba que você é precioso".[6]

Os cristãos evangelizam o mundo porque crêem que têm a resposta à pergunta: "Qual é o sentido da vida?". Salomão foi um homem que disse em quase todas as páginas do seu livro: "Tive um encontro com Deus e ainda tenho dúvidas acerca de todas as coisas que supostamente me dariam sentido à vida". A maioria dos bilhetes de despedida de suicidas pulsa com as questões que se acham no centro de Eclesiastes.

SENTIDO E DESCONTENTAMENTO

O pessimismo da busca de Salomão se completa nos evangelhos. Jesus disse que a verdade liberta (v. Jo 8.32). Entretanto, muitos estão presos num mundo em que a verdade é difícil de achar e onde esses prisioneiros estão acorrentados a condenáveis mentiras materialistas. Veja se você se reconhece nestas palavras de Salomão: "Havia um homem totalmente solitário; não tinha filho nem irmão. Trabalhava sem parar! Contudo, os seus olhos não se satisfaziam com a

sua riqueza. Ele sequer perguntava: 'Para quem estou trabalhando tanto, e por que razão deixo de me divertir?' Isso também é absurdo; é um trabalho por demais ingrato!" (Ec 4.8).

Há muitos anos, foi exibido o filme *Se o meu fusca falasse.* Tratava da história de um Volkswagen muito animado chamado Herbie. Em determinada cena, Herbie está estacionado num *drive-in* típico da década de 1950. Numa tentativa de fomentar o namoro entre o mocinho e a mocinha, Herbie recusa-se a abrir suas portas e janelas e deixá-los sair. A mocinha, presa, começa a bater na janela e grita a um casal de *hippies* no carro ao lado:

— Socorro, estou presa!

O *hippie* cabeludo acena para ela, empurra um hambúrguer enorme para dentro da boca cheia de dentes esverdeados e responde, despreocupado:

— Todos nós somos prisioneiros, bonequinha! Filosofia sublime para um filme não tão sublime.

Jesus disse que, se não o recebermos como a verdade redentora, permaneceremos eternamente prisioneiros sem esperança. Fizemos da prosperidade quase um inferno. Temos mais do que conseguimos gastar — mais do que necessitamos. Mas nossa fartura não é liberdade. É uma prisão da essência. Estamos servindo às mentiras e somos prisioneiros da intranquilidade. Como prisioneiros da falta de paz podem chegar a encontrar contentamento? Obtendo lucro em Wall Street? Ganhando dinheiro suficiente para mudar de um gueto brilhante para o próximo? É claro que não! Se quisermos ter verdadeiro contentamento, encontraremos na fonte de uma só verdade: Deus está em Cristo reconciliando o mundo com ele mesmo.

Lorenzo Scupoli compreendia que, assim como servir a Cristo traz grande alegria, servir ao egoísmo traz intranquilidade. Da mesma maneira que o eu é o deus da infelicidade, a abnegação é o bálsamo. Scupoli diz que precisamos ter uma desconfiança saudável de nossa necessidade de servir ao eu:

Precisamos tomar quatro atitudes para conseguir essa desconfiança espiritualmente saudável de nós mesmos:

1. Refletir em nossa própria fraqueza. (Reconhecer que não conseguimos realizar nada sem a ajuda de Deus.)
2. Pedir a Deus o que somente ele pode dar. (Reconhecer que não temos isso e que não podemos adquiri-lo em outro lugar. Devemos nos prostrar aos pés do nosso Senhor e implorar que ele nos conceda o que pedimos.)
3. Descartar pouco a pouco as ilusões de nossa mente (— nossa tendência para o pecado — e começar a ver os obstáculos impressionantes, embora, ocultos, que nos cercam. Cada vez que

---

[5]The meeting, cit. Harry FARRA, *The early years of the little monk,* New York: Paulist Press, 1999, p. 10. [6]*Telling secrets,* p. 92-3.

cometemos uma falta, devemos fazer uma relação de nossas fraquezas.

Deus só permite que caiamos para ajudar a compreender-nos mais profundamente. Deus permite que pequemos de modo mais ou menos grave segundo a proporção do nosso orgulho. Cada vez que

cometemos uma falta, devemos pedir a Deus, com toda a sinceridade, que nos ilumine. Peça que ele o ajude a se enxergar como você é aos olhos dele).

4. Não presuma mais com suas próprias forças. (De outra forma, você tropeçará de novo sobre a mesma pedra.)[7]

Quem quiser salvar a sua vida deve doá-la, diz Cristo.

Há muitos anos, meu filho ensinou-me a poupar. Ele sempre foi um "poupador". Tinha um jeito curioso de expressar as coisas quando menino. Capturava minhocas e insetos, colocava-os em vidros com tampas furadas e dizia que os "poupava". Lembro-me, por exemplo, de quando ele tinha uma taturana num vidro, e lhe perguntei:

— O que você está fazendo com essa taturana?

— Papai, estou poupando-a — ele disse.

Não tinha feito nenhum favor à taturana. Os belos pêlos da lagarta aos poucos se reduzindo a um ressecamento mortal. As lagartas não morrem, apenas desaparecem. Mesmo assim, meu filho não desanimou. Continuou tentando "poupar" coisas. Poupou peixinhos dourados até morrerem.

Certo dia, quando estávamos num piquenique em família perto de um riacho, meu filho levou uma caixa de leite vazia para a beira da água e pegou três girinos, que chamou de Pedro, Paulo e Maria. Nós os levamos para casa. Nunca entendi como ele os conseguia distinguir, mas parece que sabia o nome de cada um. Conservou-os num vidro em seu quarto até a água ficar esverdeada, mas os girinos gostavam da água esverdeada e estavam, de modo geral, melhor do que os bichinhos de estimação que Tim tivera antes. De vez em quando, eu lhe perguntava:

— Tim, o que você está fazendo?

— Papai, estou apenas poupando-os — ele respondia.

Pois bem, Pedro acabou morrendo. E depois morreu Paulo. Maria foi a única sobrevivente dessa tríade de girinos e até chegou a se transformar em rã. Surgiram pernas dianteiras e traseiras, e perdeu a cauda, mas dava para perceber que ela não estava bem. Falei a Tim:

— Tim, se você ficar poupando Maria por muito mais tempo, ela vai acabar ficando como Pedro e Paulo. Se você realmente quiser poupar Maria, precisa soltá-la.

Ele concordou! Então entramos no carro e levamos Maria a seu lar ancestral em Two Rivers. Descemos do carro com ela e fomos até o riacho, abrimos a caixinha que a prendia e a deixamos sair pulando, enquanto cantávamos alguns compassos de *Born free [Nascido livre].*

Os seres humanos, pela própria natureza, querem abraçar-se à vida e agarrar-se a ela, limitá-la, poupá-la e prendê-la. Mas Jesus ensinou que existe só um meio de conhecer o significado da vida: "Tema a Deus e obedeça aos seus mandamentos, porque isso é o essencial para o homem" (Ec 12.13). Conquistamos a felicidade quando abrimos mão dessa vida. Deixe de tentar desesperadamente agarrar as promessas deste mundo. Ao contrário, entregue tudo a Jesus. Coloque tudo no altar de Deus. Só então o contentamento pode começar a ser conhecido. Paulo escreveu: "Aprendi a adaptar-me a toda e qualquer circunstância. Sei o que é passar necessidade e sei o que é ter fartura. Aprendi o segredo de viver contente em toda e qualquer situação, seja bem alimentado, seja com fome, tendo muito, ou passando necessidade" (Fp4.11,12).

MAPEANDO O ITINERÁRIO DA AUTOCOMPREENSÃO

João 21 contém uma passagem maravilhosa em que Jesus volta à vida depois de ressurreto. Os apóstolos, no entanto, ficam apreensivos e incertos quanto às aparições inesperadas. Parecia-lhes que Jesus sempre aparecia nos lugares menos esperados e os pegava desprevenidos. Depois, Jesus se ausenta por algum tempo. Depois de alguns dias sem "nenhuma aparição", os
apóstolos estão de volta a bordo de seu barco, pescando, quando de repente Jesus aparece na

---

[7] *The spiritual combat,* cit. BANGLEY, da leitura do dia 15 de maio.

praia enevoada da Galiléia como uma silhueta na penumbra que antecede a alvorada. Perguntou-lhes:
— Filhos, vocês têm algo para comer?
— Não! — exclamam.
— Lancem a rede do lado direito do barco e vocês encontrarão! — grita.
Eles obedeceram, e a pesca foi tão grande que a rede quase se rompeu. Pedro, consciente de que se trata do Senhor (está despido a bordo) , veste rapidamente a capa de pescador e atira-se ao mar, nadando rapidamente até a praia. Quando chega, vê que Jesus já está com uma fogueira acesa. Nada demais! Nos nossos dias talvez se tratasse de uma caneca de café sendo preparada sobre as chamas. Depois que os outros encostaram o barco,

> Simão Pedro entrou no barco e arrastou a rede para a praia. Ela estava cheia: tinha cento e cinquenta e três grandes peixes. Embora houvesse tantos peixes, a rede não se rompeu [...] Depois de comerem, Jesus perguntou a Simão Pedro: "Simão, filho de João, você me ama mais do que estes?". Disse ele: "Sim, Senhor, tu sabes que te amo". Disse Jesus: "Cuide dos meus cordeiros" (Jo 21.11,15).

Nessa história, podemos descobrir várias razões comuns para a luta que travamos para encontrar sentido em nosso cristianismo.
Deixe que essas descobertas o ajudem a começar a traçar o itinerário da compreensão de você mesmo.

Nunca tomamos uma decisão acerca de quanto amamos a Jesus Cristo

Um dos primeiros motivos de os cristãos permanecerem infelizes na igreja e em Cristo é que nunca tomam uma decisão acerca da medida de seu amor a Jesus. Em João 21.11, Pedro está contando peixes. Era, afinal, sua profissão, seu negócio! Jesus o chamara para fazer discípulos, para ser pescador de homens, mas agora está de volta a outro tipo de negócio de pesca. Jesus quer desafiá-lo com a pergunta suprema: "Você já tomou uma decisão, Simão, a respeito de quanto me ama?". Então, no versículo 15, Jesus lhe pergunta: "Quanto você me ama? Mais do que estes?", indicando os 153 peixes apanhados.
Logo depois que eu e Barb nos casamos, mudamos para a cidade de Kansas, onde eu continuaria meus estudos do seminário. Ela nunca me havia visto como estudante, pelo menos não na casa "dela". Certa noite, bem tarde, enquanto eu lia Agostinho, Barb chegou até mim, abraçou-me por cima do encosto da cadeira, e perguntou:
— Você me ama?
— Sim — respondi. — Com certeza, te amo — sem perder um parágrafo de Agostinho.

Ora, é duro para uma mulher passar da maravilhosa euforia e do encanto de uma lua-de-mel para ser quase desconsiderada. Por isso, inclinou-se um pouco mais sobre a cadeira e perguntou, pela segunda vez, assim como Jesus a Simão na Galiléia:
— Você me ama mesmo? Respondi:
— Claro que te amo.
E de novo, continuei lendo.
Então perguntou-me pela terceira vez.
— Está bem, te amo — repeti, já um pouco exasperado. — Sua mãe te ama, o mundo te ama e eu te amo... e estou ocupado.
Foi a única ocasião em nossos mais de quarenta anos de casamento que a ouvi xingar, e o xingamento foi a palavra "asqueroso"!
Quanto a mim, ainda não tinha aprendido a estabelecer prioridades. Quando as pessoas lhe fazem perguntas acerca da devoção e do amor, e certamente quando Jesus as faz, o mundo precisa parar enquanto você responde.

Estamos procurando um relacionamento sem responsabilidade
Uma segunda causa da infelicidade cristã é que quase sempre procuramos um relacionamento sem responsabilidade. Jesus não nos salvou para ficarmos à toa desfrutando o seu amor pelo resto da vida. Ele tem um mundo inteiro perdido que precisa de salvação.
Quando eu era pastor, o que mais odiava era visitar algum membro da igreja que precisava do atendimento de uma "ama-de-leite" durante a semana porque seus sentimentos mesquinhos tinham sido feridos. Eu sempre queria dizer: "Olhe, enquanto você está aqui acariciando sua mesquinhez, outros estão lutando contra o próprio inferno". Cristo quer que entendamos nossa responsabilidade. Se o amamos, temos trabalhos relevantes a realizar!
Se não nos sentimos felizes em Jesus, talvez seja porque nos esquecemos de que Deus não nos vocacionou meramente para desfrutá-lo, mas para o servirmos. Quando estamos muito ativos, ajudando outras pessoas, é de estarrecer como nossas queixas e mesquinharias parecem destituídas de importância. Muitas pessoas entram pelas portas da igreja com muito sofrimento. Ainda que estejamos sofrendo, podemos chegar à paz mais rapidamente quando oferecemos compreensão aos outros em vez de buscar a nossa própria paz.

Não conseguimos nos comprometer
A terceira fonte de infelicidade se manifesta quando dizemos: "Não quero compromisso". Na passagem de João 21 que citamos acima, Jesus está empregando palavras grandiosas ("Simão, você me *ama?*"*),* e Simão respondeu empregando palavras mais fracas ("Sim, Senhor, *gosto* muito de ti"). "Gostar" é sinal de um compromisso muito fraco.
A grande falha de Simão foi dizer "Senhor" tão rápido que não falou muito a sério. Nossa falha é não dizer "Senhor" clara e confiantemente, e isso por certo traz más consequências. Ian Thomas disse:
Isso é uma tragédia da cristandade hoje, assim como foi a tragédia do povo de Israel outrora, durante quarenta anos no deserto. Um povo que vivia na pobreza auto-imposta! Cada dia que passavam no deserto era um dia que poderiam ter passado em Canaã, pois Deus lhes dera a terra! Não queriam acreditar, porém, que o Deus que os tirara do Egito poderia levá-los a Canaã![8]

Recusamo-nos a viver segundo a vontade de outra pessoa

A quarta razão de infelicidade dos cristãos é a confissão franca: "Simplesmente não quero viver segundo a vontade de outra pessoa". E raro chegarmos a pronunciar essas palavras, mas é esse o nosso sentimento. Jesus diz a Simão em João 21.18: "Digo-lhe a verdade: Quando você era mais jovem, vestia-se e ia para onde queria; mas quando for velho, estenderá as mãos e outra pessoa o vestirá e o levará para onde você não deseja ir". Certamente não era uma promessa de que Pedro ia viver até envelhecer.

A vontade de Deus pode levar-nos a alguns tipos de compromisso que não queremos ter. E é difícil abandonar algo que queremos em favor daquilo que Deus quer! Ian Thomas diz que podemos realizar qualquer coisa por intermédio de Cristo, mas o segredo é deixar que Cristo opere sua vontade por meio da nossa vida.

Posso dizer a uma luva: "Luva, pegue essa Bíblia", mas por alguma razão a luva não consegue. Tem dedão e dedos, o feitio e a forma de uma mão, mas é incapaz de fazer o que eu lhe mando fazer [...] Mas assim que a minha mão entrar na luva, ela vai ficar tão forte quanto a minha mão.

Tudo o que minha mão puder fazer, a luva também poderá.[9]

Deus quer que nos rendamos ao seu poder que nos preenche o interior. Nossa recusa a ceder resulta em teimosia, que é destituída de poder.

Estamos muito preocupados com o que Deus está fazendo na vida de outra pessoa

Quando Pedro recebe a má notícia de como vai morrer (como mártir), naturalmente se preocupa com que tratamento os demais apóstolos vão receber, de modo que se volta e, vendo João, pergunta: "Senhor, e quanto a ele?".

Jesus responde: "Se eu quiser que ele permaneça vivo até que eu volte, o que lhe importa? Quanto a você, siga-me!" (Jo 21.21,22).

Para sermos verdadeiramente felizes, temos de parar de comparar nosso destino com o bom tratamento que outra pessoa está recebendo. Quando começamos a fixar nossa atenção naquilo

---

[8] *The Saving life of Christ,* Grand Rapids, Zondervan, 1961, p. 42.

[9] Ibid, p. 41.

que nos parece ser injustiça da parte de Deus, a amargura começa a crescer. Por isso, Cristo diz: "Pare com isso! Pare de comparar-se com pessoas brilhantes e talentosas. Siga-me".

CONCLUSÃO

George MacDonald alistou os três grandes fundamentos (segundo os chamava) — os três elementos sem os quais não se pode viver uma vida relevante: alguém para amar, algo para fazer e uma esperança para acalentar. O mundo só poderá ser salvo quando nos transformarmos na luva em que Jesus Cristo coloca a mão divina. Com esse poder operando em nossa vida, qual é o limite? Nenhum! O que é a alegria? É Cristo.

Eclesiastes indica que temos falhas. Mas qual o problema? Agora, nós, que antes não tínhamos utilidade para Deus, fomos consertados. Depois de curadas as nossas fraquezas, estamos mesmo sendo usados por Deus.

Um soldado perguntou a Aba Mio, um dos Pais do Deserto, se Deus aceitava arrependimento. Depois de ter-lhe ensinado muitas coisas, o ancião lhe perguntou:

— Diga-me, meu caro, se sua capa rasgar, você a joga fora?
— Não, conserto-a e a uso de novo — respondeu. O velho replicou:
— Já que você tem tanto cuidado com a sua capa, Deus não terá igual cuidado com as suas criaturas?[10]

Estávamos rasgados e agora
estamos remendados,
Éramos inúteis e agora temos valor.
Antes éramos
artigos de refugo,
agora somos
moeda circulante
de Deus.
Aleluia!

[10]*Apoth., Mius,* cit. Roberta C. BONDI, *To love as God loves,* Philadelphia: Fortress Press, 1987, p. 51.

A VIDA DE CONFISSÃO

**Esforcemo-nos para entrar pela porta estreita.
Somos semelhantes às árvores, que, se não
suportarem com firmeza as tempestades
do inverno, não podem dar frutos.
O tempo presente é uma tempestade,
e somente com muitas provações
e tentações podemos obter uma
herança no Reino dos Céus.[1]**
— AMMA THEODORA

**Grandes esforços e duras lutas aguardam
os convertidos, mas, depois, gozo
e júbilo inexprimíveis. Quando se quer acender
uma fogueira, fica-se perturbado inicialmente
com a fumaça, e os olhos ardem. Mas no fim
consegue-se o propósito. Está, pois, escrito:
"O nosso Deus é fogo consumidor".
Devemos, portanto, acender o fogo divino
dentro de nós com lágrimas e lutas.[2]**
— AMMA SYNCLETICA

**De ti, Senhor, careço!
Do teu amparo sempre!
Oh! Dá-me a tua bênção:
Aspiro por ti![3]**
— ANNA S. HAWKS

---

[2]De *Daily readings in orthodox spirituality,* Peter BOUTENEFF, org., Springfield: Templegate Publishers, 1996, p. 42.
[2]Ibid.

[2]Careço de Jesus in: *Salmos e hinos,* n° 170.



Como me aproximarei de ti, ó meu Deus?
Conte toda a verdade, meu filho.
Passe uma boa escova de honestidade.
Lave suas fraquezas com a confissão.
Depois, a nossa vida juntos me satisfará,
e eu te chamarei de filho.
E nossa união lhe concederá
acesso a meu trono.

O Senhor, não sei o que te pedir. Só tu sabes quais são as minhas necessidades verdadeiras. Tu me amas mais do que eu mesmo sei amar. Ajuda-me a enxergar as minhas verdadeiras necessidades que me são ocultas. Não ouso pedir nem a cruz, nem a consolação. Só posso esperar em ti. Meu coração está aberto para ti. Visita-me e ajuda, por amor da tua grande misericórdia. Fere-me e cura, derruba-me e levanta-me. Adoro em silêncio tua santa vontade e teus caminhos inescrutáveis. Ofereço-me como sacrifício a ti. Não tenho outro desejo senão cumprir a tua vontade. Ensina-me a orar. Ora tu mesmo dentro de mim. Amém.[4]
— FlLARETE DE MOSCOU

[4]Cit. BOUTENEFF, p. 51.

CAPÍTULO 12

A CONFISSÃO E A GLÓRIA DE NOSSA NECESSIDADE

A mentira interior é "estou bem". A mentira externa é "você está bem". A idiotice cultural é que todos estão bem. Existem duas maneiras de lidar com o nosso pecado. A primeira é olhar para ele e dizer: "Eu estou bem". A segunda é dizer: "Bom, para ser sincero, não estou bem, mas tudo fica bem porque Cristo é maior do que tudo e é onipotente".

A partir da metade do século XX, o conceito de pecado começou a desaparecer. Karl Menninger lamentou-lhe o falecimento em seu notável livro *Whatever became of sin? [Em que se transformou o pecado?].* Protestou contra a ascensão da psicologia do "eu estou bem, você está bem". Chegou a dizer que a condição de "estarmos bem", diante da realidade da depravação humana, era como falar dos pássaros azulões no meio de um monte de esterco. As pessoas que continuamente se congratulam por estar bem não são boas candidatas para a graça. A necessidade é o melhor incentivo para nos atrair ao Cristo todo-poderoso. "O bispo martirizado de El Salvador, Oscar Romero, disse certa vez que somente os pobres podem comemorar o Natal, aqueles que 'sabem que precisam de alguém para vir em favor deles'."[5] Os que reconhecem que estão espiritualmente famintos descobrem com rapidez o pão de Deus. Quando vêem a cruz, dizem com toda a prontidão: "Perdoa-me. Vem, Espírito Santo, pois meu vazio precisa agora da tua plenitude".

Talvez tenha sido por isso que Boaventura exclamou no Natal: "E agora, a minha alma abraça a manjedoura. Pressione os lábios nos pés do Cristo menino com um beijo devoto; acompanhe mentalmente a adoração dos pastores; contemple maravilhado o exército de anjos que o acompanhava...".[6] Para mim, é claro que nossa necessidade foi satisfeita pelo Deus compassivo, que nos amou a ponto de desprezar a cidade de pérola e preferir a palha e o estábulo. E nós, que somos espiritualmente pobres, não podemos deixar de notar sua vinda.

A confissão é o segredo de uma relação correia com Deus. Num poema do século X, Eva confessa seu pecado e a consequência dele: "Eu sou Eva, mulher do grandioso Adão; fui eu quem ultrajou a Jesus no passado; fui eu quem furtou dos meus filhos o céu; segundo a justiça, sou eu quem deveria ter ido para o madeiro".[7] Juntamente com o salmista, Eva entende que seu pecado não é contra Adão somente. É contra Deus.

No mesmo poema do século X, Judas, o condenado à perdição, lamenta: "A de mim porque abandonei o meu Rei". Embora Judas esteja perdido para sempre nessa história apócrifa, também entende que seu pecado é contra Deus.

Nós somos pecadores. Nosso pecado custou a Jesus sua vida. O pecado é realidade. É grave e é barreira entre nós e Deus. Mas não precisa nos fazer viver com culpa nem autocondenação. A confissão é a resposta de Deus à culpa. O salmo 51 vem com o seguinte título: "Salmo de Davi. Escrito quando o profeta Nata veio falar com Davi, depois que este cometeu

adultério com Bate-Seba". Ou, em termos francos: "Salmo de Davi, depois de ele ter sido pego em flagrante".
Existem duas ocasiões em que uma pessoa pode confessar um pecado: antes de ser flagrado ou depois! Se o pecado é confessado antes do flagrante, é chamado "confissão". Se depois, é "reconhecer a culpa". Se você esperar até depois de ser apanhado, descobrirá que a dor de "reconhecer a culpa" é mais difícil do que se pode imaginar. E o peso é uma sobrecarga na confissão. Davi confessou, e a cura acompanhou sua honestidade. "Pois eu mesmo reconheço as
minhas transgressões, e o meu pecado sempre me persegue" (SI 51.3).
Nasce em todos nós uma

---

[5]Kathleen NORRIS, *Amazing grace,* p. 226.
[6]Cit. *The saints show us Christ,* p. 168.
[7]Esther DE WAAL, *The Celtic way of prayer,* p. 121.

forte necessidade de confessar o pecado. A necessidade não somente é o estado do coração impenitente, como também é a sua glória. A confissão é o caminho de volta ao relacionamento perdido com Deus.
Diante do biombo do confessionário, o penitente diz ao sacerdote: "Abençoe-me, padre, pois pequei [...] Passaram-se tantos dias desde minha última confissão". Essa referência deixa os comungantes livres do "sacerdócio do sacerdote" a fim de cumprir "o sacerdócio do crente". Contudo, os evangélicos são em geral menos pontuais no que se refere à confissão. Será que não levamos o pecado a sério?
Quando alguém me diz: "Não confesso meus pecados há muito tempo", sei que não é meramente porque tem menos pecado do que outras pessoas. O verdadeiro problema é que a pessoa se desculpa e não tem a menor ideia — ou talvez nem sequer se importe — de que seu pecado está impedindo o relacionamento dela com Deus. Todo cristão saudável anseia pela confissão, porque leva a sério seu relacionamento com Deus.
Em termos de oração, é possível que exista um só pecado. Não é o pecado de fatigar a Deus com confissões, mas o pecado de não ansiar por Deus. "Se Deus não se cansa, nós mesmos podemos nos cansar de ansiar", escreve Annie Dillard.[8]
E Deus escuta e perdoa a alma que o ama e por ele anseia? É claro que sim. Mas o pecado não confessado permanece como nosso maior bloqueio à graça. Nicolau Cabasilas escreveu:
Das muitas coisas que impedem nossa salvação, a maior de todas é que, quando cometemos alguma transgressão, não nos voltamos imediatamente para Deus e lhe pedimos perdão. Por sentirmos vergonha e medo, achamos que é difícil o caminho de volta a Deus, que ele está zangado e indisposto conosco e que há necessidade de muita preparação se quisermos nos aproximar dele. Mas a misericórdia amorosa de Deus expulsa totalmente da alma esse pensamento. O que pode impedir qualquer pessoa que claramente sabe como ele é bondoso e que, conforme está escrito, "enquanto ainda falas, ele dirá: 'Eis-me aqui'".[9]

O AMOR SIGNIFICA TER DE DIZER "DESCULPE-ME"

Maridos e mulheres devem saber dizer "desculpe-me" no dia-a-dia do relacionamento conjugal. Por que, então, um crente confessaria a Jesus uma só vez, para depois achar que não precisa confessar-se de novo?
George Bernard Shaw disse a respeito do casamento que "as pessoas apaixonadas estão sob a influência da mais violenta, da mais insana e da mais intransigente das paixões. Exige-se delas que testifiquem em juízo que permanecerão nessa condição de êxtase, anormal e exaltada, até que a

morte as separe". Os recém-convertidos cometem o mesmo engano. Muitos cristãos devem achar que têm o dever de manter vivas as primeiras alegrias de sua salvação. Mas não é assim. O amor que sentimos por Deus não é deixado para a nossa própria salvaguarda. Existe um brilho maravilhoso na graça, mas não estamos vocacionados para manter essa exultação na totalidade do nosso relacionamento com Cristo.
Assim como nenhum casal pode viver para sempre naquela euforia maravilhosa dos primeiros meses do casamento, os cristãos não conseguem manter a exultação sublime que sentiram quando encontraram o Senhor pela primeira vez. Para ter paz num ou noutro relacionamento, precisa aprender as leis da oscilação nesse relacionamento. Todo fervor — até o fervor salvífico — cresce e míngua. A primeira lei do relacionamento diz: "Você deve viver abertamente diante de Deus". Em 1João 1.9, está escrito: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça". Reconhecer o pecado é fortalecer o relacionamento com Deus.
O pecado de Davi — tão francamente confessado no salmo 51 — não pega Deus desprevenido. Deus está plenamente consciente de tudo quanto Davi fazia. Mas, embora Deus saiba de tudo, ainda precisava ouvir a franqueza de Davi a respeito do seu pecado. O arrependimento não é simplesmente fazer Deus olhar para o meu pecado; é minha disposição de ficar lado a lado com Deus enquanto ambos examinamos meus pecados. Por isso, não precisamos ficar neuróticos no fim do dia se não conseguirmos nos lembrar de todos os nossos pecados. O que Deus deseja de
nossa parte, em vez de uma contabilidade bem anotada de nossas iniquidades, é uma atitude

---

[8]*Tickets for a prayer wheel,* p. 119.
[9]Cit. BOUTENEFF, p. 25.

arrependida de coração. Quando nos confessamos constantemente, crescemos em nosso relacionamento com ele.
Aquele parente demoníaco, o tio Morcegão, aconselhou o sobrinho Cupim que o meio mais rápido de derrotar sua vítima era esconder dela a lei da oscilação:

> Deixe-a achar normal que se esperasse que o primeiro ardor da sua conversão durasse para sempre e que sua sequidão atual é uma condição igualmente permanente. Tendo fixado muito bem na cabeça dela esse falso conceito, pode passar a atuar de várias maneiras.[10]

Procurar convencer-nos de que a alegria da conversão é permanente é o caminho certo da derrota.

A BARREIRA DO PECADO MÃO CONFESSADO

Carregar sobre si a necessidade não confessada produz um tipo de carência que S. Silouan chamava de aflição. É um estado de coração minguado que não conhece outra cura senão a que Deus oferece. A melhor coisa de todas é entregar-se à vontade de Deus e suportar a aflição com confiança nele. O Senhor, vendo a nossa aflição, nunca nos dará mais que suportamos. Se achamos que estamos aflitos demais, significa que não nos entregamos à vontade de Deus.[11]
Mas como esse tipo de carência nos afeta? Examinemos da seguinte maneira a importância da confissão. Imaginemos que você pegue um amigo seu em flagrante adultério. Ao entrar de carro pelo seu portão, você olha para a janela da casa ao lado. Ali, vê seu amigo abraçando a mulher do

homem que mora do outro lado. Exatamente quando você o vê, ele dá uma olhada pela janela e vê você. O relacionamento ilícito é descoberto de uma só vez, por ambos. Mas suponhamos que ele se esqueça de que você descobriu o pecado e nunca volte a referir-se ao assunto. Que chances sua amizade possui? Todos os grandes relacionamentos edificam-se na franqueza. Essa abertura, esse reconhecimento, essa confissão é nosso ponto de acesso ao Pai. Somente isso pode satisfazer a carência espiritual. O grande cânone de André de Creta clama:

> Das profundezas do inferno
> Clamei de todo o meu coração ao nosso Deus misericordioso.
> E ele me atendeu.
> E levantou a minha vida da corrupção.[12]

Nossa confissão sempre recebe o perdão da parte dele.

Entre os métodos de evangelização, quase sempre se aprende que a fé em Cristo é uma ponte... uma ponte suspensa por duas pilastras. Uma das pilastras acha-se neste mundo, a outra está no mundo de Deus. Uma está fixada em nossa vida pecaminosa e desorganizada, a outra está plantada solidamente na misericórdia de Deus. Conseguimos nos encontrar com Deus no centro dessa ponte maravilhosa de relacionamento. Mas se não confiarmos nas pilastras, não nos aventuraremos a andar na ponte, e não será possível relacionamento nenhum.

A pessoa deve viver de tal maneira que ela e o Pai possam ser um:

> Nada entre a minha alma e o meu Salvador Para que o seu rosto bendito possa ser visto. Nada que impeça o menor de seus favores, Triunfarei no fim, sem nada entre nós.

A confissão se abre com Deus. "Contra ti, só contra ti, pequei e fiz o que tu reprovas" (SI 51.4), diz o salmista. O que Davi poderia querer dizer com essa expressão? Não assassinara um homem para ficar com a mulher dele? Não se deitara com Bate-Seba e gerara um filho numa relação ilícita? Não mentira ao profeta de Deus? Não usara a máscara hipócrita da diplomacia natural? Não tinha, com efeito, considerado sua a mulher de Urias e dito ao profeta de Deus "Não tive relação sexual com aquela mulher"? Depois de ofender quase todos a sua volta, como agora pode dizer: "Deus, contra ti somente pequei"? É que ele sabia que o pecado contra todos os demais tem sua maior consequência não na terra, mas no centro do céu.

---

[11]SlLOUAN, o Atônita, BOUTENEFF, p. 46.
[12]Ibid., p. 59.
[10]C. S. LEWIS, *Cartas do inferno,* trad. Roque Monteiro de Andrade, São Paulo, Vida Nova, 1964, p. 42.

ENXERGAR O PECADO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

A grande libertação da vida é saber que nossas transgressões não se referem apenas às pessoas que injustiçamos, mas também ao Deus vivo! A carência é boa se nos atrai a Deus. O culto fúnebre da igreja ortodoxa testifica:

Eu sou a imagem da tua glória inefável; embora eu carregue as marcas das transgressões. Compadece-te da tua criatura, ó Mestre, e purifica-me pela tua misericórdia amorosa. Concede-me a pátria do desejo do meu coração, Faze-me, de novo, um cidadão do paraíso.[13]

Nossa confissão de carência elimina nossa separação de quem nos ama e nos coloca de novo na presença dele.

Quando somos injustos com nosso cônjuge, é pecado contra Deus, não apenas contra o cônjuge. Quando somos abusivos com nossos filhos, é pecado contra Deus. Não explique seus pecados sociais como pequenos enganos nos relacionamentos humanos. Pecar contra qualquer pessoa que Deus ama é colocar uma faca contra o coração do Onipotente.

O que acontece quando nos recusamos a confessar nossos pecados contra Deus? Afastamo-nos de Deus. Nossa carência já não nos atrai à união com ele, mas torna-se uma barreira enorme contra ela. Começamos a encher nossa mala com muita bagagem emotiva para uma viagem à neurose. A bagagem acaba ficando pesada demais para carregarmos por aí. Cecil Osborne escreveu:

Lembro-me de uma jovem mulher que tornou a vida muito desagradável para sua igreja durante quase dez anos. Definia-se como "obreira dedicada à vinha do Senhor, crente bíblica, nascida de novo e cem por cento do Senhor", o que poderia ter sido muito bom se não tivesse mantido uma barragem de críticas a sua igreja, aos respectivos responsáveis, professores e pastores, e isso durante dez anos. Orgulhava-se de passar de duas a quatro horas por dia ao telefone, despertando interesse por seu empenho. Tinha um sorriso ameaçador, citava textos bíblicos a granel e dirigia um estudo bíblico para mulheres num prédio no centro da cidade. Tinha úlceras, colite, enxaqueca e várias outras doenças. A paz chegou à igreja dela somente quando ela saiu de mudança.

Era uma pessoa amarga, vingativa, briguenta, que tornava a vida desagradável para muitas pessoas, inclusive ela mesma. Assim como a maioria dos fanáticos, tinha convicção da justiça de seu empenho. Seu zelo exagerado, reforçado por citações bíblicas e frases piedosas, conquistou muitos seguidores, até descobrirem a amargura e o ódio por trás da sua fachada de piedade.[14]

Polonius diz a Laertes em *Hamlet:* "Seja leal a você mesmo". Não arraste por aí nenhuma mentira íntima. Ponha tudo às claras. Confesse tudo a Deus! Ele quer que cada um de nós deseje a verdade no íntimo.

A CURA E A INTEGRIDADE INTERIOR

John White conta que um de seus filhos nasceu com pés disformes. Conta também que não conseguia enfrentar essa verdade. Olhou para dentro do berço e notou o fato quase de imediato, mas recusou-se a aceitar a verdade de que a criança tinha pés disformes. Era médico, mas disse:

Eu estava tão relutante para enxergar a verdade. Minha mulher, que não é médica, olhou para o nosso filho e percebeu instantaneamente que alguma coisa estava errada nos pés do bebé. Finalmente, tive de concordar, já que não haveria a menor possibilidade de aquela criança curar-se sem eu ter a verdade em meu íntimo.

Porque o pecado está escondido dentro de nosso coração perturbado, podemos fingir que ele é menos grave ou até que não existe. Revestimo-nos de fingimento, abrandamos nossos conhecidos com mentiras agradáveis. É tanto natural quanto tolice querer pensar a nosso respeito da melhor maneira possível. Apesar disso, quando nos aproximamos de Deus com reconhecimento aberto, a verdade boa e sadia nasce dentro de nós. A sinceridade e a alegria vêm juntas. "Devolve-me a alegria da tua salvação e sustenta-me com um espírito pronto a obedecer" (Si 51.12). E a partir daí crescem a abertura e o reconhecimento com Deus. Mediante a confissão, nossa necessidade fica ligada com o suprimento da parte de Deus. No Novo Testamento grego, várias palavras são empregadas para o perdão. A primeira dessas palavras refere-se a "ser desobrigado de uma dívida". Na Oração do Senhor, Jesus empregou a palavra *aphiemi,* "perdoar segundo somos perdoados". No perdão, somos desobrigados de uma dívida. É uma palavra desse tipo que Dwight L. Moody empregou ao dizer: "Quando aceitei a Cristo,

---

[13]Orthodox funeral service, ibid., p. 77.

[14]*The art of becoming a whole person, Waco: Word Books, 1978, p. 60-1.*
Deus escreveu, com o sangue de Jesus Cristo, 'totalmente pago' nos livros contábeis do
céu". Nós, que estamos perdoados, fomos libertos de uma grande dívida. Existe outra palavra, *apoluo,* que diz: "Não seja cão de guarda dos pecados de outra pessoa". Não faça nenhuma inspeção da moralidade e da culpa dos outros, com o propósito de sentir-se mais à vontade com a sua própria culpa. Se você quiser ter felicidade e alegria genuínas, não poderá conquistá-las comparando-se com aqueles que, segundo acredita, pecam mais do que você. Procurar obter a graça sendo condescendente com você não tem proveito. Glorie-se na cruz de Cristo, exalte a obra salvífica dele e conte toda a verdade.

COMECE COM O CORAÇÃO CONTRITO

Estávamos num concerto certa noite e, enquanto a orquestra retira-va-se no intervalo, minha mulher me perguntou:
— Não era maravilhosa a música?
— Sim, era muito boa. Mas, sabe? É lastimável que o oboísta não tenha se harmonizado melhor com o celista.
— Mas como você sabe disso? — perguntou. Continuei:
— Mais do que isso, o dirigente da orquestra não gosta do regente.
— É verdade? — perguntou. — Como dá para perceber?
— E o harpista fica achando que o percussionista toca muito alto.
— Como você consegue saber? — ela continuou me sondando.
— Ora, não sei se é isso mesmo. Só sei que na maioria das orquestras há ciúmes e intrigas suficientes para fazer explodir toda a harmonia.
— Mas — respondeu ela — quando produzem belíssima música, esquecemo-nos das suas atitudes.
— Exatamente.
Seja liberto da escravidão imposta por suas críticas. A alegria surge quando podemos dizer: "Meu pecado é tão grande que não posso condenar você pelo seu. Além disso, levo em conta seu nível de maturidade".
Certa vez, tínhamos uma pessoa morando em nossa casa que extrapolava todos os limites. Ela nos acordava a cada momento durante a noite. Se quisesse um copo d'agua, nos acordava. Se precisasse ir ao banheiro, nos acordava! Por toda e qualquer coisa que desejasse, nos acordava. Mas era fácil perdoá-la. Ela era nossa filha e tinha apenas seis meses de idade. Nós a amávamos — acalentávamos tanto o nosso relacionamento com ela que seu modo de vida exigente era questão de alegria em nosso relacionamento. Era só considerarmos o nível de maturidade dela.
Há uma narrativa antiga a respeito de um padeiro magricela e baixinho chamado Fouke, cuja mulher, Hilda, era acessível a quase todos. Era uma magnífica conselheira. Mas, certo dia, Fouke voltou cedo para casa depois do serviço e encontrou Hilda na cama com outro homem. Ela tornou-se tema de fofocas na cidadezinha. Fouke tentou perdoá-la de coração, mas segundo disse: "Não conseguia perdoá-la. Meu perdão entrava em pane".
Depois de algum tempo, Deus enviou um anjo negro. Todas as vezes que Fouke olhava para sua mulher com ódio e amargura, o anjo negro colocava um pedregulho em seu coração; um pedregulho por vez! O peso desses pedregulhos acumulava-se e aumentava até tornar-se um grande fardo, que o quebrava e encurvava e rebaixava seu espírito.
Foi então que Deus, na sua misericórdia, enviou um anjo branco. Já a essas alturas, o homem era um velho encurvado pela amargura. Mas o anjo branco disse: "Você ainda pode aprender a enxergar de outra forma. Cada

vez que enxergar sua mulher como alguém que precisa de você, eu tirarei um pedregulho do seu coração".
A medida que saíam os pedregulhos, ele começava a ver sua mulher como Deus a enxergava. Nem sempre a via como a prostituta da aldeia; começou a vê-la como uma pessoa especial que precisava do seu amor. É isso o que a alegria realmente é.
Davi diz: "Os sacrifícios que agradam a Deus são um espírito quebrantado; um coração quebrantado e contrito, ó Deus, não desprezarás" (SI 51.17). Deus comove-se com o arrependimento genuíno. Quando você se encontra com alguém cujo coração está partido, o que faz? Vai querer estender a mão e amar aquela pessoa. Mas quando você se encontra com alguém que é orgulhoso e arrogante, sente muito menos desejo de estender-lhe a mão. A arrogância só pode deixar alguém aproximar-se dela depois de ficar quebrantada. É em semelhante ponto de necessidade que nossa salvação começa. Joyce Landorf escreveu essas palavras quando tinha 25 anos, sentindo grande necessidade de renovação por parte de Deus:
Parei na frente do espelho e então pasmei, incrédula. Eu nunca vira aquela mulher que estava na minha frente. Ela era velha, doentia, neurótica. Não poderia ter passado dos 25 anos, mas sua rebeldia deixara o rosto mirrado com feiúra; decaía com a aparência ressequida de couro, como nos muitos idosos. As linhas ao redor de seus olhos eram fixadas pela ira, as linhas dobradas nas pontas dos lábios mexiam-se de preocupação nervosa, o nível de sua força tinha sido fixado em tons de "lamúria" pela atitude de "coitadinha de mim", e sua maquiagem exagerada e penteado anormal contribuíram para uma impressão de palhaça tragicômica, que deixou o rosto inteiro rígido, mas patético. Pior do que tudo, porém, era o vazio, o nada, nos seus olhos.
Ficando em pé ali naquele dia, diante do meu espelho, e vendo a mim mesma, só consegui dizer: "Aquela mulher sou eu?".[15]
A confissão é um espelho limpo, onde olhamos fixamente para nós mesmos e nos lembramos do quanto decaímos. Quando chegamos a essa situação, com quebrantamento e receptividade, descobrimos, de novo, o amor de Deus. Então, nossa necessidade é preenchida. Já clamamos. Deus é totalmente suficiente, e essa suficiência total vem ao nosso encontro na nossa maior necessidade — a necessidade de sermos perdoados.

CONCLUSÃO

A graça de Deus é maior do que o nosso pecado. Sua bênção preenche até transbordar o abismo dos nossos anseios. Clamamos em nossa necessidade e de imediato descobrimos que ela já não existe. Em seu lugar, há riquezas fornecidas direta e ricamente da tesouraria do perdão que procuramos com tanta relutância. Realmente compreendemos: "O meu Deus suprirá todas as necessidades de vocês, de acordo com as suas gloriosas riquezas em Cristo Jesus" (Fp 4.19).
Não falemos, porém, da confissão como se fosse um trabalho penoso. É a maneira mais doce possível de acabar com nossa obstinação. Coloca uma nova qualidade imediata em nossa união com Cristo. Impacta-nos com júbilo proveniente de outro mundo.
Às vezes, a confissão é uma tarefa dura, mas é um esforço que vale a pena. As moedas que ganha compram uma exultação permanente. A dor da cirurgia do câncer é esquecida quando o médico diz: "Conseguimos remover tudo!". Uma mãe considera que suas dores de parto valem bem a pena quando seu bebê vivo chora fora do corpo dela.

E quando nossa carência nos leva, chorando, à cruz, bendizemos nossas lágrimas e celebramos nossa alegria. Nossa pobreza de espírito é trocada pela riqueza incomensurável da graça de Deus. Nossa melhor confissão termina com antífonas que celebram a purificação que recebemos. Isso porque Deus, que parecia distante e frio enquanto estávamos em nossos pecados, aproxima-se de nossas palavras que pedem perdão.

---

[15] *His stubborn love,* p. 64-5.

Eu mesmo fiquei tão emaranhado e constrangido pelos muitíssimos erros do meu passado, que não acreditava que me fosse possível escapar deles (...) Mas quando a mancha do meu passado foi lavada mediante a ajuda da água do nascimento (o batismo) (...) e o segundo nascimento me restaurara de modo a fazer de mim um novo homem (...) aquilo que antes parecera difícil agora era fácil.[1]

— ClPRIANO

O sangue é para a expiação e tem a ver primeiramente com a nossa posição diante de Deus. Precisamos do perdão dos pecados que cometemos, para não sermos condenados; e são perdoados não porque Deus deixa de ver o que fizemos, mas porque vê o sangue.[2]
— WATCHMAN NEE

Somente a tua obra, ó Cristo,
pode aliviar esse peso do pecado.
Somente o teu sangue, ó Cordeiro de Deus,
pode dar-me paz no íntimo.[3]
— RAY ORTLUND JR.

[1]Cit. Tony LANE, *Exploring Christian thought,* Nashville: Thomas Nelson, 1984, p. 24.
[2]*A vida cristã normal,* p. 17.
[3]*A passion for God,* p. 68.



Estou limpo porque confessei.
Permanecerei limpo até eu pecar...
Então confessarei e ficarei limpo de novo.
A confissão é a janela da graça.
Confessamos, e a luz solar da integridade
passa com seus raios pelo vidro manchado
dos nossos meios-termos e nos purifica
ao chegar até nós.

Deus Onipotente, pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que não deseja a morte do pecador, mas sim que ele se desvie da sua iniquidade e viva, e que tem dado poder e ordens aos seus ministros para declarar e pronunciar ao seu povo que se arrepende, a absolvição e remissão dos seus pecados: ele perdoa e absolve aqueles que verdadeiramente se arrependem e que crêem sem fingimento no seu santo evangelho — por isso rogamos a Cristo que nos conceda o verdadeiro arrependimento e o seu Espírito Santo, a fim de que sejam agradáveis a ele as coisas que fazemos agora e que o restante na nossa vida doravante

seja puro e santo, para que, no fim, alcancemos o seu gozo eterno, pelos méritos de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.
Come isso, em memória de Cristo que morreu por ti, e alimente-se dele no seu coração mediante a fé e com ações de graças.
Bebe isso, em memória do sangue de Cristo que foi derramado por ti, e seja grato.[4]
LIVRO DE ORAÇÃO COMUM (1552)

[4]Cit. LANE, p. 156-7.

CAPÍTULO 13

A CONFISSÃO E O DISCIPULADO LIVRE DE CULPA

Em certos momentos da nossa vida, somos semelhantes a crianças amedrontadas por uma tempestade à meia-noite. Nosso terror é um divórcio escuro — uma separação entre a confiança e a necessidade. Mas o medo contém ainda outra maldição. Aquilo que tememos também nos transmite certo tipo de culpa. Por quê? Porque nossos amigos na igreja, aqueles impulsionados por chavões, disseram muitas vezes que nenhum cristão verdadeiro chegaria a ter medo em hipótese alguma. E saber que não deveríamos ter medo nos deixa com sentimento de culpa. Somos como uma criança apanhada com a mão na lata de biscoitos, cujos pais disseram — quase como se estivesse escrito na Bíblia: "Não comerás; no momento em que comeres, certamente serás castigado". O medo e a culpa vêm e voltam juntos em nossa vida.

Uma das quatro emoções humanas básicas é o medo. Quando estamos acossados por ele, devemos reconhecer que boa parte da Bíblia nos foi dada a fim de que não precisássemos viver acorrentados a esse demônio. O salmista diz: "Mesmo quando eu andar por um vale de trevas e morte, não temerei perigo algum, pois tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me protegem" (23.4). O salmo 91 aconselha a nos esconder à sombra do Todo-Poderoso e, ao proceder assim, fazer de Deus a fortaleza da nossa segurança. Martinho Lutero, ao ler esses versículos, escreveu: "Castelo forte é nosso Deus, espada e bom escudo" .
Como Lutero tinha razão! Não precisamos passar pela vida intimidados pelo medo. O Cristo que em nós habita torna-se a nossa segurança ou, conforme diz o salmo 23, a nossa vara, nosso cajado, nosso companheiro constante, nosso grande pastor! Nossos temores devem dissipar-se quando o sentirmos presente. Nossa confissão contínua é a chave de sua presença permanente. Hildegard de Bingen escreveu:
Os pecadores descobrem que suas amizades são frágeis, facilmente quebradas; a solidão é a porção deles. Mas essa solidão não precisa ser permanente. O arrependimento restaura a amizade; o pecador que se arrepende recebe como recompensa os prazeres do companheirismo.[5]
A presença de Deus é a nossa fortaleza.
Frequentemente, no entanto, a despeito da fortaleza de Deus, agimos superficialmente e com bravata inchada. "Bravata" é a arte de dizer a nós mesmos que não estamos com medo, quando, na realidade, estamos mortalmente atemorizados. Somos mais fortaleza tremente do que fortaleza poderosa! A passagem bíblica citada acima nos ensina que a coragem não é a ausência de medo. É a capacidade de enfrentarmos, inflexíveis, os nossos temores.

TRÊS TIPOS DE MEDO

Existem tipos diferentes de medo. Primeiro, *o tipo instantâneo, repentino, que pega de surpresa;* "Ele o livrará do laço do caçador" (Sl 91.3). O salmo dirige nossa atenção à armadilha do caçador que, sem aviso prévio, salta e se fecha ao redor de uma ave infeliz. Assim também na vida encontramos aqueles temores que chegam de supetão, sem dar tempo para prepararmos uma resposta. A vida gira num tostão. A tampa coberta de capim cede e somos lançados imediatamente na cova. Andamos por uma rua bem conhecida, a mesma que percorremos durante anos. Viramos numa esquina — a mesma esquina em que viramos muitas vezes — e o universo decai, e nosso mundo é destruído. Às vezes, a vida surpreende-nos com circunstâncias tão devastadoras que nunca poderemos voltar a viver da mesma maneira que vivíamos antes.
É a agonia trucidante da síndrome do medo. Não poderíamos ter suspeitado que algo semelhante

---

[5]*Hildegard in a nutshell,* Robert van de WEYER, org., London: Hodder & Stoughton, 1997, p. *66.*

fosse acontecer. Acontece sem avisar, e, num dia lindo que achávamos que duraria para sempre,
ficamos fragmentados e quebrados. Nunca teremos a capacidade de rejuntar os pedaços esmigalhados da nossa vida.
Existe, porém, um segundo temor: *o medo contínuo da luta do dia-a-dia.* Todos os tipos de coisas nos amedrontam. Às vezes, nossos maiores temores estão nos atropelos da vida. Conseguiremos dar conta?

Já ouvi algumas pessoas dizerem: "Os cristãos verdadeiros nunca sofrem esgotamento". Não acredite nisso! Os cristãos estão em segurança contra o repentino esmagamento por um peso de calamidades seguidas? Claro que não! Às vezes, as situações vêm contra nós tão rapidamente que ficamos paralisados diante delas. É claro que podemos sofrer esgotamento, assombrados pelos terrores que nos enxameiam como insetos e ameaçam nos conquistar.

O esgotamento, porém, não é nossa condição final. A confissão pode nos tirar desse vazio escuro ao fazer de Cristo nosso parceiro para enfrentarmos os terrores da vida. Na realidade, a confissão é a nossa única armadura contra os males esmagadores do mundo demoníaco. Abraão, o discípulo de Abba Agathon, perguntou a Abba Poemen, dizendo: "Como os demónios lutam contra mim?". Abba Poemen lhe disse: "Os demônios lutam contra você? Não lutam contra nós, de modo algum, enquanto estivermos fazendo a nossa própria vontade. Isso porque a nossa própria vontade passa a ser a dos demônios, e são estes que nos atacam para que a cumpramos. Mas, se você quiser saber contra quem os demônios realmente lutam, é contra Moisés e aqueles que são semelhantes a ele". [6] Os Pais do Deserto consideravam a confissão uma verdadeira arma contra os demônios do esgotamento que congestionam nossos dias.

A confissão nos mantém em contato com Cristo. A confissão nos faz andar com o pastor, com nosso Rei maravilhoso, coroado com o sol. Capte a metáfora que realmente se acha no salmo 23. No vale escuro, as ovelhas chegam bem perto das pernas do pastor e tocam nele enquanto atravessam as fendas estreitas de trevas e dúvidas. Vêem na mão do pastor um cajado e uma vara. Com o cajado, toca suavemente nas ovelhas para guiá-las e dirigi-las. Com a vara, lhes diz: "Nada pode ameaçar vocês a menos que minha vida seja tirada. Cuido de vocês. Amo vocês. Confiem em mim!". Deus não deixa nenhum medo ter a liberdade de impor sua vontade sobre nós.

O terceio medo é *um tipo de terror; o medo do desconhecido, de dar um passo para a frente.* O salmista diz que Deus, de modo semelhante a uma águia, estende as asas sobre nós e cuida de nós: "Ele o cobrirá com as suas penas, e sob as suas asas você encontrará refúgio" (91.4). Aqui, "penas" pode referir-se aos grandes ossos primários nas asas da águia, que estendem as penas sobre os filhotes a fim de que nada os atinja.

Muitas vezes, Deus opera em nossa vida assim como fazemos com nossos filhos. Frequentemente, nos empurra para dentro de algum lugar desconhecido para nos fazer confiar e crescer. A mãe águia às vezes precisa parecer sem coração. Quando surgem alguns movimentos próprios da maturidade, ela empurra seus filhotes em direção àquilo que mais temem: a beira do ninho.

Mas a águia realmente é desalmada? Ela sabe que os temores naturais de seus filhotes os deixariam encalhados, tremendo para sempre em meio aos gravetos secos do seu ninho nas alturas. No final, iriam se tornar águias velhas e gordas que nunca conheceram a alegria dos mergulhos no espaço nem a emoção do pôr-do-sol. Por isso, os filhotes precisam aprender que a queda tão temida não passa de uma ilusão a ser domada. O medo só precisa ser vencido para ser transformado em vôo. O vôo é fruto das asas que dão ao terror. Os temores das aguiazinhas são reais? Sim. Mas não precisam enfrentá-los sozinhas. Contra tais temores, a mãe águia estende suas asas. O inverno está chegando. Não demorará para cair o gelo sobre o ninho. Mas até lá esses filhotes não conhecerão nenhum medo. A mãe estendeu o alcance das asas de seu zelo entre as vidas frágeis e a tempestade.

Semelhantemente, o Bom Pastor nos diz: "Eu os liberto do medo. Vocês não terão medo do terror da noite". Não ter medo? Não! Temos um intercessor! O Espírito Santo está em oração constante por nossa segurança.

> A atenção verdadeira e inerrante significa que o intelecto fica vigiando o coração enquanto este ora. Deve sempre estar de plantão,

---

[6] *Apoth., Poemen* 65:176, cit. Roberta C. BONDI, *To love as God loves,* p. 68.

> patrulhando o coração e de dentro — das profundezas do coração — deve oferecer suas orações a Deus.[7]

Nenhum coração precisa temer enquanto o Espírito Santo permanece em orações incessantes.

A confissão é o canal originário da coragem.

Você já conheceu o terror da noite? Nunca teve medo do escuro? Agora você é grande demais, não é? Mas já houve tempos em que tinha medo do escuro. Parecia que demónios ficavam à espreita nas flores do papel da parede. Você tinha medo de apagar a luz e medo de ligar de novo de modo muito rápido, para não apanhar os próprios demónios pairando diretamente sobre você.

Eu, quando era criança, tinha medo do terror da noite. Odiava a escuridão. E tinha pesadelos tão terríveis que fiz uma promessa a mim mesmo: se um dia eu tivesse filhos, nunca os deixaria passar uma única noite terrível de medo. Assim também, Deus não quer que qualquer de nós passe por semelhante medo: "Minha verdade será o seu escudo", diz ele. "Minha verdade será a sua fortaleza. Tenho um cajado; tenho uma vara. Não confie em nada senão na minha vara e no meu cajado." Devemos, portanto, confiar.

Quando as tempestades se aglomeram contra nós, devemos confiar. "Não tenha medo das provações que Deus achar por bem mandar a você. É com o vento e a tempestade da tribulação que Deus faz separação entre o trigo verdadeiro e a palha."[8]

Devemos lidar com nossas provações: "Faça amizade com suas provações, como se vocês fossem conviver juntos para sempre, e você verá, quando deixar de se preocupar com o próprio livramento, que Deus cuidará de você".[9]

Devemos exclamar: "Bendito seja qualquer peso, por mais esmagador que seja, que Deus teve a bondade de fixar nos nossos ombros, com sua própria mão divina".[10]

Devemos testificar que somos abençoados pelos próprios terrores da nossa vida: "Aprenda a ser como o anjo que descia entre os doentes de Betesda sem perder a pureza celestial nem a felicidade perfeita. Obtenha a cura das águas remexidas. Resolva enfrentar a perspectiva de aguentar certa medida de dor e angústia ao passar pela vida".[11]

"A aflição e a perplexidade nos levam à oração, e a oração leva embora a aflição e a perplexidade."[12]

"Deus dedica mil vezes mais cuidados a nós do que o pintor ao seu quadro. Por muitos toques de tristeza e por muitas cores das circunstâncias, Deus quer levar o homem a ter a forma mais sublime e nobre ao olhar divino."[13]

O Bom Pastor entrega-se a si mesmo pela vida de suas ovelhas. Lembro-me de uma pessoa muito querida na minha primeira congregação que não era membro da nossa igreja. Foi doente a vida toda e resolveu ir a Lourdes para receber a cura.

Questionei sua sabedoria: "O que Deus pode fazer na França que não possa fazer no município de Cass?". Vi-a sair de viagem. Ainda estava usando seu crucifixo predileto quando embarcou para a França a fim de receber a

cura. Voltou para a nossa cidadezinha dentro de poucas semanas, ainda muito doente. O crucifixo ainda estava pendurado em seu pescoço. Ela me disse: "Aprendi uma coisa importante na França: nunca confie num crucifixo, mas somente no crucificado". Nisso, estava realmente me dando uma resposta na forma de sua confissão. E sua confissão estava sarando todos os temores dela.

A confissão não cria nenhum poder dentro de nós, mas certamente lança fora todo o lixo da preocupação com nós mesmos. Em seguida, o poder de Deus pode encher de coragem o lugar vazio. A confissão nos leva a lembrar que temos um Pai celeste que anseia por nos ver vitoriosos. Um dos santos de Deus, de tempos distantes, Minúcio Félix, escreveu:

Que vista bela é para Deus quando o cristão vem de braços com a dor; quando entra na luta

---

[7]SlMEÃO, cit. Andrew HARVEY, org., *Teachings of the Christian mystics,* Boston: Shambhala, 1998, p. 60.
[8]Miguel MOLINOS, cit. Tileston, org., *Daily strength for daily needs,* p. 347.
[9]Francisco de SALES, ibid., p. 321.
[10]Frederick William FABER, ibid., p. 342.
[11]Cardeal John Henry NEWMAN, ibid., p. 72.
[12]Filipe MELÂNCTON, ibid., p. 76.
[13]João TAULER, ibid., p. 305.

contra as ameaças, contra a pena capital e contra a tortura; quando, com sorrisos, ri do barulho

das ferramentas da morte e do horror do algoz; quando defende e sustenta sua liberdade em oposição aos reis e príncipes e obedece somente a Deus, a quem pertence; quando, de modo triunfante e vitorioso, desafia a própria pessoa que decretou a sentença contra ele! É, pois, um vencedor que alcançou o alvo das suas aspirações.[14]

É assim que se vive sem temor. É descansar à sombra do Onipoten-te e andar debaixo da proteção de sua vara e seu cajado. Até onde? Ele andará com você para sempre. No avô de minha mulher, vi claramente que a dádiva do Bom Pastor era a sua fidelidade. Há alguns anos, quando ele estava doente num hospital em Oklahoma, sua condição deteriorou-se tanto que parecia que não viveria mais. Estava com 96 anos, e pelo fato de seu estado de saúde ser tão grave, a família foi reunida para estar presente em seu falecimento. Ele andara com o Pastor durante muitos anos e, ao confiar nele, descobrira que ele era fidedigno.

Ele me disse: "Será tão bom ver Edith de novo". Ela partira para estar com Cristo trinta anos antes dele. Esse veterano rural tinha dois grandes amores: a família e a igreja. Agora, enquanto sua família reunia-se ao redor de seu leito, dávamos graças a Deus pela igreja — diante da insistência dele. Depois, ficamos de mãos dadas com ele e oramos juntos, recomendando-o a Deus.

Fui o último a orar. Tão logo disse o *amém,* ele pediu para encerrar com sua própria oração. Abençoou cada membro de sua família e de sua igreja. Para um homem tão doente, era uma oração muito prolongada. A medida que continuava, passava a ser mais eloquente, e começou a orar em voz tão alta que ecoava pelo corredor do hospital. Na verdade, sua oração era tão extensa e exuberante que, quando terminou, sussurrei à minha mulher: "Fomos convocados aqui por um alarme falso. Hoje, ele não vai morrer de jeito nenhum". De fato, viveu mais seis anos! Mas de uma coisa nunca vou me esquecer: seu comportamento diante da morte. Não tinha absolutamente qualquer medo! Enfrentara o vale da sombra da morte sem desespero. Foi a maior de todas as dádivas que poderia ter concedido à sua família.

No vale da sombra da morte, a vara e o cajado realmente consolam. Todos nós devemos ser cobertos pela sombra de suas asas. Cada um de nós é defendido por seu escudo protetor. Não podemos permitir que qualquer ferida seja por demais terminal para nos excluir da confiança em Deus. Nem o dragão nem o arsenal do inferno podem deixar-nos amedrontados. Considere esse assunto de ficarmos cobertos pelas asas de um Deus amoroso assim como uma águia cobre os filhotes. Conrad Willard conta uma história triste de quando ele era menino. Olhou certo dia para o outro lado do quintal e viu uma galinha atravessando orgulhosa o espaço vazio, cacarejando. Seus pintinhos a seguiam de perto.

O irmão de Conrad desafiou-o: "Aposto que você não consegue atingir aquela galinha velha com sua espingarda de ar comprimido".

"Era uma espingarda novinha em folha", disse Conrad, "e eu teria atirado em qualquer objeto parado ou em movimento. Sabia que conseguiria. Coloquei a bala no cano e mirei a galinha. Puxei o gatilho e a atingi no pescoço.

"A cabeça dela caiu lentamente para o lado. Observei-a fascinado e com duplo medo. O medo de uma velha galinha em total desorientação sobre o que era a vida e o que poderia significar: qual calamidade repentina caíra do céu? Depois, vi o medo dos seus pintinhos, fazendo tudo o que sabiam fazer: correram para a mãe. Mesmo enquanto morria, esticou as asas tão amplamente quanto pôde, num esforço para protegê-los. E em seus momentos finais, os pintinhos refugiaram-se debaixo de suas asas, para receberem o último calor que ela podia lhes dar."

Agora entendo a beleza do compromisso do Salvador: "Eu os cobrirei com as minhas asas. Meu escudo é libertação para vocês. Estão livres do medo! Podem confiar na minha integridade! Venham e recebam". Mas qual é o primeiro passo para nos apropriarmos dessa segurança? A confissão. Chamamos Jesus de "Senhor", e a totalidade da vida torna-se manejável — todos os nossos temores são como mero papel na presença do seu poder.

---

[14]Cit. *The early Christians,* Eberhard ARNOLD, org., p. 127.

O PECADO PRODUZ CULPA

Alguns conseguem a vitória sobre o medo apenas para depois torná-la ineficaz por causa da culpa. Levantam uma barreira de culpa ao recusarem o perdão de Deus. Devemos confessar a
Cristo nosso pecado. Depois, devemos deixar que ele nos perdoe. Além disso, devemos confiar em seu perdão. Carregar por aí os pecados que Jesus já perdoou é recusar-nos a confiar na obra perfeita e total que ele realizou ao morrer por nós. O sentimento de culpa somente pode nos abençoar quando nos capacita a pedir "perdão" a Deus, ao nosso cônjuge ou aos nossos familiares. Mas a culpa em demasia, carregada durante um período prolongado demais, passa a ser destruidora do espírito humano. Quando chegamos a Deus pela primeira vez para confessar nossos pecados, ele quer remover da nossa vida tudo quanto há de ruim e deixar no lugar tudo quanto é bom. Mas muitas vezes impedimos sua obra ao nos apegar às coisas ruins. É então que a culpa dói! No fim, acaba destruindo.

A intercessão incessante do Espírito Santo é nossa proteção. Ele ora continuamente para que a culpa não nos vença. Isaque, o Sírio, escreveu: Por isso se diz que quando o Espírito Santo vem habitar num homem, este nunca cessa de orar, pois então o próprio Espírito Santo ora

constantemente dentro dele (v. Rm 8.26). A partir daí, a oração nunca cessa na alma do homem, quer esteja dormindo, quer acordado. Ao comer ou beber, ao dormir ou ao realizar alguma coisa, mesmo no sono profundo, seu coração transmite sem esforço o incenso e os suspiros da oração. A oração então nunca o deixa, mas a cada hora, mesmo se estiver em silêncio, continua secretamente a agir por dentro.[15]

Viver a vida confessional é viver livre dessa culpa. É o nosso desejo. Porém, mais do que isso, é o desejo da intercessão incessante do Espírito.

Como, porém, nasce a culpa? De modo sutil, penso eu. Todolíipo de coisa pode nos sugestionar à culpa. Imaginemos que estamos de dieta há três semanas. Em seguida, alguém no escritório traz uma caixa de sonhos. O cheirinho chega até nós ao entrar pela porta! De início, talvez procuremos fugir da tentação ao manter fechada nossa porta e ler a Bíblia. Mas o cheiro deles vem penetrando embaixo da porta e, como hipnotizados, somos seduzidos a ponto de parar o trabalho. A confeitaria "maligna" nos atrai para olharmos e contemplarmos. É só olhar, mais nada! Então, examinamos a massa frita, o glacê doce. Mesmo quando damos as costas para nos afastar, eles clamam: "Coma-nos! Coma-nos! Coma-nosl". Em poucos instantes, tudo acaba! Recomeça a permissividade! Perdidos e totalmente infelizes, abandonamos três semanas de dieta, exclamando: "Por quê? Por quê? Por quê?".

Então entramos num novo tipo de tormento. Tendo comido do doce proibido, achamos que devemos pagar por esse pecado. Como é estranho que um simples bolinho possa nos prender na esteira da mágoa e forçar-nos a reconhecer a derrota para nossa velha natureza pecaminosa. Por certo, nossa fraqueza infernal nos implora que pratiquemos algum tipo de penitência. Sentimo-nos culpados em perder o domínio próprio. O sentimento de culpa que cresceu tanto nos mantém determinados no esforço de pagar nosso próprio pecado. S.I.Milliken diz:

O estudo de Hans Eysenck indica que, das pessoas emocionalmente perturbadas que procuram a psicanálise, 6% melhoram em um ano. Das que procuram psicoterapia, 64% melhoram em um ano, e das que não procuram nenhum tratamento, 72% melhoram
em um ano.[16]

Milliken dá a entender que as pessoas lucram mais ficando em casal Sem dúvida, acredito ser importante obter ajuda profissional quando for necessária. Mesmo assim, creio que, quando sentimos dor por nosso pecado, é melhor nos voltarmos para Deus.

Mas o senso de culpa frequentemente embute no nosso organismo uma falsa noção de que Deus gosta mais de nós quando nos sentimos inferiores. De alguma maneira, se virmos a nós mesmos como insignificantes, ficamos mais humildes diante de Deus. Charles Swindoll diz:

Se Deus tivesse desejado que você fosse verme, poderia muito facilmente tê-lo criado assim! Você deve saber que ele cria muito bem os vermes. Existe uma variedade quase infinita dessas criaturas que se remexem. Quando Watts escreveu a respeito dos vermes, estava simplesmente

---

[15]Cit. HARVEY, p. 63.

[16]Cit. Anthony CAMPOLO JR., *The power delusion,* Wheaton: Victor Books, s.d., p. 34.

empregando um quadro verbal. Muitos outros, no entanto, têm dado moldura ao quadro, como modelo a ser seguido, e o têm chamado de humildade. Essa "teologia dos vermes" cria problemas enormes. Tem muitas faces — todas tristes. Sai de manhã do seu esconderijo entre os

cobertores e o colchão, dizendo a si mesmo: "Não sou nada. Sou um verme. Ai, ai. Não consigo fazer nada e mesmo que pareça que estou fazendo, não sou eu na verdade quem faz. Ai! Preciso aniquilar o respeito por mim mesmo [...] crucificar toda a motivação e ambição. Se algo de bom aparece acidentalmente, preciso escondê-lo rapidamente ou negar categoricamente que tive alguma parte nisso. Como eu poderia realizar alguma coisa de valor? Afinal, quem sou eu? Sou um verme. Não presto para nada senão para me rastejar muito lentamente, afogando-me em poças de lama ou sendo pisoteado. Ai, ai, ai.[17]

Na igreja evangélica, as pessoas estão sempre se reprimindo. E tudo isso torna-se uma patologia negativa de espírito que nunca foi a intenção de Deus. Semelhante sentimento de culpa tem feito da igreja um centro teológico para a baixa auto-estima.

A culpa é, por si mesma, o mais danificante de todos os pecados. Quando a culpa começa a dominar nossa vida, ficamos esmagados quanto ao nosso autoconceito e nossa segurança e logo começamos a definhar na febre de tudo quanto temos feito de errado, não vendo absolutamente nada de bom em nós mesmos. O sentimento de culpa que abrigamos está de verdade matando não somente nossa íntima comunhão com Deus, mas também com nós mesmos.

Os cristãos nunca devem se sentir culpados? O sentimento de culpa nunca pode ser bom? Sim, quando tiver o efeito de nos aproximar de Deus, mas também pode ter o efeito de obscurecer a Deus. O sentimento de culpa fica mais destituído de valor quando ficamos tão preocupados conosco que não conseguimos enxergar nada senão nossas próprias necessidades egoístas. Muitos cristãos tendem a não perdoar a si mesmos. Às vezes, fazem isso ao deixar despercebido o conceito total de pecado. Mas aqueles que realmente desejam viver na presença de Deus querem ter a marca da santidade em sua vida. Quanto menos possuem santidade, porém, tanto mais se recriminam com culpa.

A culpa dói?

Davi cometeu adultério e o fez com Bate-Seba. Errou o alvo. Fracassou no propósito de viver uma vida reta. Deixou, também, de fazer da santidade um objetivo. Mas, com o pecado, a culpa também tomou posse. Davi ficou preso numa teia de autodestruição que levou a tantas mentiras que, por comparação, faz o caso Watergate parecer um piquenique da Escola Bíblica Dominical. Cometeu adultério, falso testemunho, discriminação racial e assassinato. Deus finalmente decretou seu juízo contra o rei. Mas a culpa também recaiu sobre ele — culpa essa que nasceu no reconhecimento de que Deus o observara em seu pecado.

Na obra O *grande abismo,* de C. S. Lewis, um dos fantasmas novos protesta:

— Você! — gaguejou o fantasma. — Você tem coragem de dizer que eu não fui um sujeito decente?

— Claro. Preciso entrar em detalhes? Vou dizer-lhe uma coisa para começar. Assassinar o velho Joaquim não foi a pior coisa que fiz. Aquilo foi coisa de momento, e eu estava louco naquela hora. Mas eu matei você em meu coração, deliberadamente, durante anos. Eu costumava ficar acordado à noite, pensando no que faria se tivesse uma oportunidade. Por isso fui enviado a você agora: para pedir o seu perdão e ser seu servo enquanto precisar, e por mais tempo, se lhe agradar. Eu era o pior. Mas todos os homens que trabalhavam sob suas ordens sentiam o mesmo. Você tornava as coisas difíceis para nós. E tornou difícil também a vida de sua mulher e de seus filhos.

— Cuide dos seus assuntos, meu jovem — falou o fantasma. — Nada de palavrórios, está ouvindo? Porque não vou aceitar nenhum atrevimento da sua parte sobre os meus negócios particulares.
— Não existem assuntos particulares — replicou o outro.[18]
Nenhum assunto particular é segredo entre você e Deus. A culpa acontece quando o santo Deus e o homem desnudado estão examinando as coisas como realmente são. Trata-se de um momento que pode ser saudável ou não — depende do que fazemos com o pecado depois de ter sido descoberto.

---

[17]*Starting over,* Sisters: Multnomah Press, 1983, p. 51.
[18]0 *grande abismo,* trad. Neide Siqueira, São Paulo: Mundo Cristão, 1983, p. 26.

Muito frequentemente somos semelhantes a Adão depois do pecado. Nossa culpa leva-nos a ser repugnantes a Deus e a nós mesmos, e assim ouvimos Deus chamando no frescor do dia: "Onde está você, Adão?". A culpa nos acossa tanto quanto a santidade de Deus. Sentimo-nos nus e escondemo-nos. Assim foi com Davi. "Estou nu", clamou a Deus, "e sei disso. Purifica-me com hissopo, e ficarei puro; lava-me, e mais branco do que a neve serei" (v. SI 51).
Existem duas narrativas a respeito de lidar com o pecado, as quais envolvem o que aconteceu perto da crucificação de Cristo. Uma delas é quando Pedro negou Cristo. Conseguiu ser franco, examinar seu pecado, confessá-lo e esquecer-se dele. Judas Iscariotes, porém, não fez assim — carregou a culpa até que ela finalmente quebrasse seus ossos num ato de autodestruição. Semelhante culpa sempre produz a síndrome de Judas; sempre destrói. Às vezes, destrói na forma do suicídio e outras vezes destrói na forma de um viver derrotado, do negativismo ou do esgotamento mental. Mas a síndrome de Judas é sempre destrutiva e separa-nos do Deus amoroso.
Já conheci muitos que levamconsigo a culpa porque simplesmente não conseguem aceitar o perdão divino. Quantas vezes alguém tem dito: "Pedi muitas vezes que o Senhor me perdoasse esse pecado — pedi-lhe dez mil vezes". Pois bem, Deus perdoa ao receber o primeiro pedido; portanto, 9 999 dessas vezes foram desnecessárias e sempre indicam homens ou mulheres que querem que Deus perdoe aquilo que não estão dispostos a peidoar em si mesmos. O perdão divino é completo. E você, até que ponto é completo o seu perdão?
Justino escreveu que Cristo é a autoridade sobre tudo quanto nos ameaça. Se a culpa é ameaça contra nós, por que não simplesmente entregá-la à autoridade dele? "Você pode enxergar que o Cristo crucificado possui o poder encoberto de Deus: todo demónio — e, realmente, todo e qualquer poder e autoridade na terra — treme diante dele."[19]
Certa vez, conversei com unia mulher que tinha passado algum tempo num hospital psiquiátrico.Nas visitas subsequentes, consegui perceber que a razão pela qual ainda estava sendo submetida a cuidados psiquiátricos era que nunca se abrira com seu médico, e este, apesar de todos os diplomas, jamais conseguira que ela lhe contasse a verdade. Finalmente, em desespero, ela me disse:
— Meu problema é este.
Foi incrível a confissão que se seguiu. Senti-me constrangido por somente ouvi-la. Soluçando em sua angústia, revelou todo o problema. Vi que o assunto estava destruindo-a por dentro.
Falei:

— Você quer me dizer que gastou esses milhares de dólares num hospital psiquiátrico e que nunca contou ao seu médico essas coisas que provocaram a situação na qual você está?
— Tive vergonha de contá-las abertamente! — disse ela.
Pois bem, encontrou a cura porque conseguiu enxergar aquilo que ela era e dizer: "Deus, tem misericórdia de mim, uma pecadora".

CONCLUSÃO

Nenhum de nós gosta quando alguém acende a luz no nosso quarto desarrumado. Nisso compreendemos o que Davi queria dizer ao declarar: "Esconde o rosto dos meus pecados" (SI 51.9). No entanto, o pecado secreto precisa ser julgado. Em Romanos 2.16, Paulo diz que virá um dia em que Deus julgará os segredos dos homens. Em Marcos 4.22, Jesus diz: "Porque não há nada oculto, senão para ser revelado". E em Eclesiastes 12.14, o escritor do livro nos diz: "Pois Deus trará a julgamento tudo o que foi feito, inclusive tudo o que está escondido".
Romanos 8.1 diz: "Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus". A condenação vem quando carregamos no coração coisas que Deus já perdoou. O pecado primário que muitos cristãos talvez tenham de confessar é o pecado de carregar a culpa. Quando carregamos a culpa pelo pecado confessado, estamos dizendo que a cruz era pequena demais para cobrir nosso pecado.
Em *O peregrino,* a personagem Cristão chega até a cruz. Está carregando nas costas um fardo tão pesado de pecado que não consegue livrar-se dele. Cai no chão diante da cruz, e o fardo do pecado sai rolando, e Cristão fica livre, mas não vai muito longe antes de começar a catar de

---

[19]Cit. ARNOLD, p. 148.

novo as coisas que Deus já lhe perdoara. Se você quiser viver livre, não pegue de volta aquilo que Deus tira de você. O erro trágico de Cristão é repetitivo. Resolva diante de Deus que nunca carregará mais do que lhe é obrigatório.
Você talvez se lembre da antiga parábola de um homem de idade que entrou num ônibus carregando uma mala grande. Ficou em pé, firmando-se num dos suportes, quase esmagado debaixo do seu fardo, quando alguém lhe tocou o ombro e disse: "Olhe, você não consegue carregar isso. Coloque no chão e deixe o ônibus carregá-lo". A confissão reconhece o "ônibus". A confissão nos leva a desfazer-nos dos nossos fardos e ficar em pé livres.

Mantenham silêncio, todas as coisas criadas,
e aguardem o sinal do seu Criador;
minha alma treme enquanto canta
as honras do seu Deus. [1]
— RAY ORTLUND JR.

"Mão sejam ansiosos", são palavras dele.
"Considerem os lírios... como crescem."
Está dirigindo nossa atenção à nova
lei da vida em nós. Quem dera apreciarmos
de modo novo a vida que é nossa! [2]
— WATCHMAN NEE

O beijo da vida eterna e o abraço caloroso
da Palavra de Deus são tão doces e trazem
tamanho prazer que nunca se tornam
tediosos; sempre queremos mais. [3]

— HILDEGARD DE BINGEM

[1] *A passion for God,* p. 129.
[2] *A vida cristã normal,* p. 193.
[3] De *Hildegard in a nutshell,* Robert van de WEYER, org., p. 29.

Como poderei chegar a ser um participante importante no Reino de Deus? Confesse seu pecado. Reconheça suas traições. Então sua relevância para Deus será engrandecida na estima dele, ao passo que você nem sequer pensará nisso.

Você nunca desfruta o mundo devidamente, até o mar fluir nas suas veias, até ficar revestido com os céus e coroado com as estrelas: e perceba que você é herdeiro único do mundo inteiro; mais do que isso, porque todos os homens no mundo são igualmente herdeiros exclusivos tanto quanto você.

Até você poder cantar e regozijar-se e deleitar-se em Deus, assim como os avarentos deleitam-se no ouro e os reis nos cetros, você nunca desfruta o mundo.
O mundo é um espelho de beleza infinita, mas ninguém o vê. É um Templo de Majestade, mas ninguém o considera assim. É uma região de Luz e Paz, só que os homens a perturbam. É o Paraíso de Deus. Vale mais para o homem depois de ele ter caído do que valia antes. E o lugar dos anjos e a porta do céu. Quando Jacó acordou do sonho, disse: "Sem dúvida o Senhor está neste lugar, mas eu não sabia! Temível é este lugar! Não é outro, senão a casa de Deus; esta é a porta dos céus".[4]
— THOMAS TRAHERNE

[4]Cit. HARVEY, org., *Teachings of the Christian mystics,* p. 135-6.

CAPÍTULO 14

PRINCÍPIOS DE CONFISSÃO PARA O CRESCIMENTO PESSOAL

A depressão é uma tendência mental tenebrosa que, de tempos em tempos, mancha a nossa disposição. Em um momento ou outro, aflige a todos nós. As ondas da depressão vêm bater nas praias da nossa vida em vagalhões cada vez maiores. A solidão e a depressão têm se tornado um jugo neste mundo de tantos trabalhos. Mas será que nos chafurdaremos na depressão espiritual, sentindo-nos melancólicos? O evangelista Billy Sunday expressou o caso da seguinte maneira: "Ao vermos certas pessoas,

acharíamos que o essencial do cristianismo ortodoxo é ter uma cara tão alongada que poderia chupar flocos de aveia pela extremidade de um cano de gás".[5] Mas isso é caso perdido? Não. Cristo é sempre a chave para a vitória sobre nossas disposições depressivas. A questão da nossa integridade total está em fazer de Cristo o Senhor de todas as nossas circunstâncias.

Roberta Bondi escreveu: "Há uma geração inteira de cristãos esquizofrênicos que têm duas personalidades — uma para Deus e a igreja e outra para o mundo do dia-a-dia da ciência e do bom-sen-so".[6] Procurar nos submeter a tal dupla personalidade pode nos deixar vulneráveis. A não ser que juntemos o Cristo do domingo com o Jesus de todos os dias, nunca alcançaremos a integridade total.

Além disso, Jesus deve ter plena liberdade para atuar na totalidade dos nossos relacionamentos. É esse âmbito da nossa existência que nos dá o trabalho maior. São outras pessoas que frequentemente nos afundam na depressão. Apesar disso, as pessoas que nos deixam desanimados são tão amadas por Deus quanto nós o somos. Somente a submissão a Cristo pode capacitar-nos a amar todos aqueles que nos cercam. E somente à medida que amarmos aos outros é que poderemos nos livrar daqueles ressentimentos que nos deprimem e imobilizam.

Existem quatro modos primários de lidarmos com as pessoas ao nosso redor. O primeiro é idolatrá-las. Certa vez, passei de carro por Tupelo, no Mississippi, onde um placar enorme proclamava que foi nessa cidade que nasceu Elvis Presley. É atordoante o ponto atingido por nossa cultura na idolatria dos artistas famosos. A vida de Elvis Presley demonstra que os pedestais são lugares frágeis de onde os egos espatifam-se na queda de volta ao lugar-comum. A segunda coisa que podemos fazer com as pessoas é demonizá-las. Se, por algum motivo, não gostamos de alguém, podemos retratar essa pessoa com cores negativas e colocar sobre ela uma imagem pavorosa com nossas palavras de menosprezo. Em terceiro lugar, frequentemente usamos outras pessoas. Quando tiramos proveito de alguém que é facilmente persuadido a conseguir o que queremos, a vida dessa pessoa torna-se um utensílio que exploramos, visando nossos interesses. Mas a quarta e melhor coisa que podemos fazer em favor das outras pessoas é humanizá-las. Podemos, com a ajuda de Cristo, fazer dos nossos inimigos seres humanos reais e vivos. Consideremos alguns princípios de confissão que nos ajudam a escapar da depressão espiritual.

---

[5]Cit. Sherwood E. WlRT, *Jesus man of joy,* p. 60.

[6]*To love as God loves,* p. 26.

NUNCA DEVEMOS PERMITIR QUE AS CIRCUNSTÂNCIAS CONTROLEM NOSSAS EMOÇÕES

O primeiro princípio de confissão é este: "Não permitirei que minhas circunstâncias atuais controlem minha mente". Paulo disse em Filipenses:"... aprendi a adaptar-me a toda e qualquer circunstância" (4.11). Na verdade, o apóstolo está dizendo: "Estou no comando das minhas vontades. Não vou ceder diante do aspecto tenebroso da minha personalidade, mesmo quando os outros assim o fazem".

Por onde quer que vamos, as circunstâncias que nos cercam tendem a afetar nosso estado de ânimo. Mas consideremos este dizer de nossos mentores, aquelas almas triunfantes capacitadas, onde quer que se achem: "Cristo é Senhor sobre todas as minhas circunstâncias. A presente angústia momentânea não furtará minha alegria".

Em *The unsinkable Molly Brown [Molly Brown, a garota que não afundou],* Meredith Wilson coloca Molly Brown em pé na proa de um bote salva-vidas enquanto o Titanic, atrás dela, está afundando no mar solitário. Enquanto todas as outras pessoas no salva-vidas estão lamentando e chorando, Molly irrompe numa expressão e tanto: "Não afundei ainda". Viver acima de nossas circunstâncias e não ficar desanimado é levar a marca do cristão. Francois Fénelon observou: "O desânimo não é fruto da humildade, mas do orgulho".[7] Aqueles que ficam facilmente deprimidos são os que sentem confiança de poder dar conta de tudo até sua autoconfiança receber a alfinetada do fracasso. O orgulho deles tornou-se o trampolim para a queda.

Cristo é o grande vencedor. Ao aceitarmos a Jesus, alcançamos o reforço interior que nos capacita a resistir à pressão de todas as circunstâncias externas. Acolhendo a Cristo, recebemos o poder para controlá-la e não ser esmagados por ela. No entanto, para suportarmos as forças esmagadoras da vida, devemos sempre estar submissos ao senhorio de Cristo em nós. A vida submissa torna-se a vida forte.

É curioso o paradoxo de devermos curvar nosso pescoço ao jugo de Cristo se queremos viver livres. Seu jugo é suave, e seu fardo é leve (v. Mt 11.30). Devemos entregar nosso futuro, ainda não moldado, nas mãos do nosso oleiro criativo. Devemos ser como a flecha do arqueiro e submeter nossa forma rígida ao poder do arco, para conhecermos a emoção de um vôo com propósitos para os alvos tencionados por Deus. Devemos mortificar nossas razões para conhecermos a emoção de uma vontade melhor. Devemos crucificar o grande "eu" se quisermos que o grandioso "ele" viva manifestamente em nós.

Além disso, devemos nos libertar do orgulho que nos leva a alegar possuir mais do que realmente possuímos. Ugolino diz que Francisco de Assis e seus companheiros descobriram a alegria na renúncia que deixa toda a depressão para trás: cada um deles tomou a "santa pobreza" para ser sua noiva. Como resultado, toda a depressão foi eliminada.

Pois é essa a virtude celestial mediante a qual todas as coisas terrestres e transitórias são pisoteadas e são removidas todas as barreiras que podem impedir que a alma se una livremente ao Deus eterno. Essa é a virtude que capacita a alma, enquanto ela ainda estiver na terra, a conversar no céu com os anjos.[8]

Certa vez, plantei uma igreja. Outro pastor jovem mudara para a mesma cidade e no mesmo período, e a denominação dele deu-lhe a incumbência de iniciar uma igreja no outro lado da cidade. É difícil plantar igrejas. É duro o solo onde têm de crescer. As chuvas do auxílio nutritivo vêm com pouquíssima frequência. É difícil conseguir organizar um grupo estável e bem formado, disposto a servir até quando a igreja ficar forte. Existem pessoas que dificilmente se deixam motivar. Às vezes, é difícil ensinar aos cristãos recém-con-vertidos o tipo de dedicação necessária para formar um corpo coeso. As plantações de igrejas novas são sementeiras de negatividade e depressão.

Todas as segundas-feiras, quando me encontrava com esse colega pastor, tínhamos muitas coisas para conversar. Percebemos que nossas conversas frequentemente se transformavam em mútua comiseração. Lambíamos as feridas um do outro e dizíamos: "Como a vida é terrível". A comiseração é a

miséria em desfile, mas contém algum tipo de prazer. Assim celebrávamos o sofrimento um do outro e desfrutávamos da desgraça mútua.

---

[7] *Talking with God,* p. 72.

[8]Francisco de ASSIS, cit. HEYWOOD, org., *The little flowers of St. Francis of Assisi,* p. 30.

Semana após semana, comecei a notar que, enquanto eu conseguia tomar café e abandonar lá dentro da cafeteria meus momentos de desânimo, a depressão dele continuava. Ela acampava em sua alma, ao passo que eu encontrava modos de livrar-me dela. Quando me via coberto pelo manto negro da depressão, obrigava-me a sair e a bater de porta em porta e levar as pessoas em direção à fé em Cristo. Assim minha depressão cedia lugar à grande alegria. Era espantoso o bem que produzia em meu espírito doentio levar pessoas à conversão.

Mas meu amigo não conhecia nenhuma terapia para as suas crises de desânimo. A depressão não demorou para imobilizá-lo. Assim como um bisturi de aço, parecia atravessar os tendões è músculos do seu espírito. Deixou-o destituído de forças, e, depois de alguns meses infrutíferos, ele começou a ter crises de choro debilitante. Não demorou a recorrer a um psicólogo e, depois, a um psiquiatra. Finalmente, sua condição ficou tão ruim que teve de pedir exoneração da igreja e deixar totalmente o ministério.

Tornei-me — pela graça de Cristo — mais um sobrevivente. Não posso dizer que eu possuía mais estabilidade do que meu colega, mas certamente compreendia que Jesus não queria que me tornasse inútil debaixo da nuvem escura da minha depressão. Fui dando as boas-vindas a Jesus à medida que ele surgia poderoso dentro da minha intenção anêmica, até eu poder dizer: "Não vou, com o poder de Cristo, deixar que as minhas circunstâncias afetem meu estado de ânimo". Afinal, segundo escreveu Fénelon: "Deus nunca nos aflige, exceto contra sua própria propensão. Seu coração paternal não se alegra ao ver nossa miséria, mas ele corta profundo para sarar a doença em nossa alma [...] Ele nos aflige somente para restaurar".[9]

Quão doces são as suas restaurações! Sempre me via curado mediante o mínimo toque da orla do propósito divino.

NUNCA FAÇA PARTE DO LADO SOMBRIO DO SEU ESTADO DE ÂNIMO

Qualquer circunstância que acaba numa troca de comiseração precisa de algum cristão forte para dizer: "Não posso permitir que você sinta dó de si mesmo ou que me faça sentir dó de mim. O propósito de Cristo é que a vida seja uma ocasião de alegria". Em todas as circunstâncias? O *livro dos mártires de Foxe* poderia relatar, como seria de esperar, que os que morriam por Cristo tinham morrido na mais profunda depressão. Mas não foi assim! Morriam cantando hinos, mesmo enquanto estavam sendo despedaçados. Isso deixava seus algozes desnorteados. Tinham se firmado nesse segundo princípio da confissão: "Não vou fazer parte do lado sombrio da minha personalidade, mesmo quando outros o fazem".

Fico emocionado com a defesa que Policarpo fez de si mesmo diante do magistrado, quando estava para ser queimado:

> E Policarpo respondeu: "Durante 86 anos tenho servido a ele, e ele nunca me fez mal algum. Como eu poderia blasfemar contra meu Rei e Salvador?" [...] Policarpo respondeu-lhe: "Você me ameaça com um fogo que arde por uma mera hora e logo se apaga porque você não

> conhece o fogo do juízo vindouro e do castigo eterno para os ímpios. Por que está esperando? Lance contra mim o que quiser".[10]

A maioria dos nossos martírios mesquinhos parecem sagrados no momento. Mas sua cura é apenas uma gota da graça de Deus. Lembro-me de que, onde eu servia como pastor, os tornados eram frequentes no fim da primavera. Um dos nossos pastores auxiliares não tinha um porão de abrigo contra furacões, onde pudesse ficar sentado durante as tempestades. Quando havia previsões de tempo muito severo, ele me telefonava e dizia:

— Podemos descer com vocês para o seu porão a fim de ficarmos em segurança?

Sempre respondíamos:

— Com certeza, fiquem à vontade.

Sempre vinham. Durante a época dos furacões, vinham com tanta frequência que nas noites de tempestade deixávamos repetidas vezes as portas abertas para eles. Sempre que possível, nós os recebíamos à porta e perguntávamos se queriam refrigerantes ou batatinhas fritas. Em seguida, todos descíamos ao porão e nos sentávamos debaixo da mesa de pingue-pongue, comendo

---

[9]FÉNELON, p. 97-8.

[10]Cit. ARNOLD, org., *The early Christians,* p. 70.

batatinhas e esperando a fúria dos ventos passar. Tudo talvez parecesse estranho, se não fosse tão comum. Ficávamos ali mastigando, com medo, até passar o perigo.

Esse pastor auxiliar tinha um filho pequeno chamado Todd, de quatro anos de idade, que começara a gostar muito dessas festas, e por isso esperava pelas noites de tempestade. Apreciava a camaradagem debaixo da mesa de pingue-pongue em que ficava mastigando para vencer o medo. Eu nunca via as coisas como Todd. Certa noite, quando parecia iminente o fim de toda vida humana na terra e os céus fervilhavam de negrume, Todd disse (amo-o por isso): "Não tem batatinha hoje?". Ali, no meio das nossas piores circunstâncias, a criança aconselhou-nos: "Celebrem o momento. Nunca brinquem de sofrer numa festa de sofrimento. Vamos comer!".

NUNCA COMPARE AS SUAS BÊNÇÃOS COM AS DO PRÓXIMO

O hábito de comparar nossas bênçãos com as dos que estão ao nosso redor nunca pode ser a chave da nossa alegria. É muito comum, nas igrejas de subúrbio de todo os Estados Unidos, membros mudarem-se de um estado para outro. Durante os anos do meu pastorado em Nebraska, tinha mais prazer naqueles membros que amavam esse estado. Aqueles discípulos que conseguiam florescer onde estavam plantados diziam: "Deus deve ter-me trazido para cá por uma razão maravilhosa. Estou gostando muito daqui. Estou ansioso por descobrir por que estou neste lugar".

Mas muito frequentemente pessoas transferidas de outras partes para o estado de Nebraska falavam negativamente a seu respeito. Eu queria reformar todos os críticos desse tipo, os quais achavam que Deus os castigava ao colocá-los em Nebraska. Sua negatividade nunca lhes dava a oportunidade de ser usados onde estavam. Na existência de tantas pessoas necessitadas, as desculpas pareciam estranhas e mesquinhas: Fazia frio demais. A neve era profunda demais. Estavam muito longe do lugar de origem para enxergar algo de real valor nesse estado.

Você pode imaginar David Livingstone indo para a Africa e dizendo: "Queria que Deus nunca me tivesse enviado a esta terra. Esses nativos

nunca usam desodorante e é sempre quente aqui. Há malária e mosquitos. Há guerras tribais e caçadores de cabeças". Livingstone, na realidade, via tudo de modo bem diferente. A África era a sua arena para a atividade de Deus.
Deus não tem nenhuma geografia santificada que prefira a alguma outra. Qualquer lugar onde houver pessoas é a região predileta de Deus neste mundo. Somente lá ele pode agir.
A comparação só leva ao descontentamento; e o descontentamento, ao pecado; e o pecado, à separação de Deus. E, afinal, o que você está comparando? Posses físicas? Crianças perfeitas como pinturas? Não ser escolhido para uma cadeira no conselho? Confesse o seu pecado da inveja e deixe Deus começar a mostrar-lhe riquezas maiores do que você pode imaginar.

TODO INIMIGO EM POTENCIAL É UM AMIGO DE DEUS

O quarto princípio é: "Nunca deixarei que um inimigo em potencial torne-se um inimigo na realidade. Sempre me lembrarei que um inimigo em potencial é um amigo de Deus". No dia e no momento em que somos salvos, somos adotados e invadidos pelo Deus invisível na pessoa de Jesus Cristo. Em todos os relacionamentos pessoais, não devemos nos tornar negativos, mas libertar o Cristo amoroso dentro de nós para amar as pessoas assim como Deus as ama. O apóstolo escreveu:

> Façam todo o possível para viver em paz com todos. Amados, nunca procurem vingar-se, mas deixem com Deus a ira, pois está escrito: "Minha é a vingança; eu retribuirei", diz o Senhor. Ao contrário: "Se o seu inimigo tiver fome, dê-lhe de comer; se tiver sede, dê-lhe de beber. Fazendo isso, você amontoará brasas vivas sobre a cabeça dele. Não se deixem vencer pelo mal, mas vençam o mal com o bem" (Rm 12.18-21).

Antes de você aceitar a Cristo, era você o iníquo. Então Jesus, o grande perdoador, incluiu você no Reino de Deus. O propósito de Deus para você é estender essa inclusão ao próximo.
Simon Wiesenthal, o judeu renomado que ficou preso num campo de concentração na Segunda Guerra Mundial, conta a respeito dos seus trabalhos num hospital improvisado na fronteira da Polônia. Um jovem soldado alemão, confinado ao leito, confessou a Wiesenthal que seu destacamento militar recebeu ordens para colocar latas cheias de gasolina numa casa com duzentos judeus presos lá dentro. Então, incendiaram a casa e os soldados alemães ficaram do lado de fora como um pelotão de fuzilamento, que recebeu ordens de fuzilar qualquer pessoa que tentasse sair pelas janelas. O jovem soldado relembrou:

> Atrás da janela do segundo andar, vi um homem com uma criança pequena nos braços. Suas roupas estavam em chamas. Ao seu lado, havia uma mulher, decerto a mãe da criança. Com a mão livre, o homem cobriu os olhos da criança e, então, pulou para a rua. Segundos mais tarde, a mãe seguiu. Atiramos... O Deus... nunca me esquecerei disso — isso me persegue.

O jovem fez uma pausa e então disse:

> Sei que foi terrível o que acabo de lhe contar. Sempre quis conversar a respeito disso com um judeu e pedir perdão. Sei que o que estou pedindo é demais, mas sem a sua resposta não poderei morrer em paz.

Wiesenthal nos conta o que fez: "Levantei-me e olhei em direção a ele, nas suas mãos dobradas. Finalmente, tomei minha decisão e, sem falar uma palavra, saí do quarto".[11]

Há grandes questões relacionadas ao perdão que podem esgotar a alma. Mas nós, que somos o povo de Deus, devemos viver triunfantemente com um espírito positivo, livres da depressão. Não que tenhamos a capacidade em nós mesmos, mas porque temos a Jesus crucificado dentro de nós! Ele conseguiu perdoar o horror de tudo que foi feito contra ele. Agora Cristo, que nos capacita, nos manda amar o nosso mundo — e ele percebe tudo por meio de um olhar melhor do que o nosso.

CONCLUSÃO

Podemos empregar esses quatro princípios para mantermos crescente e positiva nossa confissão interior. Uma chave para isso é lem-brar-nos de que Jesus é Senhor e de que essa é a confissão primária positiva que deve definir nossa vida. A humildade é o nosso pão, a obediência, o nosso vinho. Conquistamos a humildade genuína, não por nos rebaixarmos, mas por nos colocarmos em pé ao lado de Cristo. Uma vez que percebemos quão grande é o amor do Salvador por nós, conhecemos nosso lugar humilde neste mundo. A humildade conquistada assim é poder e triunfo.

Certo dia, quando Abba Macarius estava voltando do pântano para a sua cela, levando umas palmas, viu o Diabo levando uma foice na estrada diante dele. O Diabo tentava desferir golpes nele tanto quanto queria, mas em vão, e perguntou-lhe: "Qual é o seu poder, Macarius, que me deixa incapaz contra você? Tudo que você faz, eu faço também; você jejua, e eu também; você faz vigílias, e eu nem sequer durmo era momento algum; é só numa coisa que você ganha de mim". Abba Macarius perguntou qual era essa coisa. O Diabo respondeu: "Em sua humildade. Por causa dela, eu nada posso fazer contra você".[12]

Satanás é derrotado pela ausência do orgulho.

É um enfoque positivo que reveste de alegria nossa confissão.

Use todas as suas capacidades para apreciar a criação de Deus. Use seu corpo para simpatizar com a experiência corpórea de outras pessoas. Use suas emoções de ira e vingança para entender a guerra. Aprecie a virtude ao distingui-la da iniquidade. Aprecie a beleza ao distingui-la da feiúra e da deformidade. Defina a pobreza ao compará-la com a riqueza. Regozije-se com a boa saúde ao compará-la com a enfermidade. Distinga entre os vários opostos: a extensão e a pequenez; a dureza e a maciez; a profundidade e a superficialidade; a luz e as trevas. Desfrute de cada momento da vida ao lembrar-se constantemente da iminência da morte. Anseie o paraíso ao lembrar-se do castigo eterno. Você entende bem pouco daquilo que está ao seu redor porque não usa aquilo que está dentro de você.[13]

Confesse a Cristo e triunfe sobre a depressão e a negatividade.

---

[11]Cit. Lewis B. SMEDES, *Forgive and forget,* San Francisco: Harper & Row, 1984, p. 126-7.

[12]BONDI, p. 42.

[13]*Hildegard in a Nutshell,* p. 37.

Deus é amigo do silêncio...
Veja como a natureza, as árvores, o capim
crescem em profundo silêncio.
Veja como as estrelas, a lua e o sol

movimentam-se em silêncio.
Quanto mais recebemos em nossa oração
silenciosa, mais podemos contribuir
com nossa vida ativa.[1]
— MADRE TERESA DE CALCUTÁ

Entrego uma oferta em teu santuário
Sem mácula nem defeito,
Singela e pura no seu desígnio,
De tudo quanto considero precioso.
— MADAME GUYON

A central nunca está ocupada,
mas sempre na linha
pode-se falar com o céu
quase a qualquer hora.
O TELEFONE REAL
HINO DO INTERIOR

[1]Cit. Richard FOSTER, *A spiritual formation journal,* página sem numeração.

A oração é uma conversa?
Sim, entre amantes.
A oração é uma viagem?
Sim, uma longa caminhada para
os que andam entre mundos.

O meu Senhor, como é óbvio que tu és onipotente! Não há necessidade de compreender as razões dos teus mandamentos. Enquanto te amamos e te obedecemos, podemos ter certeza de que tu nos diriges no caminho certo. E, à medida que trilhamos esse caminho, sabemos que foi teu poder e teu amor que nos colocaram ali. É como se o caminho que leva a ti fosse estreito e escabroso, com penhascos íngremes em ambos os lados, penhascos que descem abruptamente para os vales escuros. Ao mesmo tempo, o caminho em que tu me puseste é uma estrada real, larga e plana. É seguro para quem escolher segui-lo. E o teu Filho segura a mão de todos que nele andam. Se ficamos cansados ou desanimados, basta-nos apenas levantar os olhos e ver teu rosto sorridente à distância, convidando-nos a compartilhar da tua alegria.[2]
— TERESA DE ÁVILA

[2]Cit. Calvin MILLER, *Images of heaven,* Wheaton: Harold Shaw Publishers, 1996, p. 98.

CAPÍTULO 15

HABITANDO NA ETERNIDADE

Charles Kingsley disse que no grande dia da prestação de contas, quando ficasse face a face diante do Juiz de todos os tempos, diria:
Senhor, não sou nenhum herói. Fui descuidado, covarde, às vezes quase um amotinado. Mereço castigo, não nego [...] Não fui bom, mas pelo menos tentei ser bom. Aceita a intenção como se fosse ação, bom Senhor. Não apaga meu nome indigno do rol de chamada do teu exército nobre e vitorioso [...] que eu também seja achado escrito no Livro da Vida, mesmo que fique na última posição, no lugar mais baixo da lista. Amém.[3]
Fénelon disse que "quando Ambrósio estava morrendo, pergun-taram-lhe se sentia algum medo do juízo divino. Respondeu: 'Temos um bom Mestre'. Esse é o tipo de resposta que nós mesmos devemos dar".[4]
Na era vitoriana, as pessoas falavam bem abertamente a respeito da morte, mas com muita reserva a respeito do sexo. Mas tudo isso foi no fim do século XIX. Agora, no início do século XXI, falamos muito abertamente de sexo e com muita reserva a respeito da morte. É como se tivéssemos vergonha da morte. Nós, que dominamos a tecnologia de sondas espaciais e de tomografia computadorizada, não conseguimos evitar a morte. Alargamos ao máximo os limites da morte, mas não conseguimos vencer-lhe a inevitabilidade.
Quanto mais secular uma cultura se torna, mais ela pensa na morte como uma anomalia lastimável. Nas Escrituras, é apresentada como parte da vida e, no Novo Testamento, sem dúvida, é apresentada como uma espécie de realização. É o fim vitorioso da peregrinação gloriosa. É uma mudança de residência, é trocar o barro pelo ouro, o protoplasma pelo espírito, é a troca da temporalidade pela imortalidade.
O salmista termina o salmo 23 com uma explosão de esperança: "E habitarei na casa do SENHOR para todo o sempre" (RA). De certa maneira, parece errado encaixar doutrina nos belos salmos. Apesar disso, existem poucos versículos (mesmo no NT) que falam de modo tão belo sobre a vida eterna. Nunca entraremos nas profundezas de Deus se não dermos grande valor à casa do Senhor.
Mas o tesouro e a casa do porvir são secundários em relação ao alvo do nosso relacionamento completo com Cristo. Não admira que Tennyson tenha escrito: "Ainda que as águas me levem para bem longe do limite do tempo e do espaço, espero ver meu piloto face a face depois de ter atravessado a fronteira". Quanto aguardamos nossa união definitiva com Jesus! Trata-se de mais que ruas de ouro, portais de pérola, muralhas de jaspe e mares de cristal. Temos cantado tão frequentemente a nossa melhor esperança: "Redimido junto dele eu hei de estar. Hei de ver meu Salvador, os sinais dos cravos hei de contemplar".
Nosso anseio pelo céu tem a ver somente com Jesus. Até hoje, nunca conheci um crente maduro que, estando para morrer, ansiasse pelos tesouros da eternidade, todos ansiavam somente pelo encontro face a face

com Cristo. É fácil desconfiar das pessoas que anseiam pelo céu sem nunca mencionar Cristo. Um céu sem Jesus não seria céu. Se não ansiamos por vê-lo além do túmulo, significa que estamos quase nada fascinados por ele antes de enfrentarmos a morte.

O que há de maravilhoso em conhecer a Jesus Cristo é que, mesmo que não tenhamos vivido com segurança os capítulos iniciais de nossa vida, acharemos o capítulo final tão seguro quanto o próprio Deus. Depois de recebermos a Jesus Cristo, não existe em nossa mente a mínima dúvida de que um dia compareceremos ante sua presença e esperaremos enquanto ele nos completa em sua excelência: moldados de acordo com seu auto-retrato. Tendo começado sua obra em nós nestes tempos incertos, ele nos completará no futuro seguro. Carlyle escreveu:

---

[3]Cit. TlLESTON, org., *Daily strength for daily needs,* p. 183.

[4]*Talking with God,* p. 140.

> "Aqui na terra somos como soldados lutando num país estrangeiro [...] atrás de nós jazem seis mil anos de esforços humanos. Diante de nós estende-se o tempo ilimitado [...] continentes de eldorados ainda não conquistados que precisamos conquistar a fim de criá-los. Provenientes do íntimo da eternidade, brilham para nós as estrelas eternas que nos guiam".[5]

O CÉU É O NOSSO LAR

Até que ponto são firmes as promessas eternas de Deus? Mesmo sem poder saber quais serão as paradas na jornada de nossa vida, podemos saber o endereço final. Alguns anos atrás, um jornal publicou um artigo incrível. Um periquito com o nome fictício de Pootsie escapou da gaiola em Green Bay, Wisconsin. A avezinha chegou milagrosamente às mãos da Sociedade Humanitária. Já que ninguém queria de volta o periquito, Sue Gleason, de Green Bay, quis levá-lo para casa. Ela gostou imensamente da companhia de Pootsie. Elas conversavam (a ave sabia algumas palavras). Segundo o jornal, tomavam banho de chuveiro juntas (não há menção de como faziam isso). Passavam muito tempo juntas e chegaram a conhecer-se muito bem, mas um dia a avezinha voou até o ombro de Sue, colocou o bico no ouvido dela e sussurrou: "Rua Oneida Sul, 1 500, Green Bay". Sue ficou boquiaberta. Consultou o endereço e descobriu que ali morava ura homem de 79 anos chamado John Stroobants. Sue telefonou para ele e perguntou:

> — O senhor por acaso tem um periquito?
>
> — Tinha um — respondeu —, e tenho sentido uma falta terrível dele.
>
> — Eu vou até aí — disse Sue.

Quando o homem viu o periquito, ficou muito alegre. "Imagine! Pootsie também sabe de cor seu número telefônico!" Que criatura bem informada! O vocabulário de Pootsie certamente era melhor do que "dá o pé, louro". Um periquito com inteligência suficiente para informar o caminho de casa é raro.

Caminhando e convivendo com Jesus Cristo, você não precisa compreender exatamente onde está se tiver o endereço definitivo guardado na mente. A segurança com Jesus Cristo começa com esta grandiosa passagem bíblica:

> Levanto os meus olhos para os montes
> e pergunto:
> De onde me vem o socorro?
> O meu socorro vem do SENHOR,
> Que fez os céus e a terra.

Ele não permitirá que você tropece.
— Salmos 121.1-3

Jesus é o passo perfeito. Ele não deixa que nosso pé escorregue. Deus marca o nome e o destino de cada um de nós. Dá início a algo maravilhoso em nossa vida, algo que chegará à consumação na presença de Deus.

A CERTEZA DO CÉU

Vamos mesmo habitar na casa do Senhor para sempre? Às vezes, nossa certeza vacila diante de nossa incredulidade: a dúvida é aquele demônio com dentes irregulares que vai roendo as beiradas das promessas de Deus. Como ousamos duvidar de promessas tão sólidas como a do salmo 121? E a de Salmos 2.6 tremula como uma bandeira, muito acima de nossas dúvidas. Apesar disso, a dúvida sempre nos acompanha. Aprendemos desde cedo a duvidar. Alguns de nós ensinam aos filhos que o João-Pestana vem ao anoitecer e espalha grãos de areia nos olhos das pessoas para elas ficarem sonolentas. (De fato, quando acordam de manhã, têm um resíduo "arenoso" nos olhos.) Parece que as crianças acreditam, e nós estimulamos essa crença. Infelizmente, mais tarde terão de desaprender essas histórias. Bem como a história da fada dos dentes, do coelho da Páscoa e do barriga de gelatina têm de ser arquivadas com o título de "fábulas em que acreditávamos na infância". Quando arquivamos essas fábulas, aprendemos a duvidar.

---

[5]Cit. TlLESTON, p. 358.

Fui visitar um homem, não faz muito tempo, e lhe perguntei:
— Você frequenta muito a igreja?
— Não, sou ateu — respondeu.
— E a sua mulher? — perguntei. — Ela frequenta a igreja?
— Sim, ela é metodista (como se fossem denominações semelhantes) .

Depois que saí, enquanto me afastava, ainda dava para vê-lo emoldurado pela porta de entrada. Pensava nele como o "incrédulo nu". A pessoa que duvida fica passando frio no meio de um mundo carregado de dúvidas. Não tem nada que a proteja. Qualquer confiança em si mesma é forçosamente falsificada. O Cristo do Apocalipse condena nossos valores inferiores: "Você diz: 'Estou rico, adquiri riquezas e não preciso de nada'. Não reconhece, porém, que é miserável, digno de compaixão, pobre, cego, e que está nu" (Ap 3.17). Precisamos nos vestir com a segurança que provém somente de Deus. Deus é quem nos guarda. Nada na vida é mais certo do que o cumprimento das promessas de Deus. Aconteça o que acontecer em nosso redor, podemos contar com ele.

Aqueles que o conhecem falam com naturalidade da morte iminente e da vitória final que Cristo ganhará na vida deles. Aqueles, porém, que não estão em Cristo, têm medo da morte. Em alguns casos, porém, têm medo igual de aprender uma nova visão do mundo no último momento da vida. Lembro-me de um amigo que tive desde o primeiro ano escolar até ele completar 53 anos de idade. Com o passar do tempo fui dando testemunho da graça salvífica de Deus, mas ele aceitou mesmo a Cristo no fim da vida. Eu notava nele certa relutância — algum tipo de vergonha — quando falava de Jesus. Amava ao Senhor, eu não tinha a menor dúvida disso. Mas durante toda a vida sempre falara entre seus familiares e amigos íntimos somente sobre assuntos seculares. Para ele, era difícil mudar completamente sua maneira de pensar e passar a falar de valores espirituais. Os indivíduos cuja vida se centraliza na terra têm dificuldade de

falar com naturalidade do céu. É raro ver pessoas incrédulas durante a vida inteira transformarem-se em crentes abertos e vibrantes na sombra de sua lápide. As pessoas em geral morrem do jeito que viveram.
Neville Shutte foi um dos primeiros escritores de romance "apocalíptico". *On the beach [Na praia]* trata de uma faixa de radi-oatividade que avança lentamente — resíduo da última grande guerra nuclear — por toda a Austrália, indo em direção ao sul. Na adaptação para o cinema, existe um grupo de obreiros do Exército de Salvação pregando fielmente o evangelho aos australianos condenados. Embora muitos dos que ouvem os sermões queiram acreditar, não conseguem. O filme termina com a extinção da vida na terra, sem ninguém chegar à fé em Cristo. É uma sugestão brutal demais? Acho que não. Os que vivem uma vida mundana normalmente não podem ser levados à fé vibrante por meio de ameaças. Não conseguem dar uma guinada tão grande na vida a ponto de abraçar o grande Cristo redentor a quem desconsideraram durante tanto tempo.
Existimos para nos preparar para encontrar com Deus. Se não estivermos prontos para esse acontecimento, tudo o mais que tivermos realizado não significará muita coisa.
Nenhum marido em sã consciência deixa de honrar sua mulher e falar de modo nobre a respeito dela. Nenhuma criança sadia recusa-se a elogiar o pai e a mãe dedicados. Por certo, ninguém que ama a Cristo vai ter a língua lerda para falar do nome de Jesus. Ser redimidos é uma dádiva, um tesouro tão valioso que toda nossa vida deve ser vivida engrandecendo as ações de Deus em nós. Uma maneira de engrandecer a Cristo é ansiar por nossa união definitiva com ele. "Vou para o céu quando eu morrer", deve fluir tão facilmente quanto "vou para Orlando nas férias".
A questão do nosso destino ficou assegurada no momento que entramos num relacionamento real com Jesus Cristo. Não importa que mágoas surjam no meio do caminho, sabemos que Deus não dorme, mas mantém-se alerta! Vela por nós e importa-se.
A ETERNIDADE É O NOSSO DESTINO GLORIOSO
Nossa vida está em Cristo, que permanece nos céus. Andraé Crouch canta: "Tenho confiança, meu Deus vai me acompanhar até o fim". George Beverly Shea canta: "Não sei o que o futuro me trará, mas sei quem tem o futuro nas mãos". E Fanny Crosby escreveu: "Que segurança! Sou de Jesus! Por ele agora vivo na luz!" .
Entretanto, nossa eternidade não é um destino que tivemos a inteligência de escolher e mapear. A eternidade para o crente não é tanto o fim da viagem quanto uma etapa dela — uma das voltas completas previstas na vida —, uma parte segura do circuito inteiro. Tiago Martineau disse que somos pobres viajantes caminhando penosamente ao longo da senda da vida, às vezes com os pés ardendo e sangrando. Mas nunca damos um passo sem alguma confiança. A morte é questão de constar do registro do censo de um reino melhor que a província onde antes morávamos. Martineau testificou: "A morte, enfim, do ponto de vista cristão, nada mais é do que o método divino de colonização, da transição desta pátria da nossa raça para o mundo mais belo e novo da nossa imigração".[6]
Em 1977, vi-me face a face com a eternidade. Minha irmã tele-fonou-me no meio da noite para dizer duas palavras que não podiam ser enfeitadas: "Mamãe morreu". Disse isso de uma só vez, sem nenhum meio de amenizar a notícia nem usar o bom-tom. A fé de nossa mãe, para seus nove filhos, era a rocha no centro da família. Sem ela, nunca teríamos conhecido a vida. Seu andar gracioso na fé fez dela um exemplo de tudo que era bom num mundo muitas vezes corrupto.

Viajamos uma longa distância para o funeral. Eram quilômetros penosos, ao longo dos quais fui contrabalançando tudo em que acreditava a respeito do céu com o peso de minha relutância em aceitar a ida de minha mãe para o lado de Jesus. Nossos filhos, eu e Barbara fomos a pé do carro fúnebre até a sepultura de minha mãe. Ouvimos o pregador dizer as palavras: "Nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta. Pois a trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis e nós seremos transformados" (ICo 15.51,52). Como os passos entre o carro funerário e aquele buraco feio no chão eram longos! No entanto, eu nunca aprendi com minha mãe a doutrina dos "buracos feios". Ela estava convicta de que estar ausente do corpo era estar presente com o Senhor. Não havia "buracos" na sua teologia de vitória. E não demoraria muito para eu voltar a tudo aquilo em que ela acreditava. Agarrei meus filhos pelos ombros e os abracei e chorei. Mamãe foi enterrada num cemitério onde antes havia somente campos abertos quando ela se mudou para o norte de Oklahoma. E esses campos não ficavam longe da casinha onde nasceram todos os seus filhos. Naquele dia de outubro (foi enterrada ao completar 77 anos), pensei no antigo cântico de Stuart Hamblen:

> Não vou precisar mais desta casa,
> não vou precisar dela nunca mais.
> Não tenho tempo para consertar o telhado
> nem tempo para consertar a porta.
> Não tenho tempo para consertar o teto
> nem para consertar o vidro da janela.
> Não vou precisar mais desta casa,
> Estou me aprontando para meu encontro com os santos.
> O céu é de fato o anseio mais profundo do coração.

Mas eu estava fazendo mais uma coisa com meus filhos naquele dia tão difícil. Estava preparando-os para o dia em que fariam a mesma longa viagem de carro funerário para cuidar dos restos mortais dos próprios pais. Existe um ciclo de vida, tal como dá a entender o filme O *rei leão.* Mas não é tão sombrio quanto o filme retrata. Nosso ciclo de vida gira numa confiança de aço, mais forte do que a que o Rei Leão conhecia. Viveremos e reinaremos com Cristo para sempre. Antes haverá apenas breves paradas aqui e ali para deixar nosso corpo à espera até nos reunirmos com todos os santos na presença do nosso Rei.

Quando começa essa grande eternidade? O que a Bíblia ensina a respeito da certeza da salvação em Cristo? Não existe um versículo sequer na Bíblia inteira que ensine que vamos ter vida após a morte. A Bíblia ensina que podemos ter vida em vez de morte. Jesus Cristo entra numa vida e nesse exato momento começa a vida eterna. Algum dia, o pulso e a respiração cessarão, mas não *nós* — já teremos dado o passo gigantesco para dentro da perfeita vontade de Deus! O céu começa aqui. A eternidade é agora.

---

[6]Ibid., p. 212.

A eternidade é a vida com Cristo, a vida no céu, e o céu é uma categoria grandiosa. Não é uma reunião de família. Não é um lugar onde praticamos ações grandiosas. O céu é um lugar para viver.

A roda paralela de uma máquina fotográfica é um dispositivo de focalização que sobrepõe duas imagens separadas em uma só. No ponto de fusão das duas imagens, tudo está pronto para tirar a fotografia. Considere as implicações espirituais desse tipo de focalização. Imagine Deus girando a roda de foco até duas pessoas entrarem em harmonia, uma com a outra. A

imagem de Jesus Cristo e minha imagem serão fundidas numa só. Vou experimentar aquilo que, segundo estou dizendo neste livro, é a sede da vida: *a união com Jesus Cristo.* Como Deus fixa as categorias? Como deve ser o céu? Qual é esse grande mistério da piedade? Devemos deixar tudo aos cuidados de Deus. O que mais importa é que temos um mapa! Temos um destino!

Emily Dickinson escreveu:

Nunca vi uma montanha, Nunca vi o mar; Mas sei como se parece a urze E como deve ser uma onda.

Nunca falei com Deus Nem visitei o céu; Mas estou tão certa do lugar Como se tivesse o mapa.[7]

Agora, pois, estamos vivendo o destino ordenado para nós. Ouvimos de novo o salmista: "Eu sou o teu pastor. Você morará na casa do Senhor para sempre. De dia o sol não o ferirá, nem a lua, de noite. O Senhor é o seu protetor; ele preservará a sua alma".

Na noite em que minha irmã me telefonou para contar que minha mãe trocara a terra pelo céu, uma melancolia tomou posse de mim. Era um tipo de escuridão depresssiva que pairava sobre mim e parecia desafiar Deus a vir até mim com alguma luz. Depois, as trevas recuaram quando pensei em duas coisas. A primeira foi uma passagem de Hebreus que me fez lembrar que os que herdaram o céu antes de nós passaram a fazer parte da grande "nuvem de testemunhas" que estão olhando para a vitória iminente que conheceremos quando herdarmos o céu. Os que foram para lá antes de nós estão torcendo para alcançarmos a grande união com Cristo que transforma a morte em vida, as trevas em luz. E reinaremos para sempre com Cristo por "mil anos".

Mesmo assim, a vitória não pode nos deixar isentos de lágrimas. A segunda coisa que me ocorreu naquela noite foi que a promessa do céu era o alívio das aflições. Deus fez-me lembrar do seguinte hino:

Venham, desconsolados, onde quer que se definhem, Venham ao propiciatório, ajoelhem-se com fervor; Tragam para cá o coração ferido, contem aqui a sua angústia: A terra não tem nenhuma mágoa que o céu não possa curar.[8]

Os sofrimentos terrenos são curados com as promessas de Deus. Quando finalmente chegarmos a nosso lar, acabarão todas as saudades. Louvaremos ao Rei que soube abrir portas eternas. O júbilo pertence a todos aqueles que entendem que a terra é apenas um ensaio para o céu. Não desperdiça nada na vida quem se lembra disso.

No entardecer, se você olhar com os olhos semi-abertos para o pôr-do-sol, conseguirá quase enxergar a promessa. Na casa do nosso Pai, realmente há muitas moradas — e uma delas é a nossa. Aleluia!

Ouvimos Jesus, o Bom Pastor, dizer: "As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna, e elas jamais perecerão; ninguém as poderá arrancar da minha mão. Meu Pai, que as deu para mim, é maior do que todos; ninguém as pode arrancar da mão de meu Pai. Eu e o Pai somos um" (Jo 10.27-30).

Aleluia!

[7]CXXVII (sem título), de Mabel Loomis TODD & T. W HlGGINSON, orgs., *Collected poems of Emily Dickinson,* p. 250.
[8]Thomas MORE (sem título), *The Baptist hymnal,* p. 67.

Larguem as velas, e que Deus nos dirija até onde queira. [1]
— BEDA

A obediência tem o propósito de deixar o indivíduo flexível, livre do apego a sua própria vontade.[2]
— THOMAS MERTON

Apegue-se à instrução, não a abandone; guarde-a bem, pois dela depende a sua vida.
PROVÉRBIOS 4.13

[1]*The voyage of Brendan,* trad. J. F. Webb, *The age ofBede,* New York: Penguin Books, 1965, p. 228.
[2]*The spring of contemplation,* p. 170.



A vida em Cristo é a única que cresce do céu em direção à terra e do interior para o exterior.

Nem sempre é fácil encaixar as peças da vida. Quando parece que todas se encaixaram, descobrimos que a montagem não está correta. Um tipo de pavor ocupa os pensamentos. Temos a sensação esmagadora de que nada mais voltará a fazer sentido. '"Que grande inutilidade!', diz o mestre. 'Que grande inutilidade! Nada faz sentido!' [...] Todas as coisas trazem canseira. O homem não é capaz de descrevê-las; os olhos nunca se saciam de ver, nem os ouvidos de ouvir"(Ec 1.2,8). O que encaixa as peças da vida? A graça!
A graça é a generosidade terapêutica de Deus que nos toca tão poderosamente que as coisas nunca voltam a ser como antes.
A graça jamais é merecida, mas é essa graça que junta as peças desemparelhadas da vida.[3]
— CALVIN MILLER

[3]*An owner's manual for the unfinished soul,* Wheaton: Harold Shaw Publishers, 1997, p. 125.

EPÍLOGO

NAS PROFUNDEZAS

Quase perdi a oportunidade de ir ao recife da Grande Barreira. Por quê? Acho que estava com medo. Sou marinheiro de água doce. Não sou nenhum nadador, e o oceano é amplo, profundo e traiçoeiro. Eu era mais velho do que a maioria das pessoas que faz esse tipo de excursão. A praia é meu jeito predi-leto de ficar perto do oceano — sem estar no meio dele.
Mas a necessidade de ficar em segurança é uma masmorra que nós mesmos construímos. O medo sempre é o carcereiro da nossa alma. Em última análise, habitamos nas celas pequeninas do *não-posso-fazer-isso.* Conhecer verdadeiramente a Deus é tarefa especial dos corajosos. É para os mártires que conquistaram seus nichos de gesso nas catedrais. Mas isso não é para nós. Somos comuns demais — com muito medo das pessoas que querem de fato conhecer as coisas mais profundas de Deus. Os que têm sede de conhecer a Deus não são semelhantes a nós. Sua mentalidade é do outro mundo. Têm aparência estranha. Habitam em mosteiros. São extravagâncias de Deus que não penteiam os cabelos. Pregam nas esquinas das ruas e carregam placas sobre a Segunda Vinda.
É raro confessarmos em voz audível esses temores, mas passamos boa parte da vida mantendo-os à distância. Nosso jogo seguro é feito sem alarido de trombetas. E nosso modo de vida semelhante ao da ameba. Ficamos andando à toa em nosso habitat, dando uns encontrões na vida.

PREFERIMOS A *ILHA DE GILLIGAN*

O oceano é imenso e amedrontador demais para nós, por isso repudiamos o recife da Grande Barreira e preferimos a *Ilha de Gilligan.* Acho que muitos gostavam da *Ilha* por ter a sociologia determinada. A ilha era um mundo de exilados onde Gilligan, o Capitão, Mary Ann, Ginger, o Professor e, naturalmente, uns poucos ricos influentes faziam a vida funcionar da melhor maneira que sabiam. Nenhum deles estava na realidade progredindo em nada. Estavam simplesmente vivendo e falando sobre um mundo maior. Mas suas conversas nunca tinham conteúdo sólido, e

nenhum deles fazia qualquer esforço relevante para sair da sua prisão, que era a ilha.

Muitas vezes, a igreja é como a *Ilha de Gilligan.* Os cristãos não estão vivendo no limite. A igreja não os está incentivando a livrar-se da espiritualidade insular. A verdade é que a melhor maneira de viver confortavelmente como crentes é aceitar a vida confinada na ilha. Nem sequer pense em tomar a sua cruz e arriscar-se em alguma espiritualidade genuína. Mantenha-se na linha. Faça seu trabalho na igreja, leia sua lição da Escola Bíblica Dominical. Dê o dízimo. Frequente os estudos de vida mais profunda. Estudar a vida mais profunda é suficiente — mas, cuidado! Se você a viver de fato, pode perder sua vaga nos concursos de baralho.

Recentemente, um estudo muito conhecido chamado "Experimentando a Deus" passou pela igreja. É um belo estudo, exigente e proveitoso. Mas comecei a notar que muitos dos que participavam do curso não estavam participando dessa experiência. Estavam apenas lendo o livro *Experiencing God [Experimentando a Deus]* e falando como se realmente tivessem tido uma experiência com ele. Parecia uma substituição estranha: deixar que o estudo servisse como se fosse a própria experiência. Mas hoje em dia está muito na moda falar sobre estar nas profundezas enquanto vivemos numa *Ilha de Gilligan* da vida eclesiástica. Tudo continua da mesma forma. As briguinhas na liderança, os ressentimentos mesquinhos entre famílias importantes, os programas múltiplos descritos em quatro páginas, as campanhas para levantar recursos financeiros, os passeios do Dia das Mães: todas essas "oportunidades de servir" são paralelas ao curso "Experimentando a Deus".

Enxergo a igreja não como um arsenal onde planejamos nossas conquistas de entusiasmo, mas como abrigo — abrigo numa ilha — no qual as acodomodações são agradáveis e a fé é assunto de debate. De vez em quando, ouvimos as explosões da fuzilaria e ficamos sabendo que lá fora existe guerra em algum lugar. Mas, por enquanto, o abrigo é agradável, a ilha está em segurança e nossos amigos estão aqui conosco. A caçarola se transformou de fato no símbolo insípido da vida sem perigo. Impressiona-me a história contada muitas vezes da professora primária que pediu a três crianças que trouxessem à escola o símbolo central de sua fé. No dia seguinte, todos cooperaram. Um menino levou uma estrela de Davi, uma menina levou um crucifixo, mas o garoto batista levou uma caçarola.

Muitos desses estudos da vida mais profunda nem sempre são um meio de sair da *Ilha de Gilligan.* Servem apenas para exibir a última caçarola aos que também querem exibir suas últimas caçarolas. As igrejas raramente levam as pessoas a um nível superior do conhecimento de Deus. Só deixam as pessoas presas nos bancos almofadados onde orar uns pelos outros, jogar boliche e concordar com o sermão acabam sendo o alcance da obra do Reino.

A *Ilha de Gilligan* pode ser mais apropriadamente chamada de *Cabo do Medo,* como o filme. Aconchegamo-nos no abrigo da rocha para evitar as tempestades e para não ficar em pé nas alturas íngremes e deixá-las alegrar-nos. Certo dia, fiquei impressionado com a quantidade de hinos que se centralizam na fé como refúgio protetor. "Seguro na rocha que é mais alta do que eu"; "Porto de refúgio"; "Achei um esconderijo"; "Jesus, a ti venho da minha escravidão, tristeza e noite"; "A rocha sólida"; "Guarda a fé, pois cedo venho"; Jesus, nesse aspecto, era divergente do judaísmo oficial. Não ter sido membro do partido dos fariseus nem dos saduceus pode tê-lo deixado sem as credenciais acadêmicas de que precisava para ser um rabino genuíno, mas desse modo possuía a perspectiva para enxergar as coisas estranhas e as incoerências dos que estavam dentro. Na maioria das

vezes, os que vivem uma vida mais profunda ficam de fora da estima popular. Wesley, os carmelitas, Lutero e outros foram forçados para fora do círculo pelos que estavam dentro. Mas, à luz da História, não foram excêntricos, mas iluminados. Os que nunca se arriscam para conhecer as profundezas nunca conhecem o triunfo de uma espiritualidade corajosa.
O último medo que temos é "simplesmente não sou matéria-prima para a vida mais profunda". A isso só posso responder que aqueles que se arriscaram nas profundezas de Deus nunca o fizeram para se estabelecer como santos. Nunca se enxergavam como heróis. Repudiavam, na realidade, toda e qualquer noção de ser em algum sentido um especialista religioso ou um ícone. Eram pessoas simples, sedentas por Deus.
Mas, uma vez que você chegou a conhecer as profundezas de Cristo, ser capitão da liga de vôlei de sua igreja parece menos importante. Os que ousaram viver a vida mais profunda nunca pretenderam orientar suas preferências ao redor da vida contemplativa, mas uma vez que visitaram o recife da Grande Barreira, as poças d'agua que só chegam ao tornozelo têm poucos atrativos.
Ezequiel viu o Deus que sempre nos atrai para experiências mais ricas com ele. Deus sempre está lá adiante, acenando para entrarmos nas profundezas. Ezequiel escreveu:
O homem foi para o lado leste com uma linha de medir na mão e, enquanto ia, mediu quinhentos metros e levou-me pela água, que batia no tornozelo. Ele mediu mais quinhentos metros e levou-me pela água, que chegava ao joelho. Mediu mais quinhentos e levou-me pela água, que batia na cintura. Mediu mais quinhentos, mas agora era um rio que eu não conseguia atravessar, porque a água havia aumentado e era tão profunda que só se podia atravessar a nado; era um rio que não se podia atravessar andando (47.3-5).
Entretanto, esse rio profundo de Ezequiel não nos ameaça. É o grande atrativo que nos faz transbordar de alegria. Prepara-nos para o hino da nossa fixação em todas as coisas gloriosas:
Como é profundo o amor de Jesus, vasto, sem medida nem limites, livre! Corre como grande oceano em sua plenitude sobre mim; Embaixo de mim, ao meu redor, fica a correnteza do seu amor; Ela leva para a frente, para o lar, para meu descanso glorioso no céu.[4]

---

[4]Samuel TREVOR FRANCIS, The deep, deep love of Jesus, *The Baptist hymnal,* Copyright, Pickering & Inglis, Ltd., Glasgow, usado com autorização, p. 340.

SOBRE O AUTOR

Calvin Miller nasceu em Enid, Oklahoma. Cursou o ensino médio na Escola Enid e o superior na Universidade Batista de Oklahoma, onde se graduou em 1958. Também frequentou o Seminário Teológico Batista do Meio-Oeste, em Kansas City, recebendo o título de Mestre em Divindade em 1961 e de Doutor em Ministério em 1975.
Em 1959, casou-se com Joyce Harmon. E pai de dois filhos: Melanie, nascida em 22 de fevereiro de 1962, e Timothy, nascido em 30 de julho de 1963.

Seu primeiro trabalho como pastor de tempo integral foi na Igreja Batista Plattsmouth, na cidade do mesmo nome, Nebraska, de 1961 a 1966. Transferiu-se para a Igreja Westside, Omaha, Nebraska, em janeiro de 1966, onde serviu por 25 anos. Durante seu pastorado nessa igreja, a congregação cresceu de dez membros para mais de 2 500. De 1991 a 1998, Miller serviu como professor de comunicação, estudos ministeriais e escritor no Seminário Teológico Batista do Sudoeste, Fort Worth, Texas. Em janeiro de 1999, uniu-se à Escola de Divindade Beeson, da Universidade Samford, em Birmingham, Alabama, onde é professor de pregação e ministério pastoral.

É autor de mais de quarenta livros de teologia popular e inspiração. Seus poemas e artigos independentes já foram publicados em vários jornais e revistas, como *Christianity Today, Campus Life, Leadership* e *His.* Tem sido um orador inspirativo em várias assembleias e programações religiosas, tanto em sua denominação como em outros eventos cristãos.

O dr. Miller acredita na primazia da proclamação do evangelho pela igreja em todas as épocas. Em seu ministério, tem-se empenhado no sentido de ser tanto um apologista contemporâneo, para ajudar a igreja a prover respostas a uma cultura secular, como a equipá-la para a obra de missões e evangelismo.

FIM

nas profundezas de **DEUS**

- *Você acredita que é possível ver o invisível?*
- *Ouvir o inaudível para você é algo que está dentro dos limites da realidade?*
- *Realizar o impossível está ao seu alcance. Você crê nisso?*
- *Você está preparado para encontrar-se com Deus e desfrutar os tesouros de suas profundezas e riquezas insondáveis?*

Se você respondeu NÃO a essas perguntas, este é o momento certo para a leitura deste livro contagiante e inspirador. Se sua resposta foi SIM, você está convidado a mergulhar ainda mais nas profundezas de Deus, estreitando seu relacionamento com o Criador.

Usando a metáfora do mergulho, Calvin Miller despertará em todos os leitores o desejo de obter mais intimidade com Deus. Ir às profundezas não significa mergulhar em livros para estudar acerca do Pai, mas sentir a realidade da presença daquele que deseja com ardor se relacionar intimamente com seus filhos. Não se trata de mero exercício intelectual, mas de uma experiência que brota do fundo do coração, preenchendo nossa vida em todas as áreas.

Essa "profundeza" não é um local que visitamos em busca de Deus, mas o que acontece quando nos encontramos com a Fonte da Vida. Ao atingi-la, reconhecemos nossa condição diante de Deus e a necessidade imperiosa de ter comunhão com ele. Desse encontro único e inesquecível, além de um caráter piedoso, uma vida livre de culpas e um crescente desejo de santidade, brotará também o desejo de valorizar as questões de fato relevantes da vida em detrimento dos valores efêmeros. Mergulhe agora mesmo *Nas profundezas de Deus*.

Calvin Miller é poeta, pastor, teólogo, pintor e um dos mais consagrados escritores cristãos, com mais de quarenta livros publicados. Atualmente, Miller é professor de Homilética e Ministérios Pastorais na Samford University's Beeson Divinity School, em Birmingham, Alabama. Ele e a mulher, Joyce Harmon, residem no Alabama, EUA. O casal tem dois filhos, Melanie e Timothy.

ISBN 85-7367-708-2

Vida

www.editoravida.com.br

Categoria: Crescimento espiritual